

**Fundação Joaquim Nabuco**  
**Diretoria De Formação Profissional E Inovação**  
**Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional/ PROFSOCIO**

VITOR REBELLO RAMOS MELLO

**(RE)DESCOBRINDO O PATRIMÔNIO CULTURAL DE BRASÍLIA**  
**TEIMOSA: SABERES E FAZERES MUSEOLÓGICOS E**  
**ANTROPOLÓGICOS NA ESCOLA ATRAVÉS DO ENSINO DE**  
**SOCIOLOGIA**

RECIFE

2023

**Fundação Joaquim Nabuco**  
**Diretoria De Formação Profissional E Inovação**  
**Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional/ PROFSOCIO**

VITOR REBELLO RAMOS MELLO

**(RE)DESCOBRINDO O PATRIMÔNIO CULTURAL DE BRASÍLIA**  
**TEIMOSA: SABERES E FAZERES MUSEOLÓGICOS E**  
**ANTROPOLÓGICOS NA ESCOLA ATRAVÉS DO ENSINO DE**  
**SOCIOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade Intervenção Pedagógica apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional/ PROFSOCIO da Fundação Joaquim Nabuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Pedro Castelo Branco Silveira

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Fundação Joaquim Nabuco - Biblioteca)

M527r Mello, Vítor Rebello Ramos  
(Re)descobrimo o patrimônio cultural de Brasília Teimosa: saberes e  
fazeres museológicos e antropológicos na escola através do ensino de  
Sociologia / Vítor Rebello Ramos Mello. - Recife: O Autor, 2023.  
257 p.: il.

Orientador: Dr. Pedro Castelo Branco Silveira  
Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Programa de Mestrado  
Profissional de Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio, Fundação Joaquim  
Nabuco, Recife, 2023  
Inclui bibliografia

1. Sociologia, Ensino. 2. Educação Patrimonial. 3. Museologia. I. Silveira,  
Pedro Castelo Branco, orient. II. Título

CDU: 36:37:069.01(813.41)

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Vitor Rebello Ramos Mello

(Re)descobrimo o patrimônio cultural de Brasília Teimosa: saberes e fazeres museológicos e antropológicos na escola através do ensino de sociologia

Trabalho aprovado em 12 de setembro de 2023 em banca online.

**BANCA EXAMINADORA COM PARTICIPAÇÃO A DISTÂNCIA**

Prof. Dr. Pedro Castelo Branco Silveira  
Orientador(a)/ Examinador Interno – ProfSocio/ Fundaj

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cibele Barbosa da Silva Andrade  
Examinador Interno – ProfSocio/Fundaj

Prof.º Dr.º. Hugo Menezes Neto  
Examinador Externo – UFPE

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a toda a comunidade da Brasília Teimosa, bairro educador, de gente de fibra e muita história para contar.

## AGRADECIMENTOS

Sou grato à minha família: minha mãe Arlanza, conselheira e apoiadora, a quem nutro grande admiração; meu irmão Pedro, generoso em seu conhecimento e desapegado em seu patrimônio; Tanit, minha sobrinha, tão fofinha aos seus quatro anos; meus avós Arlanza e Ivan (*in memoriam*), de quem sinto muitas saudades pela distância.

Agradeço também ao meu pai, Gustavo, e minha madrasta Viviana, grandes referências pedagógicas e intelectuais; ao meu irmão Gustavo e minha sobrinha Luiza, que ainda não tive o prazer de conhecer pessoalmente.

Gostaria de expressar enorme gratidão ao meu orientador Pedro Silveira, pelas sugestões, pela parceria e pela confiança no meu trabalho, “segurando as pontas” até o último momento. Não é possível deixar de mencionar o coração tricolor de Pedro e sua adesão à gigantesca torcida do Fluminense Football Club, presente também em Pernambuco. Somos tricolores “em toda terra”.

Aliás, gostaria de agradecer a Oscar Cox, que teve a melhor ideia do mundo, ao criar o Fluminense F.C, time do meu coração. Ao Flu, agradeço pelas felicidades do passado e as que ainda estão por vir e por me lembrar de minhas raízes fluminenses toda semana. Como certa vez escreveu Nelson Rodrigues “O Fluminense nasceu com a vocação da eternidade. Tudo pode passar... só o Tricolor não passará jamais”.

Faço um agradecimento especial à minha gestora Viviane Gomes, hoje na Gerência Regional Recife Sul, pelo incentivo e cuidado. A professora Risoneide Nunes também merece um agradecimento especial, por ser fonte de inspiração e ter colaborado desde o início deste projeto. Também agradeço à Elaine, a quem sempre podemos recorrer na gestão escolar, e à Valéria, companheira de trabalho sensível e onipresente.

A meus colegas de ofício, que fazem da ETEJB um lugar muito animado para se trabalhar. Não esperava encontrar um ambiente tão acolhedor em tão pouco tempo. A Luís Felipe, Nilma e Gabriela, por me acompanharem nos trabalhos de campo e nas visitas técnicas. Também a Júlio Flávio, camarada que me deu uma grande ajuda na reta final.

Ainda em relação à escola, preciso lembrar de Ana Aymée Linhares, Ana Clara Gomes, Felipe Dutra, Julia Karen Sales e Mayara Cadete, estudantes mais do que especiais, que “compraram a ideia” e não economizaram esforços, disponibilizando preciosamente seu tempo para as atividades deste trabalho.

A todos meus interlocutores teimosos: Seu Saulo, Wilson Lapa, Seu Augusto da Colônia Z-1, Nathália Maria, do Bar do Cabo, Carlos, do Quiosque da Palafita, Danilo Vieira, do Vieira Restaurante e Bar, Isa e Dandara, do CEPOMA e Dona Leu, marisqueira da comunidade.

Agradeço a todos colegas de mestrado, professores como eu, com quem estabelecemos uma “comunidade aberta de aprendizado”. Em especial Patrícia, Antônio Henrique, Thiago, Dani e Jilvan, grande professor que oferece sem pedir nada em troca.

À Marcelle, amiga e consultora em museologia.

À Maria Luiza, jovem brilhante. Quando a procrastinação tomava conta, sua disciplina era fonte de inspiração.

A meu cachorro Gandalf, companheiro fiel.

Ao Instituto JCPM e seus integrantes pelo auxílio com o projeto, especialmente Stone.

Aos meus estudantes de ontem, hoje e sempre, razão desses escritos existirem.

## EPÍGRAFE

*“Daqui não saio, daqui ninguém me tira”*

*(hino da Brasília Teimosa, adaptado de marchinha carnavalesca homônima, de*

*Romeu e Paquito*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso consiste em uma proposta de intervenção pedagógica de ensino de sociologia realizada em uma escola pública do bairro de Brasília Teimosa, Recife, Pernambuco. Buscando elaborar, na instituição escolar, um projeto de educação patrimonial de médio prazo, esta iniciativa teve a duração de três semestres, entre 2021 e 2022, contando com a participação de mais de 200 estudantes do ensino médio. Desenvolvido em três etapas, propôs-se uma investigação sobre o patrimônio cultural da comunidade onde a escola está situada, objetivando realizar uma exposição de caráter museal sobre o tema. Para tanto, baseando-se no princípio da dialogicidade na educação (Freire, 1987) e na formação de uma “comunidade aberta de aprendizado” (Hooks, 2013), utilizou-se conhecimentos antropológicos e museológicos para a realização de trabalhos de campo pela região, rodas de conversa com representantes da população local, visitas técnicas a museus da cidade, pesquisa bibliográfica e iconográfica, no intuito de se colecionar e produzir material autoral para compor o acervo do projeto. As duas primeiras etapas ganharam forma por meio de disciplinas eletivas, enquanto a terceira parte ficou dividida entre o trabalho com uma disciplina da formação técnica e profissional oferecida pelo educandário a 4 turmas de primeiros anos e em um grupo executivo formado por 5 estudantes. Ao final do terceiro semestre do projeto, elaborou-se uma exposição virtual sobre a localidade, bem como fichas catalográficas com as inscrições dos bens culturais registrados. Conclui-se que a instituição escolar apresenta muitos desafios no tocante à grade curricular, à viabilidade de recursos financeiros e materiais e à infraestrutura como um todo; e que o trabalho interdisciplinar realizado dentro e fora da escola pode render bons resultados em relação ao ensino de sociologia e à educação de modo geral.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Educação Patrimonial; Museologia Social, Dialogicidade; Brasília Teimosa.

## ABSTRACT

This final paper presents a pedagogical intervention proposal for teaching sociology at a public school in the Brasília Teimosa neighborhood, Recife, Pernambuco. Developing a heritage education project in the school institution, this initiative lasted for three semesters, between 2021 and 2022, with the participation of more than 200 high school students. Developed in three stages, the project involved an investigation into the cultural heritage of the community where the school is located, aiming to create a museum-style exhibition on the subject. To this end, based on the principle of dialogicity in education (Freire, 1987) and the concept of an "open learning community" (Hooks, 2013), anthropological and museological knowledge was applied to conduct fieldwork in the region, hold discussion circles with local community representatives, carry out technical visits to city museums, and conduct iconographic and bibliographic research to collect and produce authorial material to compose the project's collection. The first two stages were structured through elective courses, while the third stage was divided between work within a technical and professional education course offered by the school to four first-year classes and an executive group composed of five students. At the end of the project's third semester, a virtual exhibition about the locality was created, along with cataloging records documenting the registered cultural assets. It is concluded that the school presents many challenges regarding the education program, the viability of financial and material resources and the institution's infrastructure. We also concluded that the interdisciplinary work done inside and outside the school can generate good results for sociology teaching and education in general.

Keywords: Sociology Teaching; Heritage Education; Social Museology; Dialogicity in Education; Brasília Teimosa.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do trajeto realizado em tour com Seu Saulo .....	44
Figura 2 – Muro residencial na Rua Artur Bernardes .....	45
Figura 3 – Fachada de comércio na Rua Artur Bernardes .....	45
Figura 4 – Rua Carapeba .....	45
Figura 5 – Rua Estrela do Mar .....	45
Figura 6 – Largo da Paróquia Coração Imaculado de Maria .....	46
Figura 7 – Canteiro de obras na Rua Carapeba .....	46
Figura 8 – Praia do Buraco da Veia .....	46
Figura 9 – Poste com fios na Rua Arabaiana .....	46
Figura 10 – Muro do Iate Clube do Recife .....	46
Figura 11 – Mapa de equipamentos públicos existentes no bairro .....	48
Figura 12 – Detalhe da área onde os bairros do Pina e Brasília Teimosa se localizariam em mapa de 1648 .....	51
Figura 13 – Montagem fotográfica das pedras de construção do Dique do Nogueira .....	53
Figura 14 – Montagem fotográfica com vista do estuário do Pina .....	55
Figura 15 – Mapa: cheios e vazios de Brasília Teimosa .....	57
Figura 16 – Encontro das ruas “C” (Medusa), “G” (Estrela do Mar) e “S” (Carapeba) .....	59
Figura 17 – Ressaca do mar sobre as palafitas de Brasília Teimosa (2002) .....	63
Figura 18 – Mapa de zoneamento geral do bairro .....	64
Figura 19 – Vista aérea da Praia do Buraco da Veia (2015) .....	65
Figura 20 – Edifício residencial na Rua K (Poraquê) ultrapassa limite de andares .....	66
Figura 21 – Protesto contra o muro do Iate Clube do Recife .....	67
Figura 22 – Arte em mapa elaborada pela Prefeitura do Recife para divulgação do projeto “Orla Parque”, proposta de revitalização da orla de toda a cidade .....	68
Figura 23 – Fanzine produzida à época de planejamento do Projeto Teimosinho .....	73
Figura 24 – Policiais observam a multidão formada à entrada da favela Brasília Teimosa, à espera do presidente Lula e sua comitiva .....	75
Figura 25 – O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversa com o prefeito do Recife, João Paulo, durante visita à favela Brasília Teimosa .....	75

Figura 26 – Montagem fotográfica da orla da Brasília Teimosa antes e após requalificação .....	91
Figura 27 – Roda de conversa com Augusto de Lima Guimarães .....	96
Figura 28 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com professora Risoneide Nunes: Praia do Buraco da Veia .....	100
Figura 29 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com professora Risoneide Nunes: debate no píer da Associação de Pescadores .....	101
Figura 30 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com professora Risoneide Nunes: retorno pela Rua A (Delfim) .....	101
Figura 31 – Representação do Rio São Francisco no Museu Cais do Sertão .....	107
Figura 32 – Representação de casa tradicional sertaneja (Casa do Transtempo) .....	107
Figura 33 – Mapa dos setores do Cais do Sertão .....	108
Figura 34 – Visita técnica ao Museu Cais do Sertão, com professora Gabriela Brigido .....	108
Figura 35 – Museu da Maré, Rio de Janeiro: módulo “Tempo do Trabalho .....	109
Figura 36 – Museu da Maré, Rio de Janeiro: palafita em tamanho real .....	109
Figura 37 – Jangada de Carlos, do Quiosque da Palafita .....	113
Figura 38 – Cópia de reportagem do jornal chileno <i>La Nación</i> , de 13 de outubro de 1986, sobre evento internacional de pesca artesanal .....	114
Figura 39 – Diploma de participação de Seu Augusto no mesmo evento .....	114
Figura 40 – O “Grande Encontro”: roda de conversa sobre a escola João Bezerra .....	117
Figura 41 – Estudantes participam de mutirão de limpeza da bacia do Pina .....	118
Figura 42 – Definições de museus realizadas pelos estudantes no início da disciplina eletiva .....	119
Figura 43 – Definições de museus realizadas pelos estudantes no decorrer da disciplina eletiva .....	120
Figura 44 – Cartaz da disciplina eletiva “Saber-Museu” .....	127
Figura 45 – Jogo de tabuleiro <i>Passeio por Brasília Teimosa</i> .....	128
Figura 46 – Vista panorâmica do Parque das Esculturas Francisco Brennand .....	129
Figura 47 – Nuvem de palavras desenvolvida a partir de termos mencionados pelos estudantes .....	130
Figura 48 – Gráfico: relevância de termos por peso .....	130
Figura 49 – Gráfico: os estudantes e os museus .....	132
Figura 50 – Gráfico: museus conhecidos pelos estudantes .....	133

Figura 51 – Gráfico: definições de museu pelos estudantes .....	133
Figura 52 – Ilustrações dos <i>sketchbooks</i> consideradas exitosas: <i>soulava</i> , colar ritualístico do <i>kula</i> trobriandês .....	136
Figura 53 – Ilustrações dos <i>sketchbooks</i> consideradas exitosas: <i>mwali</i> , bracelete do mesmo ritual .....	136
Figura 54 – Ilustrações dos <i>sketchbooks</i> consideradas exitosas: representação de placa de aviso de área sujeita a ataques de tubarão .....	136
Figura 55 – Ilustrações dos <i>sketchbooks</i> consideradas exitosas: representação colorida de mural <i>O canavial</i> , de Francisco Brennand, no MUHNE .....	136
Figura 56 – Ilustrações dos <i>sketchbooks</i> consideradas não exitosas .....	137
Figura 57 – Ilustrações dos <i>sketchbooks</i> consideradas não exitosas .....	137
Figura 58 – Gráfico: o que sabem sobre Brasília Teimosa .....	138
Figura 59 – Cenas de reportagens sobre Brasília Teimosa: Brasília, a resistente .....	139
Figura 60 – Cenas de reportagens sobre Brasília Teimosa: VT Periferia Brasília Teimosa .....	139
Figura 61 – “Banho de choque”, patrimônio cultural da Brasília .....	141
Figura 62 – Roda de conversa com Carlos, do Quiosque da Palafita .....	147
Figura 63 – Cenas da série de reportagens <i>Guia Gastronômico Brasília Teimosa: Império dos Camarões</i> .....	150
Figura 64 – Cenas da série de reportagens <i>Guia Gastronômico Brasília Teimosa: Vieira Restaurante Bar</i> .....	150
Figura 65 – Roda de conversa com Nathália Maria, <i>chef</i> do Bar do Cabo .....	153
Figura 66 – Mediação no Museu do Homem do Nordeste .....	155
Figura 67 – Estudantes observam a obra <i>Da lama ao caos</i> , da artista plástica Elizângela das Palafitas .....	157
Figura 68 – <i>ABC da Cana</i> , obra de Jonathas de Andrade .....	158
Figura 69 – ABC da Brasília Teimosa: cartaz correspondente à letra “E” (Escolas) .....	160
Figura 70 – ABC da Brasília Teimosa: cartaz correspondente à letra “N” (Nomes de ruas) .....	160
Figura 71 – ABC da Brasília Teimosa: cartaz correspondente à letra “O” (Orla) .....	160
Figura 72 – ABC da Brasília Teimosa: cartaz correspondente à letra “R” (Restaurantes) .....	160
Figura 73 – Estudantes apresentam resultados da eletiva “Saber-Museu” .....	161
Figura 74 – Estudantes apresentam resultados da eletiva “Saber-Museu” .....	161

Figura 75 – Gráfico: classificação do MUHNE segundo estudantes .....	164
Figura 76 – Nova nuvem de palavras sobre a Brasília Teimosa, realizada a partir da avaliação final dos estudantes da disciplina “Saber-Museu” .....	165
Figura 77 – Trabalho de campo na Brasília Teimosa: caminhando pelos becos .....	166
Figura 78 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: parada na Praça São Pedro para explicação sobre o processo de ocupação do bairro .....	170
Figura 79 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: estudantes desviam de objetos descartados na Av. Brasília Formosa .....	170
Figura 80 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: placa em memória aos falecidos do acidente de helicóptero .....	171
Figura 81 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: estudantes entrevistam Seu Geraldo, da escolinha Mogi Mirim Futebol Clube .....	171
Figura 82 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: estudantes posam para foto em frente ao Bar dos Cornos .....	171
Figura 83 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: estudantes interagem com embarcações no Porto Terra Nova .....	172
Figura 84 – Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: estudantes posam para foto em beco da região da Colônia .....	172
Figura 85 – Mapa interativo realizado a partir do trabalho de campo .....	174
Figura 86 – Roda de conversa com Dona Leu e sua colega, em frente a sua residência .....	176
Figura 87 – Livros, revistas e fotografias expostos sobre a mesa ajudam a contar a história da comunidade, durante a roda de conversa com Isa, no CEPOMA .....	179
Figura 88 – Roda de conversa com Danilo Vieira, do Vieira Restaurante & Bar .....	180
Figura 89 – Cenas de videoclipes musicais produzidos pelos estudantes .....	182
Figura 90 – Cenas de videoclipes musicais produzidos pelos estudantes .....	182
Figura 91 – Painéis ilustrados sobre a Brasília Teimosa .....	186
Figura 92 – Painéis ilustrados sobre a Brasília Teimosa .....	187
Figura 93 – Estudantes apresentam o projeto em evento da GRE Recife Sul .....	189
Figura 94 – Estudantes interagem com objetos em sala do Paço do Frevo .....	190
Figura 95 – Estudantes interagem com objetos em sala do Paço do Frevo .....	190
Figura 96 – Esboços de retratos de nossos interlocutores, elaborados por uma estudante: Seu Augusto, da Colônia Z-1 .....	192
Figura 97 – Esboços de retratos de nossos interlocutores, elaborados por uma estudante: Carlos, do Quiosque da Palafita .....	192

Figura 98 – Esboços da exposição “A Brasília é o meu lugar”: planta geral da exposição, com divisão dos módulos .....	193
Figura 99 – Esboços da exposição “A Brasília é o meu lugar”: decoração dos espaços, com ênfase para as paredes ilustradas em acordo com os módulos .....	193
Figura 100 – Lâminas da exposição virtual A Brasília é meu lugar: página de abertura .....	201
Figura 101 – Lâminas da exposição virtual A Brasília é meu lugar: módulo Colônia .....	201
Figura 102 – Estudantes avaliam a exposição virtual na ETEJB .....	202

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma das etapas desenvolvidas e localização nos capítulos .....	39
Quadro 2 – Cronograma de revezamento de turmas em agosto, setembro e outubro de 2021 .....	90
Quadro 3 – Discriminação de atividades realizadas .....	196
Quadro 4 – Relação de interlocutores .....	196
Quadro 5 – Produções materiais elaboradas pelos estudantes para o projeto .....	197

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	19
i. Patrimônio na escola: uma escolha político-didática.....	20
ii. Interseções entre educação e museologia.....	25
iii. Contribuições para o ensino de sociologia.....	28
iv. O projeto de intervenção.....	36
<b>1. CONHECENDO O CAMPO</b> .....	41
1.1 Na garupa de uma moto.....	41
1.2 A Brasília é minha ilha.....	50
1.3 Que patrimônio?.....	76
<b>2. MEMÓRIAS DA BRASÍLIA TEIMOSA: O PROJETO-PILOTO</b> .....	79
2.1 Complicações docentes.....	79
2.2 O projeto-piloto.....	85
2.3 Encontros informais.....	111
2.4 Reta final.....	115
2.5 Avaliação.....	119
<b>3. SABERES E FAZERES MUSEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS NA ESCOLA</b> .....	122
3.1 Conhecendo museus comunitários.....	122
3.2 Primeiras conversas.....	125
3.2.1 Marco Zero.....	126
3.2.2 Conhecimentos museológicos e antropológicos.....	131
3.3 Investigando o campo.....	137
3.3.1 Duas saídas a campo e uma visita técnica.....	141
3.3.1.1 Quiosque da Palafita e orla.....	141
3.3.1.2 Bar do Cabo.....	148
3.3.1.3 Museu do Homem do Nordeste (MUHNE).....	153
3.4 Organizando a “dádiva” .....	158
3.5 Entre becos e vielas: atuando pelas brechas.....	165

3.5.1 Intervindo na comunidade.....	167
3.5.1.1 Trabalhos de campo.....	170
3.5.1.2 Rodas de conversa.....	175
3.5.1.3 Produções materiais.....	181
3.5.2 Grupo executivo/ Projeto de ensino.....	187
3.6 A Brasília é o meu lugar.....	190
3.7 Balanço.....	195
3.8 Desdobramentos possíveis.....	198
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>204</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>209</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>222</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>257</b>

## INTRODUÇÃO

Quando o antropólogo polonês Bronislaw Malinowski (2018) decidiu sair da Europa em guerra e viver entre os habitantes das Ilhas Trobriand por um tempo, ele inaugurou uma experiência radical de fazer etnográfico. Introduzindo a pesquisa de campo prolongada como parte de sua investigação etnográfica sobre os povos da Melanésia, Oceania, seu trabalho pioneiro na pesquisa de campo e no método etnográfico transformou a maneira como os antropólogos estudam e compreendem as culturas humanas. Assim, por alcançar resultados inéditos, causou alvoroço no meio científico e promoveu sua pesquisa a um dos trabalhos etnográficos mais referenciados da história.

De fato, ao descer da varanda, dispensar intermediários e ser ele mesmo testemunha da cultura dos nativos trobriandeses, o polonês estabeleceu elementos fundamentais para a metodologia antropológica, trazendo à baila, por meio da observação participante, o “ponto de vista nativo”. Ou seja, passando a viver o tempo todo entre eles, afastado do convívio de outros homens brancos, aprendeu a língua nativa, passando a participar das conversas e dos acontecimentos da aldeia. Assim, alterou de modo inovador a forma como os dados costumavam ser coletados, substituindo seus informantes pela observação direta.

Publicado há cerca de um século, o trabalho de Malinowski continua sendo bastante estudado e citado pela comunidade científica atual. Suas contribuições na metodologia, teoria e compreensão cultural são consideradas fundamentais para o desenvolvimento das ciências sociais e moldaram a forma como os antropólogos conduzem suas pesquisas até hoje. Por destacar a importância da pesquisa empírica detalhada e focar a cultura como um todo complexo e interligado, seu legado continua influenciando as práticas e teorias antropológicas modernas.

Assim sendo, respeitando as devidas proporções, o presente trabalho de conclusão de curso se espelha na pesquisa do antropólogo polonês, visto que é resultado de uma profunda imersão no tema de sua análise: o patrimônio cultural da Brasília Teimosa, um bairro popular da Zona Sul da cidade do Recife-PE. Trata-se aqui de uma proposta de intervenção pedagógica, portanto, uma atividade realizada no âmbito escolar. Sendo que ela extrapolou os chamados “muros da escola”, tanto no que se refere à sua metodologia didática – pesquisar a comunidade *in loco* – quanto à maneira como o processo provocou ressonâncias em mim – o seu autor.

A comparação com o antropólogo polonês não é uma hipérbole, tampouco uma metáfora, pois durante o processo, o campo virou lar. De fato, trato aqui de um trabalho cujo

envolvimento individual tomou conta paulatinamente de várias dimensões da minha vida, entrelaçando as experiências profissionais, acadêmicas e pessoais de tal maneira que se tornou, em muitos momentos, um elemento só. Se Malinowski fora morar no arquipélago melanésio, a simbiose entre trabalho, pesquisa e vida pessoal me levou a morar na Brasília Teimosa, proporcionando um salto de qualidade em minhas investigações e no meu próprio envolvimento com a comunidade.

Com efeito, investigar um espaço onde antes praticamente não havia posto os pés despertou um interesse genuíno, a ponto de me envolver na dinâmica social da escola e do próprio bairro. Ainda que continue sendo um agente externo, oriundo de outra região do país, o Rio de Janeiro, minha relação com meu objeto de pesquisa se modificou substancialmente ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Ter escolhido a comunidade como tema me proporcionou admirar ainda mais essa localidade tão especial na história da capital pernambucana.

Desse modo, apresento nas próximas páginas o resultado de uma iniciativa pedagógica de investigação sobre a cultura local, realizada na instituição escolar onde atuo. Além disso, também descrevo as implicações desse processo e da maneira com que procurei envolver a comunidade escolar nele. Procurando responder ao problema “como desenvolver um projeto de educação patrimonial a médio e longo prazo na educação básica?” – isto é, que não seja uma ação pontual, como uma visita a uma instituição cultural ou um trabalho desenvolvido para um evento escolar específico –, objetivei produzir uma intervenção pedagógica no formato de disciplina eletiva sobre o patrimônio cultural da Brasília Teimosa, cujo produto final seria uma exposição de caráter museal sobre o bairro. Contudo, como será mostrado, à medida que o trabalho foi sendo realizado, replanejado e reconfigurado, este projeto tomou diferentes formatos, tendo atingido mais de 200 estudantes de ensino médio, ao longo de 3 semestres.

Assim, pelos motivos expostos, este texto precisa ser escrito na primeira pessoa, uma vez que representa o meu processo de construção intelectual, social e profissional. Dessa maneira, tal como as dimensões da vida, ele é errático, repetitivo, inconcluso, original, mas principalmente, teimoso, como a própria comunidade analisada. Trata-se de um enorme esforço individual e coletivo, que custou a ser considerado encerrado.

#### **i. Patrimônio na escola: uma escolha político-didática**

Já faz mais de uma década que o patrimônio cultural e a etnografia têm sido temas frequentes em minha trajetória acadêmica e profissional. Antes mesmo de iniciar minha atuação

na educação básica, a partir de 2013, desenvolvia estudos acerca do assunto, especialmente no mestrado em Memória Social, cursado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Entre 2010 e 2012, desenvolvi, na linha de pesquisa Memória e Patrimônio, uma etnografia sobre os repentistas nordestinos que atuam na cidade do Rio de Janeiro<sup>1</sup>, enfatizando à memória do Nordeste evocada por eles.

Desde então, tenho procurado trabalhar interdisciplinarmente conteúdos sobre o patrimônio cultural nas instituições escolares por onde passo. No Colégio de Aplicação da UFRJ, fiz parte e ajudei a construir, entre 2018 e 2019, o projeto *Patrimônio Cultural: Lugares de Saberes e Memórias*. Uma proposta de educação patrimonial no ensino fundamental, que consistia em realizar visitas e viagens pedagógicas a importantes sítios de interesse histórico e cultural nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais<sup>2</sup>.

Assim, construindo essa identidade profissional ao longo de dez anos de magistério na educação básica, em especial na educação pública, assumo, em 2021, sob regime de contrato temporário, uma vaga de professor de Sociologia na rede estadual de Pernambuco. Então, fui direcionado à Escola de Referência em Ensino Médio João Bezerra (EREMJB), hoje Escola Técnica Estadual João Bezerra (ETEJB). A instituição está localizada no bairro da Brasília Teimosa, uma comunidade de aproximadamente 20 mil habitantes, cuja trajetória de ocupação e luta pela moradia popular é um capítulo à parte na história da cidade.

Concomitantemente ao meu ingresso na rede de ensino de Pernambuco, iniciei os estudos no Mestrado Profissional em Sociologia da Fundação Joaquim Nabuco, procurando aperfeiçoar-me na docência em Ciências Sociais. Mais uma vez, escolhi o campo do patrimônio cultural como objeto de estudo, procurando desenvolver um projeto autoral de educação patrimonial a médio e/ou longo prazo na escola. Certamente, o cenário mostrava-se desafiador, pois, além de ser novato na instituição escolar, praticamente não conhecia a comunidade da Brasília Teimosa. Além disso, estávamos vivendo um contexto de pandemia da covid-19, que tanto afetou a educação em nosso país.

Pois, o patrimônio é uma categoria de pensamento extremamente importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana. Embora o seu entendimento atual seja uma construção do século XVIII, a partir dos desdobramentos da Revolução Francesa e da constituição dos Estados nacionais europeus, esse conceito esteve presente no mundo clássico e na Idade Média. Segundo o antropólogo José Reginaldo Gonçalves, “todo e qualquer grupo humano exerce algum tipo de atividade de colecionamento de objetos materiais, cujo efeito é

---

1 Cf. Mello (2012).

2 Cf. Pereira e Mello (2021).

demarcar domínio subjetivo em oposição ao ‘outro’. O resultado dessa atividade é precisamente a constituição de um patrimônio” (2009: 26).

Atualmente, nos deparamos com muitas noções sobre patrimônio (material, imaterial, móvel, imóvel, histórico, artístico, vivo, paisagístico, genético, etc.) que indicam como a ressemantização do conceito é sinalizadora das concepções de espaço, tempo, lugar social, perspectiva teórica e metodológica, além dos sentidos políticos, criados pelos indivíduos entre lembranças e esquecimentos (Nogueira e Filho, 2020). Justamente, esse processo de construção polissêmica do patrimônio não se deu da noite para o dia. Pelo contrário, é resultado de um amplo debate ao longo dos últimos dois séculos, bem como da formalização de agências nacionais, da formação de agentes e das definições de políticas públicas construídas internacionalmente.

Hoje em dia, a discussão em torno do tema se situa, de acordo com a antropóloga Regina Abreu, no terceiro grande momento da trajetória dos processos de patrimonialização como movimento próprio do Ocidente moderno (*apud* Nogueira e Filho, 2020). O primeiro momento – do século XIX até meados do século XX – corresponderia aos processos de patrimonialização vinculados à formação dos Estados nacionais e à construção de uma narrativa sobre o passado e a valorização de uma arte considerada nacional. O segundo momento tem como marco o fim da IIª Guerra Mundial, as independências dos países africanos e asiáticos e a criação da UNESCO, a organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura. Pois, procurando dirimir os antagonismos entre as nações, o órgão internacional encontrou no conceito antropológico de cultura – que inclui hábitos, costumes, tradições, crenças e todo o tipo de acervo de realizações materiais e imateriais da vida em sociedade – um meio para o fim dos conflitos entre os povos (Mello, 2012:60).

Quanto ao terceiro grande momento, este se inicia a partir dos anos de 1980, quando se instaura a chamada “patrimonialização das diferenças” (Nogueira e Filho, 2020:7), que seria a preocupação de salvaguardar as singularidades locais frente ao movimento de homogeneização do mundo ocidental. Com efeito, esta é a perspectiva de patrimônio adotada neste projeto, que entende os processos e as práticas culturais como bens patrimoniais em si, sem necessariamente haver a mediação de objetos e bens tangíveis. Nessa direção, volta-se o olhar para a preservação de métodos de transmissão dos saberes-fazeres, das técnicas, das formas de organização e os procedimentos de trabalho e da produção, e não apenas o resultado material e imaterial desses processos. Em suma, é patrimônio tudo aquilo que dá sentido às práticas coletivas e comunitárias e promove relações de saberes, conectadas a práticas que remetem a memórias coletivas e projetos autônomos de futuro enraizados em referências culturais.

No Brasil, o documento balizador dessa nova patrimonialização é a Constituição Federal de 1988, que em seu texto potencializa a defesa da diversidade cultural e da existência de diferentes grupos étnico-culturais, legitimando a emergência de novos sujeitos de direito coletivo, como os quilombolas, indígenas, caiçaras, ribeirinhos, dentre outros povos considerados tradicionais. Por meio do IPHAN – o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão responsável pela preservação do patrimônio cultural no país –, são acrescentadas, a partir dos anos 2000, políticas de preservação para além do tradicional entendimento de bens móveis e imóveis, sobretudo após o decreto 3.551/2000, que institui o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI).

Diferente do tombamento – tradicional instrumento de preservação, que consiste na conservação dos bens materiais –, passam a coexistir também o estabelecimento de inventários de referências culturais – um levantamento sistemático das características e particularidades dos bens culturais visando à sua identificação, conhecimento, documentação, promoção e proteção. Há também o registro – mecanismo destinado à salvaguarda de bens de caráter processual e dinâmico, como as formas de expressão, os modos de vida, as celebrações e os lugares sagrados (Ibram, 2020; Nogueira e Filho, 2020).

Aliás, é a noção de referência cultural que vai basear a reflexão e a busca desses instrumentos de salvaguarda adequados aos bens culturais de natureza imaterial. Como define Fonseca, “falar em referências culturais significa dirigir o olhar para representações que configuram uma ‘identidade’ da região para seus habitantes, e que remetam à paisagem, às edificações e objetos, ao ‘fazeres’ e ‘saberes’, às crenças e hábitos” (*apud* Iphan, 2010:19). Portanto, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidades, são o que popularmente se chama de “raiz” de uma cultura. (Iphan, 2010:19).

Com efeito, a incorporação da noção de referência cultural implicou em uma nova percepção da preservação e gestão dos bens culturais brasileiros. Como resultado, alguns princípios norteadores da política de salvaguarda foram estipulados pelo IPHAN, dentre os quais destacam-se: a) entendimento amplo da noção de “patrimônio cultural” de modo a abarcar suas múltiplas dimensões e a diversidade cultural do Brasil; e c) participação da sociedade e, particularmente, dos grupos interessados, na formulação e implementação das ações de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (*Ibid.*: 19).

Este trabalho se insere nesse ponto, uma vez que se está propondo desenvolver um projeto de identificação dos referenciais culturais da comunidade escolar e do seu entorno, com a participação dos estudantes e de representantes do bairro. Sendo assim, apresento uma

proposta de trabalho coletivo, feito por diversos agentes da comunidade escolar, contando com a minha mediação. Um trabalho que procura dialogar com movimentos museais recentes, que atualizam a tradicional perspectiva de se fazer representações *sobre* os “outros” para se representar *com* os “outros” (Russi e Abreu, 2019).

Em suma, trata-se de uma escolha didática, por se propor a explorar com mais afinco determinados conteúdos do ensino de sociologia na educação básica, especialmente àqueles do campo antropológico. Porém, é uma proposta também política, pois se propõe a investigar e mostrar como herança o que uma comunidade historicamente marginalizada teria de mais característico. Em outras palavras, trata-se de investigar, junto da comunidade escolar, o seu patrimônio.

Dessa maneira, recorro à ideia de “cultura com aspas, da antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2009), para questionar as visões reducionistas que muitas vezes são impostas às culturas de povos e comunidades marginalizadas. A autora argumenta que o conceito de cultura, ao ser colocado entre aspas, muitas vezes é utilizado para isolar e essencializar certos grupos, como se as culturas indígenas, por exemplo, fossem imutáveis e estanques. Algo “preservado” no tempo. Cunha é crítica a essa visão, pois a mesma desconsidera a dinâmica e a transformação das culturas, além de reforçar uma ideia de diferença em que os indígenas seriam “outros”, distantes da modernidade.

Quando pensamos em culturas locais, especialmente em áreas urbanas ou em comunidades periféricas, é comum que a sociedade dominante, ou as instituições, vejam essas culturas de forma estereotipada, como algo “diferente”, “exótico” ou “não-modernizado”. Nesse sentido, pode-se dizer que a cultura dessas comunidades é tratada com “aspas”, como se fosse algo fixo e isolado, quando na realidade elas estão em constante transformação, influenciadas por várias outras dinâmicas sociais, econômicas e políticas. Portanto, a antropóloga nos ajuda a refletir sobre a maneira como as culturas locais são tratadas – estigmatizadas, menores, reduzidas a símbolos de pobreza ou marginalidade –, destacando sua complexidade e dinâmica, e combatendo visões simplistas que as reduzem a algo “estático”. Assim como as indígenas, as culturas das comunidades periféricas são vivas e moldadas pelas interações cotidianas e pelos processos históricos.

Sendo assim, política e didática se entrelaçam na possibilidade de reconfiguração do olhar dos estudantes sobre sua própria comunidade, normalmente destacada por seus elementos negativos, como a violência urbana, a marginalidade e a precariedade de habitação e serviços públicos. Logo, meu papel nesse processo consistiu em fazer uma mediação entre os estudantes

e os saberes e fazeres da comunidade, trazendo à luz ferramentas sociológicas e antropológicas para auxiliar no processo de investigação do patrimônio cultural local.

## **ii. Interseções entre educação e museologia**

No contexto explicitado, a mediação aparece como uma ação muito importante, por permitir o avanço na abordagem comunicacional da memória e do patrimônio, bem como das condições de circulação de saberes. Assim, por esse viés, o presente projeto se insere numa perspectiva de educação patrimonial, que consiste em ações educativas de valorização do patrimônio cultural. Ela pode ser feita por qualquer pessoa que se envolva em processos educacionais, em espaços formais ou informais, como escolas, museus, pontos turísticos e associações comunitárias que tenham o patrimônio cultural como foco (Nogueira e Filho, 2020). Em síntese,

A Educação Patrimonial se constitui de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócia histórica das referências culturais em todas as suas manifestações com o objetivo de colaborar para o seu reconhecimento, valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos de base democrática devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas (Florêncio, 2014:19).

Sendo assim, a educação patrimonial tanto pode vincular às ações educativas às necessidades de proteção ou defesa do patrimônio cultural, quanto articular tais ações à valorização ou ao empoderamento de determinados grupos sociais por meio do reconhecimento do patrimônio cultural a eles associado, pressupondo a participação ativa desses grupos na definição do que cabe preservar (Nogueira e Filho, 2020).

Essa abordagem pedagógica desempenha um papel essencial na valorização e preservação do patrimônio cultural, indo além da simples divulgação de seus elementos. Mais do que difundir o conhecimento técnico sobre preservação, ela busca estabelecer conexões significativas com as comunidades, reconhecendo-as como verdadeiras guardiãs desses bens. Assim, os patrimônios culturais são compreendidos como parte ativa da construção coletiva do conhecimento, sendo incorporados às dinâmicas locais por meio de práticas educativas que respeitam suas especificidades e promovem um diálogo contínuo entre saberes.

Embora a discussão entre patrimônio e educação pareça recente, as primeiras iniciativas desse campo remontam ao contexto da Primeira República (1889-1930), período em que o

Estado passou a estruturar o ensino público com o objetivo de disciplinar a população e promover valores nacionalistas. Durante a Era Vargas (1930-1945), o nacionalismo foi intensificado por meio de medidas educacionais e culturais que reforçavam uma identidade nacional única, excluindo expressões culturais periféricas. A patrimonialização era utilizada como ferramenta de legitimação do Estado e do regime político, ignorando a diversidade de manifestações culturais existentes no país (Silva, 2016).

A partir dos anos 1980, emerge a política de “patrimonialização das diferenças” e a educação patrimonial deixa de ser apenas um instrumento de preservação da memória oficial e passa a incluir grupos historicamente excluídos, como comunidades quilombolas, indígenas e movimentos sociais. No entanto, a patrimonialização continua sendo um campo disputado por interesses políticos e econômicos, fazendo com que essa inclusão enfrente muitos desafios ainda hoje.

O início do século XXI trouxe iniciativas governamentais voltadas para a inclusão da diversidade cultural nas políticas educacionais. Um dos exemplos é o Programa Mais Educação, criado em 2007, que incluiu a educação patrimonial em suas diretrizes. Esse programa buscou ampliar o tempo de permanência dos estudantes na escola, inserindo atividades que valorizassem a cultura e a memória das comunidades locais. Além disso, eventos como o I e II Encontro Nacional de Educação Patrimonial (2005 e 2011) foram fundamentais para debater a necessidade de uma política nacional estruturada para essa área (*ibid.*).

As publicações do Instituto do Patrimônio Histórico são parte importante das políticas públicas nesse campo, sendo referências para professores e pesquisadores. Destacam-se as obras *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação/IPHAN* (2016), que objetiva orientar o público em geral sobre ferramentas básicas para a identificação dos patrimônios culturais pelas comunidades detentoras; e *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos* (Iphan, 2012), que descreve a trajetória histórica dessas ações dentro da instituição, os fundamentos conceituais que amparam as atuais políticas da área e apresenta como as iniciativas educacionais voltadas à preservação patrimonial se multiplicaram nos últimos anos.

Inspirado nessa discussão, entendo que organizar a memória da comunidade em um projeto expositivo escolar possibilita dessacralizar o cânone curricular docente, estabelecendo intimidade entre os saberes curriculares e as experiências sociais dos educandos. Promover a identificação e valorizar as referências culturais da comunidade dentro da escola, e da mesma maneira transportar os saberes escolares para além dos seus muros, contribui sensivelmente

para construção de mecanismos junto à sociedade com vistas a um melhor entendimento das realidades locais (Florêncio, 2015).

De fato, a educação patrimonial pode ser uma importante ferramenta na afirmação de identidades, contribuindo para que as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos (Florêncio, 2015: 28). Aliada a essas diretrizes, a museologia social – vertente crítica aos museus tradicionais e suas representações voltadas prioritariamente ao registro da memória e à divulgação de mundo das classes dominantes – propõe que os museus funcionem como ferramentas de uso comunitário e participativo, para que as pessoas pesquisem, compreendam, salvaguardem e divulguem suas próprias histórias, nos seus próprios termos (Ibram, 2019).

Ela está compromissada com a redução de injustiças e desigualdades sociais, combatendo preconceitos e melhorando a qualidade de vida coletiva, através do fortalecimento da dignidade e da coesão social. Assim, museus são utilizados a favor de comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas e movimentos sociais (Ibram, 2020c). Nos dizeres de Heitor (2018)

Pensando as conexões entre memória, museus e patrimônios, podemos afirmar que as transformações sociais contemporâneas proporcionaram um conjunto de mudanças nos conceitos e nos entendimentos sobre o valor e a função dos museus para a sociedade. No que diz respeito ao trabalho da memória e ao reconhecimento de patrimônios decorrentes das lutas de minorias no Brasil, é possível afirmar que os museus comunitários tem ocupado, através de diferentes formas e metodologias, um lugar importante na criação de novos circuitos para a tessitura e difusão de discursos que são contrapontos às narrativas oficiais (2018: 119).

Pois, museus não são mais espaços exclusivos de afirmação da cultura ocidental, tendo se configurado em instituições de transformação e desenvolvimento social, fazendo da memória e da cultura instrumentos para o exercício da cidadania (Ibram, 2020a). Como certa vez disse o educador Paulo Freire, a gente nasce gritando:

Aliás o silêncio realmente tem sido imposto às classes populares, mas elas não têm ficado silenciosas. A história oficial é que destaca esse silêncio sob a forma de docilidade, mas os movimentos de rebeldia, que constituem a história escondida desse país, têm sido agora revelados por historiadores com sensibilidade em relação às massas populares. Insisto, assim, que é preciso aprender com o povo a gritar e introduzir essa forma de gritar na educação sistemática. De qualquer forma, o ser humano sempre grita primeiro para depois falar (Freire; Gadotti e Guimarães, 1995: 91).

Dessa maneira, aqui se propõe a aprender a ouvir o povo, falar com o povo, gritar com/pelo povo, sugerindo a construção de uma exposição museal sobre o patrimônio cultural

do bairro, dentro da escola. Esta parece ser uma maneira legítima de se trabalhar conhecimentos sociológicos na prática, guiando o *locus* do aprendizado para fora da escola e trazendo algum benefício à própria comunidade.

### **iii. Contribuições para o ensino de sociologia**

Assim, enxergo a presente proposta como transgressora, nos dizeres de bell hooks, por trabalhar o entusiasmo em sala de aula e criar uma “comunidade aberta de aprendizado” (Hooks, 2013: 18), onde há o estabelecimento de uma sala de aula como um espaço comunitário. Sem desconsiderar a relevância do componente étnico-racial para a construção do argumento da autora, sobretudo no tocante à noção de acolhimento, tão importante para o desenvolvimento político e intelectual da jovem afro-americana hooks – mas, ao mesmo tempo, sem me fixar nessa questão –, tomo de empréstimo o conceito por perceber a sutileza da noção de uma “comunidade aberta”.

O estabelecimento da sala de aula como um espaço comunitário pressupõe perceber o esforço coletivo como alicerce estruturador, visto que as contribuições de todos os integrantes, quando utilizadas de modo construtivo, fortalecem a capacidade da turma de se unir em torno de uma educação mais envolvente. A percepção dessa “comunidade aberta” como um encontro entre professores e alunos, numa relação de maior acolhimento e entendimento do outro, busca promover uma horizontalidade entre os sujeitos e os saberes. Como tal, esse espaço democrático e acolhedor proporciona maior integração entre as pessoas, bem como um ambiente de aprendizado mais prazeroso.

Porém, não existe acolhimento sem amor. Por conta disso, assumo que a amorosidade é um elemento essencial na prática educativa, tal como defende Paulo Freire (1996). Para ele, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (*Ibid.*: 12). Em outras palavras, um ato de compromisso com o outro, pautado pelo respeito, pelo diálogo e pela valorização da dignidade humana.

Com efeito, o professor que ensina com amor não impõe saberes de forma autoritária, mas se envolve genuinamente com o crescimento do aluno, estimulando sua autonomia e seu pensamento crítico. Nesse sentido, a amorosidade, no pensamento de Freire, não deve ser confundida com sentimentalismo ou fragilidade. Ao contrário, trata-se de uma postura ética e política, que reconhece o educando como sujeito ativo do aprendizado. Assim, uma educação verdadeiramente transformadora deve ser conduzida com afeto, empatia e respeito às

diferenças, criando um ambiente onde os educandos se sintam acolhidos e motivados a aprender.

De volta a hooks, nesse diálogo com Freire, que a própria autora fez questão de costurar, o entusiasmo em sala de aula é encarado como um ato de transgressão, visto que, normalmente, uma atmosfera de seriedade é considerada essencial para o processo de aprendizado. Entrar em uma sala de aula com o desejo de estimular o entusiasmo significa reconhecer que as práticas didáticas não podem ser conduzidas por esquemas rígidos e inflexíveis, uma vez que representam o contrário do entusiasmo. Daí a necessidade de se verificar as particularidades individuais e coletivas dos estudantes e das turmas, no intuito de se promover maior interação entre discentes e docentes, possibilitando maior conhecimento entre os envolvidos.

Convém destacar que neste projeto não houve espaço para se verificar essas particularidades individuais de cada estudante, tampouco, como mencionado, se aprofundar na questão racial, que certamente atravessa a vida dos meus educandos e da comunidade como um todo. Todavia, o estabelecimento do diálogo horizontal entre docente e discentes, tendo como eixo a realidade sociocultural deles, foi peça chave para o desenvolvimento da proposta. Justamente, o diálogo, essa dimensão relacional e dinâmica do pensamento freireano, foi fundamento da ação pedagógica, da mediação dos sujeitos com realidade, da realização do discurso e da prática de compreensão e de intervenção na realidade (Santiago & Neto, 2016: 129).

Isso significa assumir que os conteúdos de ensino não são propriedades dos professores, sobretudo por estarmos falando de uma cultura local, que diz mais respeito aos estudantes do que ao corpo docente. Como Freire afirma, “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (1996: 15). Sob essa ótica, concordo que os educadores têm a necessidade

(...) de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica [dos] grupos populares, de entender como fazem eles sua leitura do mundo, de perceber suas "manhas" indispensáveis à cultura de resistência que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da violência a que estão submetidos. Entender o sentido de suas festas no corpo da cultura de resistência, sentir sua religiosidade de forma respeitosa, numa perspectiva dialética e não apenas como se fosse expressão pura de sua alienação. Respeitá-la como direito seu, não importa que pessoalmente a recuse de modo geral, ou que não aceite a forma como é ela experienciada pelo grupo popular (...). Sem que o educador se exponha inteiro à cultura popular, dificilmente seu discurso terá mais ouvintes do que ele mesmo. Mais do que perder-se inoperante, seu discurso pode reforçar a dependência popular, pode sublinhar a apregoada “superioridade lingüística” das classes dominantes” (Freire, 1992:55).

Nesse sentido, o projeto apresentado alinha-se com a pedagogia freireana, pois partimos da ideia de que para haver o diálogo é necessário haver também a humildade, cujo resultado é

a valorização da contribuição de todos. Isto é, não carrego uma visão de autossuficiência – de pertencer a um grupo seletivo que enxerga a presença das massas como sinal de deterioração a qual se deve evitar –, pois esta é incompatível com o diálogo. Pelo contrário, aqui se tem fé nas pessoas, no poder de fazer e de refazer, criar e recriar, de ser mais, junto dos outros.

Pois, o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico e problematizador em relação à condição humana no mundo. Além da ação dialógica representar a nossa forma de enxergá-lo, ela implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora. Segundo Freire, a palavra assume o sentido de dizer e fazer o mundo, através do comprometimento da palavra com a verdade e com o processo de humanização, ação e reflexão (Zitkoski, 2008). Ou seja, é com a palavra verdadeira que transformamos o mundo.

A existência humana, por suas próprias características, não pode ser muda, tampouco se nutrir de falsas palavras, e sim, das verdadeiras. Existir humanamente, é pronunciar o mundo e daí modificá-lo. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (Freire, 1987: 44). A palavra verdadeira, o autor ressalta, não é privilégio de alguns, mas direito de todos. Justamente por isso, ninguém pode dizê-la sozinho ou dizê-la para os outros, e sim com eles. Assim, se é ao dizer a palavra e pronunciar o mundo que o transformamos, então o diálogo é o caminho pelo qual as pessoas encontram significado em si mesmas.

A metodologia empregada neste projeto baseia-se essencialmente no diálogo, tanto na relação entre docentes e discentes – estes, na dupla condição de sujeitos ativos do processo enquanto estudantes e nativos da região –, quanto na relação entre a comunidade escolar e os atores sociais externos convidados a participar. Sendo assim, este processo educativo de investigação etnográfica consiste na realização de trabalhos de campo pela região e de entrevistas semiestruturadas com representantes locais, selecionados por se destacarem, de alguma forma, na área onde atuam. Assim, a dimensão dialógica aparece no ambiente interno e externo à sala de aula, tomando os relatos dos mais velhos como legítimas fontes de conhecimento.

Nesse processo, seguindo as palavras de Paulo Freire, intento investigar juntos dos estudantes não apenas as pessoas, mas seu pensamento-linguagem sobre a realidade. Os níveis de percepção dessa realidade, sua visão de mundo, em suma, o contexto em que se encontram envolvidos os seus “temas geradores” (Freire, 1987: 50). Aliás, temas que surgiram com base em pesquisa prévia, mas que também partiu dos próprios estudantes, com base na experiência deles com o seu território. Ou seja, da interação dos educandos com os bares e restaurantes da

comunidade, com a praia e demais áreas de lazer, com o histórico de resistência pela moradia, dentre outros temas que passamos a investigar ao longo do projeto.

Assim sendo, busquei alinhar conteúdos sociológicos previstos – como o conceito de patrimônio cultural, a pesquisa de campo, a observação participante e o fazer etnográfico – com alguns conceitos-chaves da museologia – colecionismo, exposição, mediação, acervo, dentre outros. Todos eles em diálogo com os saberes empíricos dos estudantes.

Dessa maneira, neste trabalho, o conhecimento foi construído efetivamente pela troca. Como defende Freire (1987), o papel do professor não é falar ao povo a sua visão de mundo ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com o sujeito sobre ambas as visões. Afinal, a ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa relação, sob pena de fazê-la “bancária”<sup>3</sup>, verticalizada, autoritária.

Trabalhando na fronteira entre a antropologia e a museologia, tracei como objetivo final para este projeto a elaboração e produção de uma exposição museal dentro da escola sobre o bairro da Brasília Teimosa. A escolha se deu por se tratar de um formato pouco usual, desafiador, criativo e alinhado às discussões contemporâneas, no campo das ciências sociais, sobre justiça social, memória e resistência. Como será mostrado à frente, a ideia foi inspirada no Museu da Maré, no Rio de Janeiro, cuja proposta central consiste em preservar e valorizar a história, a cultura e as experiências dos moradores do conjunto de favelas da Maré, proporcionando visibilidade às narrativas locais, rompendo estereótipos e reafirmando a identidade da comunidade por meio de exposições, memórias e expressões artísticas.

Para além do exposto, a escolha da exposição se deu, sobretudo, pela possibilidade de se agregar, em um único formato, o conjunto de elementos resultantes do trabalho de investigação sobre a comunidade, realizado dentro e fora da escola. Para tanto, nossa matéria-prima consistiu em produções feitas pelos estudantes a partir do processo investigativo e do contato direto com representantes da comunidade. Nosso acervo também se constituiu de itens coletados nos trabalhos de campo e nas entrevistas realizadas, em resumos escritos, desenhos, anotações do campo, registros sonoros e fotográficos, de obras de outros pesquisadores e de material encontrado na internet.

Com efeito, a proposta de se criar um espaço/momento museológico na escola é diferente, primeiramente por ter sido configurada em formato de disciplina, oferecida em duas

---

<sup>3</sup> O conceito de “educação bancária”, desenvolvido por Paulo Freire (1987), critica um modelo de ensino tradicional em que o professor deposita conhecimento nos alunos, como se fossem recipientes vazios. Nesse sistema, o aprendizado é passivo, mecânico e descontextualizado, impedindo o desenvolvimento do pensamento crítico.

oportunidades aos estudantes entre 2021 e 2022. Depois, por ter continuado informalmente em outra disciplina da base técnica, cuja proposta permitiu essa abordagem. Por fim, paralelamente a última iniciativa, mantive um pequeno grupo de estudantes mobilizados para a concepção e concretização do objetivo, embora tenhamos finalizado somente a primeira etapa. Ou seja, tal como o ensino de sociologia historicamente tem ocorrido de forma irregular na educação brasileira, este projeto teve de se reinventar mais de uma vez, atuando nas “brechas” do sistema, quando necessário.

Como é sabido, o ensino da disciplina Sociologia possui uma histórica intermitência na grade curricular educacional brasileira (Brasil, 2006). A ausência de tradição dessa área do conhecimento nas escolas dificultou a formação de uma comunidade de professores, enfraquecendo, por muitas décadas, a luta pela manutenção da disciplina no currículo escolar. Por conta desse vicioso ciclo – não tem representatividade por falta de professores e há poucos professores porque tem pouca representatividade –, a disciplina enfrentou grande desvalorização na educação básica, havendo seus conteúdos restringidos e adaptados a diferentes contextos<sup>4</sup>. Pode-se dizer que fiz uso dessa *expertise* sociológica durante a manutenção deste projeto, utilizando os meios dos quais dispus e os caminhos que se abriram.

No que se refere ao modelo de disciplinas eletivas, elas consistem em cadeiras oferecidas e criadas pelos docentes, que contam com liberdade de cátedra para decisão do tema, conteúdos, objetivos e metodologia. Os estudantes, por sua vez, escolhem, dentre as ofertas, qual desejam cursar, proporcionando uma mistura entre as turmas, modificando um pouco o formato tradicional de sala de aula. Em comum às disciplinas, são os horários e a culminância ao final do semestre, quando todas as eletivas devem apresentar um produto final, fruto do seu desenvolvimento ao longo dos meses. Estruturada nesse formato, a intervenção se consolidou como um projeto de médio prazo, pois a produção, organização e o armazenamento de musealia – objetos e documentos musealizados – ocorreu de forma contínua por 3 semestres. Esses objetos, por sua vez, passaram a constituir um acervo expositivo, destinado também a ser utilizado em projetos futuros.

Nesse contexto, as atividades se realizaram por meio de encontros presenciais em sala de aula, bem como em trabalhos de campo em sítios específicos do bairro, como a orla e a Praia

---

<sup>4</sup> Um exemplo concreto desse cenário ocorreu no primeiro semestre de 2021, quando foi oferecida pela Gerência Regional de Educação Recife Sul (GRE Recife Sul) uma formação docente em formato remoto para os professores de Sociologia e Filosofia das escolas vinculadas àquela gerência regional. Na ocasião, a mediação foi conduzida por uma profissional da área de História, pois não havia, no setor responsável pelas formações daquela GRE, um docente formado em Sociologia, nem em Filosofia. Para além dessa contradição, pude perceber, na ocasião, ser o único docente de Sociologia formado na área, dentre os cerca de 20 participantes.

do Buraco da Veia, a maré/mangue, alguns estabelecimentos comerciais e instituições não governamentais, que bem representam o território, como a Colônia de Pescadores Z-1. Além disso, visitamos algumas instituições museais, como o Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), cuja proposta etnográfica é outra inspiração deste trabalho.

Assim, a relevância deste trabalho consiste no processo de mudança do olhar dos estudantes acerca do próprio cotidiano (Melo e Moura, 2017), por meio dos trabalhos de campo, das visitas técnicas e da investigação etnográfica como um todo. Com efeito, a antropologia não aparece somente através do uso de ferramentas metodológicas como meio para alcançar os objetivos, mas, principalmente, pela sua própria natureza educadora. Ou seja, o que torna a antropologia uma atividade educacional, mais do que etnográfica, é o fato de ela possibilitar que estudemos menos os outros e muito mais com os outros (Ingold, 2020).

Ao se “levar os outros a sério” (Ingold, 2019), aqui se assume a perspectiva de caminhar junto, ou seja, de se conduzir os estudantes para o mundo, em oposição ao formato bancário (Freire, 1987), de se inculcar acriticamente os conteúdos nos estudantes. Como defende o antropólogo Tim Ingold, o propósito da “educação da atenção” não é somente instilar uma consciência do mundo ao nosso redor, mas “nos atrair para uma correspondência com este mundo” (2020: 51), atentar-se a ele, caminhar nele. E nessa caminhada, nos afastamos de qualquer ponto de vista, colocamos nossa posição em jogo e nos familiarizamos com o ambiente nos movendo nele, e não simplesmente olhando para ele.

Em resumo, este não é um trabalho de antropologia da educação, e sim, de antropologia na/com educação. Pela observação participante e pelos trabalhos de campo, nos sujeitamos a observar e ser observados, juntar-se à correspondência com aqueles os quais estudamos, praticar a antropologia como educação. Sim, pois, como sugere Ingold, da mesma maneira que a educação se propõe a ser generosa, aberta, comparativa e crítica, a antropologia também se posiciona dessa maneira, visto que se predispõe a ouvir com atenção o que os outros fazem e dizem; tem como objetivo revelar caminhos, ao invés de promover soluções finais; reconhece que nenhuma maneira de ser é a única possível; e não se contenta em aceitar as coisas como elas são (2020:85).

Portanto, o que se espera com o desenvolvimento deste trabalho é contribuir para o campo do ensino de sociologia e da educação patrimonial, apresentando uma proposta diferenciada, porém feita com técnicas de pesquisa consagradas, como o trabalho de campo, a observação participante, entrevistas semiestruturadas e pesquisa bibliográfica. Com efeito, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, mantive-me aberto a mudanças circunstanciais e ao uso de métodos favoráveis a esse tipo de iniciativa.

Dessa forma, esta proposta de intervenção, pelo seu caráter interdisciplinar, se alinha diretamente às diretrizes curriculares oficiais a respeito do ensino de sociologia e das ciências humanas como um todo, colocando em prática o que sugerem os documentos oficiais. A *Base Nacional Comum Curricular*, por exemplo, documento “que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (Brasil, 2018: 7), apresenta, dentre as dez competências gerais da educação básica, pelo menos três que dialogam diretamente com este projeto: i) a valorização e utilização de conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade; iii) a valorização e fruição de diversas manifestações artísticas e culturais e vi) a valorização da diversidade de saberes e vivências culturais, junto à apropriação de conhecimentos e experiências que possibilitem o entendimento das relações do mundo do trabalho e a realização de escolhas alinhadas ao exercício da cidadania (*Ibid.*: 9).

No que concerne o currículo, a Base reafirma compromissos que também se relacionam com este trabalho, como a superação da “fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento”, o “estímulo à sua aplicação na vida real” e “a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende” (*Ibid.*: 15). Nesse sentido, indica como uma de suas ações a contextualização dos conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas (*Ibid.*: 16).

Ainda sobre a BNCC, no trecho correspondente à área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o documento sinaliza que a análise, comparação e compreensão de diferentes sociedades, bem como sua cultura material, formação e desenvolvimento no tempo e no espaço, a natureza de suas instituições, as razões das desigualdades, os conflitos, em maior ou menor escala, e as relações de poder no interior da sociedade são alguns dos principais desafios propostos para a área no ensino médio. Nessa perspectiva, a ideia de espaço estaria “associada aos arranjos dos objetos de diversas naturezas, mas também às movimentações das sociedades, nas quais ocorrem eventos, disputas, conflitos, ocupações (ordenadas ou desordenadas) ou dominações” (*Ibid.*: 551).

Já em relação à ideia de território, o documento destaca que as cidades são repletas de territorialidades, marcadas por fronteiras econômicas, sociais e culturais, e que as práticas culturais podem tanto aproximar quanto afastar os agrupamentos humanos. Ou seja, as fronteiras são porosas, móveis e não se restringem a um território específico. Justamente, pensar nesses termos é muito importante para se compreender o desenvolvimento da cidade do Recife,

do bairro do Pina e da comunidade de Brasília Teimosa, sobretudo pela sua histórica disputa pela terra.

A Base ainda complementa que a forma como as diferentes sociedades estruturam e organizam o espaço físico territorial e suas atividades econômicas permite reconhecer os diversos modos como essas sociedades estabelecem suas relações com a natureza, incluindo os problemas ambientais resultantes desta interferência. Dessa maneira, o documento indica que “reconhecer, analisar e avaliar a ação de diferentes agentes e grupos e seus vínculos com a natureza e as culturas são uma forma de estimular a autonomia dos estudantes e o compromisso ético de suas ações (*Ibid.*: 555).

Com efeito, todos esses pontos apresentados da BNCC relacionam-se com este projeto, uma vez que aqui está se propondo investigar um determinado agrupamento social, identificando suas principais características e inventariando seu patrimônio, a partir do que indicam seus próprios integrantes. Dessa maneira, podemos sintetizar o alinhamento deste projeto de intervenção pedagógica com a *Base Nacional Comum Curricular*, tomando como parâmetro três competências específicas das Ciências Humanas, a saber: i) a análise de processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos; ii) a análise da formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos, econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder; e iii) a contextualização, análise e avaliação crítica das relações das sociedades com a natureza e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de soluções que respeitem e promovam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global (Brasil, 2018).

Este projeto também se alinha ao *Currículo de Pernambuco 2021* para o ensino médio, uma vez que o documento reproduz as mesmas competências gerais e específicas apontadas pela BNCC. Dessa maneira, a respeito das especificidades curriculares pernambucanas para a área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ressalta-se duas dentre seis unidades temáticas estruturantes: Espaço, Territórios e Fronteiras, evidenciando as narrativas locais sobre a relação com o tempo-espaço, por meio da construção do espaço geográfico, dando destaque a inter-relação peculiar de sertão, agreste e litoral e, ainda, a relação com os rios que cortam o estado e, de certa forma, condicionaram e condicionam a ocupação histórica do território (Pernambuco, 2021: 255); e Ciência, Tecnologia e Conhecimento, visto que a construção de novos saberes na área são importantes para o desenvolvimento do protagonismo juvenil,

permitindo ao estudante acessar, mobilizar e criar diferentes linguagens (textuais, cartográficas, imagéticas, gráficas etc), mobilizar recursos de pesquisa típicos da área, formulando problemas e mobilizando recursos, tais como entrevistas, questionários, busca e coleta de fontes de dados históricos e ainda observação, de modo a propor soluções inovadoras aos problemas sociais (*Ibid.*: 256).

Em síntese, entende-se que eleger o patrimônio cultural como eixo estruturante da proposta e promover a investigação dos referenciais culturais locais é uma forma das ciências sociais, em especial da antropologia, ter uma contribuição mais relevante para a formação do estudante da educação básica, dada a carga horária reduzida da sociologia no contexto do ensino médio.

#### **iv. O projeto de intervenção**

A motivação para realização deste projeto parte de um desejo de se desenvolver um projeto de educação patrimonial de médio e longo prazo na instituição educacional onde me encontro, visando identificar o patrimônio cultural local e trazê-lo para dentro de sala de aula. Ao mesmo tempo, a proposta surge também para reconstruir o olhar dos estudantes sobre o próprio território, visto que não foi necessário muito contato com eles para perceber uma dificuldade em enxergar positivamente o seu espaço. Logo, ainda que pouco soubesse sobre a comunidade da Brasília Teimosa, senti necessidade de ressaltar outros aspectos a respeito dela, da escola e do seu entorno.

Com efeito, a forma com que os estudantes descreviam o bairro em atividades cotidianas de sala de aula e em conversas pelos corredores da escola, reduzia a localidade a situações superficiais, majoritariamente negativas e que não condiziam necessariamente com a realidade, pelo menos em sua totalidade. Ou seja, por diversas vezes ouvi que o bairro era um lugar perigoso, controlado pelo tráfico de drogas e que era composto por uma população fofoqueira. Justamente, me pareceu fazer sentido apresentar outra perspectiva a respeito do território, resgatando sua história ímpar no contexto da cidade, de luta pela moradia e intensa organização popular, bem como sua forte relação com os saberes tradicionais da cultura da pesca no mar e no mangue. Nesse sentido, a proposta de se procurar inventariar o patrimônio cultural a partir dos relatos dos próprios moradores e desenvolver, *a posteriori*, um projeto expositivo sobre o tema pareceu ser uma ideia promissora.

Pois, se em 2021 já havia a necessidade de reconfigurar o olhar dos educandos sobre a localidade – quando a grande maioria dos estudantes matriculados era oriunda das áreas do

entorno da escola, a saber, Brasília Teimosa, Bode e Jardim Beira-Rio, todas áreas populares do elitizado bairro do Pina –, em 2022 essa necessidade foi ampliada. De fato, uma mudança no perfil do alunado passou a ser percebida com a transformação da Escola de Referência em Ensino Médio para Escola Técnica Estadual João Bezerra.

Os inéditos cursos técnicos, no âmbito da rede estadual, de gastronomia e de alimentos, assim como a expectativa de melhora na qualidade do ensino – por se tratar de um formato profissionalizante, portanto, com mais recursos disponibilizados pelo governo do Estado – têm ampliado o interesse pela escola, de forma a atrair diversos estudantes de outras áreas da cidade e mesmo da Região Metropolitana do Recife, como Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe, dentre outros municípios. Assim, mais do que nunca se faz necessário um projeto de valorização das raízes e da história da localidade, bem como dos saberes e fazeres considerados tradicionais, tendo em vista à vocação pesqueira e gastronômica da localidade. Nesse sentido, a promoção de uma exposição de caráter museal sobre Brasília Teimosa igualmente parece ser uma boa maneira de pôr em evidência o patrimônio local, lançando luz sobre os modos de vida, as referências culturais e os saberes e fazeres da comunidade.

Dessa maneira, este trabalho está organizado em três capítulos, além da introdução, conclusão, os apêndices, o anexo e mais dois documentos: um compilado de fichas catalográficas, com registros do acervo construído; e a exposição elaborada ao final de todo o processo. Assim, no primeiro capítulo, intitulado “Conhecendo o campo”, apresento o meu processo de descoberta da Brasília Teimosa e consequente envolvimento com a comunidade, para depois narrar seu desenvolvimento histórico. Portanto, narro minha entrada no campo, antes mesmo de iniciar a primeira das três etapas constituintes deste projeto. Concomitantemente, faço um apanhado dos principais eventos históricos vividos pela comunidade, procurando mostrar, nas origens, as características particulares que a diferenciam dos outros bairros.

Tal como Marx ensinou em *Introdução à economia política* (1985), seria um erro começar a investigação pelo patrimônio ou pela ideia de população, entidades que parecem reais, mas que não passam de meras abstrações.

Parece que o correto é começar pelo real e pelo concreto, que são a pressuposição prévia e efetiva; assim, em Economia, por exemplo, começar-se-ia pela população, que é a base e o sujeito do ato social de produção como um todo. No entanto, graças a uma observação mais atenta, tomamos conhecimento de que isso é falso (...). Assim, se começássemos pela população, teríamos uma representação caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples: do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos determinações as mais simples. Chegados a este

ponto, teríamos que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas (Marx, 1985 116).

Assim sendo, para me instrumentalizar sobre o que haveria de ser investigado na Brasília junto de meus estudantes, lancei-me ao campo e à pesquisa bibliográfica, procurando desvelar os elementos mais elementares que compõem a comunidade, para posteriormente poder compreender as partes que formam o todo e, assim, perceber qual seria o verdadeiro patrimônio cultural local.

Já no segundo capítulo, descrevo as atividades realizadas na disciplina “Memórias de Brasília Teimosa – o projeto-piloto”, acontecida no segundo semestre de 2021, com estudantes do primeiro ano do ensino médio. Devido a circunstâncias que fugiram ao meu controle, decidi realizar uma experiência prévia do que seria a intervenção pedagógica. Então, narro e descrevo as primeiras realizações deste projeto, mencionando erros e acertos, concretizações e dificuldades encontradas ao longo do primeiro de três semestres, apresentando também um balanço da proposição.

Quanto ao terceiro capítulo, “Saberes e Fazeres museológicos e antropológicos na escola”, descrevo a realização da disciplina eletiva “Saber-museu: saberes e fazeres museológicos na escola” e seus desdobramentos, acontecida no primeiro semestre de 2022, com aproximadamente 45 estudantes do 2º ano do ensino médio. Com base na experiência acumulada no ano anterior, reconfiguro a proposta, dou continuidade ao processo investigativo e intento realizar a exposição museal sobre o bairro. Ainda nesse capítulo, descrevo a terceira fase deste projeto, acontecida de maneira diferente e em duas frentes: a primeira, atuando nas lacunas do currículo da base técnica, realizando uma abordagem sobre a comunidade com quatro turmas do primeiro ano do ensino médio. Quanto a segunda frente, tratou-se da formação de um pequeno grupo executivo, que pensou e planejou a exposição museal, ainda que ela não tenha efetivamente acontecido no espaço da escola.

Por fim, ao final deste texto, encontram-se os apêndices, que são os materiais didáticos produzidos para o trabalho em sala de aula, como avaliações, cronogramas, fichas com conteúdo teórico e banners confeccionados para apresentação do projeto. Ainda acompanham este material uma exposição virtual intitulada “A Brasília é o meu lugar”, elaborada na parte final deste processo, ilustrando a virtualmente a concretização material de tudo o que foi realizado ao longo de três semestres.

Etapa	Período	Formato	Título	Capítulo
1 <sup>a</sup>	2021.2	Disciplina eletiva	<i>Memórias de Brasília Teimosa</i>	2
2 <sup>a</sup>	2022.1	Disciplina eletiva	<i>Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola</i>	3 (3.1 a 3.4)
3 <sup>a</sup> a	2022.2	Disciplina da base técnica	Intervenção Comunitária	3 (3.5.1)
3 <sup>a</sup> b	2022.2	Grupo executivo	Projeto de Ensino: Expo Brasília Teimosa	3 (3.5.2)
Pós-Produção	2023	Exposição Virtual	Exposição <i>A Brasília é o meu lugar</i>	3 (3.6)

**Quadro 1:** Cronograma das etapas desenvolvidas e localização nos capítulos.

Convém dizer que uma das premissas da presente proposta de intervenção pedagógica foi a de se realizar um projeto de médio prazo, que não se limitasse a uma sequência de aulas encerrada em si mesma. Isto é, sem haver desdobramentos pedagógicos para a instituição nos períodos seguintes. Conforme explicado na introdução deste trabalho, o objetivo almejado consistiu em promover, junto dos estudantes, uma investigação do patrimônio cultural da Brasília Teimosa, havendo como resultado uma exposição de caráter museal, com duração mais longa a de trabalhos normalmente apresentados em feiras e eventos realizados em escolas.

Dessa maneira, este projeto foi se construindo e reconfigurando ao longo do tempo, resultando em diferentes formatos. Assim, o que está sendo apresentado é o resultado de ações pedagógicas produzidas ao longo de três semestres letivos, em que se chegou a quatro formatos diferentes de trabalho, elaborados no início de cada semestre e modificados durante o curso das aulas. Portanto, é importante destacar antecipadamente o caráter experimental da proposta, que buscou reconfigurar os erros metodológicos e as dificuldades enfrentadas em acertos futuros, valendo-se do fato de se tratar de um trabalho de maior duração.

Assim sendo, a intervenção pedagógica se estruturou de quatro maneiras diferentes. Num primeiro momento, no segundo semestre de 2021, desenvolvi um projeto-piloto no formato de disciplina eletiva, com estudantes do 1º ano do ensino médio, cujo nome foi “Memórias de Brasília Teimosa”. A partir da avaliação dos resultados obtidos nessa primeira experiência, organizei uma nova eletiva para o primeiro semestre de 2022, com o título de “Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola”. Nesta nova sequência didática, o público era formado por estudantes do 2º ano do ensino médio. Portanto, ela foi planejada para ser oferecida aos mesmos estudantes do ano anterior, pois a intenção era, justamente, promover uma continuidade no trabalho.

Embora essa segunda experiência tenha sido mais bem planejada e o resultado tenha sido bastante satisfatório, ao término do processo, constatei que o objetivo de se realizar uma

exposição museal de caráter duradouro ainda não havia sido atingido. Ao mesmo tempo, não havia logrado êxito em organizar o acervo e definir o desenho e o conteúdo da almejada exposição, dois requisitos importantes para constar nos arquivos deste trabalho de conclusão de curso. Por esses motivos, propus mais uma terceira etapa para o segundo semestre de 2022, a ser executada em duas frentes.

Na primeira frente, aproveitei a oportunidade de ter sido escolhido pela gestão escolar para lecionar aos estudantes do 1º ano uma disciplina semestral intitulada Intervenção Comunitária, da base curricular dos cursos técnicos oferecidos na instituição. É importante ressaltar que houve uma transição de escola integral para escola técnica ocorrida na instituição exatamente no período do meu projeto. Por isso, esse assunto será melhor desenvolvido mais adiante. Nessa disciplina elaborada pela Secretaria de Educação para os estudantes dos cursos técnicos de Gastronomia e de Alimentos, adaptei seu conteúdo às demandas da proposta de intervenção, produzindo junto a eles atividades pedagógicas que poderiam se tornar acervo da exposição sobre o patrimônio cultural da Brasília Teimosa.

Quanto à outra frente, ela consistiu na criação de um grupo executivo/projeto de ensino com cinco estudantes que participaram da etapa anterior e se mostraram interessados com a proposta. Em síntese, esse pequeno grupo tinha a finalidade de agilizar o propósito executivo, discutindo, desenhando, planejando e produzindo a exposição. Isto se mostrou necessário, pois pude perceber na prática o quão difícil é mobilizar e organizar uma turma de 45 estudantes para a execução do que se estava propondo. Vale dizer que este tipo de dificuldade já me havia sido alertado por outros docentes, com mais experiência em projetos pedagógicos naquela escola, de modo que minha percepção não passou de mais uma confirmação do que já se esperava que fosse acontecer.

Mesmo passando três longevos semestres gerenciando essa intervenção pedagógica, ainda foi necessário um período de pós-produção para organizar e catalogar o acervo para, finalmente, criar a exposição no formato virtual sobre a comunidade da Brasília Teimosa. Com efeito, como será possível verificar a seguir, aqui se tem um projeto teimoso.

# 1. CONHECENDO O CAMPO

## 1.1 Na garupa de uma moto

“Seu Saulo, o senhor conhece alguém que saiba fazer uma palafita?”. Foi com essa inusitada pergunta, direcionada ao porteiro da Escola de Referência em Ensino Médio João Bezerra (atual Escola Técnica Estadual João Bezerra), que “dei a partida” a este projeto. A curiosa pergunta surgiu pouco depois de uma conversa com a gestora da escola, em agosto de 2021, quando apresentei uma proposta inicial de realizar uma disciplina eletiva voltada para as memórias dos moradores do bairro da Brasília Teimosa, Zona Sul do Recife, onde a escola está localizada.

Da conversa germinal surgiu, então, a ideia de se construir em tamanho real, dentro da instituição escolar, uma palafita, modelo precário de moradia associado por muito tempo ao bairro e que poderia ser o objeto simbólico da memória da localidade, situada entre o mar e o mangue. A sugestão, embora desafiadora, pareceu boa à época, pois apresentava potencial para mobilizar os estudantes – que retornavam gradualmente à escola para aulas presenciais por conta da pandemia de covid-19 – em atividades práticas diferentes do que normalmente se via na escola. Além disso, resolveria o problema de entulhos acumulados na parte traseira da escola ao longo dos últimos anos.

Contudo, a construção da moradia simbólica nunca se efetivou. Mas isso nunca foi um empecilho para a produção do projeto. Pelo contrário, a iniciativa serviu para estruturar a disciplina “Memórias de Brasília Teimosa”, acontecida no segundo semestre de 2021, com um grupo de aproximadamente 30 estudantes do 1º ano do ensino médio. Serviu também para orientar o que viria a ser, em 2022, o projeto “Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola”<sup>5</sup>, também organizado no formato de disciplina eletiva para 45 estudantes, durante o primeiro semestre; e para a formação de um projeto de ensino voltado para um pequeno grupo de 5 estudantes, a partir do segundo semestre do mesmo ano.

Seu Saulo não sabia ao certo quem poderia construir a palafita, mas se propôs a ajudar, já que conhece bem a localidade e os moradores, visto que a família de sua esposa é da comunidade. Assim, na mesma semana, o solícito porteiro me levou em sua moto para um

---

<sup>5</sup> O título da disciplina foi tomado de empréstimo do programa “Saber-Museu”, produzido pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus e a Escola Nacional de Educação Pública (ENAP). Composto por 5 cursos no formato em EAD e disponibilizado na plataforma [www.escolavirtual.gov.br](http://www.escolavirtual.gov.br), o programa oferece capacitação e difusão do conhecimento acerca do campo museal.

passeio pelo bairro, com o objetivo de encontrar alguém que pudesse nos ajudar na empreitada. Porém, logo percebi que Seu Saulo, como bom anfitrião, estava mais disposto a me apresentar a localidade, se transformando, então, no meu primeiro guia e consultor sobre a Brasília Teimosa.

Até aquele momento – primeiros dias de agosto de 2021 –, meu conhecimento sobre o bairro era muito limitado, restringindo-se ao caminho entre a escola e as paradas de ônibus e um pouco de sua história. Isto é, que o adjetivo “teimosa” era uma referência à histórica resistência dos moradores em permanecerem na região, a despeito da vontade do poder público. De fato, aquele era o meu primeiro ano como professor da rede estadual de Pernambuco e, por ter trabalhado até o recesso do meio do ano no formato de *home-office*, havia visitado poucas vezes a instituição escolar.

Pois, o guiamento oferecido por Seu Saulo “descortinou” um amplo cenário desconhecido até então. Ao seguirmos de moto pela Rua Francisco Valpassos, uma via que atravessa a base da península triangular onde a comunidade está localizada, logo viramos à esquerda na estreita e sinuosa Rua Artur Bernardes, adentrando a comunidade. Desvelava-se ali um território densamente povoado, de habitações populares com um, dois, três ou mais pavimentos, pequenos comércios, ruas estreitas e muitas igrejas neopentecostais. Pequenos quebra-molas desaceleravam a velocidade de carros e motos, que dividiam o espaço com pessoas, cães e gatos, indo e vindo na viela de calçadas apertadas. Na parte de cima, encorpados chumaços de fios pretos pendurados entre os postes decoravam os imóveis e a paisagem espremida entre eles.

Seguindo em frente por cerca de 120 metros, mais uma guinada à esquerda nos levou ao coração do bairro, num pequeno largo onde as ruas M (Dragão do Mar), N (Albacora), R (Guarajuba) e S (Carapeba) encontram a Paróquia Coração Imaculado de Maria, que além de templo religioso, é um importante espaço no processo de organização e resistência popular dos residentes. Na mesma localidade, descobri também a existência do Centro da Mulher Metropolitana Júlia Santiago, um espaço institucional da prefeitura do Recife e do governo do estado de Pernambuco para assuntos relacionados às políticas de gênero nas comunidades. Diferentes de boa parte das construções do bairro, a igreja e o Centro da Mulher destacam-se tanto pela localização, encravada praticamente no centro geográfico da comunidade, quanto por suas características arquitetônicas.

Isto é, no caso da Paróquia, a principal referência católica do bairro, a fachada do prédio lembra construções modernistas, possuindo um formato retangular, porém com um de seus lados superiores esticado em curva para cima, formando a torre da igreja, com um sino dentro

e uma cruz no topo. Já o Centro da Mulher é uma casa comprida de apenas um pavimento, com telhado tradicional no estilo “duas águas” e uma fachada frontal e lateral branca, sendo sua base, da altura de aproximadamente 1 metro, decorada por pequenos pedaços de ladrilhos amarelos.

No contexto urbano da Brasília Teimosa, muito parecido com diversas comunidades populares do país – ou seja, feito de casas fabricadas pelos próprios residentes, muitas vezes não concluídas e apertadas, com crescimento vertical não padronizado e em alguns casos com os famosos “puxadinhos” –, as duas construções realmente se destacam. Especialmente o Centro da Mulher Metropolitana Julia Santiago, não apenas pela sua funcionalidade institucional, mas, sobretudo, por sua baixa altura, que nos permite enxergar mais distante, diminuindo a sensação de enclausuramento. De fato, as ruas estreitas e tortuosas da Brasília Teimosa, cortadas por becos ainda mais estreitos, provocam uma sensação, a quem não está familiarizado com o território, de se estar passando por corredores de um imenso labirinto.

Seguimos nosso caminho que, a partir dali, passou a ser feito em ruas pavimentadas por paralelepípedos e assim, passamos a ter de desviar de eventuais buracos, mantendo a velocidade baixa que este tipo de calçamento exige. Em determinado momento, viramos à direita e passamos a ver casas mais humildes, sem revestimento nas paredes e tijolos aparentes, varais de roupa nas janelas e mesmo nas calçadas. Pequenos canteiros de obras, placas com oferta de produtos caseiros, como picolés e bebidas industrializadas, como cervejas e refrigerantes. Ali já não havia tanta circulação de automóveis, pois as ruas se estreitavam ainda mais. Por outro lado, bicicletas equipadas com estrutura para carga indicavam haver comércio de galões de água, dentre outros produtos.

Àquela altura já não fazia mais ideia de onde estávamos, nem para onde íamos. Não recorde se dobramos à esquerda, à direita ou seguimos em frente. A sensação de se estar em um labirinto era bem real. Ainda assim, lembro-me que passamos em frente à casa da família dos sogros de Seu Saulo, que fez questão de me indicar onde era. Algumas centenas de metros depois, chegávamos finalmente à orla da Brasília Teimosa, criada a partir do aterramento limítrofe da área e da criação da Avenida Brasília Formosa, no ano de 2003.

Observando o nosso trajeto no mapa e conhecendo melhor o bairro, hoje percebo que nosso caminho até a orla não foi nem o mais rápido, tampouco o mais fácil. Fato que me leva a crer que Saulo fez questão de passar em alguns pontos específicos da comunidade, incluindo a casa de seus familiares, como se aquele *tour* pelo bairro significasse também uma aproximação com ele.



Ainda no local, já me dera conta de que nossa ida até a Associação e minha abordagem com os pescadores foram bem aleatórias, de modo que, no fim das contas, mesmo estabelecendo um primeiro contato com um trabalhador local, não conseguimos alguém para construir a almejada palafita. Dando-me por satisfeito dessa primeira incursão ao bairro, falei com Saulo e dali nos dirigimos direto para a escola. Seguindo a Rua A (Delfim), que margeia a bacia do Pina, dobramos à esquerda, ao final, já na rua de nossa instituição escolar e encerramos a viagem.



**Figuras 2 e 3:** Muro residencial e fachada de comércio na Rua Artur Bernardes, 2022. **Figuras 4 e 5:** Ruas Carapeba (S) e Estrela do Mar (G). Fonte: fotos do autor, 2023.



**Figuras 6, 7 e 8:** Largo da Paróquia Coração Imaculado de Maria, canteiro de obras na Rua Carapeba e Praia do Buraco da Veia. Fonte: fotos do autor, 2023.



**Figuras 9 e 10:** Poste com fios na Rua Arabaiana e muro do Iate Clube do Recife. Fonte: foto do autor e foto de autoria dos estudantes, 2023 e 2022.

\*\*\*

“Professor, o senhor gosta mesmo da Brasília, não é?”, me perguntou uma estudante do 1º ano do Curso Técnico Integrado de Alimentos da Escola Técnica Estadual João Bezerra (ETEJB), antiga EREM, durante uma aula da disciplina Intervenção Comunitária<sup>7</sup>, no fim do ano letivo de 2022. Na ocasião, interrogava os estudantes sobre os motivos que levavam Brasília Teimosa a ter muitas escolas públicas, tanto estaduais quanto municipais, muito próximas umas das outras, localizadas em um perímetro relativamente adjunto.

Logo começamos a listá-las: de um dos lados da ETE João Bezerra encontra-se a Escola de Referência em Ensino Médio Assis Chateaubriand. Do outro lado, também localizada à Rua Francisco Valpassos, há o Centro Municipal de Educação Infantil Bernard Van Leer. Distante 140 metros, na paralela Rua Drº Henrique Lins, existe a Escola de Referência em Ensino Fundamental (EREF) Luís de Camões, também estadual. Já na transversal Rua das Oficinas, uma das opções de saída do bairro, encontram-se as escolas municipais Engenheiro Umberto Gondim e Engenheiro Henoch Coutinho de Melo, distantes cerca de 250 metros da ETEJB.

Minha intenção naquela aula era ressaltar o fato de haver muitas instituições de educação no bairro, sobretudo na área do entorno da nossa escola, e estimular os próprios estudantes a encontrarem a resposta para este fato. Com base em aulas anteriores, esperava que eles levassem em consideração outras discussões que já havíamos tido sobre a localidade, como o fato de a comunidade ter se formado em cima de um grande aterro criado pela Administração do Porto do Recife, em meados do século XX e, como tal, ter preservado grandes terrenos do crescimento imobiliário, mantendo-os até as décadas finais do último século como galpões, armazéns e oficinas de barcos.

No entanto, para nossa lista de instituições escolares públicas da Brasília Teimosa ficar completa, ainda lembrar de mais duas, localizadas no interior da comunidade. Assim, lembrei-os da Creche Municipal Brasília Teimosa – situada na chamada Vila da Prata, na parte final do bairro, próxima a já mencionada Associação de Pescadores Prof. Artéz; e da Escola Municipal Josué de Castro, situada bem no centro da localidade, a 170 metros da citada Paróquia Coração Imaculado de Maria e a 40 metros da minha atual residência.

---

<sup>7</sup> A disciplina Intervenção Comunitária integra o currículo da Formação Técnica e Profissional das Escolas Técnicas Estaduais de Pernambuco, possuindo carga horária de 40h, lecionada no 2º semestre dos primeiros anos do ensino médio dessas instituições de educação.



**Figura 11:** Mapa de equipamentos públicos existentes no bairro. Fonte: Sales (2017: 206).

\*\*\*

Pouco mais de 1 ano separam as duas situações narradas. Da primeira, que marca o início do projeto aqui apresentado, à segunda, que bem representa o fechamento das atividades planejadas para este trabalho de conclusão de curso, muitos eventos aconteceram. Isto é, da admiração curiosa por estar adentrando o bairro pela primeira vez até a firmeza de se debatê-lo

em sala de aula com jovens criados na própria comunidade, houve um grande esforço de imersão em um território antes desconhecido.

Aquela inicial e aleatória busca por um construtor de palafitas – um simbólico “tiro n’água” – foi um exercício importante para perceber que não seria através dos meus informantes que conseguiria identificar o patrimônio cultural da Brasília Teimosa. Quer dizer, ainda que a proposta fosse levar o tema para a sala de aula e investigar junto dos estudantes quais riquezas o bairro teria a salvaguardar, na visão dos moradores, ficou nítido que seria necessário pesquisar por conta própria, a fim de antecipar os possíveis desdobramentos do projeto dentro da instituição, bem como planejar com maior eficiência o conteúdo das aulas.

Pois, a partir daquela experiência, ao me dar conta do quanto havia a se descobrir sobre a comunidade, compreendi que meu trabalho etnográfico começara antes mesmo do retorno presencial das aulas e que, dali em diante, deveria me disciplinar no tocante ao trinômio etnográfico “olhar, ouvir e escrever” (Oliveira, 1996) em tudo o que envolvesse meu objeto de investigação, incluindo meu próprio ambiente de trabalho, uma vez que ele está no centro de todo o processo. De fato, a domesticação do olhar e do ouvir, somados aos registros escritos, sonoros e fotográficos realizados no campo, possibilitaram a escrita qualificada deste trabalho, não apenas em meu “escritório”, mas também com os estudantes em sala de aula.

Nesse sentido, ainda que estivéssemos em um contexto de pandemia da covid-19 – o que limitava em muito o trabalho docente, a pesquisa de campo e a própria proposta de intervenção –, entendi que precisava “descer da varanda”, tal como fizera Bronislaw Malinowski em sua investigação sobre os “Argonautas do Pacífico Ocidental” (2018), como o antropólogo polonês decidiu chamar os povos das Ilhas Trobriand, em seu célebre estudo homônimo.

Eunice Ribeiro Durham, em texto escrito à edição brasileira, lembra que “a grande inovação de Malinoswki no trabalho de campo consistiu na prática do que hoje em dia é chamado de observação participante” e que ele “alterou essa prática [o trabalho de campo] de forma radical, passando a viver o tempo todo na aldeia, afastado do convívio de outros homens brancos e aprendendo a língua nativa” (*apud* Malinowski, 2018: 23). Esse processo de “aculturação” do observador, sem dispensar informantes, porém substituindo-os em grande parte pela observação direta e a convivência diária, permitiu uma análise consciente da investigação da realidade cultural, visto que ele consiste em assimilar as categorias inconscientes que ordenam o universo cultural investigado (*Ibid.*, 2018).

Assim, da mesma forma que Malinowski no princípio de sua pesquisa – instalado num alojamento de algum homem branco (negociante ou missionário) – limitava-se a realizar visitas

consideradas por ele inúteis às aldeias trobriandesas, apresentando dificuldades em comunicar-se com os nativos, descrevendo protocolarmente seu trabalho e anotando aleatoriamente dados censitários e de parentesco sobre o campo, eu também dispunha de um limitado “material morto” sobre a Brasília Teimosa. As informações fornecidas pela escola, os poucos registros que realizara, a aparente carência bibliográfica sobre o assunto e o pouco contato com a comunidade me colocavam em uma posição de “estrangeiro”<sup>8</sup>. Seu Saulo, meu guia e informante, certamente me auxiliava, porém, sem o olhar disciplinado e o distanciamento adequado que esse tipo de investigação requeria.

Assim, foi somente quando me lancei definitivamente a campo é que a “magia do etnógrafo” (*Ibid.*: 60) começou a acontecer. Desde então, passei a alternar caminhos, visitar novas localidades, interagir com moradores e estabelecer canais de diálogo com alguns representantes comunitários. Justamente, a imersão proporcionada pelo trabalho de campo ganhou relevância a ponto de me fazer mudar<sup>9</sup> para a Brasília Teimosa e querer vivenciar o bairro diariamente, incluindo as noites e os finais de semana, momentos em que costumava passar longe da localidade.

Deixando-me envolver pela pesquisa, pouco a pouco as dimensões pessoais, profissionais e acadêmicas se entrecruzaram, tornando-se indissociáveis. Se por um lado, este exercício antropológico passou a exigir maior disciplina no tocante ao afastamento necessário para o fazer científico, por outro lado, possibilitou um tremendo salto de qualidade para a compreensão das características históricas, sociais e culturais da comunidade.

## **1.2 A Brasília é minha ilha**

Não seria estranho dizer que a Brasília Teimosa parece ser mais uma dentre tantas ilhas da paisagem anfíbia do Recife, afinal, trata-se de um pedaço de terra cercado de água por quase todos os lados. De fato, a península triangular de cerca de 60 mil metros quadrados tem seus limites definidos de um lado pela linha de força dos arrecifes, que percorre o litoral

---

<sup>8</sup> Curiosamente, dentro do ambiente de trabalho, a partir do momento em que me mudei para a Brasília Teimosa, deixei de ser apenas o “professor de fora” (“carioca”), para me tornar o “professor da comunidade”. Assim sendo, passei a ser “escalado” como representante da escola em alguns eventos do bairro, além de assumir a disciplina do curso técnico Intervenção Comunitária, cujo princípio básico consiste em realizar uma interlocução entre a escola e o bairro.

<sup>9</sup> A decisão de me mudar para a Brasília Teimosa envolveu também motivos de ordem pessoal e profissional, e não apenas acadêmicos. Mesmo assim, não fosse o interesse pelo trabalho de campo, possivelmente escolheria outro bairro da cidade para estabelecer minha nova morada.

pernambucano, e de outro pela bacia do Pina<sup>10</sup>. Na base deste triângulo, a Avenida Antônio de Góes, uma via de ligação importante entre o Centro e a Zona Sul da cidade, separa simbolicamente a Brasília do bairro do Pina, com seus imponentes edifícios típicos das áreas mais nobres da Zona Sul recifense.



**Figura 12:** Detalhe da área onde os bairros do Pina e Brasília Teimosa se localizariam em mapa de 1648. Fonte: Sales (2017). Adaptado de: “Localização perfeita de Olinda de Pernambuco Cidade Maurícia e Recife”, de Cornelis Golijath, Países Baixos: Claesz Yansz Visscher, 1648. 1 mapa, gravura em metal., 46 X 5,3. Disponível em < [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart535284/cart535284.html](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart535284/cart535284.html). >. Acesso em: 22 out. 2023.

Oficialmente, a Brasília começa algumas quadras mais para dentro da península, a partir da Rua Francisco Valpassos, onde justamente está localizada a ETE João Bezerra. No entanto, pelas características urbanísticas, pelo perfil das moradias, do comércio e dos próprios moradores, as pessoas costumam tratar a Avenida Antônio de Góes como o real limite territorial do bairro. Precisamente, esta parte indefinida da localidade é tratada pela gestão pública como área de amortecimento da ZEIS da Brasília Teimosa, isto é, a Zona Especial de Interesse Social. Ou seja, pertence ao bairro do Pina, mas, ao mesmo tempo, à ZEIS da Brasília<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> Localizada entre a Zona Sul e parte central da cidade, a bacia do Pina é uma área estuarina formada pela confluência dos rios Tejiú, Jiquiá, Jordão, Pina e por um braço do rio Capibaribe. Um estuário é “um corpo d’água costeiro com ligação livre com o oceano aberto se estendendo rio acima até o limite de influência da maré”. Cf. < <https://www.bioicos.org.br/post/estuarios-o-que-eu-tenho-a-ver-com-isso>. >. Acesso em: 10 abr. de 2023.

<sup>11</sup> “As Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) são áreas de assentamentos habitacionais de população de baixa renda, surgidos espontaneamente, existentes, consolidados ou propostos pelo Poder Público, onde haja possibilidade de urbanização e regularização fundiária. De forma geral, trata-se de porções do território destinadas, prioritariamente, à recuperação urbanística, à regularização fundiária e produção de habitações de interesse social, incluindo a recuperação de imóveis degradados, a provisão de equipamentos sociais e culturais, espaços públicos, serviço e comércio de caráter local. As ZEIS têm como objetivo geral incorporar a cidade clandestina à cidade

Assim, na cidade onde a água é a protagonista natural, a Brasília encontra-se em uma área aterrada ao sul do porto do Recife, espremida entre o mar, o mangue e os arranha-céus. Conhecida antigamente como Barreta das Jangadas<sup>12</sup>, devido a uma pequena abertura natural nos arrecifes, que permitia o trânsito de pequenas embarcações entre o estuário e o mar sem a necessidade de passar pelo porto, a península triangular começa a ser desenhada em 1849, com a construção do molhe que fecha esta barreta, cujo intuito seria proteger o porto. Dessa maneira, ligando a linha de arrecifes aos coqueirais da Ilha do Nogueira, região onde posteriormente seria o Pina, o Dique do Nogueira acabou provocando a mudança de alguns pescadores do outro lado do rio para a praia do Pina, passando a ocupar a região definitivamente<sup>13</sup>.

Até o início do século XX, a região hoje conhecida como Pina, incluindo as atuais comunidades adjacentes da Brasília Teimosa, Jardim Beira-Rio, Bode, Encanta Moça e Areinha, era uma espécie de arquipélago, formado por uma grande área de mangues e enlameados e composta por diversas ilhotas<sup>14</sup>. Apesar da proximidade com o centro da cidade, devido ao seu difícil acesso, a área foi sendo apropriada e habitada por uma população humilde e marginalizada, que nela estabeleceu sua vida – tendo a praia, o mangue e o mar como base de suas atividades econômicas – e transformou, aos poucos, a paisagem pantanosa em terra firme.

Assim, esta área pouco povoada e de difícil acesso começou a se modificar a partir da construção do dique e, posteriormente, da construção da Ponte do Pina, da reforma do porto e do aumento da muralha de proteção sobre a linha de arrecifes, durante as primeiras décadas dos anos de 1900. Com o crescimento demográfico do Recife a partir do final do século XIX, ocasionado pela chegada de migrantes proveniente das zonas açucareiras e sertanejas, a região passou a atrair muitos trabalhadores, visto que os canteiros das referidas obras ficavam na Ilha

---

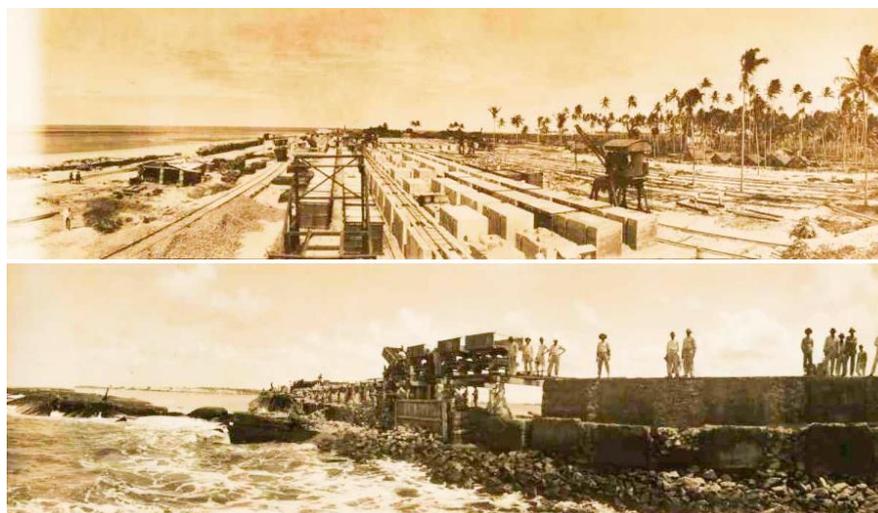
legal, reconhecendo a diversidade local no processo de desenvolvimento urbano e estimulando a regularização fundiária” (Fonseca *et al.*, 2014:1).

<sup>12</sup> Barreta: pequena barra. Barra: 1. entrada de um porto, entre duas porções avançadas de terra firme. 2. Entrada de baía (Barreta, 2009).

<sup>13</sup> Em seu estudo paisagístico sobre a Brasília Teimosa, Raissa Gomes de Sales ressalta que “De maneira tímida, a ocupação do local se deu desde o início do século XVII, tanto para fins religiosos, quanto para os econômicos. Desde 1600, os Jesuítas possuíam terras em sua orla. Ali, eles construíram uma Fazenda (Fazenda da Barreta), onde além das plantações, existia uma casa grande e uma senzala. Além disso, nesse mesmo período, a área correspondente à Ilha do Nogueira foi utilizada para atividades ligadas ao comércio de açúcar com a Europa. (...) Ainda no século XVII, pela sua proximidade com o Porto do Recife, a localidade foi utilizada como base para a conquista dos Afogados (1632- 1633) durante a Invasão Holandesa em Pernambuco. Por conta disso, a população que ali residia naquele período se evadiu, retornando apenas depois que as forças pernambucanas ocuparam o local e o tiraram da posse dos invasores. Durante o período de sua estadia na área, os Holandeses construíram um pequeno forte no Pontal do Pina, o Fortim Schoonenburg, como meio de defesa do Porto. Após a saída desses colonizadores, a edificação foi destruída por um incêndio, e as terras do local voltaram a servir essencialmente como áreas de plantação, pesca e pequenas atividades ligadas a esses usos” (Sales, 2017: 85, 89).

<sup>14</sup> “Entre elas, as mais conhecidas eram a do Bode, a do Nogueira, a do Pina (ou do Lazareto), a da Raposa (que abrigou a Rádio da Marinha no século XX), a das Cabras e a do Felipe (onde funcionou a destilaria da Bacardi até a década de 1990)” (Sales, 2017: 85).

do Nogueira. Assim, a população foi crescendo e ocupando os espaços, construindo novos mocambos e palafitas e pouco a pouco aterrando as áreas alagadas pela maré (Silva, 2017).



**Figura 13:** Montagem fotográfica das pedras de construção do Dique do Nogueira. Acima o canteiro de obras, na Ilha do Nogueira (entre 1911 e 1914). Abaixo, obras do porto no Dique do Nogueira (1910). Fotos de F. Du Bocage. Fonte: Adaptado de Villa Digital. Coleção Benício Dias. Acervo Fundação Joaquim Nabuco. Ministério da Educação. Disponível em: < <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/fotografias/item/676-canteiro-de-obras-na-ilha-de-nogueira>>; e < <https://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/fotografias/item/751-dique-do-nogueira>>. Acessos em 22 out. 2023.

Nos anos de 1930, com o objetivo de instalar o parque de inflamáveis do porto, a Capitania dos Portos dragou as areias do estuário e aterrou a área triangular formada entre as terras do Pina, do Dique do Nogueira e da linha de arrecifes. Algumas versões (Sales, 2017; Grzybowski & Dourado, 1989) indicam que a proposta para o aterro seria de se criar um aeroclube. Mas este acabou mesmo sendo concretizado, em 1940, na ilha do Encanta Moça, localizada mais para o interior do Pina, já na área do Parque dos Manguezais, uma grande reserva natural dentro da cidade.

Isso aqui tudo era mar. A gente entrava com a jangada aqui onde é a Colônia e ia entregar o peixe no Mercado São José. Em 1930, quando o governador do Estado era Carlos de Lima Cavalcanti, ele mandou botar uma draga que chupou a água do mar e aterrou isso aqui. Aí ficou um campo muito vasto. Falavam que ia ser feito um campo de pouso, um aeroclube (...). Seu Salviano. (Grzybowski & Dourado, 1989: 15).

Augusto de Lima Guimarães, antigo representante da Colônia de Pescadores do Pina Z-1 – cujo endereço está localizado na Brasília Teimosa, na área conhecida, justamente, como Colônia – é um dos interlocutores deste projeto de investigação sobre a história e o patrimônio cultural local. Ele esteve em nossa escola em setembro de 2021, para uma roda de conversa

com a turma da eletiva “Memórias de Brasília Teimosa”. Pois, morando no bairro desde 1952, seu depoimento nos ajuda a compreender um pouco melhor essa história:

Com a dragagem, foi lançado aqui esse aterro a qual era o objetivo do Governo do Estado, na época, fazer a remoção dos *stands* de petróleo que funcionava ali... funciona a prefeitura, por ali. Era um *stand* de petróleo que os navios traziam petróleo e era colocado ali. Como havia um risco iminente de incêndio para a metrópole, aí pensaram em botar aqui que ficava muito mais pior...porque qualquer um incêndio que tivesse aqui<sup>15</sup> era todo dentro da cidade. E aí ficou esse embate entre Governo do Estado, Governo Federal... O elemento conduziu o aterro para cá. Não teve a implantação do tanque de petróleo aqui. Ficou em segundo plano lá, hoje em dia tá em SUAPE<sup>16, 17</sup>

Por não ter se transformado em parque de inflamáveis, tampouco em aeroclube, o aterro permaneceu pouco habitado até 1952, quando um incêndio queimou as casas dos pescadores da Rua das Jangadas, no Cabanga, onde se localizava a colônia de pescadores. Assim, por já haver família de pescadores na Ilha do Nogueira desde a construção do dique, os desabrigados mudaram-se para o aterro, àquela altura já conhecido como Areal Novo do Pina.

As condições para moradia eram muito difíceis, pois não havia água nem energia elétrica. Segundo Oswaldo Pereira da Silva, em seu livro *Histórias da Brasília Teimosa* (2017) – uma das principais fontes utilizadas neste projeto, tanto para a pesquisa prévia, quanto para o uso em sala de aula –, a Colônia Z-1 do Pina e a Federação de Pescadores solicitaram ao presidente Getúlio Vargas, em 1953, uma parte do terreno do Areal Novo para ocupação. Com casas de tábuas e palhas de coqueiros, as famílias ocuparam primeiramente a área conhecida como Caravela, para onde transferiram a sede da Colônia Z-1 e, em seu entorno, organizaram a distribuição dos primeiros lotes. A necessidade de moradia dos pescadores teria sido atendida e a área se transformado em um descampado enorme cercado de arame.

---

<sup>15</sup> Pelo contexto da entrevista, é possível entender que quando Seu Augusto diz “aqui”, ele se refere ao bairro do Recife Antigo, onde se localizava o porto.

<sup>16</sup> SUAPE é um complexo industrial portuário localizado entre os municípios de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, configurando-se como uma empresa estatal pertencente ao Governo do Estado. Localiza-se a 40 quilômetros de Recife, tendo sido inaugurado em 1983, em substituição ao antigo porto da capital.

<sup>17</sup> Entrevista de Augusto de Lima Guimarães, concedida em 24 de setembro de 2021.



**Figura 14:** Montagem fotográfica com vista do estuário do Pina. Em primeiro plano vê-se a Ilha de Santo Antônio e São José e, ao fundo, as áreas correspondentes aos atuais bairros do Pina e Brasília Teimosa, antes e depois do aterramento (1932-?). Fonte: Adaptado de autoria desconhecida. Disponíveis em: <[https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192/1671850982955445/?type=3&locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/recantigo/photos/a.1206410226166192/1671850982955445/?type=3&locale=pt_BR)> e <<https://chicomiranda.com/tag/fotos-de-recife/#jp-carousel-11735>>. Acessos em 22 out. 2023.

Data dessa época uma história a qual podemos considerar o mito fundador da Brasília Teimosa, visto que é contada e recontada repetidamente pela própria população. Conta-se que em 25 de dezembro de 1955, numa viagem que durou 35 dias, cinco pescadores partiram de jangada da Praia do Pina para o Rio de Janeiro, a fim de assistir à posse do recém-eleito presidente Juscelino Kubitschek e se encontrar com ele. Recebidos pelo governo, Salviano, Zé Jacaré, Lau, Manoel Ivo e Ziza, os cinco pescadores, uniram-se a outras lideranças que viajaram por terra e reivindicaram maior atenção às condições precárias da recente comunidade do Areal Novo do Pina. Segundo o veterano pescador Salviano, em depoimento contido no livro de Grzybowki e Dourado (1989), eles arranjaram por lá algum dinheiro, doações, deixaram a jangada como símbolo da coragem e da organização dos trabalhadores e voltaram de avião, com a promessa de que teriam suas reivindicações atendidas.

O encontro dos jangadeiros com o presidente JK foi um momento marcante para a comunidade, não apenas pela condição “aventuresca” da viagem, mas, sobretudo, pela política de modernização do país implementada pelo governante. A construção de Brasília, a nova capital do país, tornou-se a marca registrada do período e, como tal, acabou inspirando o surgimento de outras “brasílias”.

Dessa forma, a história do nome Brasília Teimosa é simbólica de várias maneiras: homenageia a teimosia dos moradores, que insistiam em reconstruírem suas palafitas diariamente após as demolições; remete à viagem realizada pelos cinco jangadeiros moradores do local para o Rio de Janeiro, para participar da posse à Presidência da República de Juscelino Kubitschek e chamar atenção para a necessidade de moradia; e ao sucesso da empreitada, tendo em vista a atenção que jogaram sobre o problema urbano do Recife e a simpatia da Primeira Dama, Sara Kubitschek, de modo que, ao fim, atingiram alguns objetivos no tocante à consolidação da ocupação (Gaspar, 2009 *apud* Moraes, 2017).

No Areal Novo, pouco a pouco, pescadores, trabalhadores do porto e outras famílias foram marcando novos terrenos na localidade e repassando os lotes para pessoas que moravam em casas alugadas do Pina ou parentes que vinham do interior. Ainda em 1957, narra Oswaldo Silva (2017), ocorreu uma grande seca no Nordeste, provocando o êxodo de muitas famílias do interior para Recife, em busca de melhores condições de vida. Dessa maneira, a explosão demográfica e a necessidade de moradia na cidade acabaram refletindo na ocupação de outras partes do Areal, formando, assim, a primeira invasão urbana do país. O experiente Salviano fala um pouco sobre as condições da época, chamando a atenção para o seu desejo enquanto pescador:

A pobreza aqui era grande. Era uma pobreza tremenda. Casa de chão batido, pulga, bicho dava no meio da canela. A gente andava de pés descalços, chapéu de palha, roupa de saco. Pescador não tinha nada. O governo tinha que dar a beira da praia ao pescador, pra fazer a casa do pescador. Na areia da praia fazer a Colônia. Fazer um bairro de pescador. Deixar só o pescador. Aí tinha possibilidade. Seu Salviano (Grzybowski & Dourado, 1989: 21).

Pois, perdendo o controle das terras antes asseguradas, os pescadores da Colônia Z-1 tentaram impedir as ocupações, a ponto de convocarem a polícia para retirar os novos moradores. É amplamente conhecida no bairro a versão de que as forças do Estado derrubavam as casas durante o dia e a população as reerguia durante a noite. Por conta dessa insistência em permanecer no território e pelo fato da nova capital federal estar sendo construída simultaneamente à expansão da outrora pequena comunidade de pescadores do Areal Novo do Pina, a própria população decide render homenagem ao projeto de JK, crescendo ao novo

nome da localidade a característica que melhor representaria seu povo (Grzybowski & Dourado, 1989). Assim, surge o nome de Brasília Teimosa que, desde sua nomenclatura, já sugere uma história de luta por parte de sua população. Uma resistência que, como veremos, não se limitou somente a esse primeiro momento de urbanização do aterro.



**Figura 15:** Mapa: cheios e vazios de Brasília Teimosa. Nota-se que a área mais densamente habitada possui um traçado planejado, mesmo apresentando irregularidades. Já a parte de transição entre o bairro e o Pina é mais confusa, sendo difícil identificar um padrão para o alinhamento urbano. Fonte: Sales, 2017.

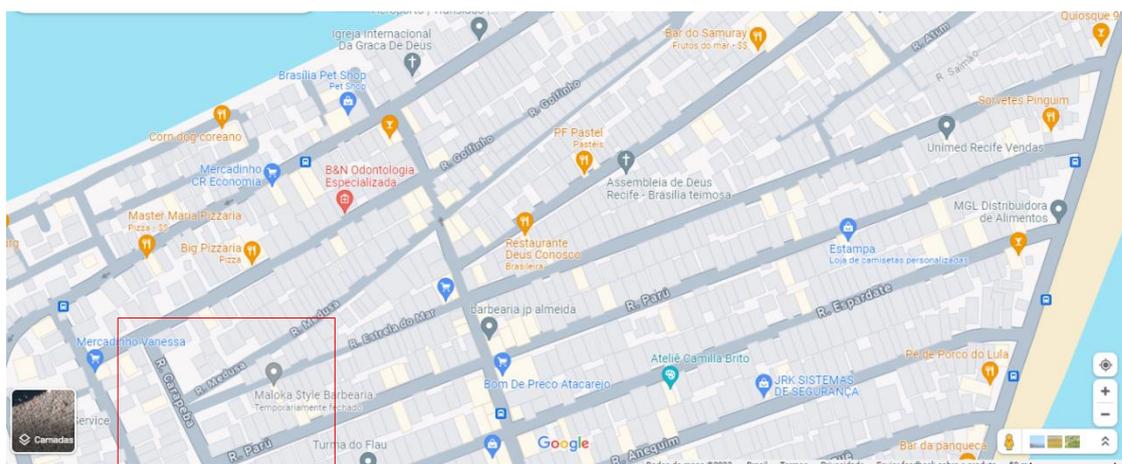
Diante do impasse entre os novos moradores do Areal Novo e os pescadores da Colônia, Silva (2017) afirma que houve um acordo, sob o argumento de que ambos os grupos eram pobres, necessitavam ser ajudados e juntos seriam mais fortes para lutar pela urbanização e permanência da comunidade. A partir desse momento, os representantes da Colônia se juntaram aos novos moradores e organizaram o alinhamento das ruas de boa parte do Areal, definindo seus nomes por letras (“A”, “B”, “C”, etc.). Uma nomenclatura ainda muito utilizada pelos

habitantes, mesmo após ter sido modificada décadas depois para nomes de pescados, no intuito de ressaltar a importância da atividade pesqueira da comunidade.

A respeito do traçado das ruas da Brasília, é interessante notar que há um desenho planejado da metade do bairro até sua ponta, no encontro do estuário com a praia, em contraste com as outras extremidades da comunidade. De fato, sendo resultado de ocupações desordenadas em diferentes momentos, as entradas do bairro possuem uma orientação mais confusa do que em seu interior. Tanto na área da Colônia Z-1, quanto na chamada área de amortecimento da ZEIS, entre a Avenida Antônio de Góes e a Rua Francisco Valpassos. À margem de toda a avenida, por exemplo, encontramos ruas curvas e estreitas, sem um planejamento aparente. Isto se deve, possivelmente, por se tratar de uma área onde antes havia o traçado natural da praia da Ilha do Nogueira, onde há um século, pelo menos, algumas famílias se estabeleceram, sem a preocupação em ocupar o espaço de forma ordenada.

Já as ruas “letradas” do interior, perpendiculares à orla da Brasília Teimosa e praticamente equidistantes entre si, nota-se ter havido, no momento de sua criação, uma demanda consciente em se organizar e aproveitar melhor o areal. Todavia, convém destacar que a Brasília contou com muitas ocupações ao longo de sua história, de forma que há irregularidades por todo lado, contribuindo para a percepção labiríntica da comunidade. Isto é, há uma série de ruas paralelas, mas também há aquelas que se encontram em lugares inesperados, sendo muitas vezes entrecortadas por becos e alguns atalhos.

Por exemplo, a rua que margeia o estuário, em uma das laterais do bairro, é chamada de Rua A, ou Rua Delfim. Sucessivamente, existe a Rua B (Rua Golfinho) e em seguida a Rua C (Rua Medusa), que não chega a ter um traçado paralelo à rua anterior, e sim diagonal. Pois, exatamente onde a Rua C começa, no encontro com a perpendicular Rua S (Rua Carapeba), ela se encontra igualmente com a Rua G (Rua Estrela do Mar), que também não chega a ser paralela, e sim, diagonal à Rua C. Dessa maneira, existe uma “quadra” na Brasília – mais triangular do que quadrangular – que de um lado é delineado pela Rua C e do outro pela Rua G. Parece estranho entender essa brusca transição, porém, mais à frente, tanto a Rua D (Rua Badejo), quanto a Rua E (Rua Atum) e a Rua F (Rua Salmão) vão aparecer entre as ruas C e G, retomando o sentido da ordem alfabética.



**Figura 16:** Encontro das ruas “C” (Medusa), “G” (Estrela do Mar) e “S” (Carapeba). Nota-se entre elas, na parte mais próxima à orla, as ruas “D” (Badejo), “E” (Atum) e “F” (Salmão), justificando o ordenamento alfabético. Fonte: Adaptado de Google Maps. Acesso em: 10 de out. de 2023.

Enquanto indivíduo externo da comunidade, senti dificuldade, no princípio, em compreender a curiosa geografia da Brasília Teimosa, com seus traçados irregulares e suas ruas de letras e pescados. No entanto, motivado a conhecer o bairro graças a esta proposta de intervenção e passando a vivenciá-lo enquanto morador, passei a reconhecer com mais facilidade os espaços por nome e descrição, identificando as microrregiões da Brasília, suas vilas e núcleos habitacionais.

Essa transformação não apenas alterou meu olhar sobre a comunidade, como me fez compreender o motivo da Brasília ser tão interessante e ao mesmo tempo mal falada. Tal como meus colegas de trabalho, a representação que tinha antes de frequentá-la era predominantemente negativa. Muito pela ausência de conhecimento a respeito da localidade, como também pelo imaginário de precariedade difundido ao longo de muitas décadas pelos meios de comunicação.

No que se refere ao imaginário popular, possivelmente a representação mais emblemática da Brasília ainda é a da comunidade amontoada de palafitas, mesmo vinte anos passados da reforma da orla que praticamente pôs fim ao problema crônico desse tipo de moradia precária no bairro. No entanto, convém destacar que bem antes delas se proliferarem pelas margens estuarinas do Pina e pela orla da Brasília Teimosa, a região já contava com uma histórica má fama:

No contexto geral da cidade, percebe-se que (...) até as primeiras décadas do século XX, a Ilha do Nogueira e suas áreas circunvizinhas não eram de interesse das elites (Araújo, 2007). Em meados do século XIX, quando o banho de mar começou a difundir como prática salutar entre esse público, as praias de Olinda eram as mais requisitadas. A de Boa Viagem e Pina eram evitadas por conta de seu difícil acesso.

Além disso, esta última abrigava o Lazareto e tinha uma população pobre estigmatizada, fatores repelentes que criaram uma reputação ruim associada simbolicamente à área (Sales, 2017: 93).

Construído nos anos de 1850, o Hospital da Bubônica era um local de quarentena onde ficavam viajantes vindos da Europa, por conta do surto de cólera no Velho Continente. Tendo funcionado até o ano de 1902, possuía ao seu lado um cemitério, que também contribuiu para o desinteresse pela região. Além disso, no início do século XX, o Conselho de Salubridade Pública do Estado reformou o sistema de esgotamento, promovendo a construção da primeira ponte que ligaria o Pina ao restante da cidade, por onde passariam pedestres, veículos e tubos de esgoto em direção à praia (Sales, 2017). Aliás, do outro lado da ponte, no Cabanga, existe até hoje a Estação de Tratamento de Esgoto, responsável, à época, por reunir todo o saneamento coletado da cidade e despejá-lo no mar, através do emissário que ficou conhecido como “cano do Pina”<sup>18</sup>.

Justamente, o povoamento do litoral de Recife está relacionado a um momento posterior, quando o banho de mar passa a ser difundido como hábito de lazer entre a elite local, a partir de meados do século XX. Acelerando o processo de ocupação das orlas do Estado, a nova prática esteve associada ao espírito de modernização que tomava conta do país, inspirado, sobretudo, no modo de vida dos bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro, a capital do país até 1960. Dessa maneira, o poder público promoveu diversas mudanças urbanísticas e sociais nas praias recifenses, construindo acessos, pontes, estradas e uma rede completa de infraestrutura para viabilizar essas ocupações (*Ibid.*, 2017). Contudo, por conta do antigo lazareto e pelo despejo do esgoto de toda a cidade, o Pina contava com uma simbologia negativa que afastou, por muito tempo, as classes mais abastadas da região.

Mesmo assim, a vida cultural do Pina era mais agitada que a de Boa Viagem, nas primeiras décadas do século XX. Nos anos de 1920 inaugurou-se o Cinema Zinco e o Cassino Americano, movimentando a vida noturna da localidade. Já nos anos de 1930, houve a instalação do Palanque do Pina, com atrações festivas e manifestações populares à beira-mar. Acontece que essa agitação noturna acabou trazendo também movimentações controversas, como o meretrício.

Pois, atraindo visitantes de Boa Viagem e do porto, uma zona de prostituição se instalou próxima à área da Colônia, numa localidade que passou a ser chamada de “Curral das Éguas”, fato que reforçou o estigma marginal dado pela cidade ao Pina. Formando um circuito boêmio

---

<sup>18</sup> Cf. < <https://www.folhape.com.br/noticias/ete-cabanga-112-anos-de-historia/251720/>>. Acesso em: 8 mai. 2023.

com o cassino, os bares e as gafeiras, a Zona ganhou força quando uma base militar provisória se instalou no bairro, na época da II Guerra (Sales, 2017).

Salviano, um dos pescadores que visitaram Juscelino Kubitschek em 1956, em depoimento para o livro *Brasília Teimosa: Projeto Escola Z-1* (1989), explica como se deu o surgimento da prostituição no bairro:

Assim começou a zona de prostitutas do Pina. As prostitutas, na maioria eram filhas de pescadores que não tinham condições de ganhar dinheiro, por causa da pobreza daqui. E como nesse lugar tudo era comércio, elas se vendiam pra continuar vivendo. Hoje em dia existe a zona e onde tem uma colônia de pescadores tem também uma zona de prostitutas (Grzybowski & Dourado, 1989: 23-24).

De maneira controversa, ele compara os dois ofícios, suscitando um debate que precisou ser esclarecido na segunda edição do livro:

Pescadores e prostitutas são duas classes desprezadas pelo mundo que pouco vê o pescador e pouco vê a prostituta. São duas classes exploradas porque nem o pescador faz o preço do peixe, pois quem dá o preço é o atravessador e a prostituta também não faz o preço de sua carne. Depois que o homem dorme com ela, que se levanta, é que vai resolver quanto vai dar a ela. Seu Salviano (*Ibid.*: 24).

Por conta de sua comparação incomum, a população não gostou do que fora publicado, gerando debates acalorados no bairro, segundo consta na segunda edição do livro. Alguns moradores procuraram dissociar a prostituição das famílias teimosinas, alegando que mulheres de outras regiões do estado foram trabalhar na Zona. Em contrapartida, no livro encontramos depoimentos defendendo o pescador, pois há também o entendimento que sua comparação foi feita com base na linguagem que ele saberia falar, deslocando o enfoque das filhas dos pescadores para a exploração que atravessadores impõem aos pescadores.

De toda maneira, a construção da paisagem da Zona Sul da cidade, observa Sales (2017), ocorreu sempre de maneira conflituosa, com a elite ocupando as terras firmes à beira-mar de Boa Viagem, enquanto à população pobre restou construir mocambos e palafitas nas áreas alagadas, cada vez mais distantes do mar. Além disso, como empecilho adicional aos mais pobres, o governo praticava uma política higienista de derrubada de moradias informais, dificultando ainda mais a vida dessas pessoas.

Essa segregação dos espaços disponíveis é ilustrativa da desigualdade social da cidade, não sendo exclusividade da região litorânea. O geógrafo pernambucano Josué de Castro, por exemplo, em seu romance *Homens e Caranguejos*, descreve, por volta da metade do século XX, esse contraste entre as moradias da capital:

O Recife, a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas é também a cidade dos mocambos: das choças, dos casebres de barro batido a sopapo, cobertas de capim, de palha de coqueiro e de fôlhas de Flandres (1967:27).

Na Brasília Teimosa, com a ocupação quase total do Areal Novo, entre os anos de 1970 e 1980, muitas famílias passaram a construir suas casas nos poucos espaços que ainda restavam livres, uma vez que o déficit habitacional permanecia grande. Assim, as duas bordas da península passaram a ser ocupadas, tanto nas áreas alagadas de mangue, quanto nas alagadas pelo mar. Desde então, essa área passou a ser o símbolo maior da comunidade de pescadores do Pina. Isto é, a precariedade das moradias à beira-mar passou a ser tão grande e numerosa que a comunidade ficou conhecida, aos olhos externos, como uma localidade onde só havia palafitas.

Sobre esse tema, a professora de Geografia da ETE João Bezerra, Risoneide Nunes, atuante no bairro há cerca de 30 anos, explicou aos estudantes deste projeto, em 2021, como se deu esse processo de “favelização” do Areal Novo:

Quem é daqui, né... vai ver que tem ruas estreitas, lá na frente ela alarga. Então, isso aí é uma consequência desse processo de ocupação por favela. A comunidade hoje é uma favela? Não [responde junto dos alunos]. A comunidade é um bairro. Historicamente, ela teve essa ocupação por favela, certo? Hoje a gente tem todo esse processo. [refere-se à imagem de palafitas exibida na tela de projeção]. Essa parte aí de favela, né? Ela já foi uma ocupação dos anos 80, se eu não me engano, quando começaram a construir essa favela aqui na praia... 2000, o governo tira, não é? Essa favela (...) e constrói os habitacionais e transfere essas pessoas<sup>19</sup>.

Justamente, a fala da professora resume, em poucas palavras, três processos marcantes a respeito da ocupação da orla de Brasília Teimosa: a favelização, a transferência das famílias para vilas e conjuntos habitacionais – dentro e fora da comunidade – e a remoção definitiva das palafitas promovida pelo governo federal, com a reforma urbanística e a engorda da praia.

Quando chegava época de agosto (...). De fevereiro e março, julho e agosto, que é o momento... período de vento, tinha problema. Porque, maré alta com vento forte, as ondas são mais altas. Então, entrava nas casas, aí... principalmente à noite, era um problema sério. O governo tirava, mas as pessoas voltava. Não é? Ficava naquela coisa assim, ao longo dos anos. Nos anos 2000, não é? Aí o governo, junto do Ministério das Cidades... eu acho que foi no Governo Lula, se eu não me engano, veio aqui na comunidade para... é... tirar a palafita e colocar as pessoas numa moradia digna. No mesmo dia que tiraram, destruíram as palafitas, já começaram a fazer a engorda de praia<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Entrevista de Risoneide Nunes de Moraes, concedida em 01 de outubro de 2021.

<sup>20</sup> *Ibid.*

Expostos ao vento, às chuvas e às intempéries do mar, os moradores das palafitas não tinham vida fácil. Mesmo assim, toda vez que acontecia algum movimento de transferência da população daquela área, novas moradias eram levantadas pouco depois e a favelização da orla persistia, reforçando novamente a característica mais famosa dos moradores locais, isto é, a teimosia em não deixar a região. Dessa dinâmica, a Brasília Teimosa continuou se transformando, pois novas vilas foram sendo criadas, nos terrenos mais próximos ao estuário do Pina, onde ainda havia espaços preservados das antigas oficinas do porto.



**Figura 17:** Ressaca do mar sobre e as palafitas de Brasília Teimosa. Fonte: Flickr Leopoldo Nunes, 2002. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/leopoldonunes/3413573682/>>. Acesso em: 23 out. 2023.

Com efeito, a península da Brasília Teimosa tem suas divisões derivadas do processo histórico de povoamento do seu território. Se porventura um agente externo vir a enxergar o bairro como um todo aglomerado, homogêneo, seus moradores, ao contrário, sabem que a Brasília é composta por microterritórios bem delimitados. Justamente, na área mais próxima à Praia do Pina, a localidade chamada antigamente de Caravela/Areal Velho, por ter sido a primeira área a ser povoada, leva atualmente o nome da Colônia, pois é onde se encontram a Colônia de Pescadores do Pina Z1, a Praça São Pedro e a estátua do padroeiro dos pescadores.

Já no interior da península, da Rua Francisco Valpassos em diante, margeando a orla teimosina, existe o chamado Areal Novo, com as já mencionadas ruas apelidadas por letras e pescados marinhos. Essa área correspondente a maior parte do bairro talvez fosse chamada assim à época em que estava sendo inicialmente ocupada, porém, atualmente, é mais comum as pessoas se localizarem pelas próprias ruas, utilizando a consagrada nomenclatura baseada em letras.



**Figura 18:** Mapa de zoneamento geral do bairro. Fonte: Sales (2017).

Vale destacar que a região do Areal Novo não possui apenas ruas identificadas por letras, caso da Rua Arabaiana (Rua Q) – a principal via do bairro, onde passam os ônibus e se concentra boa parte do comércio –, mais conhecida por seu nome de pescador; a Rua Artur Bernardes, também chamada de Rua do Santa, devido à pintura do escudo do Santa Cruz Futebol Clube em um muro domiciliar, localizado, justamente, numa curva, fazendo com que as pessoas vejam o mural desde muito longe; e a Rua Dagoberto Pires, antiga Rua do Barro, no limite com a Colônia, onde o primeiro arruamento bem definido partindo da orla para dentro

do areal se criou, muito antes da divisão dos lotes e do traçado perpendicular desenhado para as ruas seguintes; dentre algumas outras.

Seguindo pela orla da Brasília Teimosa, na ponta final da península existe uma praia com o curioso nome de Buraco da Veia, sendo a principal área de lazer do bairro, sobretudo nos finais de semana. Trata-se de uma estreita faixa de areia em torno de uma piscina natural, formada pelo rompimento da linha de arrecifes pelo mar, normalmente ocupada por banhistas, comerciantes ambulantes e barraqueiros, ou seja, comerciantes donos de barracas de praia dispostas na areia, tais como as existentes no Pina e em Boa Viagem.

Logo no princípio da praia, há uma rotatória colorida – de cores já bastante gastas – que organiza os acessos ao local. Assim, a Avenida Brasília Formosa, que delinea toda a orla do bairro, se encontra com a Rua D (Rua Badejo) e a Travessa Brasília Formosa, pela qual se acessa, daquele local, a margem estuarina. Da rotatória em direção ao final da península, já em uma faixa terrestre estreita, do lado oposto à praia se encontra o Iate Clube do Recife, margeando o estuário. Ao final, há a pista construída por cima dos arrecifes que leva ao Parque de Esculturas.



**Figura 19:** Vista aérea da Praia do Buraco da Veia. Foto de Rafael Reines, 2015. Fonte: Sales (2017).

Diferentemente das praias do Pina e de Boa Viagem, cujas orlas são tomadas por arranha-céus que sombreiam a faixa de areia no período da tarde, em frente ao Buraco da Veia

praticamente só há o Iate Clube, protegendo a área, de certa maneira, da especulação imobiliária e do crescimento vertical, uma ameaça constante à comunidade desde muitas décadas, como observa Raissa Sales:

Hoje, o mercado age nos bairros elitizados da zona sul da capital de forma feroz, e desde os anos 50, quando a Brasília começou a se formar, ele demonstra um interesse claro em atuar também sobre ela, que além de, como dito, ser um bairro central e agradável paisagisticamente, ainda se encontra na área de expansão das elites concentradas nos núcleos a ela circunvizinhos (2017: 76).

De fato, mesmo com limite de altura determinado por lei, a Brasília apresenta crescimento vertical desordenado<sup>21</sup>, contando com imóveis que ultrapassam esse limite, incluindo em sua orla. Sendo assim, o Iate Clube, construído em 1977, acaba por reter o crescimento em frente à praia, preservando a paisagem local. Contudo, é importante salientar que o clube é uma instituição criada para servir a uma parcela da população mais abastada, não moradora da localidade, e que historicamente segregou o espaço da comunidade.



**Figura 20:** Edifício residencial na Rua K (Poraquê) ultrapassa limite de andares. Fonte: foto do autor, 2023.

<sup>21</sup> A esse respeito, Fonseca et al. (2014: 3) percebem que “Em Brasília Teimosa, essa construção e verticalização descontrolada não consistem mais só na construção de ‘uma laje a mais na casa’ para a moradia dos descendentes, mais (sic) também na construção de estabelecimentos comerciais, isso tudo gerando redução da pouca área verde da área, poluição visual, redução na circulação de ar e impacto negativo na mobilidade da área”. As autoras entendem que a Brasília Teimosa já não apresenta mais os requisitos mínimos que uma área deve ter para ser tratada como uma ZEIS, tampouco há previsão na legislação para que volte a ser visto pelo poder público como um bairro comum. Sobre esse fato, complementam: “Embora a transformação de uma área em ZEIS traga diversos benefícios ao meio ambiente, à manutenção desta área como ZEIS, quando ela não mais atende aos requisitos de uma ZEIS, tem um efeito negativo no meio ambiente. No caso de Brasília Teimosa, o que pode ser observado é a continuidade de um processo de construções nos poucos locais disponíveis e de verticalização sem qualquer controle urbanístico, já que, como visto, a área não é submetida à Lei de Uso e Ocupação do Solo nem possui plano urbanístico” (Fonseca et al., 2014:2).

Como no caso da construção do “muro da vergonha”, ocorrido no princípio dos anos de 1980. Naquele período, o mercado imobiliário e a Prefeitura desenvolviam planos ambiciosos para a península, alheios aos interesses dos moradores. Nesse contexto, o Iate Clube do Recife construiu um muro restringindo o acesso da população à praia, promovendo, dessa forma, uma das maiores mobilizações já vistas na Brasília Teimosa. No já mencionado livro *Brasília Teimosa: Projeto Escola ZI*, encontramos o depoimento da moradora Léa:

Um dia a população ficou sabendo que o Iate estava construindo um muro. Então correu todo mundo para ver. Os trabalhadores estavam cavando, fazendo um alicerce e disseram que iam fazer um muro mesmo. Aí o povo se reuniu na frente do muro, veio muita gente, veio a imprensa... No momento mais quente alguém gritou: – Vamos derrubar! Então a população derrubou o que estava sendo construído e o Iate mandou parar as obras. Houve depois uma reunião na URB<sup>22</sup> e a população ficou sabendo que a URB e o Iate Clube tinham feito um acordo por debaixo do pano, pois a população não sabia. Nesse acordo, o Iate cedeu uma parte do seu terreno que fica lá na Vila da Prata para a URB abrir uma rua e em troca, o Iate poderia avançar em direção à praia e a área de lazer do povo (Grzybowski & Dourado, 1989: 49).



**Figura 21:** Protesto contra o muro do Iate Clube do Recife. Fonte: Diário de Pernambuco, Recife, 23 jan de 1980. Disponível em <[https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033\\_16&pagfis=1245](https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_16&pagfis=1245)>. Acesso em: 23 out. 2023.

Em um território à beira-mar, a praia sempre fora um lugar importante para o lazer e para a sociabilidade da população ali residente, sendo motivo de orgulho e grande símbolo da comunidade. Justamente, para defender os valores simbólicos e a relação afetiva com o espaço,

---

<sup>22</sup> Empresa de Urbanização do Recife.

os moradores derrubaram com as próprias mãos, em menos de uma semana, a arbitrária divisão imposta pelo Iate Clube, reconquistando a praia para a população. Curiosamente, desse episódio viria o batismo da Praia de Buraco da Veia. Pois, através do trabalho pedagógico com os estudantes pelo bairro, cheguei a registrar até cinco narrativas diferentes para esse inusitado nome, cuja versão oral mais aceita seria a de que uma senhora de mais idade teria feito um buraco no muro construído pelo Iate, a fim de chegar à praia.

De volta ao reconhecimento territorial, contornando o Buraco da Veia, após o Iate Clube, bem no começo do que outrora fora o Dique do Nogueira, há o Porto Terra Nova, uma área de embarque e desembarque voltada para o estuário, utilizada pelos barqueiros locais para guardar e reparar suas embarcações. Há também um mirante, normalmente visitado ao entardecer, voltado para a foz do Rio Pina, o Cais José Estelita e o bairro de São José, situados à outra margem do estuário. A partir desse pequeno porto, a península se extingue, sobrando apenas a pista em linha reta construída sob os arrecifes, que leva ao Parque das Esculturas Francisco Brennand.



**Figura 22:** Arte em mapa elaborada pela Prefeitura do Recife para divulgação do projeto “Orla Parque”, proposta de revitalização da orla de toda a cidade. Onde se lê “Bairro do Recife”, deve-se ler “São José”. Fonte: Folha de Pernambuco. Disponível em <https://www.folhape.com.br/noticias/projeto-da-prefeitura-do-recife-preve-revitalizacao-da-orla-confira/271318/>. Acesso em: 11 de out. 2023.

Criado no molhe do porto para receber obras do célebre artista plástico recifense em comemoração aos 500 anos do Brasil, o parque conta com diversas esculturas do artista, incluindo sua enorme “Coluna de Cristal”. Ele está localizado bem em frente a um dos principais pontos turísticos da cidade, situada do outro lado da foz do rio, na ilha do Recife Antigo: a Praça do Marco Zero. Por se tratar de uma continuidade terrestre da Brasília Teimosa, ainda que distantes dois quilômetros da Praia do Buraco da Veia, o “Brennand”, como o parque

de esculturas é popularmente chamado, é visto pela população local como uma extensão da Brasília<sup>23</sup>.

Assim, da mesma forma que a Colônia se situa em uma das extremidades da península triangular, a Praia do Buraco da Veia nomeia a região da outra extremidade. Próximo dali, contornando a parte traseira do Iate Clube e seguindo pela Travessa Brasília Formosa, chega-se à Vila da Prata, uma área formada por travessas e becos entre as ruas A (Delfim) e D (Badejo), às margens do estuário do Pina. Trata-se de uma localidade com vielas apertadas e moradias mais humildes, em contraste com boa parte dos imóveis encontrados no interior do areal. Sua construção data de 1982, a partir da primeira realocação de famílias habitantes das palafitas da orla, como parte do Projeto Teimosinho, uma iniciativa popular muito relevante para a comunidade de Brasília Teimosa.

Com efeito, os anos de 1970 representaram um período de grande especulação imobiliária, sobretudo para a Zona Sul do Recife. O aumento da população nessas décadas, juntamente com o provimento de infraestrutura pelo poder público, promoveu a expansão das ocupações de Boa Viagem para o interior, deixando de se concentrar somente à beira-mar, e posteriormente para os limites do Pina. Obras viárias na região como a construção das avenidas de grande porte Domingos Ferreira e Conselheiro Aguiar – cruzando os bairros litorâneos –, bem como a Ponte Paulo Guerra – ligando o Cabanga à Avenida Herculano Bandeira (antiga Avenida da Ligação) –, atenderam prioritariamente à demanda do bairro de Boa Viagem. Concomitantemente, alterações na legislação municipal tornaram o coeficiente de aproveitamento desse bairro maior do que em todas as outras áreas da cidade, aumentando o tamanho das edificações e conseqüentemente o interesse do mercado imobiliário (Sales, 2017).

Assim, o Pina, antigo bairro de passagem, passou a ser incorporado a essa dinâmica construtiva caracterizada por edificações verticalizadas de alta renda, de modo que a paisagem dos dois bairros tendeu a se homogeneizar. Justamente, nesse contexto de alta especulação, a luta das populações mais humildes pela permanência em seus territórios acirrou-se ainda mais.

Para o mercado, essas áreas simbolizavam a oportunidade de expansão de seus domínios e da geração de lucros através de novos empreendimentos. Para a gente simples que ali habitava, a sua permanência significava não somente a perpetuação de suas práticas sociais e das relações afetivas já estabelecidas com aquela paisagem, mas também a manutenção de uma subsistência ligada a ela e aos seus elementos, como o

---

<sup>23</sup> Conforme será relatado no próximo capítulo, esse parque foi lembrado pelos estudantes que participaram deste projeto quando se iniciava uma discussão sobre o patrimônio cultural de Brasília Teimosa. Isto se deve, provavelmente, por se tratar do equipamento público que mais se parece a um museu – como de fato é, se o encarmos como um museu a céu aberto – nas proximidades da península teimosina e por ser acessível aos seus moradores.

mar e a natureza, e a sua localização dentro da cidade, próxima ao centro e as oportunidades econômicas vindas da proximidade com as classes sociais mais altas (Sales, 2017: 139).

Historicamente, a ameaça de expulsão do Areal Novo sempre fora uma preocupação real para os moradores da Brasília Teimosa, de modo que eles aprenderam desde cedo a se organizar para lutar pela sua moradia. Criado em 1966, no âmbito das disputas pelo aforamento da terra, o Conselho de Moradores é um símbolo de organização e de luta da comunidade. Inicialmente, a organização foi criada para discutir os problemas mais básicos, como falta d'água, de energia elétrica, saneamento e transporte. Mas, foi principalmente a partir das ameaças de expulsão da população que o Conselho realmente cresceu (Silva, 2017):

O Conselho, no início, era um grupinho que se reunia nas ruas de Brasília Teimosa e cada rua tinha o seu representante. Todo mundo começou a participar e a fazer campanhas para solucionar os problemas de água, luz, lixo. O primeiro presidente foi Seu Arnaldo que junto com Janice e Padre Jaime começaram a organizar o povo para que o Conselho crescesse. Assim, com os esforços da população. Foi comprada uma casinha pequena onde o pessoal se reunia. Mas esse espaço ainda não era suficiente para todos que queriam participar. Então Padre Jaime emprestava o Salão da Igreja para as reuniões maiores, até que foi sendo construído aos poucos o prédio onde o Conselho funciona até hoje. Mãe Nair (Grzybowski & Dourado, 1989: 44).

Como narrado por Mãe Nair, a formação inicial do Conselho foi impulsionada por setores progressistas da Igreja Católica, especialmente pela figura de Padre Jaime. De fato, no mesmo ano de fundação do Conselho, o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara, promoveu uma série de palestras nos bairros das classes populares, exortando os moradores a unirem-se para reivindicar seus direitos perante o Estado (Albuquerque, 1986).

Não podemos falar das lutas da Brasília Teimosa, sem citar os Oblatos de Maria Imaculada, em especial o incansável missionário norte americano Jaime Kolmetscher; o padre Jaime, que além de trazer o conforto espiritual, através do evangelho de Jesus Cristo, encorajou a formação de grupos de jovens, apoiou a estruturação da irmandade dos Vicentinos, ajudou na criação do Conselho de Moradores, animando os comunitários a lutar por melhores condições de moradia, contra a repressão do regime militar e as investidas do estado para expulsar a população (Silva, 2017: 25).

Além de conseguir um forte apoio da Igreja desde o início das mobilizações populares, a comunidade contou com a colaboração de funcionários de empresas e universidades públicas, além de alguns partidos políticos. Se nos primeiros anos da ditadura civil-militar o Conselho perdeu um pouco de sua força, a partir de 1976 há uma reorganização da instituição liderada por jovens do bairro, que desejavam reagir à inércia dos anos anteriores. Assim, nesse contexto de engajamento na busca pela permanência, os moradores realizaram um recenseamento no

bairro, com o objetivo de denunciar as condições precárias de habitabilidade e buscar melhorias estruturais, bem como a aquisição da posse da terra (Albuquerque, 1986; Sales, 2017).

Esse processo de reorganização do Conselho, no final dos anos de 1970, aconteceu numa época de grande assédio das empreiteiras e do poder público, que desejavam reocupar e requalificar as terras da península estuarina, transformando a localidade à maneira dos outros bairros litorâneos. Por conta do potencial turístico e paisagístico da Brasília Teimosa, além de sua proximidade ao aeroporto e ao centro da cidade, alguns projetos chegaram a ser propostos pela prefeitura. Em 1974, a URB (Empresa de Urbanização do Recife) propôs um plano urbanístico para a região, visando o turismo de alto padrão, que transferiria praticamente toda a população para fora da comunidade. Ao mesmo tempo, objetivava-se também requalificar a orla de Brasília Teimosa, integrando-a ao Pina e Boa Viagem, demolindo mocambos e palafitas existentes (Sales, 2017).

Outra proposta consistia na construção de um hotel internacional, com 300 apartamentos e grandes equipamentos de lazer, entre eles um centro de convenções, teatro, cinema, um shopping center e uma grande área de estacionamento. O projeto previa a divisão da península em 8 setores e a implantação de inúmeros equipamentos voltadas para um outro tipo de público. Tendo em vista a má recepção das propostas pelos moradores, já que se tratava de mudanças drásticas na paisagem do bairro e na expulsão deles mesmos, em 1979 houve um novo projeto, dessa vez encomendado ao urbanista paranaense Jaime Lerner. Embora a permanência da população fosse uma premissa da nova investida, com apenas algumas realocações dos territórios mais precários da comunidade, os moradores perceberam que as transformações planejadas – com a implantação de marinas, equipamentos turísticos e cenários voltados à classe média – gradualmente provocariam sua expulsão do território (Sales, 2017).

Nesse contexto, percebendo a ameaça à permanência diante das propostas da administração pública, os moradores da Brasília Teimosa se mobilizaram para criar seu próprio projeto de requalificação urbana, atendendo às reivindicações dos mais interessados nas mudanças, isto é, a própria comunidade teimosina. Surge nesse período o famoso Projeto Teimosinho, resultado de mais de 90 reuniões com os moradores, nas ruas, em assembleias gerais e mensais e reuniões semanais da Comissão de Planejamento dos Moradores, sendo aprovado em um plebiscito com o comparecimento de mais de 2000 pessoas (Albuquerque, 1986; Sales, 2017).

De vez em quando saía no jornal que Brasília Teimosa ia desaparecer, que iam derrubar tudo. O pessoal chamava de “derruba-derruba”. Isso é porque a Prefeitura criava projetos que iam retirar pessoas do bairro para construir hotéis luxuosos,

aumentar o bairro de Boa Viagem construir um aeroclube e outras coisas mais. Também apareceu um projeto que não queria tirar todo mundo, mas ia tirar uma parte da população. Era o projeto de Jaime Lerner que foi criado na prefeitura de Gustavo Krause. Esse projeto não ia permitir ruas estreitas, casas apertadas e ao mesmo tempo pretendia construir quiosques na beira da praia e uns portos para o pessoal pescar. Mas a população não aceitou e nós resolvemos fazer o nosso próprio projeto. Léa. (Grzybowski & Dourado, 1989: 51).

O plano projetado pela comunidade apresentava uma abordagem ampla, atendendo aos aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos da localidade. Os objetivos eram variados e consistiam em promover melhorias infraestruturais no bairro, especialmente na Vila da Prata e na orla; legalizar a posse da terra de forma segura e definitiva; criar equipamentos de saúde e educação; gerar empregos para os moradores; e realizar remoções necessárias, ao mesmo tempo em que fosse fornecida solução para o financiamento de residências pela população local (Sales, 2017).

Segundo Oswaldo Pereira da Silva (2017: 26), o Projeto Teimosinho foi o primeiro projeto de urbanização do Brasil discutido e elaborado por movimentos sociais, tendo sido financiado com recursos do Banco Nacional de Habitação e executado pela Prefeitura do Recife. Foi responsável pela pavimentação de ruas e becos, instalação de saneamento básico, água, energia elétrica, iluminação pública, transporte, escolas, creches, postos de saúde, da construção da Vila Moacir e posteriormente do Conjunto Habitacional Brasília Teimosa e, principalmente, da permanência da população na península, a partir da transformação da área em ZEIS (Zona Especial de Interesse Social), a primeira do país.

Nesse período de grande organização coletiva, diversas estratégias de integração da comunidade foram utilizadas, como explica Sales:

A mobilização da população para a participação no planejamento do projeto foi intensa e aconteceu de várias formas. Além de terem sido feitas muitas reuniões e assembleias no Conselho de Moradores, a cultura popular também foi fortemente utilizada como instrumento de luta: foram distribuídos folhetos e jornais com o personagem fictício “Teimosinho”, e o assunto foi abordado através da música e de peças de teatro. (...) A arte era um meio de captação e instrução de pessoas muito forte (2017:151).

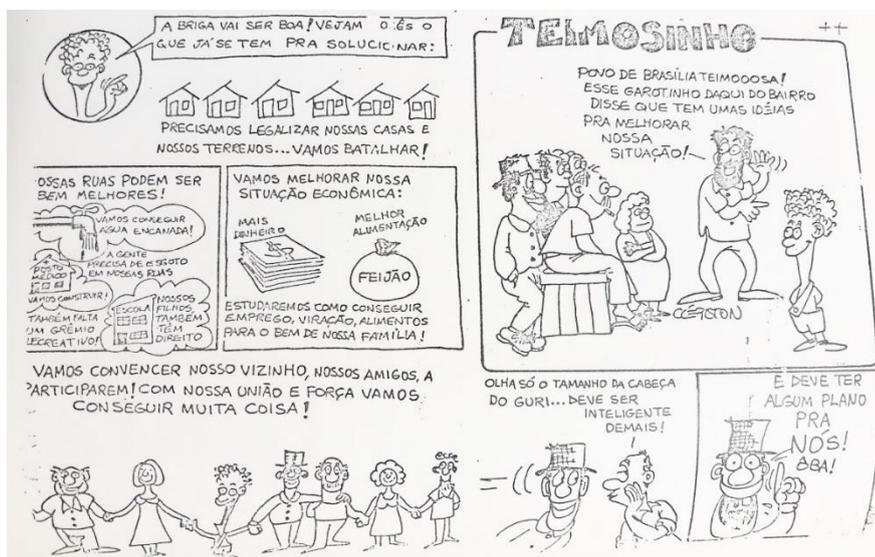
Assim, no rico contexto das mobilizações dos anos de 1970/1980, diversos grupos culturais, como o Teatro Teimosinho, o balé popular Deveras e o Mamulengo Acorda Povo, foram criados para engajar criativamente a luta pela moradia.

Para que o Projeto Teimosinho desse certo, era necessário reunir a população de uma forma que todo mundo participasse. Mas muita gente não ia para as reuniões de rua por causa das novelas de televisão. Então, o Conselho viu que tinha que fazer alguma coisa para discutir o Projeto. Foi aí que apareceu o Teatro Teimosinho que fazia

encenações no meio da rua. Os artistas do Teatro Teimosinho se vestiam de palhaço, se pintavam, faziam roda com as crianças, cantavam a ciranda. Depois que as crianças estavam na rua, os adultos vinham também, pois percebiam que alguma coisa diferente estava acontecendo. E todos ficavam assistindo. Depois que a peça acabava, o Conselho de moradores aproveitava que estava todo mundo reunido e conversava sobre o Projeto (...) Rosa. (Grzybowski & Dourado, 1989: 62-63).

Nessa época surgem também organizações de educação popular importantes para o bairro e que continuam funcionando até hoje, como a Turma do Flau (atual Centro Educacional Profissionalizante do Flau)<sup>24</sup> e o CEPOMA (Centro de Educação Popular Mailde Araújo). Organizações pioneiras, que formaram outros grupos culturais dentro da comunidade, como a Nação Erê, maracatu mirim do CEPOMA, e o Filhos de Olorum, maracatu mirim da Turma do Flau, dentre outros.

Justamente, uma característica comum na Brasília Teimosa é o vínculo entre organizações de educação popular e grupos culturais. Uma mistura entre arte e educação que já rendeu muitas histórias na comunidade. Além dessas iniciativas, o bairro conta com outras iniciativas culturais, como as Sereias Teimosas, grupo de dança formado por idosas, o JEC (Jovens em Cristo), o JUBRAPI (Juventude Unida de Brasília e Pina), o bloco político Calada Nada, as quadrilhas juninas Ratolândia e Xique-Xique no Remelexo, o grupo musical Arco-Íris, as escolas de samba Deusa do Asfalto e Acadêmicos da Brasília Teimosa e o Grupo de Dança Raízes (Silva, 2017).



**Figura 23:** Fanzine produzida à época de planejamento do Projeto Teimosinho. Fonte: Albuquerque (1986).

<sup>24</sup> Flau é uma espécie de sorvete congelado dentro de um saco plástico desenvolvido especialmente com esse fim. Pode ser produzido com frutas ou essência. Em Pernambuco também é chamado de picolé, dudu e tabu. No Sudeste é mais conhecido como sacolé. O nome da organização é porque, na década de 1980, a Turma do Flau organizava as crianças para a venda desses sorvetes. Com o passar dos anos e o entendimento de que a atividade se configurava como trabalho infantil, a escola popular modificou suas atividades.

Por conta da grande mobilização popular, pouco a pouco os moradores da Brasília Teimosa tiveram muitas de suas reivindicações do Projeto Teimosinho atendidas, sendo solucionada a maioria dos problemas de saneamento básico, com um projeto de drenagem ocorrida em boa parte do bairro (Sales, 2017). Além disso, por meio do programa de habitação da prefeitura PROMORAR, várias famílias conseguiram melhorar suas casas, proporcionando um salto qualitativo no padrão das moradias locais (*Ibid.*: 156).

Até o final dos anos de 1980, um posto de saúde e uma creche já haviam sido estabelecidos em terrenos à margem do estuário, próximos ao Iate Clube, e três novos assentamentos haviam sido criados em terrenos ainda desabitados nas áreas mais perto ao limite estuarino. Em 1982, a Vila da Prata foi estabelecida ao norte do areal, sendo ocupadas por famílias desalojadas das reformas no tecido viário promovidas pelo Teimosinho. Em 1984, a Vila Moacir foi construída no terreno das oficinas da Portobras cedido pela Prefeitura do Recife, alojando famílias das palafitas da orla do bairro. Em 1989, a Vila Teimosinho<sup>25</sup> é inaugurada em local também pertencente ao porto, onde as pedras da reforma do dique estão desde o início do século, recebendo moradores do Pina e da orla teimosina.

Ainda que nem todas as solicitações do Projeto Teimosinho tenham sido atendidas, a realização do plano em si foi uma demonstração de como as simbologias provenientes do habitar ditam o comportamento, as ações e a moral dos grupos sociais. Na prática, a partir da vontade de defender a sua moradia, a sua história e a perpetuação de seus hábitos no lugar onde se encontrava, houve um engajamento afetivo, teimoso e intenso da comunidade na luta por melhores condições de vida e por sua permanência. Pela resistência, a Brasília conseguiu fabricar grandes modificações em sua paisagem. Porém, cabe perceber, que na contramão do processo que ocorria desde aquele momento no Pina e em Boa Viagem, mesmo com todas transformações que nela ocorreram, a Teimosa conseguiu conservar a sua essência, se atentando a quem a vivenciava e as suas necessidades materiais e afetivas, de forma que o seu território seguiu tendo a capacidade de abrigar fisicamente e sentimentalmente os seus moradores, se permitindo continuar a ser habitado (Sales, 2017: 160).

Devido às inúmeras conquistas da população com o Projeto Teimosinho, a década de 1990 e 2000 são marcadas por um período de estabilização, com tendência de verticalização dos imóveis por meio de reforma e algumas pendências relacionadas à drenagem do solo. Pois, além da Vila Teimosinho, da Vila Moacir e da Vila da Prata, em 2006 é inaugurado o Conjunto Habitacional Brasília Teimosa (15 edifícios do tipo caixão, com térreo mais três pavimentos, totalizando 240 unidades habitacionais), localizado a oeste da comunidade, ao lado da Vila

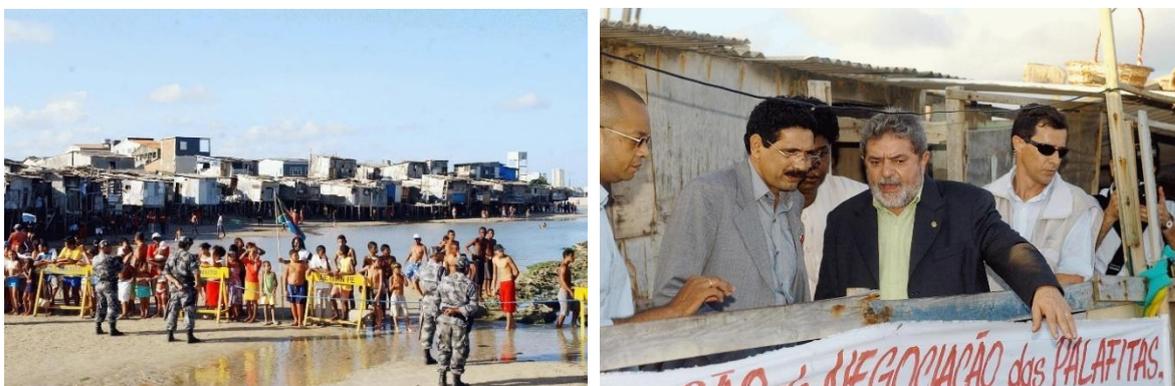
---

<sup>25</sup> Esta vila encontra-se atrás da ETE João Bezerra e da Escola Municipal Bernard Van Leer, sob as antigas pedras da reforma do porto. Esses blocos de pedra em formato de gigantes paralelepípedos, por conta de seu design diferenciado, são apelidados de catacumbas do João Bezerra, sendo inspiração para muitas lendas urbanas do bairro.

Teimosinho. Segundo Sales (2017), esse foi o único projeto de realocação que propôs uma tipologia verticalizada dentro dos perímetros da comunidade, não se parecendo em nada com as habitações preexistentes da Brasília Teimosa.

Porém, o que vai marcar definitivamente a primeira década deste milênio é a resolução de um velho problema que parecia insolúvel: a persistência das palafitas na orla, devido à carência de um projeto de urbanização para a área. Pois, essa situação foi resolvida apenas em 2003, quando o presidente Luís Inácio Lula da Silva e o prefeito João Paulo promoveram uma grande reforma da região, requalificando toda a orla da Brasília Teimosa, retirando as quase 600 palafitas existentes no local e integrando a comunidade à Praia do Pina.

As palafitas representavam um problema urbanístico social e ambiental e de salubridade grave, visto que as casas eram feitas de madeira e outros materiais improvisados, sem rede de esgoto e extremamente suscetíveis ao avanço do mar. Justamente, a obra da beira-mar resultou em uma das principais mudanças na paisagem local, requalificando a orla por meio da engorda da faixa de areia da praia, criando a Avenida Brasília Formosa, com aproximadamente 1,3 km de extensão, e a recuperação do muro de proteção (paredão) existente em cima dos arrecifes, entre o molhe do Pina e a Praia do Buraco da Veia. No entanto, a resolução de um problema acabou gerando outro (Sales, 2017).



**Figuras 24 e 25:** Policiais observam a multidão formada à entrada da favela Brasília Teimosa, à espera do presidente Lula e sua comitiva. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva conversa com o prefeito do Recife, João Paulo, durante visita à favela Brasília Teimosa. Fonte: Rose Brasil/ Agência Brasil. 10 de jan. 2003. Disponível em <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/galeria/2003-01-10/10-de-janeiro-de-2003>. Acesso em: 11 de out. 2023.

Com seus terrenos praticamente ocupados e sem condições para abrigar as centenas de famílias desalojadas, essas pessoas foram atendidas pelo programa “Recife sem Palafitas” e transferidas para o Conjunto Habitacional do Cordeiro, no outro lado da cidade. Uma decisão contrária ao desejo da comunidade, que preferia haver transferências para áreas no interior do seu território. Com efeito, parte das pessoas transferidas não teve renda suficiente para pagar as

novas despesas, decorrentes da mudança para habitações formais, se desfazendo ou abandonando seus apartamentos.

Carlos, dono de um quiosque da orla da Brasília Teimosa, um dos nossos entrevistados neste projeto, conta que muitas pessoas voltaram para a Brasília, pois a distância do mar inviabilizava seus ofícios, tendo em vista que se trata de uma localização praieira, com muitos serviços voltados a essa paisagem. Justamente, levar pescadores para longe do mar e vendedores ambulantes para longe das praias acabou provocando grande insatisfação, ainda que as modificações tenham gerado importante áreas de lazer para a comunidade.

### **1.3 Que patrimônio?**

Assim sendo, com base em todo esse apanhado sócio-histórico da Brasília, é possível desde já apontar os elementos considerados mais relevantes sobre sua população. O desejo de preservá-los é visto em diferentes situações e locais dentro da própria comunidade, pelas festas, pela reza, pelos depoimentos ou mesmo pela simples observação da vida na península estuarina.

Precisamente, o patrimônio cultural se refere ao conjunto de bens materiais e imateriais considerados valiosos para uma sociedade, por sua importância histórica, cultural, artística, científica ou simbólica. Esses bens representam a identidade e a herança de um grupo de pessoas, uma comunidade ou até mesmo uma nação. De fato, o patrimônio cultural engloba uma ampla gama de elementos que refletem a diversidade e a riqueza das tradições humanas, sendo um elemento de extrema importância para a identidade cultural de um povo.

Então, qual seria o patrimônio cultural da Brasília Teimosa? Justamente, a identidade teimosa seria um desses elementos, afinal, nem o poder público conseguiu apagar. Na gênese do povo dessa localidade está a luta pela moradia e a firmeza em não aceitar a remoção. Essa característica tão marcante do povo teimosino não se restringiu apenas ao período inicial de ocupação do areal, visto que a ameaça pela exclusão da população sempre se fez presente, diante da crescente valorização do terreno e da voracidade do mercado imobiliário da capital pernambucana. Portanto, a luta teimosa é um componente sempre constante dentro da comunidade.

Da mesma maneira, a forma como a população conseguiu se organizar através dos anos, por influência de integrantes progressistas da Igreja Católica, pelo Conselho de Moradores, por ações desenvolvidas nas escolas, ou mesmo por outros meios, é também uma herança cultural significativa, pois orgulha seus moradores e inspira a luta em outras localidades. Precisamente, apresentando o primeiro projeto de urbanização no país feito pela própria população em

detrimento do projeto oficial bancado pela Prefeitura da Cidade em parceria com a iniciativa privada, a Brasília Teimosa é exemplo para o Brasil.

De forma semelhante, não se pode esquecer a tradição pesqueira do bairro, afinal, os pescadores e suas famílias foram os primeiros a ocuparem os espaços, desde antes do incêndio da sede da colônia de pescadores no Cabanga. Viver na comunidade é estar em contato diário com esses “artesãos do mar”, pois vemos embarcações e os produtos do seu trabalho, os pescados, por todo lado. Inclusive nas suas ruas com nomes de frutos do mar. Além disso, a Brasília conta com duas organizações de pescadores – a Colônia Z-1 do Pina e a Associação de Pescadores Prof. Artez –, prova de que a profissão é significativa na área.

Somado a esses saberes-fazeres tradicionais de pescadores e marisqueiras, seria impossível falar da Brasília Teimosa sem citar sua vocação ambiental, uma vez que a península triangular estende-se sobre uma área entre o mar e o mangue, onde antes só havia água. Portanto, a tão falada piscina natural do Buraco da Veia, o estuário do Pina, a vizinha Praia do Pina e o próprio mar a perder de vista são elementos que fazem parte da vida dos moradores locais. Da mesma forma, a pista construída por cima dos arrecifes e que leva até o Parque de Esculturas Francisco Brennand também faz parte da paisagem local.

Associado à pesca de crustáceos e pescados, no mar e no estuário, outro elemento cultural significativo da comunidade é o comércio desses produtos, encontrado em todos os cantos. Igualmente importante é a gastronomia de frutos do mar, prática que rende boa fama ao bairro. Tanto que a recém-transformada Escola Técnica Estadual João Bezerra inaugurou o primeiro e único curso técnico em Gastronomia da rede estadual de ensino. Pois, os renomados restaurantes da localidade, junto dos quiosques da orla e das barracas de praia, formam um circuito alimentar famoso na cidade.

É também patrimônio cultural da Brasília Teimosa as práticas de lazer, especialmente às ocorridas no Buraco da Veia. Assim como o futebol, praticado na faixa de areia da orla e da praia, a piscina natural, os alimentos característicos desses ambientes, como os caldinhos e toda sorte de produtos que, comercializados, colore a paisagem cultural da comunidade.

Da mesma forma, os grupos culturais fazem história no bairro, como o Deveras, as Sereias Teimosas e os maracatus mirins das organizações estudantis populares, outro elemento bastante presente na comunidade. Criadas em um período em que não havia escola para todos, essas instituições educativas tiveram um papel importante na formação dos jovens teimosinos, promovendo o letramento e a alfabetização musical de muitos integrantes da população, transmitindo os cânticos de protesto, como se fossem cantigas populares, de geração em geração.

Finalmente, as festas locais e a religiosidade também têm força, como as festas profana e pagã em homenagem ao padroeiro dos pescadores, São Pedro. De significativa, chega a decretar informalmente feriado no bairro. Igualmente, o carnaval tem seu valor, com palco oficial da Prefeitura na orla e blocos cortejando pelas ruas. Incluindo as “almas”, como são chamados grupos de jovens mascarados que percorrem o bairro com suas cumpridas vestes coloridas e seus chapéus espalhafatosos. Em suma, olhando-se atentamente, percebemos muitos elementos culturais nesse bairro que abriga uma história muito rica no contexto da cidade do Recife.

## 2. MEMÓRIAS DA BRASÍLIA TEIMOSA: O PROJETO-PILOTO

### 2.1 Complicações docentes

Logo quando cheguei na condição de professor contratado à Escola de Referência em Ensino Médio<sup>26</sup> João Bezerra, em fevereiro de 2021, assumi a disciplina de Sociologia nos primeiros e terceiros anos, enquanto as turmas de segundos anos ficaram por conta de uma professora efetiva formada em História, que já estava acostumada a trabalhar com as duas disciplinas, para complementar sua carga horária. Justamente, como o espaço na grade curricular para o ensino de Sociologia era insuficiente para cobrir a minha carga horária de 200 horas mensais – 1 tempo semanal para cada série –, necessitei preencher o restante ministrando também as aulas de Filosofia para todas as turmas da escola. Ou seja, havendo de lecionar 26 tempos por semana, logo de partida tive de dedicar oficialmente 16 desses tempos ao ensino da disciplina adjacente à minha formação acadêmica.

Assim, minha primeira experiência profissional com o ensino de Sociologia começou havendo de compartilhar esforços com uma disciplina a qual não tive formação e tampouco escolhi lecionar. Hoje, colocando minha chegada à escola em perspectiva, percebo que essa naturalização da flexibilização docente era um prenúncio das dificuldades que futuramente iria enfrentar. Pois, minha carga ficou dividida, inicialmente, entre 10 tempos semanais de Sociologia e 16 tempos de Filosofia, distribuídas entre 5 turmas de primeiro ano, 6 turmas de segundo ano e 5 turmas de terceiro ano. Em poucas palavras, dispunha de mais tempos de Filosofia do que de Sociologia.

---

<sup>26</sup> Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) é como a Rede Estadual de Educação de Pernambuco nomeia suas escolas de tempo integral, isto é, aquelas onde os estudantes são matriculados em dois turnos (matutino e vespertino). Basicamente, sem contar com escolas diferenciadas como as indígenas e quilombolas, existem 4 tipos de escolas na rede: regular (1 turno), integral (2 turnos), semi-integral (1½ turno) e técnica (ensino integral associado a curso técnico). Para cada um desses tipos, é esperado um perfil de profissional docente, com habilidades e competências específicas, da mesma forma que se espera formar educandos com características distintas. No entanto, efetivamente, o que se observa em relação aos docentes, é que essa distinção acaba não ocorrendo conforme as expectativas, mais por dificuldades em se organizar o contingente de profissionais do que de se tratar essencialmente de uma mudança paradigmática. Quando o programa de educação integral foi lançado pelo governo do Estado, há pouco mais de uma década, por exemplo, não se pretendia direcionar professores contratados para as escolas integrais. Contudo, com a expansão do programa e a grande quantidade de professores em regime de contrato, esse entendimento mudou. Pernambuco é um estado pioneiro nesse assunto, pois há mais de uma década promove a expansão dessa modalidade de ensino. cf. <<https://educacaointegral.org.br/experiencias/pernambuco-referencia-para-educacao-integral-ensino-medio/>>.

Portanto, o cenário, que já era complexo, devido à pandemia de Covid-19, mostrou-se mais complicado do que imaginara, visto que, dali em diante, haveria de dar conta de duas disciplinas ao mesmo tempo, sendo uma delas estranha à minha formação acadêmica. O planejamento original para este trabalho de conclusão, então, consistia em programar uma sequência didática sobre o patrimônio cultural da Brasília Teimosa, para acontecer durante as aulas de Sociologia, no ano de 2022, quando já teria investigado boa parte do assunto.

No entanto, o primeiro obstáculo concreto apareceu já no primeiro semestre de 2021, quando ainda nos encontrávamos em um contexto pandêmico. Mesmo sem termos nos vacinado, as escolas retornaram com as aulas presenciais no início do ano, ainda que em um esquema bastante diferenciado, com carga horária reduzida, rodízio de turmas, uso obrigatório de máscaras e aulões na quadra e no refeitório, onde se misturavam várias classes de mesma série. Naquela época, os estudos eram complementados no formato remoto, com características bem particulares<sup>27</sup>, sendo uma delas a baixa frequência dos estudantes.

Não tardou muito para o cenário pandêmico se agravar, fazendo com que as aulas presenciais ficassem restritas às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, exclusivamente para as turmas do terceiro ano. Então, as outras matérias escolares funcionaram no formato remoto até o recesso do meio do ano, me deixando distante fisicamente da escola, da Brasília Teimosa e dos estudantes durante alguns meses. Concretamente, isto retardou minha investigação sobre a comunidade e dificultou conhecer meus próprios alunos.

Pois, o recesso escolar do meio do ano trouxe mudanças significativas, desorganizando de vez meu planejamento inicial. Subitamente, “dormi” professor de Sociologia e Filosofia e “acordei” professor de Arte e Projeto de Vida. Sem ter sido consultado, fui movido entre as disciplinas, por causa do retorno de um professor que assumiu minhas turmas. De fato, as condições de um docente contratado são mais difíceis do que as de professores concursados, ainda que estes também vivenciem a precarização do ensino público. Nesse sentido, faz parte “do jogo” os contratados serem deslocados, conforme a demanda das instituições.

---

<sup>27</sup> Carvalho, Cunha e Quiala (2021) em estudo exploratório sobre o ensino remoto durante a pandemia em instituições de ensino básico e superior, identificam 10 características básicas dessa modalidade de ensino. As que dizem respeito à educação básica são: 1) As aulas ocorrem de forma online, coadunando com os horários das aulas no modelo presencial; 2) Foi implementado em caráter emergencial, como forma de atender a retomada das aulas diante da crise pandêmica; 3) Geralmente as aulas ocorrem em plataformas como: Google Meet, Zoom, Classroom (...); 4) Dispõe de avaliações de conhecimento do aprendizado de forma diferenciada; 5) O calendário acadêmico remoto segue o funcionamento do calendário presencial; 6) Os conteúdos e atividades são de forma virtual, não tendo um padrão unificado; 7) Existe uma interação entre os alunos e professores em diferentes plataformas e meios de comunicação; (...) 9) Possibilita criação de conhecimento em um ambiente colaborativo, flexível e virtual; 10) Mudanças progressivas no processo de ensino-aprendizagem dando autonomia aos estudantes na forma de aquisição de conhecimento (2021: s/d).

Especialmente quando há volta de professores que, porventura, se encontrem fora do ambiente escolar. Então, *a priori*, esse tipo de mudança não representa um caso excepcional.

No entanto, por mais que esse tipo de situação esteja sujeita a acontecer, a mudança foi brusca, de modo que é necessário desenvolver uma reflexão. O que normalmente ocorre é a complementação da carga horária em disciplinas pertencentes à mesma área de conhecimento. Assim, tem sido comum a professores de História, por exemplo, darem aulas de Filosofia, Sociologia e Geografia, por se tratar de disciplinas da área de Ciências Humanas.

No meu caso específico – professor contratado de Sociologia – a mudança para a disciplina de Arte se deu graças à outra formação, no caso em Letras, e da minha experiência prévia no ensino de Língua Portuguesa. Portanto, eu também me encaixaria, caso necessário, na área de Linguagens. Porém, isso nunca me habilitou, oficialmente, a lecionar Arte. Acontece que, para a gestão escolar, isso não pareceu ser um problema. Isto é, um recurso supostamente emergencial – um professor assumir uma disciplina que não seja a de sua formação – tem sido utilizado de maneira naturalizada pela rede de ensino, promovendo, dessa forma, instabilidade e precariedade no trabalho docente e na qualidade do ensino oferecido. Afinal, no processo de ensino e aprendizagem, um professor improvisado possui, de modo geral, menos recursos práticos e teóricos que um professor formado na área.

Em síntese, o que se observa é que existem regras pouco rígidas no que diz respeito ao enquadramento docente, sendo facultativo à equipe gestora, pelo menos temporariamente, fazer ajustes entendidos como necessários. Por um lado, esse tipo de autonomia é bem-vista, pois mantém a “máquina rodando”, evitando lacunas na grade curricular dos estudantes e preenchendo a carga horária dos professores. Todavia, a crítica expressa aqui é que, muitas vezes, os critérios utilizados para essa flexibilização são subjetivos, não respeitando o histórico e a vontade individual dos professores, fazendo-nos questionar se de fato temos um ensino que valoriza os profissionais de educação, como preconizam a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em seus princípios (Brasil, 2019; 2005).

Assim, essa “naturalização” do “professor flexível”, isto é, quando um docente é designado para lecionar disciplinas além de sua formação profissional, representa uma precarização do trabalho docente e do ensino de modo geral, sendo uma característica do modelo neoliberal de educação. De fato, uma realidade comum na Rede Estadual de Educação de Pernambuco<sup>28</sup>, alinhada a um contexto maior de debilitação da educação como um todo. Contexto este aprofundado pela Reforma do Ensino Médio de 2017, que reduz conteúdos e

---

<sup>28</sup> Cf. < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0509201003.htm>>. Acesso em: 4 jan. de 2022.

limita a carga horária de quase todas as disciplinas tradicionais, e pela Reforma Trabalhista, que enxuga os direitos dos trabalhadores, dentre outras legislações sobre o tema, como apontam Simões e Gomes (2022).

Sobre essa temática, Luís Carlos Freitas (2018), analisando criticamente a conjuntura atual da educação frente ao processo de privatização e tecnização da educação pública, entende que esta desconstrução da educação tal como a conhecemos – de base democrática, como concessão pública e consolidada para o “bem comum” –, possui um lastro que remonta à política tecnicista dos anos 70, reformulada nesta segunda onda do neoliberalismo, intitulada de neotecnicismo. Assim, sob a justificativa de se promover um aumento do controle do processo educativo, colocando a escola sob formas de administração empresarial, o que se observa é a imposição de diversas estratégias neoliberais na educação, tais como privatização, controle do processo pedagógico, instauração de base curricular comum e aplicação de avaliações censitárias. Estas medidas expõem a lógica empresarial a qual os sistemas de ensino públicos estão submetidos atualmente.

Com efeito, esta nova formatação tecnicista, associada à absorção da educação pela lógica empresarial, tem impacto direto no trabalho e na formação docente, pois, através da padronização do conteúdo a ser ensinado e de um maior controle sobre a formação dos professores, são instituídos programas de credenciamento desses profissionais, como também processos formativos apressados. Dessa maneira, elimina-se a diversidade das agências de preparação e se abre espaço para o aparecimento de agências formativas improvisadas, muitas vezes ligadas a organizações empresariais (*Ibid.*, 2018).

Essa desvalorização na formação e no exercício profissional é acompanhada da desvalorização do profissional. A lógica recai sobre o mercado e a prática da motivação para aumentos salariais é ligada aos resultados. Inserindo-se o magistério a uma lógica de mercado livre competitivo, produz-se instabilidade entre os docentes, já que a estabilidade, a equalização dos salários, a sindicalização e a previdência, passam a ser vistas como entraves para a melhora da qualidade do ensino.

Sobre essa desvalorização, Pierre Laval (2004) disserta:

A tendência atual à não-institucionalização da relação entre o diploma, a qualificação e o ofício, decorre desse enfraquecimento das posições dos assalariados que encontram cada vez menos segurança nas instituições e referências estáveis quanto ao que eles valem e ao que eles são e que, em consequência, se tornam culpados pela sua sorte. Com efeito, a transformação do mercado de trabalho acentuou a vulnerabilidade dos detentores de títulos escolares, aos quais se pediu uma experiência profissional ou, ao menos, um “treinamento” (Laval, 2004: 19).

Isso posto, convém ressaltar que a escola onde atuo apresenta, aos olhos dos sistemas de monitoramento, bons resultados há mais de uma década, aumentando consideravelmente seus índices ao longo dos anos, mesmo submetendo seus profissionais a situações de flexibilidade. Definitivamente, as circunstâncias específicas que passei foram duras de assimilar, pois quem me substituiu também era um contratado e igualmente estava fora da escola no início do ano. Tal como eu, fizera parte do processo seletivo para professores em 2020 e fora chamado em 2021.

Se por um lado o meu colega de trabalho já possuía mais experiência dentro da instituição, por outro lado, na nova chamada pública, eu havia sido convocado antes dele. Como agravante, o professor não possuía formação em Sociologia, tampouco em Filosofia, não havendo, em termos de diplomação, prioridade para assumir as turmas. Ou seja, em tese, a preferência pelas disciplinas, pelo menos Sociologia, deveria ser minha, por ser formado nesta área. Todavia, percebeu-se que no contexto do gerencialismo na educação, antiguidade, conhecimento prévio e relações pessoais parecem ser características mais valorizadas do que a formação dos profissionais.

A esse respeito, Stephen Ball (2005) contribui para a discussão, apresentando o profissionalismo, o gerencialismo e a performatividade como eixos estruturantes do chamado neotecnicismo na educação. Justamente, para esse autor, a antiga ideia de profissionalismo, característica antes valorizada pelos administradores, não existe mais. E esta percepção é importante para compreendermos o conflito atual entre educadores e gerentes, no que tange a maneira de se encarar o que representam bons trabalhos no âmbito da educação.

Segundo o sociólogo britânico, com as modificações promovidas na sociedade pelo pós-Estado de Bem-Estar, entrou em curso uma mudança profunda que não destina lugar ou futuro para o profissionalismo como prática ético-cultural. Dessa maneira, profissionalismo só tem significado dentro de uma realidade de racionalidade substantiva. Mas, com as tentativas de redefinição do conceito dentro de uma estrutura dominada pela racionalidade técnica, a ideia perdeu o sentido. Assim, no chamado profissionalismo pós-moderno, a concepção do termo é reduzida a uma forma de desempenho (performance) e obediência a regras impostas verticalmente. Neste contexto, a eficácia só é considerada quando medida e demonstrada numericamente (Ball, 2005).

Em relação à performatividade, Ball a define como “uma tecnologia, uma cultura e um método de regulamentação que emprega julgamentos, comparações e demonstrações como meios de controle, atrito e mudança” (2005:543). Dessa forma, ela é alcançada a partir da

publicação de indicadores que visam estimular, julgar, comparar e classificar os profissionais, diferenciando-os e provocando desequilíbrios entre eles.

Por fim, o gerencialismo, esta prática pela qual a estrutura e a cultura dos serviços públicos vêm sendo reformadas, inserem no setor público uma cultura empresarial competitiva. Nesse contexto, o trabalho do “gerente” envolve implicar uma atitude e uma cultura nas quais os trabalhadores sintam-se responsáveis e pessoalmente investidos da responsabilidade pelo bem-estar da organização. Isto é, o gerencialismo busca incutir performatividade na alma do trabalhador.

Sendo assim, o autor entende que a combinação entre performatividade e gerencialismo está atingindo profundamente a prática de ensino dos professores, visto que esta passa a ser “remodelada”, para responder às novas demandas externas. Então, esses profissionais passam a ser encarados cada vez mais como técnicos em pedagogia, e não como professores dotados de autonomia e senso crítico. Em essência, a performatividade produz disputa pela visibilidade no ranking com o qual os profissionais passam a ser considerados no mercado gerencialista. E nesse cenário, recusar assumir disciplinas além de sua formação e questionar tais condutas adotadas pela gestão são atitudes vistas como indolentes e afrontosas, restando aos professores, na maioria das vezes, aceitar a situação, sobretudo quando em condição de contratados.

De fato, as dificuldades que todos os profissionais docentes enfrentam, como falta de recursos, de alimentação, de transporte, falta de climatização e superlotação das salas de aula, capacitações inadequadas, dificuldades para tirar licenças, falta de incentivo para a carreira acadêmica, exaustão com conteúdo, aulas, atividades diversas e demais atribuições pedagógicas, os professores em regime de contrato temporário sofrem ainda mais. Ou seja, trabalham pressionados para se manterem no exercício da profissão e ainda assim não possuem garantias de continuidade do seu trabalho e da permanência na mesma unidade educacional.

Dessa forma, identificamos dentro da mesma rede de ensino duas categorias de professores: os efetivos e os contratados, que embora lecionem para o mesmo público, não são tratados igualmente pela administração pública. Aliás, embora representem quase a metade da categoria em atividade na Rede Estadual de Ensino<sup>29</sup>, os contratados não possuem a mesma representatividade no que diz respeito às garantias e condições de trabalho, sendo obrigados, assim, a conviver com a desigualdade, estratificação e instabilidade dentro do ambiente de

---

<sup>29</sup> Segundo o Relatório Anual de Indicadores 2021 da Secretaria de Educação e Esportes do Estado de Pernambuco, a rede de ensino contou com 36 mil docentes em exercício, sendo 17.021 (25,19% do total) em regime de contrato temporário. Enquanto docentes efetivos em atividade são 19.808 (29,32% do total). Cf. < <https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/RAI-2021.pdf> >. Acesso em: 15 nov. 2023.

profissional, tratadas como fenômenos inevitáveis. Mais do que isso: o “trabalhador flexível” é o perfil desejado por conta de sua autonomia, mas somente no sentido de autodisciplinar-se, de dar ordens a si mesmo, de “correr atrás” para resolver os problemas do trabalho. Como resume Pierre Laval,

(...) de acordo com a doutrina do capital humano, o trabalhador se dotaria de conhecimentos e competências ao longo de sua vida, sem poder mais se definir por um emprego estável ou um estatuto definido. “Na era da informação, o trabalhador não se define mais em termos de emprego, mas em termos de aprendizagem acumulada e aptidão em aplicar este aprendizado a diversas situações, no interior e no exterior do local de trabalho tradicional”. O conceito norteador é o da empregabilidade individual (Laval, 2004: 16).

## 2.2 O projeto-piloto

Sendo assim, frustrado, constrangido e inseguro em relação ao meu futuro na escola, decidi pôr em prática um piloto da intervenção pedagógica ainda em 2021, mesmo sem possuir um planejamento consolidado. Àquela altura, meu entendimento era de que seria melhor garantir alguma sequência pedagógica sobre o tema que gostaria de trabalhar, antes que outro elemento complicador fosse adicionado à história. Então, com o aval de meu orientador, em pouco tempo fiz nascer uma proposta de disciplina eletiva sobre as memórias dos moradores da Brasília Teimosa, pois, neste formato, necessitaria de poucos recursos para a concretização da proposta, além da presença física das pessoas envolvidas – o que por si só já era um imenso desafio no contexto da pandemia.

A primeira inspiração para essa novíssima proposta veio do Museu da Pessoa, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida, cujo acervo passa de 20 mil histórias, 60 mil imagens e 5 mil vídeos. Mais especificamente, o que despertou interesse foi a coleção *Recife-Memórias Compartilhadas*, de autoria de Lia Cristina Lotito Paraventi<sup>30</sup>. Basicamente, trata-se de uma coletânea de 8 histórias de vida de moradores da cidade de Recife, resumidos coletivamente e ilustrados por estudantes de várias escolas da Rede Municipal de Ensino.

Até aquele momento, a disciplina eletiva funcionaria de maneira semelhante à coleção. Ou seja, haveria uma seleção de pessoas representativas da comunidade e posteriormente convites para rodas de conversas entre elas e os estudantes. A partir desses encontros, construiríamos uma apresentação com resumos, áudios e imagens (desenhos, fotografias, vídeos) dos entrevistados, ajudando a apresentar um pouco da história da Brasília Teimosa à

---

<sup>30</sup> Cf. <<https://museudapessoa.org/colecao-detalle/?id=330>>.

comunidade escolar. Justamente, aqui se faz necessário recordar que, uma das motivações deste projeto foi ressignificar a visão dos estudantes a respeito da sua comunidade, tendo em vista minha percepção de que os jovens estudantes do ensino médio da EREM João Bezerra carregavam visões superficiais e estereotipadas sobre bairro.

Nesse aspecto, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie, ao discorrer sobre *O perigo de uma história única* (2019), é uma fonte de inspiração. Segundo ela, “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (2019: s/d). Precisamente, a história única prescreve e a prescrição segue uma receita que nos impede de ver as coisas diferentes de como elas se apresentam. Ela não deixa possibilidades para qualquer outro sentimento mais complexo, de se estabelecer conexão entre duas pessoas ou dois elementos.

Assim, seguindo o pensamento da autora, esse projeto existe para desconstruir uma única história da comunidade da Brasília Teimosa, carregada de viés negativo, marcada pelo descaso político e pelas desigualdades de pessoas marginalizadas pela estratificação social. Como defende a escritora, existe uma responsabilidade dos interlocutores, pois a informação fica a encargo de quem a transmite, de quem a recebe e processa a mensagem. A história única se cria a partir do momento que se mostra a um povo uma coisa só, e é isso que esse povo se torna. Portanto, com a responsabilidade há o poder de se definir o que o outro é.

Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende de muito poder. O poder é a habilidade não apenas de contar história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (ADICHIE, 2019, p.19).

Dessa maneira, quando em conversa com minha gestora sobre a proposta, ela me apresentou a ideia incomum de se montar uma palafita na escola, como se fosse um memorial da Brasília Teimosa. Recordei-me imediatamente do Museu da Maré, no Rio de Janeiro, e a maneira como ele ressignificou a precariedade da moradia local, ao reproduzir, no centro de sua exposição permanente, uma palafita em tamanho real. Foi assim que imaginei criar algo equivalente na Brasília Teimosa, a partir da sugestão da gestora.

Então, com essa mudança ambiciosa de objetivo, percebi a necessidade imediata de ir a campo e investigar o que a comunidade teria para mostrar de mais representativo, no intuito de preparar os encontros com os estudantes e construir um futuro acervo museal. Foi dessa maneira que, literalmente, peguei carona com meu primeiro informante, Seu Saulo, o porteiro da escola.

Embora ainda não estivesse claro naquele primeiro momento, já imaginava que de alguma maneira haveria de me aproximar da proposta dos museus comunitários, pois esta perspectiva museológica apareceu no horizonte. Tanto que, no princípio, me fazia a mesma pergunta realizada pelo ex-secretário de cultura de Medellín, Jorge Melguiso, registrada por Miziara: “qual o papel dos museus na construção da cidadania?” (2016:235). Precisamente, entendi que minha intervenção tinha preocupação semelhante à do colombiano:

o museu deve ser uma *Ágora*. Um museu tem que conter muitos museus, que devem sair da metalinguagem da arte, sair de suas próprias coleções e transformar-se em uma renovada vocação social. A tarefa de um museu é construir, com as comunidades, um relato que lhes é próprio, que interpele o relato oficial da história. Existe uma necessidade premente em se aprofundar os museus de territórios, museus itinerantes e de comunidades, uma vez que precisam ter responsabilidade sobre seu território imediato, sobre seu bairro, sobre sua comunidade (*Ibid.*: 235).

A partir dessa compreensão, comecei meu trabalho de investigação prévia, aproveitando que só encontraria com os estudantes da turma a qual fiquei responsável por realizar a disciplina eletiva no último terço do mês de agosto, devido ao rodízio estabelecido para as aulas presenciais. Assim, durante esse período, além do *tour* motociclístico anteriormente narrado, também me sentei com a professora de geografia, Risoneide Nunes, para conversar sobre a comunidade e fiz uma visita à Vila Moacir, área mais pobre da Brasília, com o presidente do Conselho de Moradores à época, Wilson Lapa, a fim de encontrar algum construtor de palafitas.

A conversa com a professora foi bastante esclarecedora, visto que, naquela época, realmente pouco sabia sobre a história do bairro. Então, a conversa entre docentes funcionou como uma verdadeira aula, quando pude perceber as muitas camadas que teria de explorar na realização de um trabalho sobre o patrimônio cultural local. Riso me explicou que a Brasília contou com três fases de ocupação (anos de 1930, 1950 e 1970); que antes dos moradores chegarem havia um areal aterrado; que existe uma rivalidade entre a Colônia de Pescadores Z1, localizada na Colônia, e a Associação de Pescadores, localizada na Vila da Prata – assunto que não consegui investigar bem; que a bacia do Pina está passando por um processo de gentrificação, com a construção de diversos empreendimentos imobiliários de luxo em seu entorno; que as escolas João Bezerra e Assis Chateaubriand foram criadas onde antes era um depósito de pedras do Dique do Nogueira; que o problema das moradias precarizadas na orla foi resolvido somente com a requalificação do governo Lula e consequente engorda da praia. Mas, principalmente, a professora insistiu muito que eu procurasse saber mais sobre a história do bairro, antes de criar uma palafita na escola, pois, na sua crítica visão, essa forma de moradia

representaria apenas uma época e uma parte específica da Brasília Teimosa, e não a sua totalidade.

Justamente, senti que Risoneide, minha segunda colaboradora deste trabalho, era contra a ideia da construção da precária habitação dentro da escola, não só porque seria, na visão dela, um “trambolho” desnecessário entre as salas de aula, mas, principalmente, por temer que eu acabasse reproduzindo estereótipos que me propunha a combater. Quer dizer, minha proposta tenderia a reforçar a visão negativa sobre a Brasília Teimosa, de uma enorme favela de palafitas, que por tantos anos figurou negativamente no imaginário coletivo da cidade. Entendi o ponto da professora, de não se glamurizar a pobreza, mas continuei achando que poderia ressignificar o objeto, tal como a proposta do Museu da Maré o fizera.

Tanto que, por meio da minha gestora, combinei com o presidente do Conselho dos Moradores à época que me ajudasse na busca por alguém que soubesse levantar a habitação. Então, ainda nessas primeiras semanas de agosto, fui com Wilson Lapa à Vila Moacir, uma das últimas vilas construídas na Brasília, no antigo terreno da Portobrás, às margens do estuário do Pina, onde pude constatar haver algumas poucas e escondidas palafitas. A exemplo do *tour* realizado com Seu Saulo, esta visita também foi reveladora, pois pude conhecer uma localidade onde nunca estivera e constatei ainda haver moradias precárias sob as águas da Brasília, ao contrário do que atualmente se divulga. Na verdade, a justificativa de se estar buscando um construtor de palafitas me proporcionou as primeiras idas a campo, pois naquele momento, de caderno e caneta em punho, já me encontrava domesticado para estar de olhos e ouvidos bem abertos (Oliveira, 1996).

Com efeito, saindo à esquerda da escola, pela Rua Francisco Valpassos, me encontrei com Wilson na esquina com a Rua das Oficinas, uma das conexões do bairro com a Avenida Antônio de Góes. Dali, seguimos em frente pela mesma rua da nossa escola e adentramos uma área mais periférica da Brasília, por trás da Rua A (Delfim). Logo de imediato, percebi que a presença de Wilson, um líder comunitário, era bastante requisitada, pois fomos parados por muitos moradores em nosso caminho, solicitando necessidades diversas, como a pavimentação da rua, feita provisoriamente pelos próprios moradores com metralha para cobrir os buracos.

Chegando ao final do logradouro, entramos por um apertado beco até alcançar a maré, termo utilizado para nomear a beira do rio. Lá havia duas palafitas montadas em cima da margem, fechadas e sem ninguém. A entrada era por uma ponte feita de madeiras e tapumes e as moradias em si, eram uma mistura desses materiais com portas e outras peças diversificadas. Entre as duas casas, havia um pequeno espaço a céu aberto cheio de entulho, incluindo um vaso sanitário coberto de água de chuva, alvo de crítica de Wilson. Foi a primeira vez que estive

diante de uma palafita e a experiência me proporcionou imaginar, através do cheiro, da humidade, da textura, como deveria ser complicado viver na orla da Brasília antes da requalificação urbana de 2003.

Não encontrando ninguém, seguimos às margens do estuário pela Travessa Delfim, uma via paralela à Rua A (Delfim), em busca de um “engenheiro da natureza”, como definira Wilson. Perguntando de boca em boca, chegamos até um homem que afirmou poder me ajudar na montagem da futura peça museal. Combinou conosco de ir à escola no dia seguinte, mas nunca apareceu na instituição. Por termos confiado na promessa, dali retornamos e essa segunda visita a campo se encerrou naquele momento.

Assim, após duas visitas a campo aparentemente malsucedidas, no sentido de não encontrarmos um “engenheiro da natureza” para nos ajudar, finalmente chegou a hora de estar com os estudantes do 1º ano D e explicar a proposta da disciplina. A demora em nos encontrarmos ocorreu devido ao rodízio estabelecido para todas as turmas da escola, visto que ainda vivíamos em um contexto pandêmico. Justamente, havendo 5 turmas de primeiros anos, a turma D era a quarta na ordem estipulada para comparecer às sextas feiras, meu único dia de atividades presenciais naquela época. Então, segundo o calendário previsto, nos encontramos pela primeira vez somente na tarde da terceira sexta feira de agosto, ou seja, dia 20 do mesmo mês.

Para nosso primeiro encontro de 1 hora, o esperado era que eu trabalhasse metade desse tempo conteúdos de Arte e a outra metade conteúdos de Projeto de Vida, como vinha acontecendo com as outras turmas. No entanto, devido às circunstâncias, decidi usar os raros encontros presenciais com aquela turma para realizar o projeto-piloto, deixando o ensino das outras disciplinas para o formato remoto, com exceção de algumas aulas específicas em que teríamos de fazer alguns trabalhos e exercícios para compor as notas. Ou seja, a execução desse projeto já começou pelos atalhos<sup>31</sup>.

Assim, o segundo encontro estava marcado para a semana seguinte (27/08/21), no turno da manhã, e o terceiro encontro, seguindo o rodízio, só dali a um mês, no dia 24 de setembro. Diante da constatação dessa imensa lacuna entre as aulas presenciais, já no primeiro encontro combinei com estudantes deles comparecerem à escola toda sexta feira, exclusivamente para a minha disciplina, a fim de dar continuidade à intervenção. Contudo, não aconteceu conforme o desejado, e sim como o esperado: pouquíssimos estudantes compareceram a esses encontros informais, de modo que logo percebi estar “forçando a barra”, exigindo a presença deles em

---

<sup>31</sup> Esse tópico será mais bem desenvolvido no próximo capítulo.

dias que não deveriam estar na escola. Uma contradição no meu argumento, pois não se desenvolve uma “comunidade aberta de aprendizado” (Hooks, 2013) à força. De fato, esta questão foi revista para as próximas etapas do projeto, realizadas no ano seguinte.

#### REVEZAMENTO DE TURMAS\_1ºS ANOS\_2021

##### JULHO

DIA	22	23	26	27	28	29	30
MANHÃ	ACOLHIDA TURMA C	ACOLHIDA TURMA E	ACOLHIDA TURMA A	B	C	D	E
TARDE	ACOLHIDA TURMA D	ACOLHIDA TURMA B	APENAS AULA ONLINE	C	D	E	A

##### AGOSTO

DIA	02	03	04	05	06	09	10	11	12	13	16	17	18	19	20	23	24	25	26	27	30	31
MANHÃ	B	C	D	E	A	C	D	E	A	B	D	E	A	B	C	E	A	B	C	D	A	B
TARDE	C	D	E	A	REUNIÃO PAIS	D	E	A	B	C	E	A	B	C	D	A	B	C	D	E	B	C

##### SETEMBRO

DIA	01	02	03	06	07	08	09	10	13	14	15	16	17	20	21	22	23	24	27	28	29	30
MANHÃ	C	D	E	B	FERIADO	D	E	A	C	D	E	A	B	D	E	A	B	C	E	A	B	C
TARDE	D	E	A	C	FERIADO	E	A	B	D	E	A	B	C	E	A	B	C	D	A	B	C	FINAL III BIMESTRE

**Quadro 2:** Cronograma de revezamento de turmas em agosto, setembro e outubro de 2021. Fonte: ETEJB.

Essa ansiedade em tocar o projeto, “atropelando” o meu próprio processo, bem como os dos estudantes, tinha outra explicação, além da minha incerteza em permanecer na escola. Aconteceu que, na volta do recesso do meio do ano, ainda em 2021, em reunião entre gestão escolar e professores, ficou combinado que haveríamos de realizar disciplinas eletivas ao longo dos terceiro e quarto bimestres e que haveria um momento de culminância entre elas, como costumeiramente acontecia antes da pandemia. Só que naquele imprevisível contexto, não se organizou um horário específico para tal, decidindo-se apenas quais professores lecionariam as eletivas e em que turmas ficariam responsáveis. Sendo que, ao contrário de como acontecia antes, não haveria mistura de educandos entre as turmas, para diminuir o contato entre as pessoas. Ou seja, não foi permitido a eles escolherem a eletiva que desejassem. Por conta disso, meu projeto aconteceu exclusivamente com o 1ºD, independente da vontade dos estudantes. Outra contradição pedagógica que, neste caso, dado o contexto, não havia muito como resolver.

Com relação aos estudantes, não os conhecia direito até a volta das aulas presenciais, em agosto, porque vinha trabalhando ao longo dos meses no formato de *home-office*. Como no ensino remoto as aulas eram para todas as turmas ao mesmo tempo, e como eram poucos os estudantes que assistiam às aulas de Sociologia e Filosofia, num primeiro momento, e Arte e

Projeto de Vida em outro, não fazia ideia de como eles eram fisicamente, onde moravam, do que gostavam, enfim, quase nada sobre eles.

Assim sendo, em nosso aguardado primeiro encontro, de posse de uma montagem fotográfica emprestada da gestão escolar com imagens da orla da Brasília antes e depois da reforma – a primeira peça do acervo, por assim dizer –, apresentei oralmente os objetivos e a metodologia, deixando para fechar o cronograma em outro momento, a partir da resposta que os estudantes me ofereceriam sobre o curso.



**Figura 26:** Montagem fotográfica da orla da Brasília Teimosa antes e após requalificação. Foto: Josa Fotos. Fonte: ETEJB.

Assim, expliquei nesse primeiro momento que estaríamos desenvolvendo em nossos encontros presenciais o projeto *Memórias de Brasília Teimosa*; que nosso objetivo principal seria construir uma exposição museal sobre o tema; que deveríamos construir e coletar acervo material para essa exposição; que entrevistariamos representantes antigos do bairro, buscando compreender suas histórias de vida, sua relação com o meio ambiente, assim como reconstituir a história da comunidade; que realizaríamos saídas a campo, portanto fora dos limites da escola; que visitaríamos um museu, a fim de saber como é uma exposição museal; que eles seriam muito importantes no processo de investigação sobre o patrimônio cultural teimosino; e que construiríamos, se possível, uma palafita em tamanho real na área externa da escola, como uma instalação provisória da nossa exposição.

Comentando que eles são os herdeiros do patrimônio cultural local, ao contrário de mim e do restante do corpo docente, reforcei que um pressuposto fundamental do trabalho seria a troca dialógica entre docente e discentes. E que nosso maior desafio seria organizar a exposição

nas condições que dispúnhamos, enfatizando o desafio de montar uma palafita, no que muitos aparentaram incredulidade com essa parte da proposta. Muitos, porém, nem todos, pois, quando perguntei, por pura formalidade, se algum deles saberia construir a habitação em tamanho real, houve um aluno que levantou a mão e disse que sim. Subitamente, a incredulidade passou para o meu lado.

Nunca conseguimos elevar a palafita na escola, nem nesta etapa, nem nas seguintes. Contudo, imaginar essa possibilidade me fez tomar esse estudante como parceiro, dialogando com ele algumas vezes sobre como poderíamos realizar o empreendimento. Em uma de nossas conversas, quando solicitei que fizesse uma lista de materiais necessários para a moradia, ele o fez na mesma hora, olhando para o espaço que tínhamos selecionado na escola e calculando o que seria necessário:

20 taubas de piso  
19 madeira 4 quina da grossa  
11 madeira 4 quina da meidia  
300 tabuas maderites  
Telhas  
Maquita  
Martelo  
Um paralelepípedo gigante

O mais interessante dessa lista, para além de confirmar o seu saber-fazer, foi perceber que, ao contrário do que imaginava, até mesmo para se construir uma palafita é necessário investimento, o qual não dispúnhamos. Como bem alertara o estudante, “é gasto, viu?”. Em nossas conversas, ficou claro que ele sabia do que estava falando, pois também explicou que atualmente está proibido cortar árvores do mangue para usar como “estronga” (estronca), isto é, os sustentáculos das palafitas que são enterrados na lama.

Assim, inesperadamente, após buscas vãs na comunidade, solicitações de ajuda a outros professores, funcionários e líderes comunitários, encontrei, entre os próprios estudantes, o tal “engenheiro da natureza”. Um rapaz humilde, morador da comunidade do Bode, filho de empregada doméstica e pai pescador, mas que, apesar das adversidades, detém um conhecimento raro, aprendido empiricamente, que tantos não possuem, incluindo eu.

Esse fato exemplifica exatamente o que venho tentando defender na escola desde então: uma troca legítima de saberes entre professores e estudantes. Sob a ótica freireana, ainda que com contradições, como as apresentadas anteriormente, tenho procurado respeitar os saberes dos educandos, tomando-os como ponto de partida no processo de ensino e de aprendizagem.

Isto é, os professores se caracterizam por diferentes saberes-fazer, advindos do estudo, da prática profissional e das demais dimensões da vida, como aponta Freire,

A construção do saber também se dá na relação dialógica entre educadores e educandos, na qual “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (...) e o reconhecimento da construção do saber nessa relação dialógica possibilita, ao professor, reconhecer-se como ser inacabado e tomar consciência de seu inacabamento (Cezar, 2020: 1249).

Infelizmente, esse aluno faltava muitas aulas, tampouco as assistia *online*. Dessa forma, não dialogamos o suficiente sobre o seu saber-fazer e nosso contato acabou sendo raro ao longo do curso. Em síntese, o saldo positivo do primeiro encontro foi perceber que seria necessário conhecer melhor meus alunos, para que assim entendesse como eles poderiam ajudar no projeto e na identificação dos saberes-fazer da comunidade.

Assim sendo, para os próximos encontros, elaborei toda a sequência didática, organizando o cronograma em quatro blocos temáticos: I) “Primeiras conversas”, com aulas conceituais sobre museologia e organização de grupos de trabalho; II) “Encontros e trabalhos de campo”, momento de ir a campo fazer investigação; III) “Organizando a exposição”, conjunto de aulas destinadas a organizar o que foi feito e confeccionar a exposição; e IV) “Culminância”, a apresentação final da proposta <sup>32</sup>.

Também elaborei um formulário *online* para saber mais sobre eles e suas famílias, no intuito de pensar em estratégias para atingir os objetivos propostos. Entretanto, como esse material teve pouca adesão no formato remoto, o reproduzi fisicamente e entreguei aos estudantes no nosso segundo encontro<sup>33</sup>. Além do preenchimento desse material, também assistimos a trechos de um documentário sobre o Museu da Maré<sup>34</sup>, debatemos um pouco sua proposta museal e, por fim, realizamos uma avaliação diagnóstica, a fim de testar os conhecimentos prévios sobre museus, na qual solicitava uma definição simplificada desse tipo de equipamento cultural.

A discussão sobre a reportagem documental não teve muita participação dos estudantes, mas serviu para mostrar a proposta de valorização da identidade cultural adotada pelo Museu da Maré e as semelhanças entre a comunidade carioca e a recifense: origens pobres, litorâneas, de tradição pesqueira, aterradas sobre o mangue e de gente empenhada em lutar pelo direito à

---

<sup>32</sup> Cf. Apêndice 1.

<sup>33</sup> Cf. Apêndice 2.

<sup>34</sup> Conhecendo museus – Série 1 – Museu da Maré. Direção: João Carlos Landi Guimarães. Fundação José de Paiva Netto, 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TVHrrtM9UD0>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

moradia. Mesmo assim, as avaliações foram importantes, pois pude perceber, ao analisar as respostas do formulário, que apenas metade da turma morava na Brasília, o que indicava a presença de um número considerável de estudantes que desconheciam aspectos culturais e históricos relevantes da comunidade.

Com efeito, no formulário perguntava a profissão dos pais deles e se conheciam moradores da Brasília que poderiam nos contar histórias sobre o bairro e seu entorno. Praticamente todos que moravam em outra localidade responderam que não conheciam, enquanto que, entre os que habitavam na comunidade, alguns mencionaram pessoas mais velhas, como tios, pais e avós. Com relação à profissão dos pais, alguns poucos responderam serem filhos de pescadores, uns do mar, outros do mangue. No que se refere ao exercício escrito, foi possível perceber que poucos integrantes da turma já haviam visitado algum tipo de museu. Mesmo os que já haviam visitado, possuíam uma visão superficial sobre essas instituições<sup>35</sup>.

Em relação à aula seguinte (terceira), tratou-se de um encontro não formal, ou seja, não programado pela coordenação escolar, no qual trabalhamos conteúdos das disciplinas de Arte e Projeto de Vida. De relevante, apenas que, no concernente ao projeto, dividimos os poucos estudantes presentes em grupos de trabalho para desenvolvimento futuro.

Então, a organização dos grupos ficou assim: 1) execução de instalação artística (palafita de memórias); 2) busca ativa de ex-estudantes para entrevistá-los; 3) pesquisa iconográfica na internet; e 4) cenografia geral. No entanto, esses GT's nunca saíram do papel, de modo que a ideia acabou se perdendo ao longo do curso. Da mesma forma, devido ao contexto das aulas e mesmo à forma como o projeto foi conduzido, as rodas de conversa realizadas com convidados foram definidas por mim, a partir do que vinha investigando sobre a Brasília. Então, na realidade, embora tenha solicitado no formulário disponibilizado aos estudantes sugestões de pessoas para entrevistarmos, no final das contas, acabei cuidando sozinho dessa parte, sem ir atrás das poucas sugestões por eles apresentadas.

Por fim, o quarto encontro, também não programado oficialmente pela escola, contou com baixíssima frequência, de forma que o conteúdo planejado – compreender como se faz uma exposição museal – foi executado, mas pouco aproveitado futuramente. Literalmente, a aula ocorreu para meia dúzia de estudantes.

Assim, a segunda etapa de *Memórias de Brasília Teimosa* iniciou na segunda metade de setembro, com a primeira roda de conversa. Para a ocasião, convidei Seu Augusto, antigo pescador da comunidade e representante da Colônia Z1. Destarte, nos reunimos na biblioteca

---

<sup>35</sup> A forma como os estudantes enxergavam os museus antes e depois da disciplina será analisada adiante.

da escola a fim de que o senhor contasse a suas histórias sobre o bairro e a colônia de pescadores. Nesse instante, o projeto começou a ganhar forma, passando da fase teórica para a prática. Justamente, em pouco menos de 1 hora, Seu Augusto nos trouxe muitas histórias relevantes.

Para começar a conversa, pedi ao convidado que se apresentasse e falasse da sua relação com a Colônia de Pescadores. No entanto, ao invés de atender à minha solicitação, Seu Augusto iniciou sua fala aos estudantes relembrando o centenário de Paulo Freire e afirmando sua identificação com o pensamento do educador pernambucano. Fez questão de reforçar a importância da troca dialógica, para somente depois falar sobre si, sobre a colônia de pescadores e sobre a Brasília Teimosa. Ou seja, já na primeira experiência prática, aparecera uma situação que seria constante dali para a frente: não ter controle sobre o que o interlocutor iria fazer ou dizer.

Esse tipo de situação se repetiu algumas vezes em outros contextos, mostrando que ao se compartilhar o espaço e a audiência dos estudantes com outras pessoas, estamos sujeitos a situações não planejadas, sobretudo fora do espaço institucional. Justamente, esse procedimento reafirma a dimensão dialógica, no sentido de conferir a outros atores sociais a autoridade sobre o conteúdo e a dinâmica da aula, seja ela dentro ou fora da escola. Em outras palavras, ceder a condução da atividade a outro interlocutor proporciona não apenas a possibilidade de horizontalização do debate, mas também a abertura para o inesperado, tornando difícil prever o andamento da conversa e a dinâmica em que o processo de ensino ocorrerá.

Pois, o experiente pescador narrou como se deu o processo de ocupação do areal a partir do déficit habitacional provocado pela chegada de famílias do interior do estado; do processo de aterramento da área, realizado no intuito de se fazer um parque de inflamáveis do porto; falou da união dos pescadores com representantes de outros estados; e explicou o processo de transição da Colônia Z-1 do Cabanga para o Pina, devido a um incêndio na sede, na primeira metade do século XX.

Seu Augusto também contou um pouco de sua vida; que era filho de pescador; que quando criança a Brasília era realmente um areal, por isso andava com os pés na areia quente; narra sua ida ao Chile para representar os pescadores brasileiros em um seminário regional sobre pesca artesanal; explica a ida de pescadores ao Rio de Janeiro para se encontrarem com Juscelino Kubitschek; e fala sobre a desordem da orla da Brasília Teimosa, quando era margeada por palafitas. Ao final, elogia o Governo Lula pela requalificação urbana promovida na orla da comunidade.



**Figura 27:** Roda de conversa com Augusto de Lima Guimarães. Fonte: foto do autor, 2021.2.

Então, na semana seguinte à roda de conversa, fizemos o primeiro trabalho de campo: uma visita guiada pela Brasília Teimosa, conduzida pela professora de Geografia, Risoneide Nunes. Por já trabalhar na comunidade desde meados dos anos de 1990, tanto na escola Assis Chateaubriand, quanto na João Bezerra, Riso é uma grande conhecedora dos aspectos socioculturais e históricos da localidade e tem o hábito de guiar os estudantes pelo bairro em diferentes atividades pedagógicas, normalmente vinculadas ao meio ambiente e sustentabilidade, dois temas muito caros ao seu trabalho.

Dessa maneira, nosso sexto encontro começou em uma pequena reunião na biblioteca da escola. Antes de fazermos o reconhecimento pela região com os 12 alunos presentes, a professora fez questão de comentar alguns aspectos fundamentais, em seu julgamento, sobre a comunidade. Assim, Risoneide começou a conversa – devidamente gravada, para se tornar mais um item do nosso acervo – apresentando o seu projeto atual dentro da escola.

Resumidamente, há alguns anos, ela desenvolveu uma técnica, junto do professor de química, Jerônimo Costa, que consiste em misturar cascas de sururu, um molusco muito pescado no estuário do Pina, com gesso, resultando em uma resina utilizada para a produção de peças decorativas, jogos educativos e joias. Narra a professora que a proposta surgiu a partir da identificação, pelos próprios estudantes, de problemáticas associadas à bacia do Pina. No caso, perceberam que havia um descarte incorreto da casca de sururu no rio, realizado pelas marisqueiras. Então, juntos pensaram em como reutilizar as cascas e chegaram ao resultado das peças de gesso com casca de sururu triturado. O fim dessa cadeia seria a venda das peças para

incrementar a renda das marisqueiras e, nesse sentido, Riso tem trabalhado com *workshops* para desenvolver uma conscientização ambiental, associada à economia solidária, junto da população local<sup>36</sup>.

Com a fala “A comunidade é uma sala a céu aberto”<sup>37</sup>, a professora iniciou, então, uma contextualização histórica de forma parecida a que havia feito comigo no mês anterior. Com o auxílio de fotos projetadas na lousa, explicou sobre os movimentos de ocupação da Brasília; mencionou o crescimento da comunidade a partir da mecanização do campo e do êxodo rural ocorrido em meados do século XX; explicou a origem do nome da comunidade e sua antiga luta pela posse da terra; falou sobre a requalificação urbana ocorrida no primeiro mandato do Governo Lula, sem deixar de lado a crítica aos interesses do mercado imobiliário; e fez uma analogia da engorda da praia na Brasília Teimosa com movimentos semelhantes na Holanda e no Japão.

Ela também diferenciou os motivos que levaram à realização da engorda na orla da Brasília (construção da avenida, impedimento do retorno das palafitas e valorização econômica do bairro) das ocorridas em Olinda e em Jaboatão dos Guararapes (contenção do avanço do mar); comentou sobre como a sinuosidade das ruas ajuda a entender a história de ocupação da península; e, principalmente, abordou a questão da verticalização do bairro, uma vez que ele se encontra praticamente todo ocupado e agora apresenta a tendência de crescimento vertical. Em suma, comentando as fotos que ela mesma trouxera, Riso fez um panorama sócio-histórico ilustrativo da Brasília.

Posteriormente, iniciamos o *tour*, caminhando à direita de nossa escola, pela Rua Francisco Valpassos, até ela se transformar na Rua Comendador Moraes. Ao chegarmos à fronteira entre a Brasília e o Pina, finalmente adentramos a comunidade. Assim, entramos na Rua Araguari, por detrás do imponente empresarial JCPM, onde há um famoso restaurante chamado Vieira, visitado por mim e alguns estudantes no ano seguinte. Entramos pela Colônia passando por vielas e becos, até chegar à Praça São Pedro, onde fica a sede da Colônia Z1. Definitivamente, havia um caminho mais prático para se chegar lá, porém entendi que o objetivo da professora era caminhar pelas brechas entre as construções, no intuito de mostrar como a comunidade se construiu sem um plano ordenado. Ou melhor, como a região da Colônia, a primeira do bairro a ser povoada, se constituiu organicamente.

Após uma fala sobre o processo de ocupação pelos pescadores e a mudança da Colônia Z1 do Cabanga para a Brasília, seguimos pela Avenida Brasília Formosa até a Praia do Buraco

---

<sup>36</sup> Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=G8KimEwZTc8>. Acesso em: 19 jun. 2023.

<sup>37</sup> Entrevista de Risoneide Nunes de Morais, concedida em 01 de outubro de 2021.

da Veia. No caminho, debatemos como a comunidade tem levantado casas e prédios acima do limite permitido por lei<sup>38</sup>. Nesse tópico, Risoneide tem muitas críticas, pois entende que membros da própria comunidade favorecem ao processo de expansão vertical e consequente descaracterização do bairro. Isto é, mesmo sem as empreiteiras poderem agir na ZEIS da Brasília, há um processo de verticalização urbana e encarecimento das residências. Sendo que, por se tratar de imóveis relativamente pequenos em comparação com as mega construções de Boa Viagem e do Pina, não há um controle por parte do poder público, como supostamente haveria com a construção de grandes edifícios.

Seguimos pela orla, onde Risoneide pôde mostrar a engorda da praia, isto é, a faixa de areia aterrada entre a mureta que protege o bairro das ondas do mar e o calçadão. Ao chegarmos à altura do Quiosque da Palafita, do outro lado da rua, a professora fez questão de lembrar que frequentava o bar do quiosqueiro antes da reforma. Daí me veio a ideia de conversar, em outra oportunidade, com o seu dono, como de fato aconteceu futuramente.

De volta à visita guiada, foi o momento de chamar a atenção para o processo de requalificação urbana e remoção das famílias moradoras das palafitas para outra região da cidade, em particular o Habitacional no Cordeiro, bairro da Zona Oeste da cidade. O conjunto de apartamentos foi criado para receber os antigos habitantes da beira-mar teimosina. Justamente, esse tema viria a reaparecer na futura conversa com Carlos, do Quiosque da Palafita.

Debaixo de um sol forte, seguimos pelo calçadão, desviando dos entulhos e lixos deixados pela população – retrato de que ainda há problemas não resolvidos na orla. A poucos metros do Buraco da Veia, fizemos mais uma parada, no posto de observação dos bombeiros marítimo. Riso fez uma explanação técnica sobre a geografia local, abordando tanto os ventos quanto o mar. Ressaltou as características dos arrecifes que margeiam boa parte do litoral pernambucano e dão nome à cidade e lembrou que o muro, construído por cima deles, foi criado, primeiramente, pelos holandeses.

A próxima parada foi na Praia do Buraco Veia, quando relembramos o “muro da vergonha” construído pelo Iate Clube, caso que deu origem ao batismo da praia, segundo conta

---

<sup>38</sup> De acordo com o Plano Diretor do Município do Recife (Lei Complementar nº2, de 23 de abril de 2021), em seu artigo 80: “As Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) em função de suas categorias, objetivos e diretrizes apresentam coeficientes de aproveitamento diferenciados de acordo com a área onde se inserem: I - Zona Especial de Interesse Social 1 em planície (ZEIS 1 Planície) (...) c) coeficiente de aproveitamento máximo - 2,0”. Não foi possível consultar algum especialista na área, porém, minha interpretação sobre o texto é de que é permitido construir 2 vezes além do tamanho da propriedade. Ou seja, um imóvel poderia construir até 2 pavimentos além do térreo. Na Brasília, há imóveis de vários tamanhos. Contudo, há uma quantidade grande de casas com 2 andares, incluindo minha habitação, o que sugere essa interpretação.

a população. No principal ponto turístico do bairro, aproveitamos a bela paisagem e posamos para algumas fotos. Curiosamente, durante essa interação, escutei de uma aluna outra versão para o nome da praia: que uma velha teria morrido naquele local e, por conta disso, a pequena enseada ganhara o nome atual. Essa era a primeira vez que ouvia uma versão diferente para o nome da praia. Fato que demonstrou um pouco da tradição oral da comunidade, principalmente porque, ao longo desta pesquisa, escutei mais algumas versões para a nomeação do local.

De lá, contornamos o Iate pela Travessa Brasília Formosa até chegar ao lado do estuário. Entramos na Associação de Pescadores para observar a bacia do Pina à beira de um píer e perceber os empreendimentos imobiliários em seu entorno. Este foi um momento importante do trabalho de campo por dois motivos: primeiramente, por abordar o processo de gentrificação<sup>39</sup> que vem ocorrendo na região, com o avanço do capital imobiliário e a onda de construções que paulatinamente vem tomando conta da região. Assim, percebemos que desde o bairro de São José, passando pelo Cais José Estelita, pela ilha onde se encontra o Shopping RioMar e seus empresariais, até chegar no Pina, na área fronteira com a Brasília, há enormes edifícios em construção ou finalizados recentemente.

Esse foi o momento de fazer o contraste entre a ZEIS da Brasília e as áreas do seu entorno. Recordo-me de chamar a atenção, pois havia pesquisado pouco dias antes, sobre o valor de 2 milhões de reais para cada apartamento na planta do Edifício Mirante do Capibaribe, localizado próximo à ponte do Pina. Ainda não concluído à época do nosso *tour*, a construção se localiza dentro da península teimosina, mas em uma área fora dos limites da ZEIS. Uma singular amostra da gentrificação, da especulação imobiliária e da desigualdade socioeconômica da cidade.

Esse momento de pausa e debate sobre o estuário foi muito rico, porque permitiu efetivamente a troca epistemológica entre docentes e discentes, quando alguns destes compartilharam com o grupo seus saberes construídos empiricamente. Justamente, enquanto falávamos de gentrificação, os estudantes, alguns filhos de pescadores, denunciavam os dejetos

---

<sup>39</sup> Gentrificação “refere-se a processos de mudança das paisagens urbanas, aos usos e significados de zonas antigas e/ou populares das cidades que apresentam sinais de degradação física, passando a atrair moradores de rendas mais elevadas. Os “gentrificadores” (*gentrifiers*) mudam-se gradualmente para tais locais, cativados por algumas de suas características – arquitetura das construções, diversidade dos modos de vida, infraestrutura, oferta de equipamentos culturais e históricos, localização central ou privilegiada, baixo custo em relação a outros bairros – , passando a demandar e consumir outros tipos de estabelecimentos e serviços inéditos. A concentração desses novos moradores tende a provocar a valorização econômica da região, aumentando os preços do mercado imobiliário e o custo de vida locais, e levando à expulsão dos antigos residentes e comerciantes, comumente associados a populações com maior vulnerabilidade e menor possibilidade de mobilidade no território urbano, tais como classes operárias e comunidades de imigrantes. Estes, impossibilitados de acompanhar a alta dos custos, terminam por se transferir para outras áreas da cidade, o que resulta na redução da diversidade social do bairro” (Alcântara, 2018).

de obras jogados irregularmente pelas construtoras na bacia do Pina e o consequente assoreamento. Enquanto falávamos de adensamento populacional, os meninos nos ensinavam a diferença entre baiteira, jangada e barco, três tipos de embarcações muito utilizadas pelos moradores. Naquele momento, vislumbrei que tínhamos construído, por meio da prática dialógica, ainda que temporariamente, uma relação de aprendizado horizontalizada.



**Figura 28:** Visita guiada pela Brasília Teimosa com professora Risoneide Nunes: Praia do Buraco da Veia. Fonte: foto do autor, 2021.2.

Continuamos nosso roteiro pela Rua A (Delfim), margeando o estuário até chegarmos ao Deck Pina Bar, um restaurante especializado em frutos do mar, voltado a um público de médio a alto poder aquisitivo<sup>40</sup>, portanto, majoritariamente externo da Brasília Teimosa. Pedindo licença para entrar no espaço e poder observar a bacia do Pina, conversamos sobre o potencial turístico do bairro e o avanço do empresariado sobre a região.

<sup>40</sup> Curiosamente, em depoimento à reportagem do Jornal do Comércio, o proprietário, Josivaldo Barbosa, faz questão de frisar que o empreendimento está localizado a apenas 200 metros do Iate Clube, que, como é sabido, atende a um público abastado, de fora da comunidade. Além disso, o empresário resume a proposta do seu comércio como “diferenciada”, indicando que seu negócio se difere de outros semelhantes, mas também da própria comunidade, amplamente reconhecida pelas suas atrações gastronômicas. Cf. < <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/turismo-de-valor/2021/06/12132121-curtir-o-por-do-sol-no-deck-pina-bar.html> >. Acesso em: 3 dez. de 2023.



**Figuras 29 e 30:** Visita guiada pela Brasília Teimosa com professora Risoneide Nunes: debate no píer da Associação de Pescadores e retorno pela Rua A (Delfim). Brasília Teimosa, Recife. Fonte: fotos do autor, 2021.2.

Seguindo pela mesma rua, já no final da visita guiada, cujo roteiro passou a ser minha referência nos futuros trabalhos de campo, entramos à direita em determinado momento, numa área à beira da maré popularmente chamada de Beco da Lancha. Passamos por uma margem estreita de alguns poucos metros, uma das poucas áreas estuarinas da Brasília sem a ocupação total de imóveis. Ali funciona mais um local de embarque e desembarque de pescadores e marisqueiras. Por fim, já na Travessa Delfim (paralela à Rua A, Delfim), passamos pela área considerada mais periférica da Brasília: a Vila Moacir, não recomendada, inclusive, pelos próprios estudantes<sup>41</sup>. Então, retornamos finalmente à escola e encerramos as atividades.

Esse momento do projeto-piloto consistiu em três semanas bastante agitadas, sendo bom para dinamizar as aulas e causar a impressão de que algo concreto estava sendo realizado. Contudo, esse excesso de atividades diferenciadas dificultou as necessárias avaliações sobre elas, no sentido de dificultar a sistematização do que vinha sendo feito, falado e, principalmente,

<sup>41</sup> “Ali tem a boca (de fumo)”, isto é, tráfico de drogas, uma vez me contou uma estudante, em outro trabalho de campo.

aprendido. Pois, na semana seguinte ao trabalho de campo, visitamos dois museus do bairro do Recife Antigo: o Cais do Sertão e o Paço do Frevo.

Por se tratar de uma visita técnica, pedagogicamente falando, nossa saída era de suma importância e, por isso, todos os estudantes do 1ºD que quiseram participar tiveram suas vagas garantidas no ônibus disponibilizado. Mesmo assim, como ainda sobraram algumas vagas, convidei alguns estudantes dos primeiros anos que tinham boa participação nas aulas de Arte, uma das disciplinas a qual estava responsável naquela época. Embora não seja possível afirmar se houve relação, alguns desses convidados se inscreveram, no ano seguinte, na segunda etapa deste projeto, como será descrito mais à frente.

Conforme explicado anteriormente, minha proposta de intervenção na área da educação patrimonial era fazer algo mais duradouro do que uma simples visita a um museu, pois, esse tipo de atividade, embora enriquecedora, é muito comum de se fazer quando o assunto é educação e patrimônio – de acordo com minha própria percepção sobre o tema<sup>42</sup> – e nem sempre desenvolve desdobramentos. Contudo, essa prerrogativa nunca significou deixar de se visitar esses espaços.

Pelo contrário, outro pressuposto do projeto-piloto consistia em visitar pelo menos um espaço museal. Convém lembrar que, quando não há um museu, centro cultural ou equipamento cultural semelhante nas cercanias da escola, organizar esse tipo de visitação passa a ser uma tarefa complexa, devido à falta de recursos para o transporte. Sendo assim, seguindo orientação da minha gestora, solicitei um ônibus ao Instituto JCPM de Compromisso Social, um braço social do grupo JCPM.

O Instituto possui parcerias com as escolas da região do Pina, pois é exatamente onde o grupo está estabelecido em Recife, contando o shopping Rio Mar, suas torres empresariais e o edifício-sede, este último localizado em frente à Praia do Pina, na fronteira com a Brasília Teimosa. Ao longo deste trabalho, não houve como aprofundar a relação do grupo com as escolas, de modo que limitarei minha análise ao discurso oficial da instituição, alguns poucos sites e minhas próprias impressões individuais.

---

<sup>42</sup> Apesar de não ter realizado um Estado da Arte sobre educação patrimonial, minha experiência particular, bem como minhas leituras sobre o assunto, em especial do *Cadernos do Patrimônio Cultural: educação patrimonial* (2015), publicados pelo IPHAN, e os cadernos temáticos de *Educação Patrimonial* (2011; 2012; 2013; 2014; 2017), publicados pela Casa do Patrimônio da Paraíba/IPHAN-PB, me permitem enxergar a existência de diversos trabalhos sobre visitas escolares e mediação em museus, jogos pedagógicos sobre patrimônio cultural, escolas e investigação sobre patrimônio cultural local. Porém, pouco encontrei sobre ações pedagógicas que objetivam criar exposições e museus dentro de escolas. A exceção, curiosamente, está situada bem próxima, no Museu-escolar de História Natural Louis Jacques Brunet, situado dentro do Ginásio Pernambucano, instituição da rede estadual de ensino de Pernambuco, localizada no bairro de Santo Amaro. Há de se fazer também uma menção ao trabalho longo de educação patrimonial realizado, em parceria com o PIBID História da UFPE, na EREM Santos Dumont, da mesma rede de ensino, localizada no bairro de Boa Viagem, Recife.

Pois, a *holding* do empresário sergipano João Carlos Paes Mendonça, “o rei dos shoppings centers do Nordeste”<sup>43</sup>, possui um setor destinado a ações de apoio social à população do entorno dos seus empreendimentos em Recife, Salvador, Aracaju e Fortaleza. Segundo o discurso oficial, a missão é

Atuar de forma responsável, com a geração de desenvolvimento econômico e social, contribuindo através do sucesso de seus empreendimentos para o crescimento do País (sic), sobretudo da Região Nordeste (Grupo JCPM, 2021: 6).

Com mais de 45 mil jovens atendidos até o ano de 2020, segundo encarte produzido pelo próprio Instituto, a organização oferece gratuitamente cursos de “elevação de escolaridade, qualificação, tecnologia, idiomas, preparatórios para o ENEM, e formações de curta duração focadas no empreendedorismo” (*Ibid.*: 26). Além de cursos, oferece apoio psicológico, contribui com os artesãos e microempreendedores locais, disponibilizando eventualmente espaços dentro do shopping center para a exposição de seus produtos. Ainda realiza ações sociais pontuais, como doação de cestas básicas para as populações vizinhas e disponibilização de internet a 15 estudantes, durante a pandemia.

No que se refere à relação do instituto com as escolas, existe uma parceria constante, no sentido dos estudantes e ex-estudantes, mesmo os de escolas integrais, frequentarem as atividades pedagógicas do IJCPM duas vezes por semana, alternando entre os turnos matutinos e vespertinos, além do preparatório para ENEM, no horário noturno. Diante dessa rotineira frequência, existe um trânsito aberto entre a instituição e os estudantes das escolas públicas da região, de modo que eles utilizam livremente o uniforme do Instituto nos espaços escolares. Contudo, não são todos os que participam, pois existem vagas limitadas, determinadas por processo seletivo, e há estudantes que não têm interesse nas atividades.

Da parte dos docentes da ETE João Bezerra, observa-se uma percepção ambígua. Ou seja, se, por um lado, o Instituto, por meio da parceria, oferece recursos para a concretização dos trabalhos pedagógicos dos professores e das gestões escolares<sup>44</sup>, por outro, há uma crítica à forma diferenciada como os estudantes encaram a escola e o IJCPM, demonstrando muito mais responsabilidade em relação a este do que em relação a nós. Por exemplo, enquanto o

---

<sup>43</sup> Cf. Lacerda, Ângela. O rei dos shopping centers do Nordeste. *Estadão*, São Paulo, 05 abr. 2010. Disponível em: < <https://www.estadao.com.br/economia/o-rei-dos-shopping-centers-do-nordeste/>>. Acesso em: 21 jul. 2023.

<sup>44</sup> Um bom exemplo foi a oficina de compostagem de resíduos orgânicos, a qual fui convidado a participar, organizada pelo IJCPM a pedido de uma professora da ETE João Bezerra, em 2022. Ao longo de três dias de oficina, pudemos aprender todo o processo de construção artesanal de composteiras de resíduos orgânicos, sendo o último dia reservado à visita da BERSO (Biorrefinaria Experimental de Resíduos Sólidos Orgânicos), da UFPE, com todos os custos a cargo do Instituto.

Instituto não tolera faltas, alguns alunos participantes das atividades do grupo empresarial são pouco assíduos na escola. Ao mesmo tempo, nem todos os professores gostam da abordagem ideológica do Instituto, que prioriza o empreendedorismo e a formação para o mercado de trabalho, empregando, inclusive, jovens nos empreendimentos do grupo.

Assim sendo, justificando que poucos estudantes da escola já haviam visitado uma instituição museal, sensação percebida no decurso das aulas, tive meu pedido atendido, conseguindo o ônibus para as visitas aos museus. Nesse tópico, convém trazer à baila o estudo de Cazelli (2005) sobre a relação entre capital cultural, econômico e social — nos termos bourdieusianos — e o acesso a museus ou instituições culturais afins no Rio de Janeiro.

Como a autora chama a atenção, a capital fluminense,

Apesar de ser um dos mais importantes centros culturais do país, não conseguiu ainda dar acesso à cultura de maneira equânime para seus moradores. Museus, centros culturais, teatros, cinemas e bibliotecas estão, quase todos, no Centro, Zona Sul, Tijuca e Barra. Estes equipamentos de expressão da cultura cultivada estão concentrados nas áreas menos populosas da cidade, e mais providas de capital cultural, entre outros. Esta distribuição desigual coincide com o distanciamento sociocultural existente entre moradores da Zona Sul e os das Zonas Norte e Oeste (Cazelli, 2005:203).

Justamente, essa segregação geográfico-cultural característica da cidade do Rio de Janeiro também pode ser observada em Recife, pois, embora a capital pernambucana conte com diversificados museus e centros culturais, tanto no que diz respeito às propostas, quanto aos acervos, observamos que eles estão condensados à região central e aos bairros que acompanham o curso do rio Capibaribe, notadamente da Zona Norte da cidade. Nota-se, portanto, uma concentração desses equipamentos culturais em regiões específicas, associadas a áreas mais desenvolvidas da cidade, do ponto de vista socioeconômico.

Cazelli ainda percebe que esta concentração se relaciona a um entendimento de que famílias com maior capital cultural, econômico e social têm mais acesso a esses equipamentos culturais:

o capital social baseado na família somado ao capital cultural no estado incorporado (leitura nos jornais de matérias sobre assuntos sociocientíficos e prática cultural), institucionalizado (escolaridade familiar) e objetivado (disponibilidade de recursos educacionais/culturais) têm efeitos bastante significativos no aumento das chances de acesso dos jovens a museus ou instituições culturais afins (2005: 205).

Assim, a Zona Sul do Recife, onde Brasília Teimosa está situada, embora represente um polo de riqueza recente no contexto da cidade, não apresenta boa oferta desses equipamentos,

de modo que o acesso dos jovens das classes mais populares dessa região a museus e afins, que pelo poder econômico já tenderia a ser menor, acaba sendo mais restrito pela falta de oferta. Nesse contexto, o papel das instituições educativas é fundamental, pois o capital social baseado na escola contribui para o alargamento da experiência cultural dos jovens em geral e dos jovens pertencentes às escolas públicas em particular. Ou seja, para jovens das periferias e das classes populares, os investimentos, as ações, mobilizações e trocas proporcionados pelas escolas públicas são importantes para a ampliação do olhar cultural dos estudantes (Cazelli, 2005).

Dessa maneira, a visita por si só aos museus do Cais do Sertão e do Paço do Frevo já representaria um ganho aos jovens envolvidos, independentemente de estar relacionada a um projeto de maior duração. Pois, o desafio para o nosso contexto consistiu em construir uma correlação entre as visitas técnicas aos dois museus e o trabalho que vinha sendo produzido no espaço escolar.

Destarte, nosso objetivo era claro: compreender como as exposições museais são organizadas. Para tanto, visitamos dois equipamentos públicos diferentes, na intenção de comparar as propostas em si, bem como as estratégias narrativas utilizadas para condução do visitante diante do acervo disponibilizado. Àquela altura, ainda não havia tido tempo de me aprofundar no debate museológico, de modo que a escolha pelos dois museus se deu de forma intuitiva, pela natureza das instituições, mas também pela praticidade. Justamente, a possibilidade de visitar ambas instituições na mesma saída foi determinante para a escolha.

Então, enquanto os museus não abriam, começamos nossa visita técnica na Praça do Arsenal, no bairro do Recife, debatendo o processo de construção da cidade a partir das ruínas arqueológicas da antiga muralha do Recife, datada do século XVII. Por acaso, estávamos trabalhando cartografia nas aulas de Arte e as primeiras formações urbanas da cidade haviam sido alvo de debates anteriores, inclusive através de uma aula no formato remoto em parceria com o setor educativo da Caixa Cultural, cuja sede localizava-se a poucos metros de onde estávamos.

A partir de bonecos de assombrações instalados nas janelas do primeiro andar de um restaurante da praça, aproveitamos para conversar também sobre lendas de assombração tradicionais da cidade, como a Perna Cabeluda, Boca de Ouro, dentre outras. Embora esses assuntos não fossem o foco da nossa visita, esse reconhecimento interdisciplinar do espaço público, com enfoque para a história e tradição oral, nos serviu como estímulo para o debate sobre patrimônio cultural, afinal, estávamos tratando de assuntos bastante específicos do Recife, em especial da parte mais antiga da cidade.

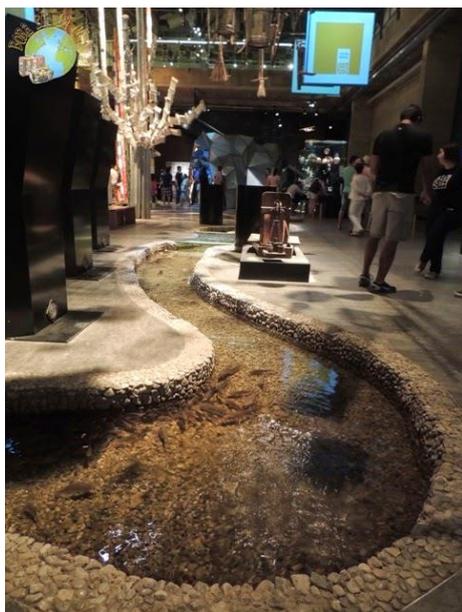
Assim que foi aberto, respeitando os protocolos de segurança devido à pandemia da covid-19, aos poucos entramos no Paço do Frevo, onde pudemos fazer uma breve imersão à manifestação cultural considerada patrimônio imaterial do Brasil e do mundo, conforme validação da UNESCO, a organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Para o nosso trabalho, o que importava não era o frevo em si, e sim, como a instituição abordava o tema. Dessa maneira, acredito que a parte mais interessante para nossos anseios foi o corredor do térreo e a primeira sala de visitação, pois o primeiro, apresentava grandes quadros pendurados na parede com ampliações fotográficas antigas de brincantes de frevo.

Com relação à sala, que continha um grande livro manuseável sobre o ritmo ao centro e pequenos livros pendurados na parede narrando cronologicamente a história da manifestação, a proposta interativa das paredes cobertas de palavras escritas a giz pelos visitantes pareceu encaixar com nossos anseios, por quebrar a expectativa de não se poder tocar em nada, como acontece em muitos espaços expositivos. Parecia uma ideia simples de ser reproduzida. Já no andar superior, o grande salão com imagens diversas nas paredes, frases nas janelas e estandartes embaixo do piso de vidro também agradaram aos estudantes, embora não tenha proporcionado necessariamente um debate, tampouco surgido ideias, a não ser de se trabalhar com imagens de arquivo.

Finalizando o Paço do Frevo, seguimos para o Cais do Sertão, cuja proposta é ser um museu interativo de homenagem à figura do sanfoneiro pernambucano Luís Gonzaga e ao povo sertanejo. Apesar dos recursos tecnológicos inovadores e da grande diversidade de elementos visuais, musicais e táteis deste museu, fiz questão de chamar a atenção dos estudantes para uma instalação bem específica chamada de “Casa do Transtempo”: a reprodução de uma humilde casa sertaneja, com suas paredes de tijolos e pau a pique e seus utensílios de uso cotidiano – panos de prato, panelas, chapéus, cestos de palhas, ferros de passar, retratos familiares, dentre outros objetos – expostos como em um lar, que nos remetem “a diferentes temporalidades” e “nos transportam para outras formas de morar no sertão” (Silva e Sales, 2017: 30). Já na parte externa da instalação, há ferramentas de trabalho e vestimentas de couro penduradas na parede da casa, sugerindo-nos imagens sobre a lida no campo.

Precisamente, o interesse pela instalação se deveu pelo fato de, àquela altura, termos como objetivo criar uma palafita em tamanho real para representar as moradias da Brasília Teimosa. Minha ideia não era somente construir a moradia, mas povoá-la de significado, com toda sorte de objetos e produções que pudéssemos vir a fazer no projeto, como ilustrações, fotos, textos escritos, músicas e o que mais julgássemos pertinente, nomeando a instalação de “Palafita de Memórias”. De fato, essa forma analógica de se contextualizar o ambiente me

parecia possível, ao contrário de todo o aparato high tech do museu, como o documentário exibido em três telas gigantes na abertura ou o chamativo “túnel do capeta”, uma instalação com espelhos, telas, câmeras e som, pela qual atravessamos ouvindo sussurros de assombrações. Mesmo assim, a ideia de depoimentos orais preencherem o ambiente ficou registrada na memória, pois no futuro poderia ser usada.



**Figuras 31 e 32:** Representação do Rio São Francisco no Museu Cais do Sertão; representação de casa tradicional sertaneja (Casa do Transtempo). Fontes: <[www.borapralacomigo.com.br](http://www.borapralacomigo.com.br)> e Fred Jordão <<http://fredjordao.com.br/>>, 2015 e [s/d].

Por sua vez, o pequeno curso d’água artificial que corta toda a exposição, representando o rio São Francisco e o mandacaru artificial em metal me fizeram recordar alguns trabalhos: certa vez, construí uma árvore de jornal e papel crepom dentro de sala de aula com estudantes de 6º ano. Outra vez, reproduzi em sala de aula, com uma turma de 9º ano, uma praia, com lona azul, papel crepom e isopor triturado. E já presenciei estudantes reproduzirem um rio dentro de uma sala, armazenando água em lonas esticadas com um pouco de areia. Portanto, o intuito era soltar a imaginação dos estudantes para o que poderíamos fazer em nosso projeto.

Para além do que já foi mencionado, cabe destacar que a exposição permanente do Cais do Sertão está organizada em setores nomeados por verbos que se relacionam aos conteúdos expostos. Dessa maneira, ela apresenta o seu vasto acervo localizando-os em diversos territórios, tais como “ocupar”, “viver”, “cantar”, “trabalhar”, “migrar”, “crer”, “criar”, dentre outros espaços com outras nomenclaturas. Esta proposta me soava promissora, pois, da mesma forma que o museu proporcionava uma imersão a uma cultura sertaneja plural, imaginei que

poderíamos fazer algo parecido em relação à Brasília Teimosa, como de fato veio a acontecer mais à frente.



**Figura 33:** Mapa dos setores do Cais do Sertão. Fonte: Silva e Sales, 2017.



**Figura 34:** Visita técnica ao Museu Cais do Sertão, com professora Gabriela Brigido. Fonte: autoria desconhecida. Figura do autor, 2021.2.

Quando afirmei que a escolha pelas instituições museais havia sido intuitiva, muito se deve ao fato de que o Museu da Maré (RJ), uma referência importante deste trabalho, também organiza seu acervo em salas temáticas, com nomes que remontam à vida da gente na

comunidade da Maré. Já sabia disso, porém só pude fixar a ideia quando tive a oportunidade de verificar o museu, no primeiro semestre de 2022, em visita ao Rio de Janeiro.

Pois, na Maré, as salas são organizadas em 12 espaços chamados de tempos, como o “da festa”, “da fábrica”, “da fé”, “da feira”, “da casa”, “da água” dentre outros 6. A partir deles, há uma construção narrativa em torno do objeto do museu, isto é, a própria comunidade. Contudo, uma diferença importante é que na Maré encontramos os moradores contando sua própria história, ao contrário do que temos no Cais do Sertão, um grande museu criado pelo governo do estado, com obras encomendadas a diferentes artistas renomados.

Já na Maré, o acervo do museu é composto, em sua grande parte, por utensílios doados pelos próprios moradores do conjunto de favelas. Assim, por ser muito numeroso, observamos em várias salas expositivas diversos objetos pendurados lado a lado na parede, como é o caso da sala “Tempo do Trabalho”, onde há diversas ferramentas de obra, como martelos, carrinho de mão, chaves de fenda, capacetes, enxadas, peneiras, serrotes, dentre outras. Essa parte, em específico, me recordou muito a parte externa da “Casa do Transtempo”, no Cais do Sertão, por também expor na parede utensílios utilizados pelos trabalhadores do campo. Definitivamente, inspirar-se nesses exemplos expositivos fez parecer viável montar uma exposição sobre as memórias da Brasília Teimosa.



**Figuras 35 e 36:** Museu da Maré, Rio de Janeiro: módulo “Tempo do Trabalho; palafita em tamanho real. Fontes: foto do autor e foto de autoria desconhecida. Figura do autor, 2022.

Após um intervalo por conta do ponto facultativo referente ao Dia dos Professores (15/10), no primeiro encontro após a visita aos museus, pudemos finalmente realizar uma

avaliação parcial do processo, especialmente dos últimos três encontros, quando conversamos com um representante da Colônia de Pescadores, fizemos uma visita guiada pela Brasília Teimosa e visitamos os museus do Recife Antigo. Justamente, era necessário perceber o que os estudantes haviam aprendido desse processo. Então, propus a realização de um exercício escrito.

Tratava-se de uma ficha impressa com apenas 2 atividades. Na primeira questão, havia três definições de museus cunhadas por eles mesmos no início do semestre. Caberia, então, conceberem novas definições, tomando como base as discussões acontecidas ao longo do curso. Sobretudo após a visita aos museus, incluindo as contribuições da mediação ocorrida no Cais do Sertão, quando solicitei ao setor educativo que focasse nos aspectos conceituais do museu. O resultado dessa atividade demonstrou-se positivo, pois as respostas deles melhoraram, havendo, de modo geral, uma ampliação do olhar sobre as instituições museais. Por exemplo, no início do semestre, a ideia de museu entre os estudantes girava em torno de local para armazenar objetos antigos, sempre ligados ao passado:

O museu é um lugar onde tem coisas antigas. A.C.

Eles servem para guardar informações, história, cartas, materiais de um lugar. C.G.

O museu é um local aonde é exibido acervos ou objetos que nos traz conhecimento sobre o passado que nós não sabia como cultura e como lugar que nos moramos. R.D.

Após as aulas, foi possível perceber uma melhora significativa nas respostas, demonstrando êxito da proposta, ao menos no que diz respeito à compreensão do papel dos museus para a sociedade:

O museu é uma exposição aonde tem histórias, coisas, retratos, figuras, antigas, acervos que nos traz conhecimento e que não só tem histórias e pode ter coisa do presente e do futuro. E a exposição pode ser a história do passado, às vezes do presente e do futuro e elementos da história do lugar. G.M.

O museu é onde existem várias histórias antigas, onde muitas aconteceram e hoje não acontecem mais. E tem coisas que hoje acontecem ainda como o carnaval e demais histórias. A.B. e R.V.

O museu poder ser representado de várias formas. É tipo uma grande viagem no tempo, ou uma expressão artística. P.H. e G.E.

Justamente, a compreensão dos discentes acerca dos museus já não se limitava mais ao passado, de modo que foi possível verificar uma reconfiguração da percepção deles, especialmente por meio de uma projeção para o futuro. Da mesma maneira, entrar em contato

com os aparatos tecnológicos do Cais do Sertão e conceber uma manifestação carnavalesca como o frevo enquanto tema de museu, ajudou a expandir a ideia de que essas instituições não são feitas somente por objetos nos quais não se pode tocar.

Quanto à segunda atividade, consistia em fazer uma reconstituição da visita guiada pela comunidade e seu intuito foi contextualizar o que fora feito para àqueles que não haviam participado do trabalho de campo. Por esse motivo, o exercício foi proposto em dupla, juntando um participante do trabalho de campo e outro não. No entanto, muitos deixaram essa parte em branco ou não escreveram de fato o que fora solicitado. O que me fez desconsiderar essa atividade.

A avaliação parcial acabou funcionando, de certa maneira, como final, pois desse último encontro em diante o calendário ficou muito complexo, com mudanças nas aulas presenciais e intermitência dos nossos encontros. Isto é, a aula do dia 29/10 acabou não acontecendo, por ter havido ponto facultativo em razão do Dia do Funcionário Público. Já a partir de novembro, o rodízio de turmas foi extinto, passando a haver aulas todos os dias, para todos os estudantes. No entanto, as turmas não ficaram organizadas como normalmente acontece, de modo que a escolha pela sala de aula no início de cada dia passou a ser facultativa aos estudantes, misturando assim, todas as turmas. Então, procurando dar continuidade ao projeto, solicitei que os estudantes do 1ºD ficassem na mesma sala, pelo menos nos dias que teriam aula comigo.

Isso acabou funcionando, com exceção de alguns poucos alunos que não souberam da orientação. Mesmo assim, a dinâmica da escola já estava muito alterada e preparar uma exposição em menos de um mês, sem ter certeza de que estaríamos juntos novamente, foi determinante para a desmobilização do processo. Ainda assim, tivemos mais três encontros até o final do ano letivo. Mas, antes de descrevê-los, é necessário fazer uma breve digressão.

### **2.3 Encontros informais**

Conforme explicado ao longo deste trabalho, o planejamento das atividades foi se reconfigurando ao longo das aulas, especialmente no projeto-piloto. De fato, durante todo o processo, estive preocupado em conhecer a Brasília Teimosa a fundo, visando melhorar as condições de organização e idealização do trabalho em sala de aula. Ou seja, não deixei de lado minha perspectiva enquanto pesquisador e, assim, continuei investigando os elementos que fazem da comunidade o que ela é.

Dessa forma, entre outubro e novembro, fiz três visitas que merecem comentários. A primeira delas foi ao Centro Escola Mangue, uma ONG que desde 2003 desenvolve a

valorização dos saberes das comunidades ribeirinhas e estuarinas entre jovens e adolescentes da região. Na ocasião, minha expectativa era conhecer sua fundadora, Luciana, de quem já tinha ouvido falar, e convidá-la para uma roda de conversa na escola, justamente para a data em que não houve aula, devido ao Dia do Funcionário Público. Porém, mesmo tendo visitado a sede, localizada em frente à orla, na Avenida Brasília Formosa, não a encontrei, só vindo a conhecê-la, por acaso, no último dia do projeto-piloto.

Na Escola Mangue, fui recebido por seu filho, que me apresentou o espaço, um prédio de dois andares, mas que se encontrava em obra. Por conta disso, aparentava estar com tudo fora do lugar. Em nossa conversa, me foi dito que a proposta da entidade seria oferecer aulas de reforço escolar e atividades extracurriculares, como capoeira e danças populares, seguindo os ciclos festivos de Pernambuco. Então, pelo que entendi, no carnaval eles montam um maracatu, no São João as apresentações são de coco e no Natal seria o pastoril, dentre outras eventuais apresentações.

Na realidade, buscava alguém para falar sobre a “vida no mangue”, como estava planejado desde agosto, mas não foi isso o que encontrei. Assim, aparentemente, a visita me pareceu outra “viagem perdida”, até perceber que havia ali mais um elemento a se considerar no cotidiano da comunidade: as organizações de educação popular do bairro. De fato, existem várias delas e não caberia deixá-las de fora de minhas investigações, pois essas iniciativas historicamente têm tido seu devido espaço na localidade.

Desde o início dos anos de 1980, essas organizações têm fornecido formação extracurricular para as crianças e jovens do bairro, sendo difícil encontrar, ainda hoje, quem não tenha passado por uma delas. Anteriores até, se levarmos em consideração escolas que já não funcionam mais ou se transformaram em outras, como o caso das Escolas Reunidas João Bezerra, instituição criada para abrigar os filhos dos trabalhadores do Porto do Recife e que hoje atende como Escola Técnica Estadual João Bezerra.

Assim sendo, naquele momento, apesar de não encontrar um depoimento sobre viver no/do mangue, tampouco ter desenvolvido algo a respeito dessas organizações sociais de cunho educacional, pude me programar para, no ano seguinte, trabalhar com as duas temáticas em sala de aula. Essa situação acabou se repetindo com Carlos, do Quiosque da Palafita, a quem visitei nesse período para saber mais sobre sua história.

Relembrando nossa visita guiada pela Brasília Teimosa com a professora Risoneide, esse quiosque localizado na orla do bairro me chamou a atenção por ter sido um estabelecimento comercial criado antes da requalificação urbana, como seu nome sugere, quando ainda havia palafitas na beira-mar. Dessa maneira, fui conhecer seu dono para entender melhor essa história. Pois, em uma parada descompromissada para tomar um refrigerante, perguntei a Carlos, dono do empreendimento, sobre a história do quiosque. Obtive a confirmação de que seu nome se deve por ter sido, outrora, o Bar da Palafita. Julguei a história curiosa, percebendo que havia ali mais um interessante interlocutor para nosso trabalho, pois o comerciante era uma “sobrevivente” – como ele mesmo se identificou – do “tempo das palafitas”, como nomeei o encontro que fiz com ele e os estudantes no semestre seguinte<sup>45</sup>.



**Figura 37:** Jangada de Carlos, do Quiosque da Palafita. Fonte: foto do autor, 2021.

Além disso, minha visita tinha mais um detalhe: no canto da rua, na esquina da Avenida Brasília Formosa com a Rua do Barro (Rua Dagoberto Pires), havia uma avariada jangada “estacionada”. Propriedade de Carlos, perguntei, sem refletir muito na logística envolvida, se ele poderia me emprestar para a exposição sobre a Brasília Teimosa. Assim, agindo assertivamente, consegui uma chamativa peça para nosso acervo.

---

<sup>45</sup> Esse encontro será melhor detalhado mais à frente.

Nessa mesma tarde, visitei Seu Augusto, na sede da colônia de pescadores, pois, após sua ida à escola semanas antes, me dei conta de que não havíamos coletado/produzido nenhum item para nosso acervo, além do arquivo sonoro da entrevista em si e de algumas poucas fotografias. Justamente, a partir da nossa primeira roda de conversa, estabeleci que deveríamos coletar ou produzir objetos para nosso acervo que simbolizassem nossos interlocutores, como uma das peças decorativas produzidas pela professora Risoneide, por exemplo. Sendo assim, fui até Seu Augusto solicitar algum item que remetesse a sua história e/ou da Colônia Z1.



**Figuras 38 e 39:** Cópia de reportagem do jornal chileno La Nación, de 13 de outubro de 1986, sobre evento internacional de pesca artesanal e diploma de participação de Seu Augusto no mesmo evento. Na fotografia, Seu Augusto, da Colônia Z-1, é o segundo da direita para a esquerda. Fonte: Augusto de Lima Guimarães.

Esse novo encontro me permitiu conhecer a sede, bem maior do que aparenta em seu interior. No andar superior, numa sala de reuniões com diversos banners sobre as ações da Colônia Z1, Seu Augusto me mostrou uma pasta com documentos, cópias e recortes de jornais que ajudavam a reconstituir seu trabalho à frente da instituição. A fim de não tomar muito do seu tempo, solicitei que me mostrasse aquilo que julgasse mais interessante. Então, após folhear algumas páginas, fixamos na ida de Seu Augusto ao Chile, em 1986, representando os pescadores artesanais brasileiros em um seminário sobre o tema, preparado pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO). De nossa conversa, consegui escanear através do celular um diploma recebido por Seu Augusto e uma reportagem do jornal

La Nación, de Santiago do Chile, comentando a reunião regional dos pescadores. Assim, havia garantido mais dois itens para nossa coleção.

## 2.4 Reta final

De volta à sequência dos três últimos encontros da disciplina, o primeiro deles serviu para debatermos o que faríamos até o final do mês, porém, praticamente nada do que ficou combinado efetivamente aconteceu. Além de pouco tempo para nos organizarmos, o cenário era completamente incerto e os próprios estudantes, com tantas novidades acontecendo devido ao retorno presencial à escola, depois de tanto tempo de pandemia, pareciam não estar interessados em preparar a parte final.

Por exemplo, sugeri que trouxessem para a semana seguinte objetos de suas próprias casas, a fim de juntarmos artefatos para montar a exposição, a exemplo do que acontecera nos primórdios do Museu da Maré. Porém, apenas dois estudantes fizeram o combinado e, no final das contas, não tínhamos material para montar exposição nenhuma. Muito menos condições de se levantar a almejada “palafita de memórias” ou trazer a jangada de Carlos.

Além disso, com a volta das aulas diárias, já havia percebido que os outros docentes não estavam mais preocupados com as disciplinas eletivas e a culminância delas. A gestão escolar, por sua vez, ainda não havia firmado a data do acontecimento e não aparentava preocupação com a questão. O que não significou que não estivesse apoiando minhas ideias. Pelo contrário, ainda possuía mais uma roda de conversa programada e a participação das gestoras escolares foi importante.

Com efeito, durante esse primeiro processo de investigação da comunidade, percebi que Viviane, a gestora da escola, se empolgou com a proposta do “museu de palafitas”, como ela assim a estava chamando. Eventualmente conversávamos sobre o andamento do projeto e qual o papel da escola nele. Isto é, senti haver uma demanda, da parte dela, de desenvolver um projeto centrado na instituição. De fato, essa impressão se concretizou quando Viviane me passou cópias digitais do Diário Oficial do Estado de Pernambuco, da época de fundação da escola, incluindo o decreto 1889 de 21 de janeiro de 1970, que criou o Ginásio Estadual João Bezerra, no prédio onde funcionavam as Escolas Reunidas João Bezerra (Pernambuco, 1970).

Sendo assim, procurando alinhar meus interesses ao da gestão, imaginei que nossa exposição deveria ter um setor dedicado à escola, afinal, ela também faz parte da comunidade. Mais do que agradar à direção, a própria investigação sobre a instituição já valeria por si só, visto que pouco se sabe, dentre as pessoas que se encontram nela atualmente, sobre sua história

e a de seu patrono João Bezerra. Segundo Viviane, ele teria sido um funcionário do Porto do Recife que lutou para a abertura de uma escola na comunidade para os filhos dos trabalhadores portuários. Dessa forma, João Bezerra seria, um raro caso de operário a ter seu nome homenageado em uma escola. No entanto, durante todo esse tempo que venho investigando a comunidade, não encontrei nenhum vestígio de sua história, além das informações contidas no Diário Oficial, isto é, da ETEJB ser herdeira das Escolas Reunidas João Bezerra, e do seu retrato pendurado na parede da instituição escolar.

Nesse contexto, outro esforço realizado durante esse período foi consultar cds da gestão escolar com fotos, vídeos e documentos da época da transição da escola regular para escola integral (EREM), na virada da primeira para a segunda década deste século. Assim, pesquisando esses registros antigos, encontrei material interessante, incluindo dois documentários realizados por estudantes sobre o Pina e o Movimento Mangue, marco da cena cultural recifense da década de 1990. Trabalhos bem-feitos, com depoimentos de personalidades da região, como Mãe Elda Viana de Oxóssi, yalorixá da casa de candomblé Ylê Axé Oxóssi Guangoubira, da comunidade do Bode; e Dona Leu, antiga marisqueira da Brasília Teimosa.

A partir desses registros, planejei o “Grande Encontro”, última atividade antes dos preparativos para a exposição. Tratou-se de uma reunião de professores, ex-alunos e a turma da eletiva “Memórias de Brasília Teimosa”. O evento aconteceu no formato de roda de conversa, mas apresentou algumas dificuldades, como haver muitos convidados para falar e, conseqüentemente, pouca participação dos estudantes. Encontravam-se presentes: a gestora em 2022, Viviane Gomes, a assistente de gestão e atual gestora, Elaine Nogueira, a professora Risoneide Nunes e um ex-aluno, hoje funcionário do IJCPM e com bom trânsito pela escola, Stone Silva.

Além da pouca participação dos estudantes devido ao grande número de convidados, a iniciativa apresentou outras dificuldades também. Justamente, no desenrolar da roda de conversa, apesar de minhas tentativas de mediação, o bate-papo acabou tomando um rumo bem diferente ao proposto, que era falar da história da escola. Pois, iniciei o encontro exibindo um vídeo produzido a partir de fotos selecionadas dos cds que pesquisei. Após esse momento de sensibilização, passei a palavra a cada um dos convidados, a começar pela gestora, ocupante há mais de uma década do cargo.

Então, ela iniciou sua fala explicando como era a escola antes de ser integral, quando ainda atendia a um público dos anos finais do ensino fundamental. Segundo Viviane, a escola era conhecida na comunidade pela alcunha de “João Burrinho”, devido aos seus baixos índices educacionais. Contudo, com seu trabalho à frente da instituição e com a colaboração das equipes

gestoras e docentes ao longo dos anos, esta realidade havia se transformado para melhor, culminando na sua transformação em escola técnica.

Houve também outras falas remontando ao período anterior à escola integral e posterior à transformação em EREM, bem como a exibição de trechos de um dos documentários realizados pelos estudantes, em 2011. Encontrado nos arquivos pesquisados, sua exibição foi planejada porque Stone, estudante da instituição à época, é um dos autores da produção. Porém, ao invés da conversa focar na instituição, ela acabou tomando um caminho de superação e êxito individual. Então, esse encontro destoou das outras atividades, visto que pouco se falou em memória, tangenciando o diálogo para mensagens motivacionais do tipo “se você se esforçar, você consegue” e “jovens como vocês, estudando nessa mesma escola, conseguiram sucesso na vida”, dentre outros lugares comuns.



**Figura 40:** O “Grande Encontro”: roda de conversa sobre a escola João Bezerra. Contou com a presença das gestoras da escola, de uma professora, de um ex-aluno e dos estudantes da disciplina eletiva. Fonte: foto do autor, 2021.2.

Por estar responsável pela mediação dos convidados, pela logística técnica da exibição dos vídeos e pela própria gestão dos estudantes, que conversavam paralelamente em vários momentos, acabei me esquecendo de gravar esse encontro, de modo que meu relato se baseia exclusivamente nas minhas lembranças e nas minhas impressões não muito positivas da atividade. De fato, com a impressão de que o evento não havia atendido ao seu objetivo principal, que não havíamos conseguido reunir material para montar a exposição, que as

atividades do final do período letivo não estavam coordenadas e que mais uma aula havia sido cancelada, por motivo de celebração do Dia da Consciência Negra, acabei me desmotivando para o final do semestre letivo.

Como já estava sendo possível prever há algum tempo, acabou não havendo culminância das eletivas. Aliás, não havia mais eletivas, efetivamente falando. Assim, nossa exposição ficou apenas na intenção, o que não representou necessariamente algo negativo para os estudantes, restando a mim a frustração pela inconclusão do trabalho, a despeito dos esforços empregados. Pois, a fim de haver um encerramento que parecesse uma conclusão do trabalho – pelo menos para aquele momento –, acabei fazendo um “encaixe” com um evento já programado na escola, novamente recorrendo à professora parceira, Risoneide Nunes.



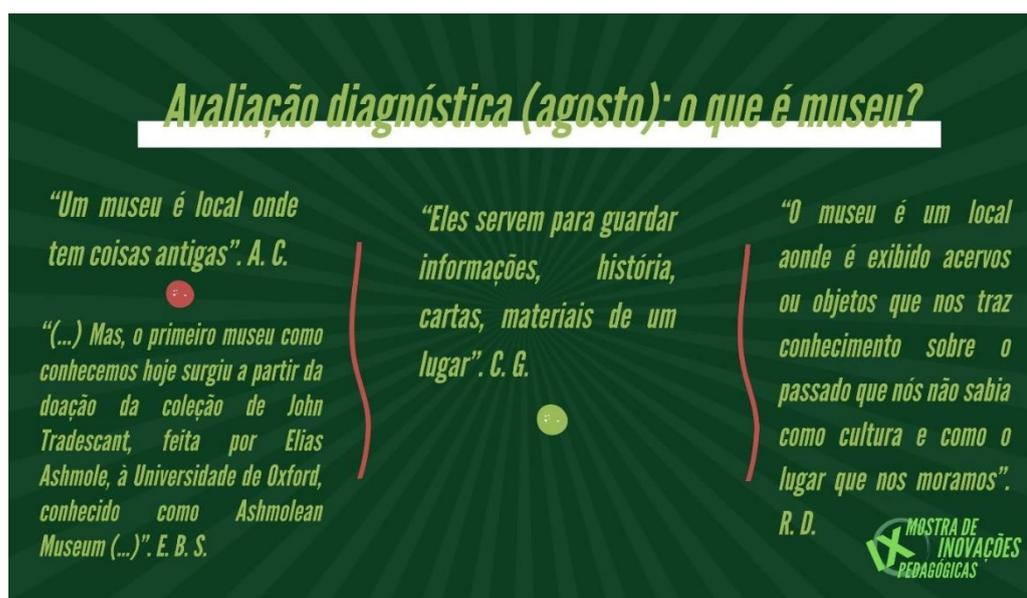
**Figura 41:** Estudantes participam de mutirão de limpeza da bacia do Pina. Fonte: foto do autor, 2021.2.

Dessa maneira, combinei com os estudantes de participarmos do mutirão de limpeza da maré organizado pela escola, na figura da professora, em parceria com a Universidade Federal Rural de Pernambuco, o Instituto Bioma Brasil e o Projeto Viva o Peixe-Boi Marinho, em celebração ao Dia do Capibaribe (24 de novembro). O evento durou três dias e contou com palestras e oficinas na escola. No último dia, o mutirão aconteceu no Porto Terra Nova, bem no final da península estuarina, com variada programação, incluindo apresentação do maracatu mirim da Escola Mangue, aula pública de um professor da universidade e exposição de artesanato de produtores locais, como a própria professora Risoneide, Luciana da Escola Mangue – a quem finalmente conheci – e o coletivo Telhado Eco Produtivo.

Misturados com outras turmas, os estudantes retiraram dezenas de quilos de lixo absorvidos pela maré, consolidando a mensagem de que devemos cuidar da natureza e do nosso bairro. Ao final, o mergulho na Praia do Buraco da Veia por alguns estudantes, mesmo vestidos com a farda escolar, representou um dia letivo feliz e de integração da escola com a comunidade, funcionando, nesse sentido, como um bom fechamento para o projeto-piloto. Um exemplo de replanejamento a que somos acostumados a fazer na educação básica ao longo do ano letivo.

## 2.5 Avaliação

Ao longo da disciplina eletiva, foram realizadas três tipos de atividades como forma de avaliação do processo. A primeira delas, no princípio, consistiu em uma avaliação diagnóstica, a fim de identificar o conhecimento dos alunos com relação à temática proposta<sup>46</sup>.



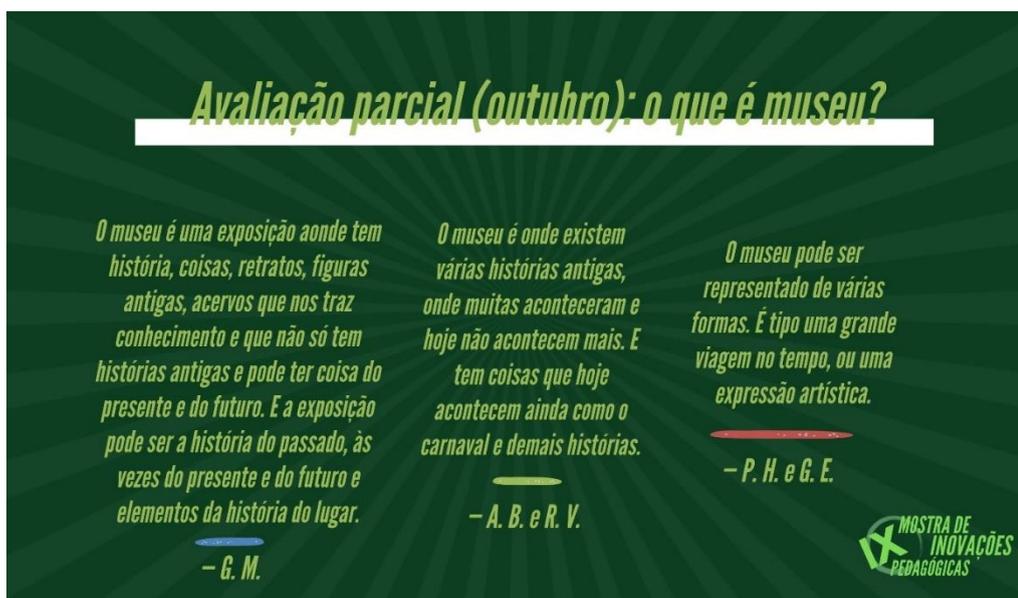
**Figura 42:** Definições de museus realizadas pelos estudantes no início da disciplina eletiva. Material apresentado na IX Mostra de Inovações Pedagógicas da GRE Recife Sul. Fonte: elaboração própria, 2021.2.

Posteriormente, na metade do semestre, realizou-se uma segunda avaliação, no intuito de perceber se houve progressos no entendimento dos conceitos e temas trabalhados nas aulas e, principalmente, nos trabalhos de campo<sup>47</sup>. Os resultados mostraram que houve uma expansão da compreensão sobre museus por parte dos estudantes, sendo a primeira fase da disciplina considerada, portanto, exitosa.

<sup>46</sup> Cf. Apêndice 2.

<sup>47</sup> Cf. Apêndice 3.

Como é possível verificar nas imagens 42 e 43 – lâminas de apresentação virtual da IX Mostra de Inovações Pedagógicas da Gerência Regional de Educação (GRE) Recife Sul –, após o desenvolvimento do trabalho e sobretudo das visitas técnicas aos museus, o entendimento dos estudantes a respeito desses equipamentos culturais foi ampliado, deixando de se restringir somente a noções que remontam ao acervo de um tempo passado ou a cópias de textos retirados da internet. Assim, as definições passaram a abranger outras possibilidades, incluindo manifestações culturais do tempo presente, como o carnaval.



**Figura 43:** Definições de museus realizadas pelos estudantes no decorrer da disciplina eletiva. Material apresentado na IX Mostra de Inovações Pedagógicas da GRE Recife Sul. Fonte: elaboração própria, 2021.2.

Uma vez que o final de ano letivo foi bastante atribulado, com a organização e frequência das aulas sendo modificadas constantemente, acabou sendo difícil realizar uma última avaliação com os estudantes. Ainda assim, o projeto foi submetido à análise da Secretaria Executiva de Educação Integral e Profissional (SEIP), sendo aprovado em dois eventos: a IX Mostra de Inovações Pedagógicas, com a apresentação do trabalho; e a V Expo Pedagógica, onde três integrantes do projeto puderam apresentá-lo para estudantes de toda a Gerência Regional de Educação Recife Sul, bem como professores e avaliadores da Secretaria de Educação.

Para esses eventos, foram produzidos uma apresentação de slides e um banner com a sistematização da proposta<sup>48</sup>. Assim, além da submissão do projeto à SEIP, foi possível

<sup>48</sup> Cf. Apêndice 4.

perceber nas falas dos estudantes que participaram da Expo Pedagógica como o projeto contribuiu para a formação deles, levando-os a compreender melhor os museus, assim como saber mais sobre o bairro de Brasília Teimosa, sua história e principais características.

### 3 SABERES E FAZERES MUSEOLÓGICOS E ANTROPOLÓGICOS NA ESCOLA

Passada a experiência do projeto-piloto, foi possível avaliar com calma erros e acertos metodológicos e conceituais, a fim de se planejar uma nova disciplina eletiva para o ano seguinte. Sem atropelos e improvisos, o plano era trabalhar aspectos museológicos e antropológicos, para produzir e coletar o acervo e efetivar a exposição sobre Brasília Teimosa. Articulando o projeto com a gestão da escola, definimos que a disciplina seria ministrada aos estudantes do 2º ano do ensino médio, no intuito de dar sequência ao trabalho iniciado com os mesmos estudantes – ou parte deles – no ano anterior.

Embora ainda estivéssemos em um contexto pandêmico, o ano letivo de 2022 se iniciou de forma presencial, com a grade horária totalmente preenchida, sem aulas remotas e sem mistura dos estudantes. A instituição estava passando por significativas mudanças, transformando-se de escola de ensino integral para escola técnica, com a oferta dos cursos de Alimentos e Gastronomia. Só que essas alterações disseram respeito somente aos estudantes do 1º ano do ensino médio que, além de estarem inaugurando os cursos técnicos, também fizeram parte da primeira geração de implementação do Novo Ensino Médio<sup>49</sup>. No entanto, para o andamento dessa etapa do trabalho, essa novidade não trouxe consequências, portanto, não me debruçarei sobre a questão, mencionando apenas que, até o final de 2023, a escola funcionou tanto com o formato de EREM quanto de ETE. Por isso, a alternância no uso das nomenclaturas ao longo deste texto.

#### 3.1 Conhecendo museus comunitários

Chamada de “Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola”, os conteúdos da disciplina eletiva fundamentaram-se, como citado, em conhecimentos básicos nas áreas da antropologia e museologia. Porém, para não complicar, evitar um nome demasiadamente

---

<sup>49</sup> O Novo Ensino Médio é uma reforma educacional proposta para o sistema de ensino médio do Brasil, cujo objetivo seria, segundo seus responsáveis, tornar essa etapa do ensino mais flexível, atualizada e alinhada com as necessidades dos estudantes e do mercado de trabalho. A reforma foi aprovada em 2017 e tem como principais características: a universalização do ensino integral e consequente aumento da carga horária; o estabelecimento da Base Nacional Comum Curricular como definidora das competências e habilidades que todos os estudantes devem adquirir durante o ensino médio; a instalação de itinerários formativos, conjunto de disciplinas e projetos específicos escolhidos individualmente pelos educandos; flexibilização do currículo com base nos itinerários; fortalecimento da formação técnica e profissionalizante dentro do ensino médio. Em seus primeiros anos de implementação, o NEM tem sofrido grande resistência, devido à maneira autoritária que orientou sua efetivação, à redução de carga horária do currículo comum, à precarização do trabalho docente e à inviabilização do acesso e a permanência no ensino médio do jovem que trabalha (Kuenzer: 2017).

extenso e chamar a atenção do alunado – que escolheu se inscrever na disciplina, dentre quatro opções ofertadas aos segundos anos –, enfatizei a abordagem museológica em sua apresentação. Afinal, uma das prerrogativas do trabalho era novamente realizar a visita a um museu, fato que costuma atrair a atenção dos estudantes.

Dessa vez, planejei visitar o Museu do Homem do Nordeste, da Fundação Joaquim Nabuco, por conta de sua natureza etnográfica. Nessa altura, a discussão museológica deste trabalho já estava mais avançada, de maneira que as escolhas não ficaram exclusivamente a cargo da intuição. De fato, já havia tomado ciência, ainda que superficialmente, da rede de museus comunitários no país, incluindo a proposta do Museu Mangue do Coque e sua dissidência, Museu da Beira da Linha do Coque<sup>50</sup>, localizados na comunidade homônima, na Ilha de Joana Bezerra, bem próxima a região do Pina.

Justamente, o bairro do Coque possui muitas semelhanças com a Brasília Teimosa, tanto geográfica quanto histórica e socialmente. É uma área considerada ZEIS, cuja ocupação aconteceu de forma irregular em áreas alagadas e de mangues, remontando à primeira metade do século XX, com a chegada de populações pobres oriundas do interior do estado. Sofreu ao longo do tempo com ameaças de remoções por conta da proximidade com importantes centros comerciais, zonas de administração pública e polo jurídico. Passou por processos de desvalorização da área a partir da ausência de investimentos públicos que, somados à crise de habitação e ao desgaste das cidades, fez crescer um estigma de bairro violento, reduto do tráfico e da marginalidade. Sob esse viés, enfrenta uma propaganda negativa e sensacionalista do jornalismo local (Heitor, 2018), como acontecia com a Brasília Teimosa.

Precisamente, as iniciativas do Museu Mangue do Coque e do Museu da Beira da Linha do Coque, ainda que divergentes em relação às propostas e metodologias entre si, dialogam com a ideia que vinha desenvolvendo na Escola Técnica Estadual João Bezerra. Então, ao longo dessa segunda etapa do projeto, fui conhecendo melhor a proposta museal do bairro vizinho. Contudo, quando planejei o curso em sua totalidade, no início do ano, ainda estava começando a compreendê-la, de modo que não incluí a abordagem sobre o Coque nas discussões em sala de aula.

A proposta do Museu Mangue do Coque era de se trabalhar com a “valorização do saber e da história local por meio de ações de pesquisa, preservação e difusão dos patrimônios material e imaterial, reconhecidos pelos moradores que construíram e constroem

---

<sup>50</sup> Cheguei a contactar Rildo Fernandes, um dos responsáveis pela iniciativa do Museu da Beira da Linha do Coque. Infelizmente, não consegui visitá-lo para conhecer os trabalhos do museu comunitário, nem o convidar a partilhar de sua experiência com os estudantes da Escola Técnica Estadual/ EREM João Bezerra.

cotidianamente a história do bairro” (Ibram: 35). Para tanto, seus membros desenvolveram ações museais envolvendo a comunidade local, como oficinas de férias, criação de blog e “rodas de memórias” – encontros em que os participantes compartilham suas memórias de forma dinâmica pelo relato das experiências pessoais e coletivas vivenciadas no processo. Justamente, os resultados das ações de pesquisa sobre a comunidade são o foco de exposições de longa duração e temporárias, que objetivam, de forma lúdica e didática, suscitar a reflexão e o debate de temas relacionados à cultura local.

Já o Museu da Beira da Linha do Coque tem uma abordagem audiovisual itinerante, em acervo composto por vídeos e entrevistas coletadas por moradores, transformados em contadores de histórias a partir de outros projetos, que objetivavam valorizar a memória da luta e resistência pelo território, bem como desmistificar os estereótipos de exclusão e carências, herdados ao longo dos anos, e o estigma de bairro violento (Heitor, 2018).

Além de tornar público que o Coque tem história, e uma história que estava sendo escrita por seus habitantes, a exposição introduziu as questões da comunidade no circuito de arte contemporânea, por uma perspectiva de produção de sentidos da comunidade, pela comunidade. Esse circuito legitima um dos princípios (e metodologia) do qual o Museu da Beira da Linha do Coque não abre mão – a voz ativa (*Ibid.*: 125).

Assim, embora a discussão sobre museus comunitários já estivesse na pauta, com iniciativas próximas como a do Coque no radar, no início do ano letivo ainda me encontrava em processo de aprimoramento conceitual, de modo que essa fase do projeto ainda permanecia, em alguns pontos, vinculada a uma ideia tradicional de museu, no sentido de tê-los como referências expográficas. De toda forma, mesmo sem conhecer presencialmente a experiência do Coque, já estava consciente do aspecto revolucionário dos museus comunitários, exatamente por eles proporcionarem a mudança de foco dos objetos para as pessoas. Além disso, o entendimento de que a comunidade pode ser não apenas objeto, mas sujeito de um museu, já estava na ordem do dia, ainda que eu fosse um agente externo da localidade.

Como citado no capítulo anterior, durante a realização dessa segunda sequência didática, estive no Rio de Janeiro e visitei o Museu da Maré. Na verdade, desde que esse projeto começou, (re)visitei muitos museus, tanto em Recife quanto no Rio, no intuito de ampliar meu olhar museológico. Com tantos bons exemplos de uso da linguagem museal, a Maré de fato me impressionou pela quantidade de acervo, pela criatividade cênica, pela proposta narrativa e pela ressignificação do olhar sobre a comunidade.

Na ocasião, ainda pude assistir a uma peça de teatro (“Nem todo filho vingá”, da Cia. Cria do Beco), em um espaço anexo ao museu, sobre jovens moradores do conjunto de favelas da Maré lutando para permanecer e concluir o ensino superior. Diante das dificuldades enfrentadas no dia a dia da comunidade, como violência urbana, repressão e falta de recursos, as personagens se reinventam para não desistirem de seus sonhos e não se entregarem à criminalidade ou à vida sem perspectiva. Como a peça se passa no conjunto de favelas da Maré e tem forte relação com a comunidade, tê-la assistido no próprio museu comunitário teve um significado especial, me proporcionando algumas ideias, como se criar um cenário correspondendo à geografia do bairro. Contudo, essas ideias só apareceriam na terceira fase deste trabalho, quando produzimos o projeto da nossa exposição.

### 3.2 Primeiras conversas

Assim sendo, seguindo um roteiro parecido ao estipulado para o projeto-piloto, organizei a sequência didática<sup>51</sup> em 5 blocos temáticos, prevendo 17 encontros semanais: i) “primeiras conversas: a fase teórico-intelectual”<sup>52</sup>, composto de 3 encontros, em que se realizaria a apresentação da disciplina e dos elementos teóricos do trabalho; ii) “Preparando o campo”, composto de 3 encontros, quando nos prepararíamos metodologicamente para ir a campo; iii) “Investigando o campo”, em que ao longo de 5 encontros, realizaríamos as saídas a campo, tanto na comunidade quanto em visita ao museu<sup>53</sup>; iv) “Organizando a exposição”, no qual se previa 5 encontros para produzir, classificar, catalogar e selecionar o acervo colecionado, bem como planejar a exposição; v) “Exposição/ culminância”, o evento final da sequência didática que, por esse motivo, foi chamado de “dádiva”, em referência ao célebre ensaio de Marcel Mauss, *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* (2015).

Com efeito, nesse texto sobre as práticas de troca de presentes em sociedades arcaicas e tradicionais não-ocidentais, a “dádiva” é entendida por Mauss como um ato social complexo que envolve três obrigações interconectadas: dar, receber e retribuir. Essas obrigações formam

---

<sup>51</sup> Cf. Apêndice 5.

<sup>52</sup> A fase teórico-intelectual, nos dizeres de Damatta (1978), consiste no primeiro de três planos fundamentais das etapas de uma pesquisa em etnologia. Caracteriza-se “pelo uso e até abuso da cabeça” (1978:24), quando ainda não temos contato com os grupos que nos propomos a investigar. Uma fase marcada pelo divórcio (ignorância) entre o futuro pesquisador e o grupo a ser estudado, mas também pelo excesso de conhecimento teórico, universal, mediatizado por livros, artigos, ensaios, ou seja, pelo abstrato, ao invés do concreto.

<sup>53</sup> Houve um erro no cronograma entregue aos estudantes, de modo que a visita técnica ao museu ficou parecendo fazer parte do bloco IV. Outro destaque a esse respeito reside nas aulas 2 e 3, que tiveram a ordem trocada de última hora, por uma questão didático-metodológica.

um sistema de troca para além da mera transferência de objetos materiais, tendo uma dimensão simbólica e social profunda, criadora de laços sociais fortes entre indivíduos e grupos dentro de uma comunidade. Nesse contexto, a reciprocidade é um elemento chave desse processo, pois mantém a coesão social e o equilíbrio nas relações entre as pessoas.

Em conformidade com o autor francês, para esta segunda etapa, procurei ratificar desde o início que a exposição funcionaria mais como uma troca e menos como uma cobrança – minha em relação aos educandos e minha em relação ao meu próprio trabalho. Retomando a dialogicidade freireana (1987) norteadora deste projeto, o produto deveria ser tratado, então, como dádiva, pois o processo seria marcado pela doação, recepção e retribuição material e simbólica entre os envolvidos: da gente com os membros da comunidade, mas, sobretudo, do professor com os estudantes.

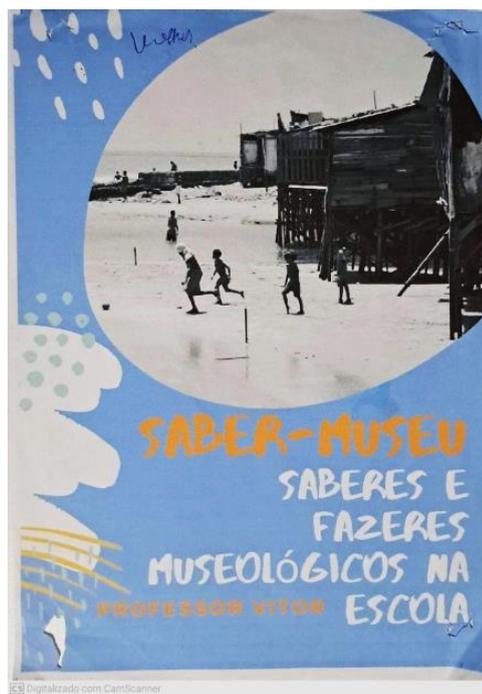
### **3.2.1 Marco Zero**

Sendo assim, a aula inaugural foi nomeada de “Marco Zero”, uma referência à famosa praça onde o Recife foi fundado e de onde partem todas as distâncias calculadas a partir da cidade. Pois, desde o ponto zero da disciplina, algumas dificuldades institucionais começaram a aparecer. Refiro-me a antecipação de última hora em uma semana para o início das eletivas. Ou seja, embora tivesse ganhado 1 encontro a mais do que o esperado, devido à mudança repentina, precisei me apressar para preparar o material pedagógico a tempo. Aparentemente, esse fato pode não representar um empecilho digno de nota, contudo, revela uma situação constante da rotina escolar: ter de adaptar o cronograma repetidas vezes, em razão de mudanças inesperadas. Isso aconteceu em diversas ocasiões ao longo do curso, alterando a ordem das atividades planejadas mais de uma vez.

Então, apesar do imprevisto, o primeiro encontro acabou funcionando bem. Além de fazer a apresentação da disciplina, realizei uma avaliação diagnóstica<sup>54</sup> logo em nosso primeiro contato, bem parecida com a que havia feito no ano anterior. Por meio dela, perguntei onde moravam e se já tinham visitado algum museu. Além disso, novamente pedi que definissem esse tipo de equipamento cultural. A novidade ficou por conta dos conhecimentos prévios sobre a Brasília Teimosa, realizados à luz da teoria das representações sociais, seguindo exemplo de Monteiro (2012).

---

<sup>54</sup> Cf. Apêndice 6.



**Figura 44:** Cartaz da disciplina eletiva “Saber-Museu”. Fonte: ETEJB, 2022.1.

Com efeito, a pesquisadora desenvolveu há alguns anos um jogo de tabuleiro ambientado na Brasília Teimosa, artefato de bastante interesse e que passou a ser desejado para incorporar nosso acervo. O objeto de design foi configurado para revelar e estimular a preservação dos patrimônios material e imaterial do bairro, reforçando os conteúdos disponíveis sobre a localidade.

Amparada na teoria de Serge Moscovici, que se preocupa em investigar como o senso comum se apropria de conhecimentos produzidos nas mais diversas áreas, conferindo-lhes sentido por meio da criação do que chamou de representações sociais, Monteiro realizou consulta prévia com diversos integrantes da comunidade: representantes do conselho de moradores, coordenadores de instituições não-governamentais, educadores, comerciantes e membros de associações de pescadores.

Por meio do cruzamento feito entre a quantidade de evocações de uma palavra (frequência) e a sua ordem de classificação (importância) determinada pelos sujeitos entrevistados, pôde chegar ao núcleo central da representação e aos seus núcleos periféricos (Monteiro, 2012), selecionando o que haveria e o que não haveria de constar em seu jogo. Assim, conseguiu identificar os locais mais significativos e frequentados pela comunidade, a importância da história do bairro e os problemas enfrentados ainda hoje por seus habitantes, para, então, elaborar seu material.



**Figura 45:** Jogo de tabuleiro “Passeio por Brasília Teimosa”. Fonte: Monteiro (2012).

Inspirado nessa forma relativamente simples de identificar as representações da comunidade no imaginário da população, propus aos estudantes que escrevessem os cinco primeiros termos que lhes viessem à mente ao pensarem na Brasília Teimosa, em ordem decrescente de importância. Isto é, do mais ao menos importante. A partir desse resultado, produzi posteriormente uma nuvem de palavras (com o site [mentimeter.com](http://mentimeter.com)) para guiar nosso trabalho dali em diante.

Com efeito, as palavras em destaque foram “praia”, “Buraco da Veia” – ambas relativas ao mesmo campo semântico, por se referirem à principal área de lazer da comunidade – e “Brennand”, em referência ao parque de esculturas acessado pela pista que segue pelos arrecifes em direção à Olinda. Desses destaques, podemos inferir algumas conclusões: que os estudantes, e os moradores por expansão, enxergam a Praia do Buraco da Veia como um local relevante para a vida cultural do bairro, tanto por sua privilegiada condição geográfica, quanto pelos modos com os quais a população local usufrui do espaço; que o Brennand se trata de um parque/museu a céu aberto próximo do bairro, fazendo parte da paisagem teimosa, ainda que distante 2 km do final da península. A Torre de Cristal do parque, cartão postal da cidade, também é vista como um patrimônio da população teimosina, afinal, seu único acesso terrestre é pela Brasília Teimosa, sendo, portanto, bastante visitada por seus moradores.

Em segundo plano, mas também relevante, surgem os termos “orla”, em referência a grande área de lazer contígua à praia, onde as pessoas se encontram para comer e beber nos quiosques e restaurantes à beira-mar, passear com os cachorros, levar as crianças para brincar, jogar “futebol”, outro termo bastante citado pelos discentes, ou simplesmente passar o tempo.

Nesse ponto, convém reforçar o ganho urbano que a engorda da praia representou para a comunidade, ainda que muitas famílias tenham sido removidas para o Conjunto Habitacional do Cordeiro, do outro lado da cidade.



**Figura 46:** Vista panorâmica do Parque das Esculturas Francisco Brennand. Nota-se o acesso terrestre pela Brasília Teimosa. Foto de Nestor Júnior. Fonte: Diário de Pernambuco, 2018. Disponível em: < <https://twitter.com/DiarioPE/status/961185452127551489> >. Acesso em: 2 mar. 2024.

A palavra “comunidade” também foi mencionada algumas vezes, assim como “escola”, termo indiretamente sugerido por mim aos estudantes que afirmavam não saber o que escrever, por julgarem não conhecer bem o bairro. Pois, para essas situações, sugestionei que pensassem em termos que representassem a relação deles com a Brasília, sobretudo daqueles que moravam fora dela. Por isso, muitos fizeram menção à instituição escolar, principal motivo para frequentarem o bairro. Em termos gerais, mesmo que indiretamente influenciados por minha fala e pelo próprio tema do curso, as palavras mencionadas representam bem a localidade. Tanto que, no trabalho final desta sequência didática, como veremos adiante, muitos desses termos reapareceram com o mesmo destaque.



Em síntese, embora já houvesse planejado a disciplina para todo o curso e já tivesse noção do que investigar, perceber como os estudantes representavam a comunidade em seu imaginário foi um exercício importante para guiar o trabalho, consolidar saberes e desconstruir o senso comum vinculado à localidade.

### **3.2.2 Conhecimentos museológicos e antropológicos**

Como relatado anteriormente, mudanças de última hora acontecem o tempo todo, exigindo do professor rápida adaptação. De fato, o “jogo de cintura” faz parte de nossa profissão e não “saber levar” pode resultar em insucesso. Sendo assim, por conta de outra avaliação marcada para o dia, nossa segunda aula da eletiva começou com 40 minutos de atraso, necessitando “enxugar” o que fora previsto. Então, um exercício de identificação de conceitos-chaves da museologia (coleção, acervo, exposição, musealização, patrimônio, dentre outros dez) acabou não acontecendo. Na ocasião, a proposta era instrumentalizar os estudantes a respeito do jargão básico a ser utilizado dali em diante. Porém, devido ao imprevisto, o trabalho lexical acabou sendo diluído, aos poucos, no decurso das aulas<sup>55</sup>.

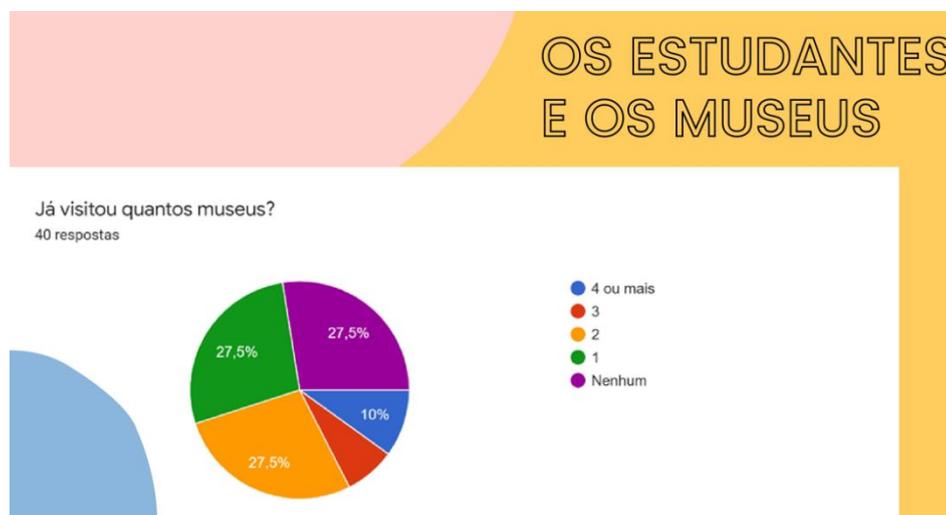
Mesmo assim, os objetivos principais desse encontro foram cumpridos: num primeiro momento, apresentei, no formato de gráficos, alguns resultados da avaliação diagnóstica realizada na primeira semana. Pudemos perceber que o grupo era composto por alunos das quatro turmas de segundo ano, com mais integrantes para o 2ºB e o 2ºC, que juntos somavam 60% dos integrantes. Também verificamos que pouco mais da metade da turma (55%) já havia visitado pelo menos 1 ou 2 museus. 1 terço revelou nunca ter visitado e pouco menos de 20% deles já havia visitado mais de 2 museus.

Em outro gráfico, constatamos que 15, dentre os 40 que responderam à avaliação, já conheciam o Espaço Ciência, um museu bastante visitado por escolas, fato que sugere a participação relevante dos educandários no acesso dos jovens aos museus, como constatado por Cazelli (2005). 14 estudantes já haviam visitado o Paço do Frevo, um museu que, por sua privilegiada localização (Recife Antigo) e temática, parece ser um dos equipamentos culturais

---

<sup>55</sup> Conceitos retirados de Desvalées e Mairesse (2013).

mais visitados da capital. Outros 11 museus foram mencionados, havendo destaque para o Cais do Sertão<sup>56</sup>, com 8 citações, e o Forte das 5 pontas/Museu da Cidade, com 6.

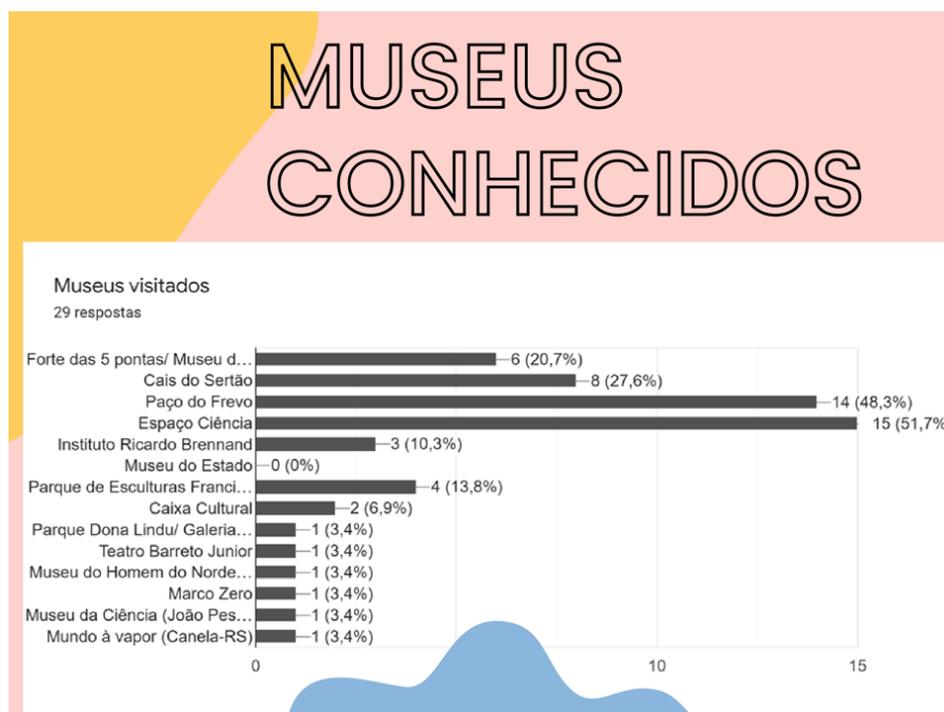


**Figura 49:** Gráfico: os estudantes e os museus. Fonte: dados da pesquisa, 2022.1.

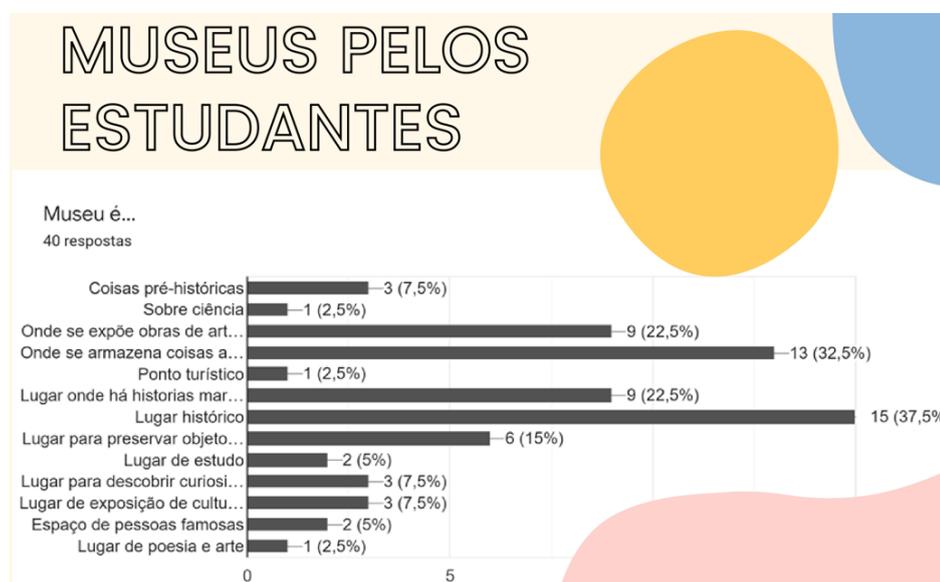
Novamente por meio de gráfico, foi mostrado o entendimento prévio deles sobre museus. Pois, os tipos de respostas mais citadas – lembrando que se tratava de uma pergunta aberta, e não de múltipla escolha – relacionavam as instituições a lugares históricos e que armazenam coisas antigas. Também foi mencionado que são locais onde se expõem obras de arte. No entanto, apenas dois deles mencionaram ser museus espaços educativos e nenhum os citou como instituições para se pensar o futuro, por exemplo. Ou seja, tal como no ano anterior, a ideia geral sobre museus vinculava-se a aspectos históricos.

Após a apresentação dos dados elaborados a partir das respostas deles no encontro anterior, a última parte da aula consistiu em uma explanação acerca dos diferentes tipos de museus existentes. Assim, exemplificando com slides, apresentei aos estudantes 14 tipos de museus, como os históricos, militares, os de arte, de ciências, etnográficos, biográficos, de arte popular, virtuais, dentre outros. Tomando como exemplos museus de Recife e de outras partes do Brasil, finalizei a aula mostrando a eles a proposta dos museus comunitários, como o da Maré (RJ), reforçando que nosso objetivo principal seria produzir uma exposição museal a respeito da Brasília Teimosa. Portanto, nos aproximáramos da linguagem dos museus comunitários.

<sup>56</sup> Do 1º ano D de 2021, apenas dois estudantes que participaram da nossa visita técnica ao Paço do Frevo e Cais do Sertão se inscreveram na eletiva “Saber-Museu”. Porém, alguns estudantes de outras turmas inscritos na eletiva também foram aos museus, a meu convite.



**Figura 50:** Gráfico: museus conhecidos pelos estudantes. Fonte: dados da pesquisa, 2022.1.



**Figura 51:** Gráfico: Definições de museu pelos estudantes. Fonte: dados da pesquisa, 2022.1

Quanto ao terceiro encontro, chamado de “Conhecimentos antropológicos na ordem do dia”, iniciei nossa conversa relacionando o surgimento dos museus às práticas colecionistas das nações imperialistas do século XIX<sup>57</sup>. A partir desse “gancho”, passamos à discussão sobre a

<sup>57</sup>“Em suas origens, a antropologia, integrando o conjunto dos saberes enciclopédicos das ciências de finais do século XIX, era produzida nos museus – as grandes casas onde se praticava a pesquisa científica. Naquele contexto

introdução da pesquisa de campo como parte da investigação etnográfica proposta por Bronislaw Malinowski (2018). Assim, com o auxílio de uma ficha impressa<sup>58</sup> elaborada para a ocasião, expliquei que o trabalho de campo seria uma metodologia utilizada em nosso favor e que, nesses específicos momentos, eles deveriam disciplinar o olhar, o ouvir e o escrever (Oliveira, 1996). Assim, deveriam fazer uso de anotações, no intuito de aguçar suas percepções enquanto pesquisadores, observando a comunidade com olhos imparciais, evitando julgamentos e conclusões precipitadas (Velho, 1981).

Pois, a partir do material impresso, debatemos o "*kula* trobriandês", um sistema de trocas cerimoniais praticado por certos grupos das Ilhas Trobriand, localizada na Papua-Nova Guiné, Oceania. Conforme descreveu Malinowski (2018), o termo "*kula*" é derivado do idioma local e se refere a uma rede de trocas marítimas altamente ritualizadas entre os habitantes das ilhas vizinhas. Bem mais do que uma simples troca de bens materiais, trata-se de um sistema social e cerimonial altamente complexo, que envolve status, prestígio e relações interpessoais. As trocas, por sua vez, não são destinadas a obter lucro material, mas sim a estabelecer e fortalecer laços sociais entre as comunidades.

Nesse sistema, duas formas de trocas ocorrem em paralelo: o "*Kula* do Norte" e o "*Kula* do Sul". No primeiro, os participantes trocam colares de conchas vermelhas, chamados "soulava", com participantes de outras ilhas, seguindo um sentido horário na geografia do arquipélago. Enquanto que no "*Kula* do Sul", eles trocam braceletes de conchas brancas, chamados "mwali", no sentido anti-horário. Esses objetos são considerados valiosos e os participantes do sistema buscam acumular reputação e status ao realizar viagens marítimas para trocar os itens com outras comunidades. Essas trocas são acompanhadas de rituais elaborados, músicas, danças e cerimônias, desempenhando, dessa maneira, um papel fundamental na manutenção da coesão social e cultural dos grupos envolvidos.

Assim sendo, iniciamos uma atividade prevista para durar a sequência didática inteira, intitulada de "*Kula* Pedagógico", uma brincadeira, cujo objetivo seria captar as percepções dos estudantes sobre o andamento do curso e, ao mesmo tempo, garantir material para nossa exposição. Assim constava no material apresentado em sala de aula:

O *Kula* Pedagógico consiste em uma atividade lúdica de produção coletiva de *sketchbooks* (cadernos de rascunho), em sistema de rodízio entre os estudantes. Inspirada no sistema de trocas simbólicas dos habitantes das Ilhas Trobriand, descrito

---

os objetos eram colecionados como testemunhos e provas materiais das diferentes culturas. A produção do conhecimento antropológico atravessou o século XX e adentrou o século XXI no diálogo com os museus, embora possamos apontar importantes inflexões" (Russi e Abreu, 2019:19).

<sup>58</sup> Cf. Apêndice 7.

pelo antropólogo Bronislaw Malinowski no início do século XX, nosso trabalho consiste em registrar anotações escritas e ilustradas sobre o andamento de nossas aulas. Ao final do rodízio, teremos dois cadernos bem diferentes um do outro, que farão parte da nossa exposição museológica.

Confira o rodízio e não deixe passar sua vez, caso contrário, todos os alicerces do nosso trabalho podem desandar de vez.

Então, criando uma *mise-en-scène* com ares ritualísticos – brincadeira bem recebida pelo grupo – entreguei os dois cadernos de rascunho a estudantes de turmas diferentes, ao som das palmas dos estudantes. A partir daquele momento, eles deveriam passá-los de mão em mão ao longo das semanas, seguindo um rodízio previamente estabelecido<sup>59</sup>, organizado em ordem alfabética crescente para um caderno e decrescente para o outro, iniciando pelos alunos do 2ºA, em uma direção, e pelos alunos do 2ºD, em outra direção. A proposta seria que cada estudante fizesse, pelo menos, uma anotação em cada caderno, ficando a seu critério definir o formato e o conteúdo, desde que conseguisse relacionar às aulas da eletiva. Ou seja, propus que fizessem registros do trabalho realizado ao longo de todo o curso, e não apenas ao seu final, como normalmente acontece com as disciplinas eletivas, nos preparativos para a culminância.

Mesmo enfatizando a necessidade de eles respeitarem o cronograma estipulado, sugerindo ficcionalmente consequências catastróficas para manutenção da nossa coesão interna, caso não cumpríssemos as trocas conforme planejado, após algumas semanas, com a intermitência das aulas e conseqüente aumento da falta de assiduidade de alguns estudantes, o cronograma do rodízio acabou se perdendo, havendo de ser reformulado algumas vezes. O saldo dessa atividade, já adiantando um pouco a discussão, foi positivo, pois há registros verbais e não verbais sobre o andamento do curso bem interessantes em ambos os cadernos, principalmente das primeiras aulas e da visita técnica ao Museu do Homem do Nordeste.

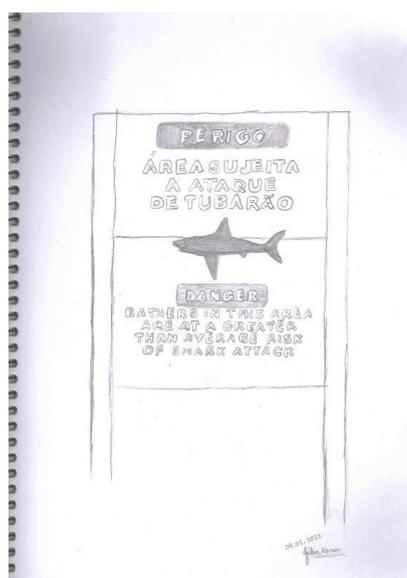
Contudo, além de o rodízio não ter se concretizado conforme o planejado – o que já era esperado, tratando-se de um grupo de 45 estudantes, meninos e meninas de quatro turmas diferentes, recém-retornados ao ensino presencial após dois anos de pandemia –, acredito que muitos não assimilaram bem a proposta, seja por não a terem compreendido ou por falta de interesse ao que estava sendo proposto. Então, como resultado, temos dois cadernos parcialmente preenchidos, com escritos e ilustrações que bem representam o teor das discussões e dos trabalhos realizados, mas também com registros que aparentemente nada representam o que fora discutido. No fundo, foi um resultado esperado, tendo em vista o ineditismo da proposta e a postura acadêmica de boa parte da rede estadual de ensino, sobretudo de jovens que retornavam ao ensino presencial depois de dois anos.

---

<sup>59</sup> Cf. Apêndice 8.



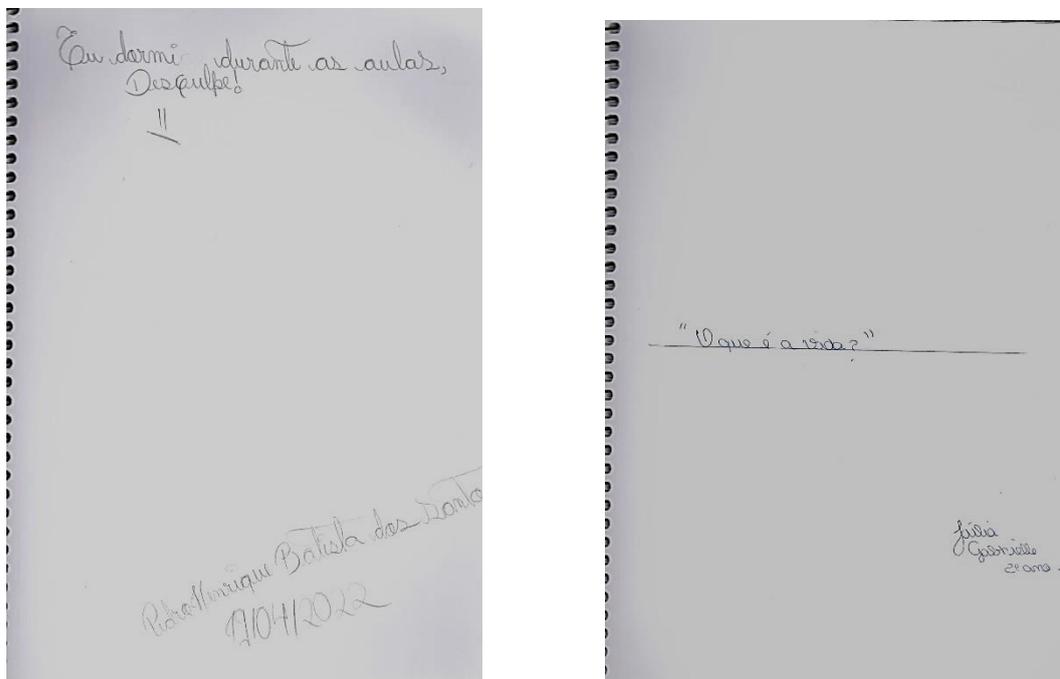
**Figuras 52 e 53:** Ilustrações dos *sketchbooks* consideradas exitosas: *soulava*, colar ritualístico do *kula* trobriandês e *mwali*, bracelete do mesmo ritual. Fonte: elaboração dos estudantes, 2022.1.



**Figuras 54 e 55:** Ilustrações dos *sketchbooks* consideradas exitosas: representação de placa de aviso de área sujeita a ataques de tubarão e representação colorida de mural “O canavial”, de Francisco Brennand, no MUHNE. Fonte: elaboração dos estudantes, 2022.1

Em muitos momentos, diante da dificuldade que muitos demonstravam para fazer registros – alegando não saber desenhar ou até mesmo escrever (o que evidenciava certa resistência) –, pedi que registrassem o que quisessem, mesmo sem relação com a disciplina, o que acabou, em parte, descaracterizando a iniciativa. O importante, dizia, era fazer girar os cadernos e dar continuidade ao processo. Então, em resumo, embora as anotações dos estudantes expressassem sua subjetividade, o que por si só já rende análises, senti que acabamos

fugindo parcialmente dos objetivos da proposta. Ou melhor, aos meus objetivos com a elaboração da proposta.



**Figuras 56 e 57:** Ilustrações dos *sketchbooks* consideradas não exitosas. Fonte: elaboração dos estudantes, 2022.1

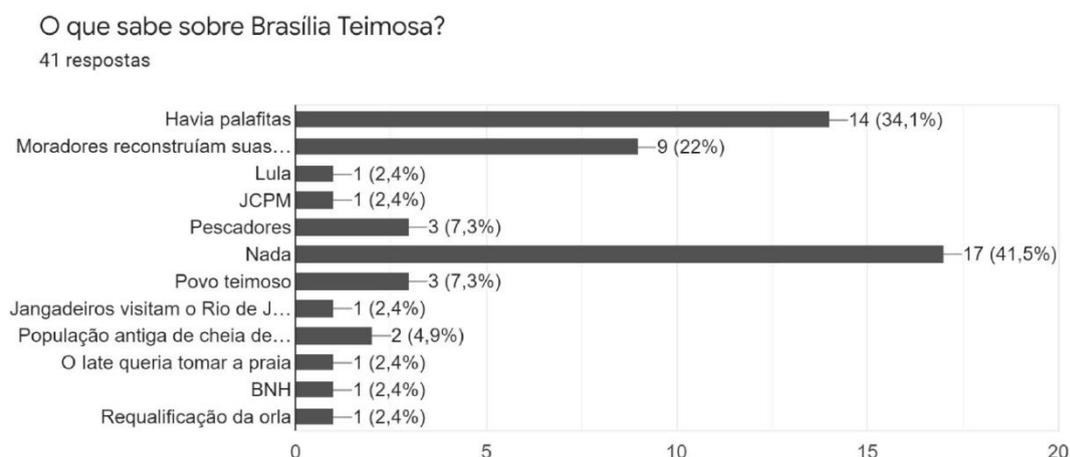
### 3.3 Investigando o campo

Após o primeiro bloco da sequência didática, tivemos um intervalo, por motivos diversos, de praticamente um mês entre as aulas, tais como falta de luz, chuva ou dispensa para estudar para as provas. Como resultado, houve uma descontinuidade do trabalho, além do cancelamento de algumas atividades propostas, como uma visita guiada pelo centro histórico de Olinda, como forma de exercitar o trabalho em campo. Se é verdade que não tínhamos conseguido transporte pelo Instituto JCPM, fato que impossibilitaria a proposta de se visitar a cidade vizinha, o cancelamento das aulas de abril acabou inviabilizando a realização de um exercício de campo alternativo, bem como de sua análise, conforme estava sendo previsto.

No fim das contas, como se tratava de uma saída a campo experimental, sem um vínculo específico com o tema do nosso projeto, a comunidade da Brasília Teimosa, seu cancelamento foi menos sentido do que a interrupção das aulas. Esta sim, lamentada pela quebra do ritmo que havia sido criado no primeiro mês, impactando, por exemplo, na manutenção do rígido cronograma do “*Kula Pedagógico*” e gerando dificuldades para a execução da proposta.

Sendo assim, no final de abril, retomamos o trabalho com a aula “Brasília, a resistente” – nome retirado de uma reportagem audiovisual do Diário de Pernambuco<sup>60</sup>, que passou a integrar o acervo de nossa futura exposição – quando passamos finalmente a discutir nossa comunidade. Para tanto, o debate se estruturou, inicialmente, com slides produzidos a partir de respostas obtidas pela avaliação diagnóstica<sup>61</sup>. Dessa forma, a primeira lâmina apresentada foi a nuvem de palavras e o gráfico dos termos organizados por relevância, ambos já mencionadas neste capítulo. Comparamos essas produções com um gráfico sobre o conhecimento prévio deles a respeito da comunidade.

Justamente, esta apresentação serviu para mostrar que, segundo eles mesmos, pouco ou nada sabiam sobre a Brasília Teimosa. “Nada” foi a resposta mais vezes mencionada na avaliação (41,5%). Contudo, ao invés de revelar uma total ignorância a respeito do tema, essa resposta pareceu ser uma recepção inesperada a esse tipo de pergunta, visto que, por serem habitantes da Brasília e do seu entorno, eles já possuíam algum tipo de conhecimento sobre a localidade.



**Figura 58:** Gráfico: o que sabem sobre Brasília Teimosa. Fonte: dados da pesquisa, 2022.1

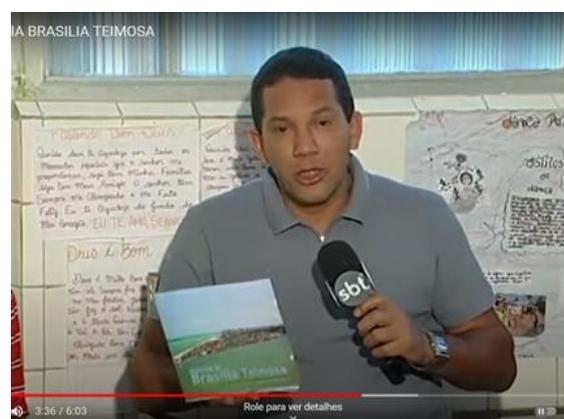
Outro tipo de retorno bastante citado foi a existência de palafitas na região (34,1%), dado que reforça a visão de comunidade precarizada, compartilhada no imaginário coletivo da cidade. Por outro lado, uma resposta repetida por quase um quarto dos estudantes (22%) foi que os moradores reconstruíam suas casas quando derrubadas pela polícia, mostrando que uma parte considerável dos estudantes tinha consciência da luta pela moradia travada pelos primeiros moradores da península estuarina.

<sup>60</sup> Cf. < <https://www.youtube.com/watch?v=rWo8xTjZSRE&t=4s> > Acesso em: 27 mar. 2024.

<sup>61</sup> Cf. Apêndice 6.

A segunda parte da aula consistiu na exibição de 10 vídeos retirados da internet sobre a Brasília Teimosa. Com o auxílio de reportagens jornalísticas, em sua maioria, exploramos diferentes aspectos do bairro, trocando saberes pesquisados e saberes empíricos. De certa maneira, esse encontro representou, em muitos aspectos, a dinâmica estabelecida por este projeto de intervenção pedagógica, marcada pela interação entre docente e discentes. Isto é, enquanto levava saberes adquiridos majoritariamente por meio de pesquisa, os estudantes traziam seus conhecimentos oriundos da própria experiência vivida.

Assim, tomando como base os vídeos<sup>62</sup>, todos incorporados ao acervo da futura exposição, debatemos a histórica resistência dos moradores pela permanência na localidade; abordamos uma prática recreativa muito específica da comunidade chamada “banho de choque” – ato de se banhar com a água do mar espirrada do choque com os arrecifes e o paredão que protege a orla –; falamos sobre os problemas cotidianos enfrentados pela comunidade, como a falta de infraestrutura e a violência urbana; percebemos as características da ZEIS da Brasília Teimosa; relembramos as palafitas que permaneciam debaixo da ponte do Pina e seus moradores; conhecemos um pouco do Conjunto Habitacional do Cordeiro, para onde muitas famílias foram levadas após a requalificação da orla<sup>63</sup>.



**Figuras 59 e 60:** Cenas de reportagens sobre Brasília Teimosa: Brasília, a resistente e VT Periferia Brasília Teimosa. Fontes: Diário de Pernambuco e SBT, 2014 e 2011.

Disponíveis em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWo8xTjZSRE&t=4s>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=jiSn8DMdRcQ&t=166s>>. Acesso em: 27 mar. 2024.

<sup>62</sup> Os vídeos podem ser encontrados nas referências deste trabalho, bem como na relação das fichas catalográficas da exposição produzida para este projeto.

<sup>63</sup> Cf. Brasília Teimosa, a resistente (2014); “Banho de choque”: o desconhecido patrimônio de Brasília Teimosa (2019); Pé na rua: microfone aberto em Brasília Teimosa (2019); Recife, além dos muros – Zonas Especiais de Interesses Sociais (ZEIS) (2016); Palafitas voltam a fazer parte da paisagem do Recife (2015); Brasília Teimosa – parte 2 de 3 (2014).

Continuando os assuntos vistos nos vídeos, descobrimos o movimento de resistência pelas moradias da comunidade do Caranguejo Tabaiães, na Ilha do Retiro, local próximo ao Coque e à Brasília Teimosa e que enfrenta problemas semelhantes a dessas duas comunidades; discutimos a visita do presidente Lula em 2003 e o processo de requalificação da orla; conhecemos um pouco sobre o livro *História da Brasília Teimosa* (2017), com entrevista do autor, Oswaldo Pereira da Silva; vimos uma análise feita pelo Laboratório de Imagem e Som da UFPE sobre o documentário *Avenida Brasília Formosa*, do cineasta pernambucano Gabriel Mascaro; e rimos de algumas personalidades excêntricas da comunidade, como o Michael Jackson do Uber, um motorista de aplicativo que trabalha caracterizado do artista norte-americano<sup>64</sup>.

Após a exibição dos vídeos e dos comentários sobre eles, organizados em grupos, os estudantes ficaram de trazer para o encontro seguinte resumos escritos sobre o material visualizado. A ideia seria aproveitar a força intelectual e laboral deles para dar início à catalogação do nosso material. Todavia, apenas dois grupos entregaram seus respectivos resumos, fato que sugeriu não haver grande adesão dos estudantes aos exercícios da eletiva, ao contrário do que normalmente acontece com as disciplinas tradicionais do currículo.

Um dos resumos dos vídeos apresentado por quatro estudantes ficou assim:

O banho de choque é uma brincadeira conhecida na praia do buraco da veia que acontece quando alguém encosta no paredão e recebe a onda sobre si, daí acabou gostando e foi passando adiante, quando a maré cheia faz ondas e essas ondas bate forte contra o paredão que acaba jogando água sobre o paredão, pessoas ficam encostadas no paredão para receber uma grande quantidade de água, seu público no geral são: crianças e adolescentes, mais agora também por adultos e idosos, existe uma música que dizem manifestar ondas maiores assim dizendo macaco tua mãe morreu, quem matou foi eu, embaixo do pneu, o nome da praia é buraco da veia surgiu quando o iate fez um muro e que nesse muro não era possível passar para a praia, daí uma idosa fez um buraco no muro que o Iate construiu, para ir tomar banho na praia, assim surgiu o nome Buraco da Veia. J.R., S.D., W. D., M. I., 2º ano C.

Como é possível observar, o resumo dos estudantes explica a prática do “banho de choque”, esse tipo de lazer específico da Brasília Teimosa, tradição cultural ímpar, valorizada por ser divertida e especial. Vemos também traços de uma tradição oral, expressa pelo compartilhamento da brincadeira entre a população e pela canção que supostamente atrairia ondas maiores, além de trazer à baila a versão mais aceita da origem do nome da Praia do Buraco da Veia, outro tópico com base na oralidade. Pois, ao longo deste trabalho, durante todas

---

<sup>64</sup> Cf. Sem destruição - #caranguejoresiste (2019); Lula pelo Brasil: Brasília Teimosa (2017); VT Periferia Brasília Teimosa (2011); Recife 16:9 (2014); Michael Jackson do Uber faz sucesso em Brasília Teimosa (2017).

as suas etapas, cheguei a registrar 5 versões diferentes para a origem do nome da praia teimosina, fato que ilustra a força das narrativas orais da comunidade.



**Figura 61:** “Banho de choque”, patrimônio cultural da Brasília. Fonte: Sales (2017).

Com efeito, além da versão apresentada no resumo dos estudantes, o nome pouco usual da piscina natural semelhante a um buraco poderia ser, segundo contam os habitantes, por causa da morte de uma senhora em suas águas; ou por conta de uma velhinha, ou um grupo de senhoras, que teriam o hábito de se banhar no local bem cedo, antes do nascer do sol; ou por haver uma passagem por dentro dos arrecifes, conectando a piscina ao mar aberto; ou então, pelos bolsões que se formam do outro lado dos arrecifes, quando a maré está baixa, onde uma senhora teria o hábito de ir no passado.

### **3.3.1 Duas saídas a campo e uma visita técnica**

#### **3.3.1.1 Quiosque da Palafita e orla**

Retomando as atividades da eletiva, passamos à pesquisa *in loco*, com a realização de dois trabalhos de campo no mês de maio. A proposta manteve-se parecida à realizada no ano anterior, pois o foco encontrava-se nas rodas de diálogo com agentes da comunidade que, de alguma maneira, se destacavam em termos de ligação com a comunidade e relevância em seu ofício. Sendo que, ao invés de visitarem a escola, dessa vez, nós é que fomos ao encontro deles.

Essa é a fase de maior importância do projeto, pois é quando começamos a sair do espaço escolar, assumimos o papel de pesquisadores e passamos a reconhecer analiticamente o

território do nosso grupo. Bem verdade que o “pesquisador já está em campo desde que define seu tema” (Sáez, 2013: 167), mas a materialização do ofício do etnógrafo acontece, efetivamente, no trabalho de campo.

No caso deste projeto, pelo fato dos pesquisadores serem os educandos que habitam o “campo”, o desafio era transformar o familiar em exótico (Damatta, 1978), construindo um novo olhar sobre a localidade conhecida. Justamente, esse processo de afastamento e estranhamento é muito importante para o pensamento sociológico, conforme apontam as próprias *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (Brasil, 2006). Assim, estar exercitando na prática esses conceitos, fazendo uso da etnografia como estímulo para a imaginação sociológica, foi um modo de aproximar a metodologia de pesquisa ao ensino na educação básica (Melo e Moura, 2017).

Então, o primeiro trabalho de campo consistiu em uma entrevista com Carlos, do Quiosque da Palafita, seguido de uma visita guiada pelo bairro, respeitando o roteiro estabelecido anteriormente pela professora Risoneide. Além disso, como exercício etnográfico, os estudantes tiveram de realizar breves entrevistas estruturadas com passantes no caminho, no intuito de averiguar a visão de pessoas não selecionadas antecipadamente sobre a Brasília.

Então, para nossa primeira experiência extramuros, lembrei-os de nossa aula sobre observação participante e diário de campo e distribuí pequenos conjuntos de folhas para registrarem suas impressões, pouco antes de sairmos em direção à orla, a fim de encontrar Carlos em seu quiosque. Enquanto caminhávamos, um estudante mostrava-se preocupado, pois, segundo ele, uma pessoa teria sido assassinada nos últimos dias e, conseqüentemente, haveria uma ordem de se evitar determinadas locações.

Por desconhecer tal determinação, mantive o trabalho, seguindo nosso trajeto pela Rua Dagoberto Pires, a Rua do Barro, o primeiro arruamento do Areal Novo. No caminho, o mesmo aluno sinalizou a existência de “bocas de fumo” em algumas esquinas pelas quais passamos. Alertados pela situação, passamos a caminhar com mais atenção, porém, nada de fora do comum aconteceu e até hoje, mesmo morando na Brasília, nunca vi os pontos de droga mencionados, o que não significa que eles não existam.

Na esquina da Rua Dagoberto Pires com a Avenida Brasília Formosa, Carlos nos aguardava em seu quiosque de frente à orla. Aproximamo-nos em formato semicircular e fizemos uma conversa de cerca de 20 minutos. Em linhas gerais, nossa entrevista girou em torno da vida dele, de como era a orla antes da reforma urbana, com as palafitas margeando os arrecifes, a precariedade da vida à beira-mar e as dificuldades que ele enfrentou em manter o negócio durante a pandemia. Após registrarmos seu depoimento, seguimos pela avenida em

direção ao Buraco da Veia. No meio do caminho, vimos uma placa de aviso de alerta de ataques de tubarão, como é comum em todo o litoral de Recife e Jaboatão. Só que, a referida placa encontrava-se caída na areia, devido à ação do vento. Eis que me surgiu uma ideia naquele momento.

Para incredulidade de todos, coletei a placa, solicitei ajuda e carregamos conosco o objeto, a fim de integrá-lo ao nosso projeto museal. Devido ao seu enorme tamanho e a sua condição avariada, equivocadamente – avalio agora – não a pusemos em sala de aula, no final de junho, quando aconteceu a culminância das disciplinas eletivas. Mesmo assim, o objeto continuou guardado no almoxarifado da escola, à espera da exposição museal inicialmente planejada. Mais do que obter um valioso item para nossa coleção, o gesto teve um caráter pedagógico, mostrando na prática, que qualquer objeto relacionado ao nosso projeto poderia integrar nosso acervo museológico. Percepção não compreendida plenamente pela gestão escolar e pelo conjunto dos professores, tendo em vista o fato de não terem percebido o valor simbólico da placa avariada, muito por conta de não terem participado das discussões da disciplina eletiva, avalio.

Pois, mantendo o roteiro da outra visita guiada, paramos no Buraco da Veia, onde conversamos sobre as versões orais para seu nome e sobre a praia enquanto principal área de lazer do bairro. Após registro fotográfico, os estudantes fizeram suas breves entrevistas com passantes na rua. Não havia muitas pessoas devido ao tempo chuvoso, ao horário matutino e ao dia da semana (terça-feira), de modo que alguns grupos não conseguiram realizar a tarefa. Apesar de terem rendido registros escritos e sonoros interessantes, esse material acabou não sendo aproveitado na continuidade do projeto, bem como os relatos orais dos estudantes sobre a dinâmica da atividade, por não terem apresentado utilidade. Dali, seguimos pela Rua A (Delfim) sem novas paradas até chegar à nossa escola.

Na semana seguinte, em sala de aula, reconstituímos nosso campo e fizemos coletivamente um resumo escrito da roda de conversa com Carlos. Foi a única vez que conseguimos produzir esse tipo de texto juntos. Àquela altura, imaginava que poderíamos passar a limpo e imprimir os resumos das conversas, tanto como forma de catalogação, quanto como item de nossa exposição. Então, assim ficou o resumo elaborado coletivamente em sala de aula.

#### DIÁLOGO EM SALA 10/05/22

Professor Vitor relembra nosso roteiro da última aula de campo e começamos a coletar dados mais específicos com o nosso encontro com Carlos, do quiosque da palafita. Relembramos que era um quiosque fechados onde Carlos estava nos esperando. O

nome do quiosque é quiosque da palafita, lá, tinha estampas de cerveja para todo o lado e peixes na parede.

Durante a nossa conversa com Carlos ele contou sobre como eram as palafitas de antigamente, e contou um pouco da sua história. Em 2004 tirou sua carteira de pescador, depois de 24 anos trabalhando com a pesca. Seu trabalho era pesado e ele tinha que acordar cedo. Com o projeto de revitalização que já existia a muito tempo as palafitas foram retiradas e as pessoas foram morar numa BNH, no bairro do Cordeiro. Foi algo ruim para eles, muitos não conseguiram se adaptar, era longe do trabalho, no local o índice de criminalidade era alto e eles tinham que acordar mais cedo pois trabalhavam com a pesca. Como não se adaptaram muitos venderam seus apartamentos.

Dessa forma, com a minha mediação, os estudantes resumiram a conversa aos pontos principais: a difícil vida nas palafitas à beira-mar antes da requalificação urbana; a mudança profissional de Carlos, da pesca para o comércio; e, principalmente, a remoção das famílias para o Conjunto Habitacional do Cordeiro, do outro lado da cidade. De fato, seu relato foi importante, pois nos mostrou que as transformações ocorridas na orla da Brasília não foram boas para todo mundo. Carlos, testemunha desse processo, enfatizou mais de uma vez que promessas do poder público não foram cumpridas, como a oferta diária de um transporte gratuito entre o bairro do Cordeiro e a Brasília Teimosa, afinal, é complicado para pessoas que trabalham com a pesca morarem longe do mar. Ao mesmo tempo, lamentou não poder abrir seu negócio durante a pandemia, causando-lhe grande prejuízo, ao contrário de vários comerciantes da Brasília, cujos empreendimentos informais funcionam na própria residência e, portanto, não precisaram fechar as portas.

Assim sendo, o entrevistado nos revelou que muitos moradores venderam seus apartamentos e retornaram para a Brasília, fosse por causa da proximidade com o mar, fosse pela saudade do bairro onde viviam, ou mesmo para se afastar da criminalidade existente no habitacional. Isto me fez recordar que já tinha ouvido falar de algumas pessoas construir, mesmo sem necessidade, palafitas irregulares na comunidade, no intuito de aguardar a intervenção do poder público, para adquirirem direitos a moradias oriundos de políticas públicas. Em suma, o relato de Carlos nos serviu para compreender bem as consequências das políticas urbanas acontecidas na cidade, compreendendo a complexidade dos processos e não nos deixando glamurizar as obras públicas, ainda que estas tenham trazido benefícios para parte da população.

Devido ao “atropelo” do calendário e às dificuldades de se produzir textos coletivos com um grande grupo de estudantes, não conseguimos fazer outros resumos semelhantes, tampouco aproveitar o que fora realizado para a culminância. De toda forma, o relato foi registrado e ficou guardado para uma futura exposição, onde a figura do Carlos viria destacada. Justamente, quando no semestre seguinte planejei com um pequeno grupo a exposição museal sobre a

Brasília Teimosa, isto é, outro projeto expográfico além do apresentado no final da eletiva “Saber-Museu”, pensamos que a entrevista sonora de Carlos poderia estar acompanhada de uma pintura/ ilustração dele e o resumo expostos na parede<sup>65</sup>.

Além do resumo escrito, alguns estudantes produziram registros nos conjuntos de folhas entregues para as anotações sobre o campo. Apesar de poucos, eles são materiais relevantes, visto que revelam a visão dos jovens sobre a atividade, além de ajudar a reconstituir o que fizemos. Para além das suas narrativas, esses escritos são exercícios do fazer etnográfico, portanto, ferramentas das ciências sociais usadas na prática, exatamente como vinha explicando a eles como fazem os antropólogos. Então, mais do que o conteúdo em si, a própria ação de registrar as impressões individuais deles é um êxito do projeto, uma vez que conseguimos passar da teoria à prática.

De fato, os diários de campo são instrumentos de avaliação do aprendizado discente, “de longe, o principal elemento técnico y (sic) metodológico da pesquisa etnográfica” (Saéz, 2013: 165). Justamente, como explica o autor, esse tipo de documento é feito para ser escrito, mas principalmente ser relido, porque é um auxiliar da memória, mas também uma oposição a ela. Segundo o autor, o pesquisador tende a construir um relato mais ou menos coerente e pouco complexo sobre os acontecimentos. Pois, o diário, através dos registros anotados cronologicamente, restabelece a ordem temporal dos fatos e restitui essa complexidade por inteiro (Sáez, 2013).

Justamente, por encarar os estudantes como pesquisadores e produtores de conhecimento partícipes do projeto, os diários de campo foram propostos por serem ferramentas metodológicas em que nós, cada um no seu diário, pudéssemos expressar nossas impressões individuais acerca do trabalho coletivo. Para além desse uso mais comum dos registros escritos, imaginei desde o começo que poderíamos utilizar alguns trechos selecionados para nossa exposição museal, pois o processo de pesquisa seria um dos eixos da mostra em si.

No entanto, poucos foram os estudantes que me devolveram o bloco de anotações. “Difícil é explicar ao pesquisador iniciante qual é o motivo de que tanta relevância seja dada a um artefato tão simples” (Sáez, 2013:165). De fato, um desafio que precisa de mais ênfase quando o assunto é o aprendizado da pesquisa científica. Ainda assim, ao contrário do resumo mencionado anteriormente, trechos dos registros de campo dos estudantes foram transcritos para o computador, impressos e apresentados ao final da eletiva, no dia da culminância.

---

<sup>65</sup> Os detalhes dessa nova exposição serão melhor explicados à frente.

Por parte dos estudantes, visualizar suas anotações como material expositivo resultou em admiração, pois, até chegar o dia da exposição da eletiva, não se davam conta de que suas anotações eram peças importantes do trabalho, muito menos de que poderiam sofrer processo de musealização, ou seja, transformadas em peças do nosso acervo. Dessa maneira, podemos verificar, a seguir, algumas anotações do nosso primeiro trabalho de campo:

Ouvi a história de Carlos (um dos moradores da Brasília e dono de um quiosque muito antigo de lá, que tem bastante história.

Achei interessante a história e ratatos, **aprendi coisas que não sabia sobre a Brasília Teimosa.**

(...)

A Brasília Teimosa é um bairro lindo, mas pelo visto as pessoas descartam o lixo inadequadamente e isso termina deixando os próprios moradores como mal educados nessa questão.

Já que nesse dia era um dia chuvoso não tinha muitas pessoas e ficamos com o trabalho de entrevistar alguém mas não foi muito difícil.

Entrevistamos o Valdecir, fizemos umas perguntas que o professor elaborou e uma que achamos que seria necessária também. Na volta o sol tava bem quente o céu já não tava mais cinza. Vimos lugares onde rende muita história e trabalho para os moradores. R. A. (grifo meu).

Hoje o trabalho foi bem legal e educativo, observei várias paisagens e pessoas, sobre o que o entrevistado que vitor entrevistou, **pude perceber diversas coisas inclusive como a vida dele foi sofrida**, e sobre a minha entrevista pude perceber que a maioria das pessoas pedem pela mudança de terem um cuidado maior com o pina, e ele falou diversas coisas que ele gostaria que mudasse. L.M. (grifo meu).

Eu achei a atividade de campo muito boa, achei muito interessante as curiosidades da Brasília Teimosa.

**Admiro bastante o trabalho dos pescadores** é os demais que habitam neste local. F.D. (grifo meu).

Assim, observamos nos três relatos – feitos durante o trabalho de campo, portanto, sem revisão, por isso os problemas de natureza gramatical –, certa satisfação dos estudantes com a atividade, sobretudo por estarem aprendendo conhecimentos novos por meios diferentes dos quais estão acostumados no contexto escolar. Percebemos que o contato direto com nosso interlocutor promoveu, além do aprendizado, a empatia com sua história de vida e com o trabalho dos pescadores como um todo.

Já a experiência de se entrevistar aleatoriamente pessoas na rua, contribuiu para os estudantes apresentarem uma visão mais crítica sobre o bairro, pois, embora as pessoas dissessem gostar da Brasília, muitos afirmaram que a questão do lixo nas ruas é uma problemática ainda não solucionada. Então, com base no que eles escreveram sobre as atividades desenvolvidas no campo, podemos concluir que os dois exercícios – o primeiro previamente planejado e o segundo ocorrido de forma mais espontânea – contribuíram para a

ampliação do olhar discente sobre a comunidade, bem como a compreensão, na prática, de como um trabalho etnográfico é feito.



**Figura 62:** Roda de conversa com Carlos, do Quiosque da Palafita. Fonte: autoria desconhecida. Figura do autor, 2022.1.

No que tange as entrevistas com pessoas aleatórias, o primeiro grupo não chegou a gravá-la, preferindo entregar a atividade por escrito. Analisar sua transcrição nos permite saber quais foram as 4 perguntas pré-determinadas por mim e qual a formulada por eles, totalizando 5 perguntas que os grupos deveriam fazer. O intuito não era realizar somente um exercício, mas perceber a representação sobre a comunidade que moradores não selecionados teriam, evitando, de certa forma, respostas sugestionadas ou ensaiadas.

Ednete, 47, auxiliar de serviços gerais

o que mais representa o bairro Brasília teimosa?

- a praia.

quais as características da Brasília teimosa?

- o lixo que os moradores deixam na orla, ótimo de ser morar pois tem muito comércio.

o que o bairro significa pra você?

- um ótimo lugar, bastante aconchegante e eu moro aqui a 20 anos

o que Brasília teimosa tem de especial?

- é aconchegante, o bairro que eu me acostumei a morar, tem fácil acesso, uma ótima localização

o que você acha que tem que mudar em Brasília teimosa?

-a educação do povo!

Assim, esta primeira entrevista sugere a praia como um espaço de grande importância para a população do bairro, tal como os próprios estudantes verbalizaram na avaliação diagnóstica. Por outro lado, a questão do descarte inapropriado do lixo, sobretudo na orla, é destacada como ponto negativo, sendo mais associada à suposta falta de educação do povo do que a falta de estrutura oferecida pela prefeitura do Recife. Impressão esta reproduzida pela estudante em seu diário de campo, transcrito anteriormente.

Quanto às outras duas entrevistas, os discentes as resumiram em pequenos textos escritos:

#### ENTREVISTA 1

Foi entrevistada Adriana, que trabalha no jogo do bicho. Ela fala que o que melhor representa a Brasília Teimosa é a resistência, por todo contexto histórico de surgimento do bairro. Como características principais ela admira muito a paisagem, o bairro significa para ela amor, o amor que ela tem pelo local. Para ela Brasília Teimosa é especial por causa da natureza e o que ela melhoraria no bairro (última pergunta a ser feita) é a segurança.

#### ENTREVISTA 2

O entrevistado se chama Valdecir e ele é guarda municipal. Contou que a coisa que melhor representa Brasília Teimosa é a falta de representantes adequados. Suas principais características é a Orla, Brennand e revitalizar o mercado público. Para ele, Brasília significa o melhor bairro da zona Sul. Disse que Brasília é especial pelas suas praias que são boas, e sua área cobijado. O que caracteriza a Brasília é o Iate, porto, IJCPM e seus turistas e banhistas.

Pois, nestas outras duas entrevistas, percebemos novamente a “paisagem teimosa” (Sales, 2017) como uma das principais referências positivas da comunidade, incluindo a praia, a orla e até mesmo o Parque das Esculturas Francisco Brennand. Novamente, essa representação assemelha-se a dos estudantes no início desta disciplina eletiva, que mencionaram os mesmos termos ao se referirem à Brasília. Além do exposto, podemos destacar a menção ao histórico de luta pela moradia e o amor à comunidade e ao seu território. Ao passo que as questões da segurança e da falta de representantes políticos aparecem como tópicos negativos, indicando haver certo descontentamento com a atuação do poder público na comunidade.

### **3.3.1.2 Bar do Cabo**

Após o primeiro campo e sua avaliação, a terceira semana de maio ficou reservada para falar sobre a gastronomia da Brasília Teimosa, um capítulo à parte na história da comunidade. Pois, da mesma maneira que podemos chamar a Brasília de “bairro educador” (Santos e Freire,

2018) – por contar com um variado número de instituições públicas e privadas que estimulam a participação dos moradores na formulação de um projeto coletivo de comunidade –, ela é também um bairro marcado por suas qualidades gastronômicas. De fato, devido à sua vocação pesqueira, a Brasília é reconhecidamente um polo de restaurantes especializados em frutos do mar, que atende a um público bastante variado, oriundo de várias localidades da cidade.

Na Escola Técnica João Bezerra, por exemplo, os cursos técnicos disponibilizados a partir de 2022 são de Alimentos (substituído posteriormente por Nutrição) e Gastronomia, para jovens estudantes do ensino médio. Já para os adultos, a escola passou a oferecer curso técnico de Gastronomia e Recursos Pesqueiros<sup>66</sup> (também substituído posteriormente por Nutrição). Com efeito, a escolha por tais cursos para nossa escola se deve ao reconhecimento pela Secretaria de Educação das características históricas, geográficas e sociais do bairro.

Sendo assim, tivemos, excepcionalmente, dois encontros na terceira semana. O primeiro, no dia e horário normal das disciplinas eletivas, foi dedicado a falar sobre os restaurantes e empreendimentos gastronômicos mais destacados da localidade. O segundo, em uma tarde de quinta-feira, foi especificamente para realizar outro trabalho de campo. Essa excepcionalidade aconteceu diante da iminência do fim da eletiva, visto que faltava pouco mais de um mês para o seu término e nossa agenda, àquela altura, já se encontrava bem cheia.

Então, na terça-feira, discutimos sobre a gastronomia do bairro a partir da visualização de 7 vídeos curtos de uma série chamada *Guia Gastronômico Brasília Teimosa*, realizado pela Prefeitura do Recife, através da Secretaria Executiva de Inovação Urbana<sup>67</sup>. Apesar de não estarem entre os termos mais citados da nuvem de palavras que realizamos, “restaurantes”, “gastronomia” e “bares” foram palavras lembradas pelos estudantes no início da disciplina. Justamente, esse aspecto relevante da comunidade não poderia ser deixado de lado, de modo que os vídeos proporcionaram boas discussões com os estudantes, que ensinaram mais do que aprenderam, visto que muitos já conheciam os estabelecimentos, os pratos e as pessoas que trabalhavam neles.

Procurando variar o tipo de empreendimento alimentício, o Guia Gastronômico apresenta 5 restaurantes, antigos e novos, 1 quiosque e 1 barraca de praia. Destarte, são destacados: o Bar do Samuray, localizado na Rua D (Badejo), reconhecido por sua principal iguaria, o siri mole; o Império dos Camarões, na mesma rua, provavelmente o restaurante mais

---

<sup>66</sup> Devido à dificuldade de se formar turmas para o curso de Recursos Pesqueiros e por conta da falta de profissionais e laboratórios adequados para o curso de Alimentos, em 2024, eles foram substituídos pelo curso de Nutrição.

<sup>67</sup> Todos os vídeos foram incorporados ao nosso acervo. A lista deles se encontra tanto nas referências quanto na exposição virtual, mencionada mais à frente.

antigo em atividade do bairro, cuja especialidade está estampada no próprio nome; a Barraca da Ni, uma dentre tantas existentes na Praia do Buraco da Veia, sempre cheia nos finais de semana; o Quiosque 9, localizado na Avenida Brasília Formosa, ambiente bastante frequentado por moradores e visitantes que buscam o karaokê e os famosos caldinhos (costela, peixe, feijão, cebola e camarão).



**Figuras 63 e 64:** Cenas da série de reportagens *Guia Gastronômico Brasília Teimosa: Império dos Camarões e Vieira Restaurante Bar*. Fonte: Prefeitura do Recife, 2020. Disponíveis em: <[https://www.youtube.com/watch?v=3uludisFVpo&list=PLFo7AWxnbRbnLgiAPHkh7Iw47h\\_IAOnl&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=3uludisFVpo&list=PLFo7AWxnbRbnLgiAPHkh7Iw47h_IAOnl&index=2)> e <[https://www.youtube.com/watch?v=IjiNQ2\\_9Ly8&list=PLFo7AWxnbRbnLgiAPHkh7Iw47h\\_IAOnl&index=6](https://www.youtube.com/watch?v=IjiNQ2_9Ly8&list=PLFo7AWxnbRbnLgiAPHkh7Iw47h_IAOnl&index=6)> Acesso em: 27 mar. 2024.

Também há vídeos sobre o restaurante Caldinho do China, na Avenida Brasília Formosa, bem próximo ao Buraco da Veia, com destaque para o arrumadinho de charque, o arrumadinho de peixe e o omelete tradicional; o Vieira Bar e Restaurante, um empreendimento vistoso, localizado à borda da Brasília Teimosa, na Rua Araguari, quase no Pina, com cardápio bastante variado, dentre peixadas e moquecas, mas principalmente, por seu bolinho de arraia; e o Bar do Cabo, tradicional restaurante familiar da Rua Nanuque, um apertado beco da área da Colônia, também com bastante variedade de refeições, sendo o arroz de polvo seu mais famoso prato.

Então, na tarde de quinta-feira, em número bastante reduzido, devido à excepcionalidade do encontro, fomos visitar a *chef* Nathália Maria, do Bar do Cabo, para conhecer melhor sua história. Antes de chegar nele, passamos em frente ao Vieira Bar e Restaurante, no intuito de compararmos os empreendimentos. Sendo restaurantes com cardápios e público semelhantes, propus a comparação, pois, enquanto o Vieira está às portas do Pina, possuindo um espaço amplo, com varanda, mesas na calçada, 1º andar e estacionamento próprio, o Bar do Cabo se encontra em um escondido e estreito beco do interior da Colônia, com pouca incidência de luz solar, estando em condição desfavorável no que se refere à estrutura e localização.

Assim, seguimos em frente, passamos por um beco que funciona como atalho até a Praça São Pedro. Após breve explanação sobre a história da Colônia Z-1, do povoamento da região e das imagens de figuras marinhas contidas na praça, como pinturas de peixes, barcos e a própria estátua do santo, pedimos informações e entramos pela comunidade até chegar ao restaurante, onde a *chef* nos esperava. Para esse trabalho de campo, novamente distribuí conjuntos de folhas recortadas para os estudantes anotarem suas impressões. Por terem sido escritos durante o campo e não terem passado por revisão, os textos apresentam problemas de ortografia, pontuação, concordância verbal, dentre outros aspectos gramaticais. Ainda assim, são materiais de nosso interesse, pois revelam o olhar dos estudantes sobre o campo, como é possível verificar a seguir:

bar do vieira  
 primeiro formos pelo caminho do bar do vieira, apenas para pode compara a questão da localização, estrutura, movimento e etc... podemos notar que o local é maravilhoso. Bem ventilado, fácil de achar e sem muitas dificuldades.  
 Logo em seguida formos a uma praça muito bonita por sinal. Notei que em muitos lugares haviam imagens relacionadas a pescadores.  
 Como já dizem o nome “colônia de pescadores” lá também havia muitas casinhas “peculiares, pequenas e havia uma “casa” grande toda de madeira  
 formos entrevistar e conhecer Nathalia. Autoria desconhecida.

Com exceção de 1 dos 5 bloquinhos devolvidos nesse dia, os outros restringiram-se a anotações da entrevista com Nathália, havendo poucas informações sobre o campo além do que ela dissera. Talvez tenha faltado reforçar a importância dos diários de campo e, principalmente, o que seria mais interessante para eles escreverem, pensando na exposição que faríamos. Possivelmente, o exercício de fazer o resumo da entrevista com Carlos, do Quiosque da Palafita, em sala, pode ter influenciado as anotações deles. Fato é que conseguiram sintetizar os pontos principais do bate-papo que, ao contrário das rodas de conversa anteriores, foi guiado por um roteiro retirado do caderno de *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação/IPHAN* (2016)<sup>68</sup>.

Assim sendo, para além das informações sobre a *chef*, os exemplos de anotações transcritos demonstram haver, por parte dos estudantes, a compreensão de que estávamos

<sup>68</sup> Cf. Anexo 1. Esta publicação, baseada em ferramentas já existentes no IPHAN, como o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, consiste em um manual para guiar o público em geral na identificação e valorização das referências culturais de sua comunidade. Nossa proposta se encaixa bem ao seu conteúdo, pois, “Considera a comunidade como protagonista para inventariar, descrever, classificar e definir o que lhe discerne e lhe afeta como patrimônio, numa construção dialógica do conhecimento acerca de seu patrimônio cultural. Alinha, ainda, o tema da preservação do patrimônio cultural ao entendimento de elementos como território, convívio e cidade como possibilidades de constante aprendizado e formação, associando valores como cidadania, participação social e melhoria de qualidade de vida” (Iphan, 2016:5).

realizando um trabalho de campo, e não passeio, o que por si só já representa uma consolidação do aprendizado, especialmente quando nos referimos ao contexto escolar.

- 1 – **Nós fomos fazer um trabalho de campo** no Bar do Cabo e entrevistamos a natalia dona do restaurante.
- 2 – Ela tem 48 anos de idade, e ela estar falando de como o bar começou e quando assumiu o restaurante.
- 3 – Ela estar falando dos pratos dela. Não só ela que aprendeu com seus pais mais também os que ela cria.  
(...)
- 5 – Ela despertou o gosto pela gastronomia desde criança.  
(...)
- 7 – Ela disse que **o que representa Brasília teimosa é a pesca e a gastronomia** (grifos meu). Autoria desconhecida.

A dimensão cultural aparece nos escritos dos estudantes quando percebem a autoria da *chef* em relação aos seus pratos, a partir do gosto pela gastronomia e da herança familiar do saber-fazer culinário. Por sua vez, a visão de Nathália acerca do que representa a Brasília Teimosa, a gastronomia e a pesca, amplia nosso olhar sobre a comunidade, reforçando termos pouco citados na avaliação diagnóstica e nas entrevistas realizadas no Buraco da Veia.

Ela nos contou sobre sua história de vida e como era um poco a Brasília.  
(...) Sua paixão pela gastronomia surgiu quando ela era ainda pequena, seu [pai] que cozinha e tinha uma barraca, onde vendia bolo, cachorro quente e etc...  
Ela disse também que sempre trabalhou com o pai e que sempre gostou disto. Também disse sobre a mudança do mercado da pesca devido a poluição dos mares e a falta de colaboração dos moradores.  
**Gostei bastante de saber que ela que envetou as recitas dos pratos do seu bar**, apenas com as combinações de alguns ingredientes ela faz uma explosão de sabores populares e amado pelas pessoas tanto como moradores com o pessoas de fora que vão pra lá experimentar o tão maravilhoso arroz de povo, uns dos pratos mais pedidos. por fim, nos deixa seu orgulho pela gastronomia local passado de seus pais e de tá mostrando seu dom de cozinhar. (...) (grifo meu). Autoria desconhecida.

Com efeito, a ida ao Bar do Cabo promoveu um maior entendimento sobre a gastronomia de frutos do mar enquanto patrimônio cultural local, vinculado a conhecimentos tradicionais, característicos da comunidade. A maneira como a *chef* demonstrou seu orgulho pelo que faz e pela tradição da qual é herdeira, junto de sua irmã, proprietária do Quiosque do Cabo, uma espécie de filial do restaurante na orla da Brasília Teimosa, nos fez perceber que os restaurantes especializados da comunidade são bem mais do que meros empreendimentos comerciais, representando uma dimensão importante da comunidade, que orgulha e traz notoriedade a sua população.

Não foi à toa que, enquanto estávamos entrevistando Nathália, alguns homens estranhos ao ambiente nos filmavam em frente ao restaurante, de maneira um pouco incômoda. Após um tempo, a *chef* nos revelou que eles seriam da equipe de um pré-candidato ao governo do Estado que visitaria o Bar do Cabo no dia seguinte, como parte de sua agenda de campanha pela cidade. Fato que promoveu admiração da nossa parte, por perceber o *status* daquele restaurante escondido entre os becos da Brasília Teimosa.



**Figura 65:** Roda de conversa com Nathália Maria, *chef* do Bar do Cabo. Frame capturado de vídeo. Fonte: vídeo de autoria dos estudantes, 2022.1.

Findada nossa conversa, tiramos algumas fotos e nos despedimos. Regressando à escola, desviei um pouco do caminho para conhecer o local onde Nathália compra os pescados. Até aquela conversa desconhecia os quiosques localizados atrás do posto policial, no limite do Pina com a Brasília Teimosa, onde se vende toda sorte de frutos do mar. Aparentando um pequeno mercado de peixes, estava vazio no turno vespertino, por isso logo retornei para a escola.

### 3.3.1.3 Museu do Homem do Nordeste (MUHNE)

Ao contrário da primeira saída a campo, dessa vez não tivemos como fazer um encontro para avaliar nossas percepções, pois logo na semana seguinte tínhamos agendada a visita ao Museu do Homem do Nordeste. Esta era uma “promessa” da eletiva e, como tal, bastante aguardada pelos estudantes. Tal como acontecera no semestre anterior, nossa intenção não foi somente recreativa, havendo objetivos bem delineados para a visita técnica, os quais foram repassados aos discentes.

O Museu do Homem do Nordeste é uma instituição federal ligada à Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), cuja figura central de sua criação foi o sociólogo Gilberto Freyre. Dessa maneira, no contexto do pensamento freyreano, sua fundação está associada à busca por elementos para a compreensão da formação da sociedade brasileira e nordestina, mais especificamente.

O acervo do museu tem um caráter antropológico e está relacionado com o período colonial brasileiro e a aspectos da cultura do Nordeste. Segundo material informativo distribuído ao público em 2019, o MUHNE “reúne narrativas que revelam a pluralidade das culturas negras, indígenas e brancas, desde nossas origens até os diferentes desdobramentos e misturas que formam o que conhecemos como cultura brasileira”. O material institucional destaca o caráter educacional do museu e seu comprometimento com a Museologia Social, inclinação assumida a partir do fim da primeira década do século XXI (Ferreira, 2019:58).

Ao longo de sua existência, o museu já se configurou de variadas maneiras, a partir de inúmeras representações daquilo que seria o Nordeste. No sentido de contemplar a pluralidade de aspectos culturais de inúmeros povos que habitam a região, a instituição segue em permanente transformação. Ou seja, cada vez mais o museu se afasta da ideia de um suposto “homem do Nordeste” para um espaço que representa diversos grupos e identidades em universos de muitos conflitos (*Ibid.* 2019). Justamente, essa pluralidade cultural é o que mais nos interessava.

Assim, articulando o transporte e a visita dentro da própria Fundação Joaquim Nabuco, por meio do mestrado profissional da instituição, estivemos no museu com cerca de 30 estudantes matriculados na disciplina e mais 15 estudantes do 3º ano, aproveitando as vagas sobressalentes no transporte. Mais uma vez, nossa meta era fazer uma avaliação da instituição museal e de sua proposta, e não necessariamente do seu acervo. Sendo um equipamento cultural de caráter etnográfico, nos interessava perceber como o MUHNE apresentava o “povo nordestino” para seu público. Isto é, que elementos da chamada identidade nordestina seriam ressaltados na exposição, a fim de apresentar todo um conjunto bastante diverso de uma população.

Dessa maneira, a mediação do setor educativo do museu foi um componente importante, basicamente por dois motivos: o primeiro deles seria a própria atuação mediadora. Isto é, a interlocução entre instituição e visitantes enquanto assunto da nossa visita, visto que, como objetivávamos criar uma exposição sobre nossa comunidade, seria relevante observar, ouvir, perceber e dialogar sobre a mediação no espaço museal. Precisamente, ao longo de nossa visita, debatemos como os objetivos pré-determinados de cada exposição definem a duração das

mesmas e, ao mesmo tempo, como a mediação, “a linguagem humana dos museus” (Ribeiro e Frucchi, 2007: 68), acontece entre educadores, público e a troca entre os indivíduos.



**Figura 66:** Roda de conversa sobre mediação em museus, no Museu do Homem do Nordeste. Fonte: foto de autoria dos estudantes, 2022.1.

Justamente, a figura do mediador tem se mostrado fundamental na tradução das diferentes linguagens adotadas na aproximação público-exposição, público-conteúdo, público-instituição museal. É seu papel acolher diferentes tipos de públicos no museu, tornar mais agradável a experiência dos visitantes, oferecer diferentes leituras das exposições, propor atividades educativas, promover a interatividade entre público e exposições, esclarecer dúvidas e, ao mesmo tempo, questionar, despertando a curiosidade e a reflexão, sabendo, ao mesmo tempo, ouvir o visitante (*Ibid.* 2007).

A segunda razão pela qual a mediação foi importante se deveu exatamente por proporcionar as ações acima citadas, amplificando nossa relação com o espaço e despertando maior curiosidade sobre a disposição dos itens expostos. Saber que o MUHNE é resultado da fusão entre o Museu de Antropologia, o Museu de Arte Popular e o Museu do Açúcar – motivo pelo qual havia tantos objetos relacionados aos engenhos, como moendas, ferramentas, carroças, e aos palácios da capital pernambucana, como louças, açucareiros, banheiras, dentre outros –, permitiu compreender melhor o projeto político-museal, bem como de suas exposições temporárias e permanentes.

Nesse sentido, durante o percurso pelas salas expositivas, diante de um acervo vasto e variado, nossos olhares estavam mais acurados, valorizando, por exemplo, a Sala das Influências, composta por elementos que remontam à ocupação da região Nordeste por diferentes nações europeias, além de heranças dos povos indígenas originários e as influências

históricas, culturais e a disputa territorial dos povos africanos. Dessa maneira, conseguíamos perceber a interlocução entre esculturas de mármore e objetos de trabalho na roça; a conversa entre conjunto de talheres de mesa novecentista e ferramentas de tortura de escravizados; entre retratos de pessoas da “alta sociedade” pernambucana e vestimentas ritualísticas de povos indígenas do interior do estado.

No entanto, curiosamente, o item que mais chamou a atenção e causou comoção dos estudantes dizia respeito a uma temática aparentemente diferente da mencionada, embora se relacione com a história da cidade, da Brasília Teimosa e do nosso projeto. A obra *Da lama ao caos*, uma maquete de várias palafitas, confeccionada pela artista plástica Elizângela Maria do Nascimento, mais conhecida como Elizângela das Palafitas, provocou grande alvoroço, surpreendendo a mim e a mediadora, mostrando-nos, justamente, que cada público é provocado de diferentes maneiras, conforme discutíamos na conversa sobre mediação.

A respeito da obra, o site oficial do museu informa:

O Museu do Homem do Nordeste adquiriu *Da Lama ao Caos* para compor sua exposição de longa duração, visando um contraponto à representação das casas de engenhos açucareiros. Chama atenção a riqueza dos detalhes na composição da obra. Elizângela consegue, com sensibilidade, retratar o modo de vida dessas comunidades ao tempo em que denuncia a enorme desigualdade social e a necessidade de políticas públicas habitacionais, nos fazendo pensar que o direito à moradia na cidade do Recife ainda é uma grave questão social que precisa ser enfrentada.<sup>69</sup>

De fato, dentre tantos objetos de grande interesse, a maquete das palafitas dialogava diretamente com o conteúdo de nossas aulas, provocando nossa curiosidade, tanto por sua qualidade estética, visto que a obra é rica em detalhes, quanto pela simplicidade da proposta. Se por um lado, para os curadores do museu, a maquete das palafitas, em contraste com os casarões palacianos da Zona Norte do Recife, é uma representação da desigualdade social, para os estudantes da escola João Bezerra, ela é representa parte de sua história, portanto, seu patrimônio.

Ou seja, analisando retrospectivamente, entendo que o desenvolvimento desse projeto contribuiu para a ressignificação do olhar a respeito das palafitas, moradias precárias das zonas pobres do Recife. Vistas anteriormente como símbolos da miséria e da desigualdade social, uma espécie de herança maldita da comunidade da Brasília Teimosa, para os estudantes que participaram do projeto, ela passou a significar uma herança cultural de seus antepassados, símbolo da bravura e da persistência dos moradores.

---

<sup>69</sup> Cf. < <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/museu-do-homem-do-nordeste-1/lista-dos-objetos/28-da-lama-ao-caos> >.



**Figura 67:** Estudantes observam a obra *Da lama ao caos*, da artista plástica Elizângela das Palafitas. Fonte: foto de autoria dos estudantes, 2022.1.

Sendo assim, visualizar esse modelo de moradia dentro de um museu, ainda que no formato de maquete, agregou valores simbólicos aos mocambos teimosinos. Pois, se construir uma palafita na escola pareceria, antes, uma forma estereotipada de representar a comunidade de Brasília Teimosa, como a professora Risoneide tanto alertara, a partir da nossa visita ao museu, a proposta voltou a fazer sentido por, justamente, representar de maneira edificante a cultura local.

Assim, os estudantes se motivaram a fazer as suas próprias maquetes de palafitas da Brasília Teimosa. A partir desse entendimento, em outro momento, entrei em contato com a artista plástica, no intuito de convidá-la à nossa escola para a realização de uma oficina, mesmo restando pouco tempo para a finalização do nosso trabalho. No entanto, devido a um mal-entendido em nossa comunicação, a artista, que inicialmente havia concordado em nos visitar, declinou do convite, não colaborando com nossa proposta. Por conta disso e pelo fato de a escola não dispor de verba e material adequado, no fim das contas, não conseguimos fazer as maquetes.

Diante do enorme acervo em exibição no MUHNE, seria exaustivo descrever a reação dos discentes a cada nova sala expositiva, de modo que, antes de encerrar esse segmento, recordarei apenas de mais uma obra vista na instituição, por ter se tornado outra fonte de

inspiração. Justamente, em o *ABC da Cana*, o artista Jonathas de Andrade produz uma série de 26 fotografias coloridas posadas, onde cortadores de cana formam, utilizando o próprio material de campo deles, a cana de açúcar, as letras do nosso alfabeto. Dispostas lado a lado em uma parede em frente a um corredor, dentro da exposição, as fotografias do ensaio se destacam pela criatividade e originalidade, sendo uma obra recente em um espaço com muitas peças antigas.

Ao mostrar de forma coletiva e didática o contexto do trabalho em um canavial, um ofício muito característico da Zona da Mata nordestina, a obra nos influenciou para uma nova produção. Pensando no que haveríamos de apresentar à comunidade escolar no dia da culminância das eletivas, ao final do primeiro semestre, me ocorreu a ideia de fazermos um ABC ilustrado da Brasília Teimosa. Seria uma forma coletiva de sistematizar nosso aprendizado sobre o bairro e, ao mesmo tempo, apresentar à comunidade o patrimônio cultural local, segundo nossas investigações.



**Figura 68:** *ABC da Cana*, obra de Jonathas de Andrade. Fonte Jonathas de Andrade. Disponível em: < [http://cargocollective.com/jonathasdeandra de/ABC-da-cana](http://cargocollective.com/jonathasdeandra_de/ABC-da-cana) >. Acesso em: 20 ago. 2023.

Justamente, passada a visita ao museu, nossos últimos encontros foram dedicados a analisar imagens de arquivo e preparar nossa última e principal produção.

### 3.4 Organizando a “dádiva”

Assim sendo, depois de visitarmos o Museu do Homem do Nordeste na penúltima semana de maio, ocorreu um novo período de intervalo entre as aulas, dificultando mais uma vez o andamento do curso. Pois, entre a visita ao museu e o dia do evento da culminância de todas as disciplinas eletivas da escola, tivemos apenas 2 encontros. No fim de maio, houve a

realização da Feira da Matemática e nosso encontro acabou sendo cancelado. Já na semana seguinte, no começo de junho, o cancelamento ocorreu por conta da realização da OBMEP, a Olimpíada Brasileira de Matemática. E na terceira semana junina, as aulas deram lugar às provas bimestrais. Definitivamente, na escalada de importância das aulas na escola, as disciplinas eletivas estão no fim da fila. Fato que compromete até a mais organizada das propostas.

Assim, efetivamente, tivemos um encontro na segunda semana de junho (dia 14), quando fizemos uma análise sócio-histórica da região do Pina, a partir das inúmeras imagens disponibilizadas por Raissa Sales em seu trabalho de conclusão de curso, *Paisagem Teimosa: a construção social da Brasília recifense e a (r)existência do seu amanhã* (2017). Após a semana de provas, tivemos outro encontro, na última semana do mesmo mês (dia 28), a fim de produzir, na última chance, o ABC ilustrado da Brasília Teimosa. Àquela altura, o material mais consolidado que poderíamos apresentar sobre nosso trabalho.

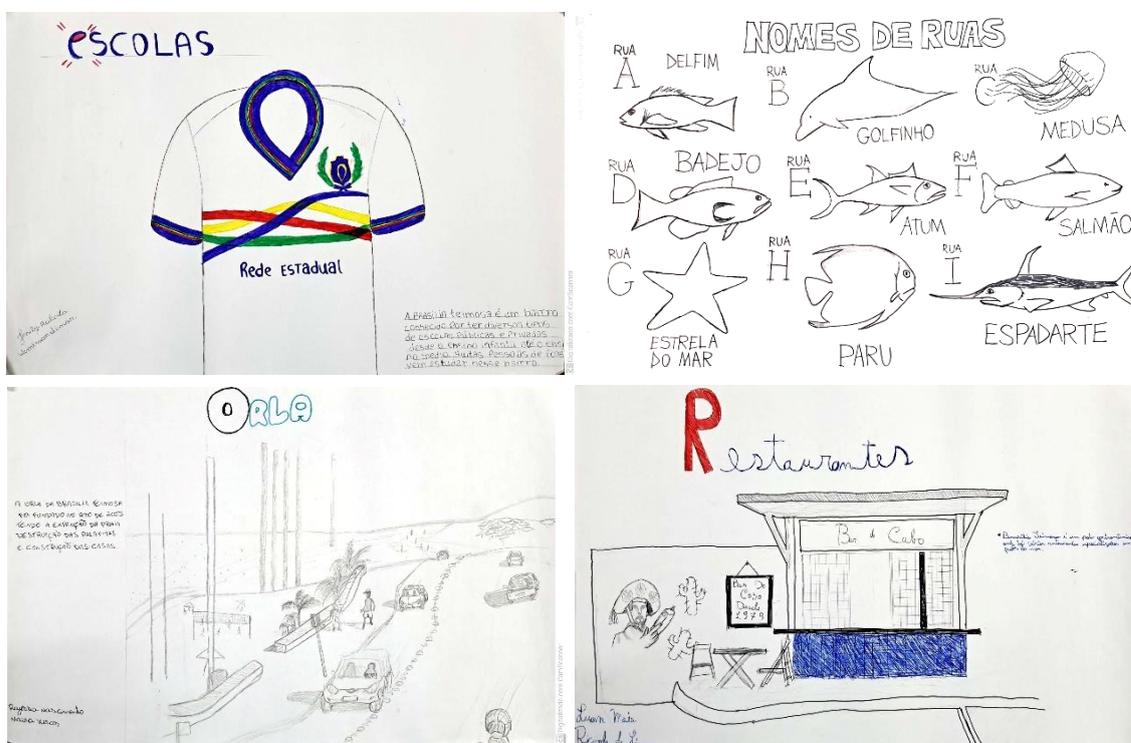
Tendo sido feito coletivamente, o ABC consiste em 17 cartazes pintados à mão com lápis, lápis de cor e hidrocor, no qual cada peça representa uma letra do alfabeto e uma característica da Brasília Teimosa. O número de cartazes inferior ao de letras oficiais se deve por não termos encontrado, no momento da elaboração do ABC, palavras começadas por todas as letras do alfabeto com conteúdo simbólico o suficiente para representar aspectos da comunidade. Além disso, por ter sido feito após a semana de provas, o quórum do nosso último encontro foi baixo também, se comparado ao início do semestre.

Mesmo assim, ainda que o a quantidade de cartazes não equivalesse ao de letras do alfabeto, o material deu conta de sistematizar e divulgar o conjunto de nossas investigações sobre o bairro. Por meio dele, é possível perceber os principais elementos da Brasília Teimosa, sendo, portanto, uma forma de avaliar e compartilhar o aprendizado dos estudantes. Assim, seguindo a ordem alfabética, as peças representam: **A**real Novo, **B**anho de Choque, **C**omércio, **E**colas, **F**utebol, **H**abitacional, **J**CPM, **L**ula, **M**angue, **N**omes de Ruas, **O**rla, **P**alafitas, **Q**uiosque, **R**estaurantes, **T**eimosa, **B**uraco da Velha, ocupando o cartaz específico da letra “v”, e, finalmente, **Z**-1 – Colônia de Pescadores. Dessa forma, realizando um ou outro retoque após nosso encontro, conseguimos apresentar o ABC ilustrado da Brasília Teimosa à escola, 2 dias depois (dia 30), na chamada Culminância das Eletivas.

Sem muito tempo para desenvolver algo a mais ou melhorar o que havia sido feito, algumas palavras que poderiam ter sido transformadas em cartazes nos ocorreram depois. Para a letra “s”, por exemplo, poderia ter sido **S**ão Pedro, em referência ao santo padroeiro dos pescadores e em referência aos festejos que ocorrem na última semana de junho, na Brasília

Teimosa. Justamente, entre nosso último encontro e a culminância, aconteceu um evento importante na comunidade, mas que, infelizmente, não pudemos verificar juntos, de modo que ele permaneceu de fora do nosso ABC.

Refiro-me aos festejos sagrados e profanos em homenagem a São Pedro, sendo realizados no dia do santo, 29 de junho, e no final de semana seguinte. Por nos encontrarmos na reta final do bimestre, não foi possível realizar um trabalho de campo com os estudantes para testemunharmos a missa e a procissão terrestre que, inclusive, passa em frente à nossa escola. Mesmo assim sem a companhia discente, por curiosidade, participei da missa e da procissão, identificando seus elementos simbólicos, como a estátua do santo e seu estandarte, o trajeto da procissão e a devoção popular.



**Figuras 69, 70, 71 e 72:** ABC da Brasília Teimosa: cartazes correspondentes às letras “E” (Escolas), “N” (Nomes de ruas), “O” (Orla) e “R” (Restaurantes). Fonte: elaboração dos estudantes, 2022.1.

Com efeito, o dia de São Pedro é uma espécie de feriado não oficial na Brasília Teimosa, dado a importância do santo para sua população. Por conta disso, mesmo havendo expediente para os professores, não houve aula nesse dia, o que impossibilitou a realização do campo ou de qualquer outra atividade visando à apresentação do dia seguinte, afinal, não havia estudantes na escola. Dessa maneira, fiz meu trabalho de observação dos eventos, participando da missa, ocorrida em palco montado na Praça São Pedro, em frente à Colônia Z-1, e da procissão pelo

bairro, quando a imagem do santo é carregada em cima de um veículo pela comunidade, até retornar ao local de saída.

Quanto à procissão marítima, uma tradição dos pescadores da Brasília Teimosa, em 2022 ela não ocorreu por falta de autorização da Capitania dos Portos. Assim, não foi possível acrescentar nada referente a São Pedro em nosso trabalho, restando apresentar aquilo que já havia sido planejado. Porém, mais à frente, resgataríamos esse símbolo cultural tão importante para a comunidade.

Desse jeito, a disposição de nossa sala para receber a comunidade escolar na culminância ficou da seguinte maneira: retiradas as cadeiras da sala, as mesas foram encostadas na parede, formando a letra “u”, servindo como bancadas para expormos nosso material. Logo que entravam, os visitantes eram recebidos por estudantes que os introduziam ao tema, mostrando nossa nuvem de palavras, reproduzida na lousa. Em seguida, era mostrado o livro *Histórias da Brasília Teimosa* (Silva, 2017), com o qual folheavam algumas páginas e explicavam como ele nos serviu como fonte de pesquisa. Na sequência, os visitantes percorriam a sala, observando nosso material nas bancas, sempre contando com a interlocução de algum estudante.

O *tour* continuava com a parte intitulada “trabalhos de campo”, onde expúnhamos fotografias impressas de nossas saídas pedagógicas ao Quiosque da Palafita, orla da Brasília Teimosa, ao Bar do Cabo e ao Museu do Homem do Nordeste. Além das fotos, transcrevemos, imprimimos e expomos alguns trechos dos diários de campo dos discentes, a fim de mostrar as impressões deles durante o processo, conforme já mostrado neste capítulo.



**Figuras 73 e 74:** Estudantes apresentam resultados da eletiva “Saber-Museu”. Fonte: fotos do autor, 2022.1.

Continuando a visita, outro grupo de estudantes recebia as pessoas, apresentando o *Kula Pedagógico*, com os cadernos expostos sobre a mesa e fotocópias de tudo o que foi registrado nos *sketchbooks*, coladas nas mesas e nas paredes. Para esses itens específicos, por entender que o manuseio dos cadernos poderia comprometer sua integridade, bem como tornar a visualização dos registros menos dinâmica, disponibilizei cópias em preto e branco para distribuí-las pela parede do fundo da sala. Nesse aspecto, para além da questão visual, a decisão teve o intuito de mostrar que os cadernos eram objetos de nosso acervo e, como tais, deveriam ser preservados, mantendo-os seguros do toque de mediadores e visitantes.

Pelo mesmo motivo, isto é, preservar as produções originalmente feitas por eles, o ABC ilustrado ficou disposto, em ordem alfabética, em mesas, e não, colado na parede, como os estudantes sugeriam. Conforme sinalizado anteriormente, esse era nosso principal trabalho a ser mostrado e foi a parte mais interessante dele, visto que resumia os principais componentes da Brasília Teimosa de forma criativa, com os quais as pessoas se identificavam. Por fim, a última parte de nossa pequena exposição foi destinada à visualização de imagens de arquivo impressas e exibidas na parede, como fotos antigas da região, cópias de quadrinhos feitos à época do Projeto Teimosinho, dentre outras<sup>70</sup>.

Terminada a culminância das eletivas, ainda restava uma semana de aula antes do recesso do meio do ano, momento em que a dinâmica escolar fica diferente, pois não há aulas efetivamente falando, já que os professores estão fechando as notas e realizando conselhos de classe. Por conta disso, muitos estudantes deixam de ir à instituição escolar, preferindo se resguardar para o próximo semestre. Mesmo assim, propus uma avaliação final para os integrantes da eletiva que estiveram na escola na última semana do semestre, chamando-a de consulta, para que eles não se recusassem a fazê-la, tendo em vista que as atividades avaliativas já haviam acontecido.

Dessa maneira, de modo semelhante ao começo da disciplina, passei a 20 estudantes uma ficha impressa<sup>71</sup> com perguntas sobre o conteúdo das aulas, visando testar o aprendizado deles a respeito do que fora trabalhado. Novamente, pedi que definissem museus, mostrando a eles as respostas do início do curso. De modo geral, conforme o esperado, notei um aprimoramento conceitual a respeito desse tipo de equipamento cultural. Embora alguns estudantes tenham preferido escrever sobre o que aprenderam a respeito da Brasília Teimosa e

---

<sup>70</sup> Essas imagens, bem como o ABC ilustrado da Brasília Teimosa, foram registradas em nosso acervo e constam na exposição “A Brasília é o meu lugar”, planejada no segundo semestre de 2022.

<sup>71</sup> Cf. Apêndice 9.

muitos tenham novamente se fixado no teor histórico dos museus. Como acontecera no início das aulas, quase metade das respostas obtidas ampliava a definição para além desse teor:

Um lugar onde **se expõe coisas valiosas tanto históricas** quanto em valor em dinheiro (grifo meu).

Como um lugar **não só para guardar coisas antigas** mais também para aprender mais sobre o passado (grifo meu).

O museu é algo onde **e me sentir um pouco no passado** poderia dizer que o museu é máquina do tempo (grifo meu).

Alguns estudantes entenderam museus como “ponto turístico”, onde há espaço para “coisas antigas”, mas também para estudo, obras de arte, ciência, cultura e diversidade. Em alguns casos, o verbo “expor” já aparece, denotando conhecimento de que os museus se organizam por meio de suas exposições:

**É um ponto turístico, que expõe a história da humanidade**, um lugar que preserva objetos e conta um pouco das ciência. “o museu não tem só coisas antigas” (grifo meu).

**Um lugar para estudo que expõe obras de arte**, culturas e histórias antigas (grifo meu).

Um lugar histórico que **vai além de só um ponto turístico** é um lugar para se conectar com coisas que passou (grifo meu).

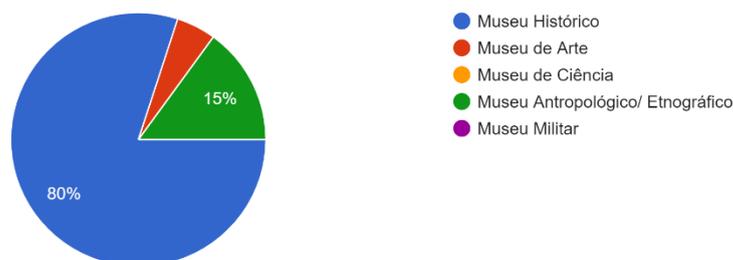
Na minha concepção **museu é um local diveso** onde tem tanto sobre lugares históricos quanto arte, exposição e local cultural (grifo meu).

A respeito das características do Museu do Homem do Nordeste, perguntei como o classificavam. Neste tópico, 80% das respostas foi “museu histórico”, ao invés do esperado “museu antropológico”. Atribuo as respostas tanto ao entendimento desses equipamentos culturais estarem vinculados a conteúdos históricos, quanto ao fato de o MUHNE apresentar muitos itens de outras épocas. Possivelmente, mesmo com objetos variados, incluindo obras de arte recentes, é difícil dissociar o museu da disciplina História. Por fim, também imagino que alguns deles possam não ter compreendido o significado de antropológico/etnográfico, resultando na escolha pelo museu histórico.

Ainda sobre a teoria museológica, inseri um exercício pedindo que correlacionassem termos específicos do jargão museológico (exposição, acervo, mediação, museu e pesquisa) às suas respectivas definições. No entanto, o exercício ficou demasiado grande, muitos não se saíram bem, outros não entenderam e responderam como se fosse múltipla escolha e, no final das contas, ficou difícil aferir os resultados de forma satisfatória, de modo que optei por

desconsiderar essa atividade, entendendo que sua dificuldade foi desproporcional ao restante das questões, impactando negativamente nos resultados.

Assinale a alternativa que corresponde ao tipo de museu que aquela instituição (MUHNE) corresponde:  
20 respostas



**Figura 75:** Gráfico: classificação do MUHNE segundo estudantes. Fonte: elaboração própria, 2022.1.

No que se refere aos aprendizados sobre o bairro, novamente pedi que listassem 5 palavras sobre a Brasília Teimosa e, posteriormente, elaborei uma nova nuvem de palavras. Novamente “praia”, “brennand” e “buraco da veia” foram termos muito citados. No entanto, a expressão “banho de choque”, este tipo de lazer característico da região, acabou sendo a mais citada entre todas. “Escolas”, “orla”, “quiosque” também foram citados várias vezes, reforçando termos que constavam em nosso ABC. Contudo, curiosamente, o “bar dos cornos” novamente teve muitas menções, mesmo sem termos debatido esse estabelecimento durante o curso, ao contrário do Bar do Cabo e do Quiosque das Palafitas, locais que visitamos e conhecemos seus proprietários. Aparentemente, o humor do bar, associado à sua localização, na fronteira entre a Brasília e a Praia do Pina, continua exercendo fascinação no imaginário dos nossos estudantes.

Ao final, pedi que avaliassem a disciplina. 70% a consideraram ótima, enquanto 30% a avaliaram como boa, levando-me a conclusão de que, mesmo com as interrupções das aulas durante o curso e a correria do final, de modo geral eles gostaram da eletiva. Contudo, como sugestões, alguns estudantes recomendaram que a disciplina fosse mais bem planejada, o que me parece ser um reflexo da intermitência das aulas. Outros sugeriram mais interatividade e uma pessoa entendeu que o curso fugiu ao tema proposto, no caso, museus.

Sendo assim, com a finalização da segunda disciplina eletiva programada para este projeto, poderia ter encerrado a intervenção pedagógica e me limitado a analisar o que foi feito. Porém, mesmo tendo realizado um trabalho de praticamente um ano, ainda não me encontrava

satisfeito com o que havia produzido na escola. Aparentemente, eu incorporara, de maneira inconsciente, a teimosia local aos meus objetivos.



**Figura 76:** Nova nuvem de palavras sobre a Brasília Teimosa, realizada a partir da avaliação final dos estudantes da disciplina “Saber-Museu”. Fonte: elaboração própria, 2022.1.

No que se refere à exposição desenvolvida na culminância das eletivas, o que me incomodou foi o fato de termos passado mais horas preparando o espaço do que apresentando os resultados do trabalho em si. Essa dinâmica, tão comum nas escolas brasileiras, não me satisfaz, pois, como colocado desde o início deste trabalho de conclusão de curso, o objetivo era desenvolver um projeto de educação patrimonial de médio ou longo prazo. Portanto, desejava, sobretudo, compartilhar todo nosso esforço com a comunidade.

Justamente, desde o começo, quando a ideia inicial de se criar uma palafita surgiu, sempre imaginei que a proposta poderia ser mais promissora do que um típico trabalho de feira estudantil. Dessa maneira, durante todo esse período, almejei em fazer uma exposição com duração de vários dias, podendo ser visitada pelas turmas da escola, mas também por estudantes de outras instituições escolares do bairro. Para a inauguração, realizaríamos um evento, divulgaríamos nas redes e convidaríamos visitantes externos para prestigiar a exposição. Por conta dessa insistência, o projeto acabou sendo estendido por mais um semestre.

### 3.5 Entre becos e vielas: atuando pelas brechas

Pelos motivos expostos, decidi continuar a proposta, alterando o formato do projeto e passando a atuar nas “brechas” que a instituição escolar me permitia. Sendo um trabalho de ensino de sociologia acontecendo há um ano fora da disciplina, logo aprendi a atuar nas lacunas

que o sistema educacional me proporcionava. Foi assim que as vielas, os becos e os atalhos da cartografia teimosina foram incorporados simbolicamente ao processo. Portanto, a terceira e última etapa deste projeto, passou a funcionar de maneira quase clandestina, sendo desenvolvida em horários e disciplinas diferentes da programação normal.



**Figura 77:** Trabalho de campo na Brasília Teimosa: caminhando pelos becos. Fonte: foto de autoria dos estudantes, 2022.1.

Assim, atuando em duas frentes diferentes, consegui prolongar o projeto por mais um semestre, sendo mais objetivo e economizando esforços para o desenvolvimento do acervo e da exposição museal. Uma das frentes consistiu em reunir um pequeno número de estudantes que havia participado da eletiva “Saber-Museu” e montar um grupo executivo, uma espécie de equipe técnica, responsável por elaborar comigo o conceito, a narrativa e o desenho da exposição, bem como executar a parte manual da proposta. Quanto à outra frente, consistiu em trabalhos pontuais com estudantes do 1º ano, dentro da disciplina Intervenção Comunitária, uma disciplina com a duração de apenas 1 semestre, oferecida aos estudantes dos novos cursos técnicos da recém transformada Escola Técnica Estadual João Bezerra.

### 3.5.1 Intervindo na comunidade

O modelo de escola integral em Pernambuco se refere a uma abordagem educacional que busca ampliar o tempo de permanência dos estudantes na escola, oferecendo, na teoria, atividades curriculares e extracurriculares de forma mais abrangente. Isso envolve a ampliação da carga horária diária dos estudantes e dos professores, incluindo atividades como aulas regulares, atividades práticas, esportes, artes, projetos de pesquisa e outras experiências. De acordo com um de seus idealizadores, Paulo Dutra (2013), o Programa de Educação Integral (PEI) foi criado em 2008 com a finalidade de reestruturar o ensino médio, reordenando a rede estadual de Pernambuco e criando as EREM's (Escolas de Referência em Ensino Médio) e ETE's (Escolas Técnicas Estaduais).

Essas últimas, apresentam um currículo específico para a Educação Profissional, com habilitação técnica, a nível de ensino médio, em diversos cursos dos eixos tecnológicos constantes do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos reconhecido pelo MEC<sup>72</sup>. Tem como característica a integração entre o ensino propedêutico (formação geral) e a formação profissional, funcionando com matrícula única e currículo distribuído em 3 anos, com professores e estudantes em horário integral.

Pois, como demonstra Dutra (2013), faz mais de uma década que Pernambuco tem aumentado a oferta dessas escolas de educação técnica integrada ao ensino médio. A proposta dessas instituições é preparar os estudantes para o mercado de trabalho, combinando o currículo tradicional com disciplinas técnicas e práticas relacionadas a áreas específicas. No caso da ETE João Bezerra, as áreas contempladas no momento deste trabalho eram a gastronomia e a produção de alimentos, para o ensino integral, e de gastronomia e recursos pesqueiros para os chamados cursos subsequentes, isto é, destinado àqueles que já concluíram o ensino médio.

Na teoria, as disciplinas do curso técnico, tanto teóricas quanto práticas, devem ser lecionadas por profissionais com formação adequada. No entanto, no primeiro ano de instalação dos cursos técnicos da ETE João Bezerra, os próprios professores “da casa” foram escalados para as disciplinas, o que contradiz o discurso de valorização do ensino e dos profissionais da educação assumido por Dutra (2013). Novamente, esbarramos no tema da precarização e flexibilização do trabalho docente no contexto neoliberal de ensino.

Pois, estudando o trabalho docente e as condições discentes nas escolas integrais e técnicas da rede estadual de Pernambuco, Silva e Silva (2017) sinalizam a intensificação dos

---

<sup>72</sup> Cf. < <http://cnct.mec.gov.br/>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

estudos dos alunos, com aumento da jornada escolar diária e o número de disciplinas curriculares, promovendo uma sobrecarga nos professores e estudantes. Com efeito, no caso das escolas técnicas, esse número de disciplinas chega a duplicar em relação ao currículo integral. Somente no primeiro ano, por exemplo, o currículo dos cursos técnicos integrados conta com 6 disciplinas específicas a mais, 3 a cada semestre, do que outras escolas de ensino médio da mesma rede, totalizando uma carga horária de 40h para cada uma delas.

Acontece que com a implementação do Novo Ensino Médio (NEM), outras novas disciplinas passaram também a ser oferecidas em caráter obrigatório. Assim, pelo fato do NEM estar sendo implementado concomitantemente à transformação da João Bezerra em escola técnica, o que se observa é uma diferença bastante significativa entre os currículos dos estudantes dos cursos técnicos (em 2022, somente os primeiros anos) para os estudantes da escola integral (segundos e terceiros anos, em 2022), chegando efetivamente a haver o dobro de disciplinas entre um currículo novo e o antigo.

Ainda que o corpo docente da nossa escola fosse bastante qualificado e que características pessoais tenham sido levadas em consideração no direcionamento das disciplinas para os respectivos docentes, o que se observou foi uma certa improvisação na condução do processo. Justamente, quem assumiu essas disciplinas técnicas no primeiro ano de implementação dos cursos foram todos professores substitutos, configurando-se em uma situação de “pegar ou largar”. Ou seja, no caso de não aceitarmos, somos orientados a retornar à gerência regional para buscar vaga em outra escola, afinal, precisamos preencher nossa carga horária de 200 horas mensais.

Assim, no meu caso específico, além de lecionar Arte, um componente curricular estranho à minha formação, estive responsável, em 2022, por duas disciplinas teóricas do curso técnico, ambas com duração semestral. Uma delas foi Intervenção Comunitária, cujos objetivos são compreender os conceitos de comunidade e intervenção comunitária, além de desenvolver um projeto de intervenção com foco na comunidade escolar.

A intervenção comunitária possui como foco trabalhar em colaboração e parceria com as comunidades para entender as preocupações locais e esperanças de melhoria. Portanto, a intervenção comunitária pode ser definida como sendo o conjunto de influências planejadas na vida de um pequeno grupo, organização ou comunidade, com o objetivo de prevenir/reduzir a desorganização social ou pessoal e promover o bem-estar da comunidade (Bezerra, s/d: 13).

Portanto, provocar uma mudança na comunidade está na gênese dessa disciplina, partindo-se do princípio de que as comunidades possuem os potenciais recursos para gerarem

o seu próprio desenvolvimento. Dessa maneira, procurando promover a organização da comunidade e a melhoria na qualidade de vida, o curso, não tão teórico assim, promove o exercício da cidadania por meio da intervenção “com” a comunidade, e não “sobre” a comunidade. Sua proposta é contribuir com as necessidades associadas ao bem-estar, tais como a educação pública, a segurança social, o acesso a recursos sociais, a oferta cultural, tempo de lazer, educação ambiental, dentre outras.

Como indica o material didático de apoio (Bezerra, s/d], a intervenção comunitária surge como proposta de trabalho educativo que parte de problemas contextuais e enxerga as pessoas como protagonistas da mudança social. Assim, pela influência da pedagogia freireana e da educação popular comunitária, lecionar tal disciplina me pareceu uma boa oportunidade para continuar o projeto de investigação do patrimônio cultural da Brasília Teimosa, visto que a proposta se aproximava do que vinha sendo desenvolvido até então.

Destarte, aprofundamos a pesquisa e realizamos produções específicas com o intuito de incorporá-las ao nosso acervo. No entanto, reconheço a falha de não haver comunicado objetivamente as “segundas intenções” das atividades propostas, de modo que, para os estudantes do primeiro ano, elas disseram respeito exclusivamente à disciplina Intervenção Comunitária, e não, ao projeto expográfico desenvolvido concomitantemente.

Dessa maneira, ao contrário do que foi apresentado anteriormente neste trabalho, não descreverei o passo a passo dessa disciplina, limitando-me a resumir as atividades que efetivamente foram aproveitadas para composição do acervo da exposição museal. Isto se deve pelo fato de o decurso das aulas não ter sido previamente planejado para fins do projeto, como também por haver grande quantidade de turmas (4) e estudantes (aproximadamente 40 por turma), além de haver certa repetição metodológica.

Então, ao longo dos dois últimos bimestres de 2022, no contexto da disciplina Intervenção Comunitária, desenvolvendo um trabalho de interlocução entre a escola e comunidade, investigamos e discutimos as principais características da Brasília Teimosa e procuramos identificar seus maiores problemas. Afinal, um dos pressupostos da disciplina é o desenvolvimento de uma ação transformadora na comunidade escolar e/ou em seu entorno. Àquela altura do projeto, após 1 ano pesquisando o bairro e já habitando nele, me sentia confortável em desenvolver um curso sobre a própria comunidade, pois o que antes me era estranho, agora já passava a ser tratado como familiar. Isto é, o campo havia se transformado no próprio lar.

Nesse sentido, o desenvolvimento da disciplina acabou fluindo organicamente, sem haver um planejamento estruturado como outrora, passando a contar com atalhos simbólicos,

visto que algumas pontes já haviam sido construídas, metaforicamente falando. Quer dizer, para cumprir com nossos objetivos, seguimos a metodologia construída anteriormente – trabalhos de campo, rodas de conversa, produção de material autoral –, visto que já havia identificado o patrimônio cultural da Brasília Teimosa, bem como ampliado o grupo de interlocutores dentro da comunidade. Portanto, coube a essa etapa do projeto aprofundar o que vinha sendo realizado anteriormente, com um novo grupo de estudantes.

### 3.5.1.1 Trabalhos de campo

Mais uma vez fizemos uso dos trabalhos de campo para promover a investigação do patrimônio cultural da Brasília Teimosa, assim como das problemáticas existentes no bairro. Mais importante do que a apresentação em sala de aula, determinados aprendizados são construídos com maior eficiência por meio da experiência empírica. Sendo assim, a primeira atividade fora da escola proposta para as quatro turmas de Intervenção Comunitária foi, novamente, a visita guiada pela comunidade.



**Figuras 78 e 79:** Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: parada na Praça São Pedro para explicação sobre o processo de ocupação do bairro; estudantes desviam de objetos descartados na Av. Brasília Formosa. Fonte: fotos de autoria dos estudantes, 2022.2.

Assim, seguindo praticamente o mesmo roteiro elaborado pela professora Risoneide, com apenas algumas poucas modificações no trajeto a depender da turma, caminhamos pelo

bairro fazendo paradas estratégicas no pátio da feira, para falar sobre as ruas não planejadas da área de amortecimento da ZEIS da Brasília Teimosa; paramos na Praça São Pedro, para entender o processo de formação da comunidade a partir da mudança da colônia de pescadores do Cabanga para o Pina; percorremos toda a orla, debatendo a requalificação urbana e a engorda da praia promovida pelo governo federal no início dos anos 2000, bem como o descarte incorreto de esgoto na praia, de lixo domiciliar no calçadão e de fezes animais; compartilhamos memórias sobre o acidente aéreo de um helicóptero da TV Globo no mar em 2018, um acréscimo dos estudantes ao *tour*, visto que muitos testemunharam o acontecimento e contribuíram com depoimentos próprios.

Também fizemos paradas no Quiosque da Palafita, para abordar a questão das moradias precárias na orla; paramos em um parquinho na esquina da Rua I (Espadarte) com a Avenida Brasília Formosa, a fim de verificar os desenhos na calçada correlacionando os pescados que dão nomes às ruas às suas respectivas letras – outra novidade do trabalho; recordamos as narrativas orais que dão nome à Praia do Buraco da Veia, principal área de lazer do bairro; descemos o Porto Terra Nova, do lado do estuário do Pina, a fim de conhecer as embarcações utilizadas pelos pescadores; e seguimos pela margem estuarina abordando a construção das vilas da Brasília, como a Vila da Prata e a Vila Moacir, retornando enfim à nossa escola.



**Figuras 80, 81 e 82:** Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: placa em memória aos falecidos do acidente de helicóptero; estudantes entrevistam Seu Geraldo, da escolinha Mogi Mirim Futebol Clube; estudantes posam para foto em frente ao Bar dos Cornos. Fontes: foto de autoria dos estudantes e fotos do autor, 2022.2.

Embora o roteiro fosse o mesmo, para cada turma houve uma pequena diferença nos trajetos, decidida a partir do perfil dos estudantes. Assim, com o 1ºA de Alimentos visitamos o Bar dos Cornos, comércio mais citado por eles, provavelmente por conta de sua proposta satírica<sup>73</sup> e o mercado de peixe, localizado na fronteira com a Praia do Pina, no intuito de perceber como os alimentos são armazenados e exibidos ao público. Com o 1ºA e 1ºB de Gastronomia, passamos pela Rua Brazópolis, na área da Colônia, a fim de observar uma icônica pintura na parede em referência ao tempo das palafitas na orla, com um desenho de crianças jogando bola na praia defronte às palafitas e os dizeres “daqui não saio, daqui ninguém me tira”, famoso lema assumido pela comunidade em seu hino, parodiando marchinha de carnaval escrita por Paquito e Romeu Gentil.



**Figuras 83 e 84:** Visita guiada pela Brasília Teimosa com estudantes dos cursos técnicos: estudantes interagem com embarcações no Porto Terra Nova; estudantes posam para foto em beco da região da Colônia. Fontes: foto de autoria dos estudantes e foto do autor, 2022.2.

Ainda com o 1ºB de Gastronomia, fomos ao píer da Associação de Pescadores Prof. Artez, na Vila da Prata, onde alguns dos estudantes chegaram a entrar – sem autorização<sup>74</sup> – em

<sup>73</sup> Curiosamente, próximo ao Bar dos Cornos, na faixa de areia limítrofe entre Brasília Teimosa e Pina, há o Bar da Gaia (chifre), também em referência à infidelidade conjugal, mostrando que o bom humor é característica dos empreendedores locais.

<sup>74</sup> Embora não tenha havido nenhum incidente, os trabalhos de campo apresentam desafios, como a possibilidade de os estudantes desobedecerem ao que fora combinado previamente. Ou mesmo, acontecer uma situação não prevista, gerando consequências igualmente não previstas. Por conta disso, muitos professores preferem não sair da escola com os educandos.

uma embarcação ancorada, a fim de averiguar os peixes recém capturados. Já o 1ºB de Alimentos, devido ao horário das aulas, últimos tempos de sexta-feira, teve a visita encurtada, havendo como destaque a parada na Praça São Pedro, visto que um dos estudantes é filho de uma família dona de um restaurante local. Justamente, o rapaz fez questão de nos mostrar o altar ao santo, dentro de um pequeno santuário, na parte externa da sede da Colônia Z-1.

As fotografias das visitas guiadas, tiradas tanto por mim quanto pelos próprios estudantes, nos ajudam a visualizar a paisagem teimosa (Sales, 2017), como também a perceber a interação dos discentes com o espaço e a contribuição deles para construção dos saberes sobre a comunidade. Por mais que já tivesse realizado outras vezes o *tour* pela Brasília, cada nova saída me proporcionava mais aprendizado e, conseqüentemente, mais saberes a compartilhar com eles.

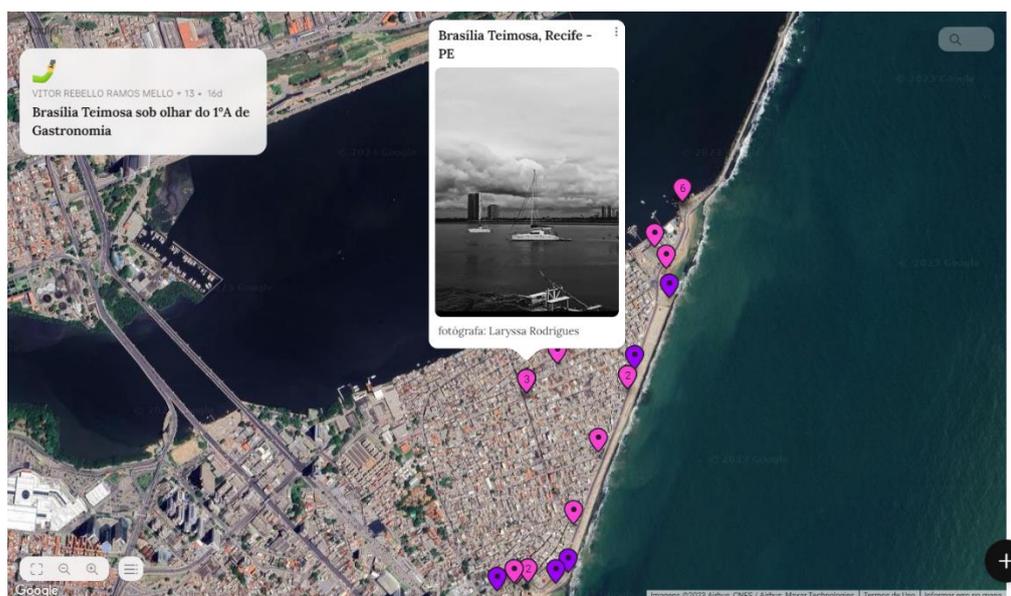
Assim, ouvir as narrativas sobre a queda do helicóptero, identificar o santuário de São Pedro, ouvir deles mesmos músicas sobre a resistência do bairro e descobrir o endereço de suas residências, trouxe muitos ganhos à minha pesquisa. Ao mesmo tempo, vê-los adentrando livremente o território e entrevistando agentes sociais sem a minha solicitação, evidenciou a apropriação dos objetivos propostos pelo trabalho de campo, configurando-se como um método de sucesso no tocante a melhor compreensão da região – histórica, geográfica e sociologicamente – e ao meu projeto de intervenção pedagógica.

Se esta proposta já se mostrava relevante para os estudantes do 2º ano, ela mostrou-se mais ainda para o 1º ano. Embora as turmas de primeiros anos de 2022 tivessem muitos estudantes da Brasília Teimosa e adjacências, o fator escola técnica atraiu muitos alunos de fora da órbita do Pina e mesmo da cidade. Assim, a partir desse ano passamos a contar com muitos estudantes de outras áreas do Recife, como Ibura, Caxangá, Santo Amaro, Curado, bem como da região metropolitana, como Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe, Paulista e até mesmo Igarassu. Por conta dessa mudança no perfil do alunado, o trabalho de (re)conhecimento *in loco* da Brasília Teimosa mostrou-se ainda mais proeminente, pois muitos desses jovens não conheciam o bairro, sendo, em alguns casos, até proibidos por seus familiares de andarem pela comunidade.

Nesse sentido, nosso *tour* passou a representar a oportunidade de efetivamente se descobrir como é a comunidade onde estudam. Ou seja, esses estudantes passaram, de certa maneira, por situação semelhante à minha no início deste projeto, quando praticamente tudo era novidade. Por outro lado, alguns discentes moradores da localidade preferiram não participar do trabalho de campo, por acreditarem já conhecer bem o bairro.

Para esses estudantes, procurei explicar que o exercício consistia em produzir um novo olhar sobre o bairro. Além disso, tentei explicar que a presença deles era importante, pois, enquanto nativos da Brasília, certamente teriam algo a acrescentar, para além do que eu tinha a falar. Com efeito, a troca aconteceu em diversas oportunidades, quando, por exemplo, o estudante fez questão de mostrar o santuário de São Pedro localizada na sede da Colônia Z-1, ou quando outra estudante cantou o hino da Brasília Teimosa ao nos depararmos com a pintura na parede das palafitas da orla.

Então, a inspiração para a nova proposta pedagógica veio do professor André Pereira (2016), ao se utilizar da cartografia social para o ensino de sociologia, dentro da comunidade de Pontezinha (município do Cabo de Santo Agostinho-PE). Com sua proposta, o professor desenvolveu “avanços na criticidade que subsidiaram novos arranjos interpretativos/reinterpretativos” (2016: 120) sobre o território onde sua escola está situada.



**Figura 85:** Mapa interativo realizado a partir do trabalho de campo. Fonte: elaboração própria, adaptado de padlet.com, 2022.2.

Influenciado por seu trabalho de cartografia social, solicitei a cada turma dos primeiros anos da ETE João Bezerra que fizéssemos mapas interativos no site [www.padlet.com](http://www.padlet.com), onde eles poderiam armazenar os registros fotográficos e audiovisuais dos trabalhos de campo, indicando onde exatamente eles foram realizados. Esse exercício foi tanto uma forma de reconstituir o campo, como também de sistematizar os aprendizados desenvolvidos, incluindo os conhecimentos sociais, históricos e geográficos do bairro.

Embora simples, os mapas interativos viraram bons itens expográficos. Porém, devido à necessidade de se dispor de internet para a navegação, acabamos por não incluir essa atividade em nosso projeto de exposição museal. Mesmo assim, foram produções feitas pelos estudantes no contexto da proposta de intervenção e, como tal, foram registradas como parte de nosso acervo, podendo vir a ser usadas em diferentes situações<sup>75</sup>.

### 3.5.1.2 Rodas de conversa

Como das outras vezes, continuei promovendo encontros entre os estudantes e alguns representantes da Brasília Teimosa, objetivando coletar seus depoimentos para nosso acervo e promover um ambiente de aprendizado aberto e coletivo, a partir do contato direto com membros da comunidade em seu próprio território. Dessa maneira, entre outubro e novembro, conseguimos realizar novas três rodas de conversa.

- Dona Leu

A primeira troca ocorreu com Dona Leu, antiga marisqueira da Brasília Teimosa e tia de uma de nossas estudantes. Assim, fomos até sua casa conversar e aprender um pouco sobre seu ofício e sua história de vida. Além disso, ainda visitamos a maré, adentrando por debaixo de uma residência da Vila Moacir, onde nos apertamos entre as vigas que suspendem a moradia e as pedras da margem, para observar Dona Leu realizar, com alguns estudantes, uma demonstração de navegação em sua pequena e desgastada baiteira, um tipo de barco artesanal pequeno, muito utilizado por pescadores.

Porém, antes de chegarmos à casa da marisqueira, localizada na Rua A (Delfim), bem próxima à maré, fizemos um inusitado desvio em nossa rota. Isso aconteceu porque a sobrinha de Dona Leu havia faltado à escola naquele dia. Sua ausência provocou inicialmente um certo desapontamento, visto que a visita havia sido programada para aquela turma exatamente por haver uma parente da entrevistada. A ideia era mostrar que os familiares dos estudantes,

---

<sup>75</sup> Os mapas interativos podem ser visualizados nos seguintes endereços: 1ºA de Alimentos < <https://padlet.com/vitorrmello/vis-es-do-1a-de-alimentos-zhqxhyzaj85e4aig>>; 1ºB de Alimentos < <https://padlet.com/vitorrmello/observando-a-bras-lia-com-o-1-b-de-alimentos-3360ja6k26ehg7we>> 1ºA de Gastronomia < <https://padlet.com/vitorrmello/bras-lia-teimosa-sob-olhar-do-1-a-de-gastronomia-s7ln1ix2ecjhp22>>; 1ºB de Gastronomia < <https://padlet.com/vitorrmello/olhares-do-1-b-de-gastronomia-ni393do5hoele5mi>>. Acesso em: 31 mar. 2024.

independente do grau de escolaridade, eram pessoas relevantes e detentoras de saberes importantes para o processo educativo, sobretudo para a discussão sobre escola e comunidade.



**Figura 86:** Roda de conversa com Dona Leu e sua colega, em frente a sua residência. Foto: autoria desconhecida. Figura do autor, 2022.2.

Por conta disso, ao invés de seguirmos direto para encontrar Dona Leu, decidimos passar na casa dessa estudante, próxima ao nosso destino, a fim de convocá-la para o evento. Dessa forma, os próprios estudantes guiaram o grupo até a residência da colega, que se encontrava em casa e atendeu ao nosso chamado, unindo-se ao campo alguns minutos depois. Esse curioso episódio – o dia em que fomos buscar a estudante em sua casa para a aula – representa, de certa maneira, um pouco da proposta da disciplina Intervenção Comunitária, do trabalho de campo e do projeto patrimonial como um todo, aproximando a vivência dos discentes com a escola, a partir da apropriação (no bom sentido) do território.

Assim sendo, chegando à porta da humilde morada de Dona Leu, encontramos nossa interlocutora acompanhada de outra senhora. A conversa ocorreu na rua mesmo, enquanto elas separavam, em um grande tabuleiro de madeira, o sururu que haviam pescado naquele dia. Momento dos mais enriquecedores dessa etapa do projeto, a experiente marisqueira nos contou sobre sua exaustiva rotina de trabalho, iniciada ainda de madrugada; disse que naquela manhã havia remado pelo Rio Capibaribe até chegar à foz do Rio Beberibe, nas imediações do Shopping Tacaruna, no limite entre Recife e Olinda, a fim de pescar os crustáceos onde eles estavam mais abundantes; e nos explicou sua técnica para separar o filé do sururu de suas cascas, cozinhando-os no fogo para poder abri-los depois.

Falou um pouco sobre sua história de vida, contando-nos que começou a pescar aos quatro anos de idade, aprendendo desde cedo o ofício com sua mãe<sup>76</sup>, em São José da Coroa Grande, município do Litoral Sul de Pernambuco, onde nascera; que já foi oficialmente reconhecida com o título de cidadã recifense; e que já participou de muitas reportagens e filmes, recomendando-nos, inclusive, assistir ao documentário *Dois Rios*<sup>77</sup>, em que aparece como uma das principais retratadas<sup>78</sup>

Dona Leu ainda nos contou sobre sua segunda fonte de renda: uma carrocinha com a qual vende bebidas quando não há sururu, geralmente na época de chuva; que por conta disso, os rios ficam muito poluídos, impactando na sobrevivência dos crustáceos; chama a atenção para a importância da preservação do Rio Capibaribe, pois ele é uma fonte de renda para muitas famílias de pescadores; e esclarece a dificuldade da profissão, tendo em vista o grande desgaste e os riscos de se trabalhar como marisqueira, estando sujeita a cortes nas mãos causados pelo contato com determinados peixes e crustáceos, bem como o lixo irregularmente despejado nos rios (seringas, cacos de vidros, pratos quebrados e tudo o mais que não deveria ter na natureza, como ela mesma frisou).

- Isa, da biblioteca comunitária do CEPOMA (Centro de Educação Popular Maílde Araújo).

Nossa segunda roda de conversa ocorreu com Isa, representante da biblioteca do CEPOMA, uma instituição de educação popular existente na Brasília Teimosa há mais de 40 anos, cuja sede fica na Rua M (Dragão do Mar). Já havendo visitado a biblioteca anteriormente para verificar bibliografia específica sobre o bairro, deixei combinado com Isa a dinâmica do nosso encontro.

Em linhas gerais, a conversa deveria ser sobre o papel das instituições de educação popular do bairro dentro da própria comunidade, como a Turma do Flau, a Escola Mangue e o próprio CEPOMA. Esse é um tema relevante na história da localidade, por se tratar de

---

<sup>76</sup> Convém destacar que na divisão social do trabalho dos pescadores, a julgar pelo que tenho observado na Brasília Teimosa, é comum às mulheres catarem crustáceos no mangue e os homens lançarem-se ao mar em busca de pescados e outros alimentos. Não tivemos a oportunidade de abordar esse assunto com Dona Leu.

<sup>77</sup> *Dois Rios*, de Hugo Leonardo. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=GdpNyBpXUqo>>. Acesso em: 26 ago. 2023. Apesar da indicação, não cheguei a trabalhar o filme com os estudantes. Tampouco, o inseri na exposição planejada. Ainda assim, o documentário é mais um item adicionado ao nosso acervo.

<sup>78</sup> De fato, conheci primeiramente Dona Leu por meio de reportagens encontradas na internet sobre a Brasília Teimosa. Percebendo sua representatividade na comunidade, incluindo a responsabilidade de se carregar a chave de São Pedro na procissão dedicada ao santo, logo me apresentei a ela e agendei uma visita com os estudantes.

organizações que historicamente cuidam dos filhos dos trabalhadores da região<sup>79</sup>. Movimentam a cena cultural do bairro com grupos mirins de maracatu – como a Nação Erê, a Nação Filhos de Olorum e o Maracatu Estrela do Mar – e têm participado ativamente da mobilização da população em torno dos seus direitos. Justamente, outra temática combinada com Isa para ser debatida era o Projeto Teimosinho e todo o seu contexto de criação. Por conta disso, a bibliotecária nos recebeu em sua instituição com diversos materiais sobre a história da comunidade expostos sobre uma mesa.

Isa iniciou sua fala reforçando que a Brasília Teimosa é resultado de uma luta coletiva pela posse da terra e que toda sua formação social gira em torno desse elemento. Ela nos lembrou da importância do Padre Jaime, da ordem dos oblatos, que educou politicamente a população do bairro, incentivando a criação do Conselho de Moradores, de comissões para cada rua e das escolas populares; mostrou para a gente uma cópia do Projeto Teimosinho, resultado da organização dos moradores do bairro; falou dos fanzines produzidos à época como recurso de informação e conscientização da luta popular; explicou que o Teatro Teimosinho surgiu para convocar a população a participar do plebiscito que definiria as prioridades do projeto; e relembrou algumas canções de protesto cantadas durante esse período de forte mobilização da população (anos de 1980). Nesse momento, comentei que estávamos, justamente, realizando gravações dessas músicas em nossa escola, a fim de produzir material para compor o acervo da exposição sobre a Brasília Teimosa.

A respeito do CEPOMA, Isa nos explicou que a instituição foi fundada no início dos anos de 1980 por 4 pessoas: 2 mamulengueiros<sup>80</sup> e 2 professoras. A instituição surge para preencher uma lacuna na educação brasileira, numa época em que não havia escola para todo mundo. Assim, querendo promover a educação atrelada a um projeto cultural, o CEPOMA faz uso de expressões culturais populares, como o mamulengo, o bumba meu boi e o maracatu de baque virado, para promover a alfabetização de adultos, primeiramente, e depois das crianças. Por meio do Método Paulo Freire<sup>81</sup>, a instituição usava a arte e o ofício dos trabalhadores para

---

<sup>79</sup> As próprias instituições escolares oficiais do bairro surgem de iniciativas educacionais criadas pela própria população, como o caso da ETE João Bezerra, criada nos anos de 1960 para atender os filhos dos trabalhadores do porto.

<sup>80</sup> Mamulengueiros são artistas que trabalham com teatro de mamulengos. “O mamulengo é o teatro de bonecos praticado na região Nordeste. Uma de suas características marcantes é a informalidade das performances, que se manifesta tanto nos espaços públicos em que geralmente é praticada quanto na arte do improviso. (...) Mamulengo se refere tanto aos bonecos manipulados pelos artistas quanto ao espetáculo”. Cf. < <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14369/mamulengo> >.

<sup>81</sup> Método Paulo Freire (Brandão, 2008) é como ficou conhecido o projeto integrado de educação desenvolvido pelo educador pernambucano, que começava com um método de alfabetização e concluía com a proposta de uma universidade popular. Contudo, o método costuma ser associado apenas à fase de alfabetização, que consistia na criação de um “círculo de cultura” – conjunto de educandos envolvidos em processo de observação e registro de

dar sentido ao processo educativo. Ao final, a bibliotecária nos mostrou fotos antigas da Praia do Buraco da Veia, das palafitas, dos pescadores, dentre outras imagens que ilustraram o teor de nossa conversa.



**Figura 87:** Livros, revistas e fotografias expostos sobre a mesa ajudam a contar a história da comunidade, durante a roda de conversa com Isa, no CEPOMA. Fonte: foto do autor, 2022.2.

- Danilo Vieira, do Vieira Restaurante & Bar

Acompanhado de estudantes das duas turmas do curso técnico de gastronomia, visitamos o Vieira Bar & Restaurante, localizado na Rua Araguari, no limite da Brasília com a praia do Pina. Danilo é um jovem *chef* e seu restaurante tem pouco mais de 6 anos. Ainda assim, a notoriedade de seu estabelecimento me deixava curioso para conhecer a história daquele empreendimento e da família de seus donos. Por se tratar de um encontro entre um *chef* de sucesso e estudantes de gastronomia, a conversa acabou girando em torno da profissão, gerando bastante interesse por parte dos estudantes.

Assim, o *chef* nos recebeu na varanda do estabelecimento, onde os clientes costumam almoçar. O restaurante funciona na casa onde Danilo foi criado, sendo que o imóvel foi completamente reformado, contando com três pisos onde antes havia apenas o térreo, a mencionada varanda e um terreno vizinho funcionando como estacionamento. Segundo Danilo, tudo aquilo era terreno de sua família, mas por ter sido dividido entre 10 irmãos (seus pais e tios), o terreno do estacionamento possui hoje outro dono, que o aluga para o restaurante, sem

---

sua própria comunidade, estimulados a participar de forma ativa e compartilhada do processo educativo –, devido à experiência exitosa de letramento de pessoas adultas, realizada pelo educador no interior do Rio Grande do Norte, na década de 1960.

deixar que nada seja feito nele. Pois, a julgar pela localização privilegiada e pela valorização das terras na Zona Sul do Recife, é de se imaginar que o dono esteja deixando o terreno valorizar, enquanto funciona como estacionamento do restaurante.

Em nossa conversa, Danilo conta que nasceu e cresceu na Brasília Teimosa, onde sempre teve contato com o mar e com os peixes. Por conta disso, quando se tornou *chef* de cozinha, escolheu se especializar em frutos do mar. Preocupado em mostrar os desafios da profissão aos futuros técnicos em gastronomia, ele procurou enfatizar a importância da gestão do empreendimento, sugerindo que não basta entender de cozinha, mas também de empreendedorismo, caso queiram fazer sucesso. Mesmo sendo o dono do estabelecimento, junto de outros dois irmãos, afirma trabalhar de 8 a 12 horas por dia e recomenda que os estudantes se dediquem bastante ao ofício para terem sucesso, pois um bom cozinheiro deve saber preparar tudo.



**Figura 88:** Roda de conversa com Danilo Vieira, do Vieira Restaurante & Bar. Fonte: foto de autoria desconhecida. Figura do autor, 2022.2.

O nome de seu restaurante se deve por ser o sobrenome da família, mas também por se tratar de um molusco bivalve bastante sofisticado, proporcionando uma alusão ao seu empreendimento, visto que o público-alvo é composto por pessoas que trabalham nos edifícios empresariais do Pina, como o JCPM, o ITC, dentre outros. Justamente, Danilo indica ter feito um estudo de mercado e decidido atender a um público majoritariamente de fora da Brasília. Esse ponto da conversa é interessante, pois demonstra uma tendência dos restaurantes mais

sofisticados da comunidade: atender a um público mais abastado, geralmente de outras localidades. Por conta disso, segundo o *chef*, o estacionamento do seu restaurante é um elemento fundamental para o seu sucesso. Como ele mesmo disse: “no parking, no business”, isto é, uma máxima na língua inglesa significando que sem estacionamento não há negócio.

Sua família sempre trabalhou com venda de alimentos, justamente por se localizar tão próxima à praia do Pina. Sonho antigo, o restaurante especializado em frutos do mar tem feito bastante sucesso, havendo ganhado alguns prêmios, sobretudo por conta do seu carro-chefe, o bolinho de arraia, uma invenção original sua, surgida a partir da junção entre o acaso e a criatividade. Segundo Danilo, uma vez ele comprou muitos quilos de arraia para fazer uma moqueca e, para não estragar o alimento não utilizado, começou a fazer experimentos, como pastel de arraia e o próprio bolinho. Além do seu negócio, o *chef* contou que também tem outras fontes de renda, fazendo consultoria para outros restaurantes e publicidade para empresas do ramo de alimentos. Ao final, o *chef* gentilmente nos deu livros de seu próprio acervo, procurando estimular mais um pouco os estudantes no prosseguimento da profissão.

### 3.5.1.3 Produções materiais

Assim, a partir das discussões em sala de aula sobre as características e a história da comunidade, dos trabalhos de campo e das entrevistas *in loco*, realizamos três tipos de produções materiais, visando avaliar os conteúdos trabalhados na disciplina e, ao mesmo tempo, criar itens para o acervo da exposição museal que vinha sendo planejada paralelamente. Pois, a primeira atividade consistiu na realização de clipes audiovisuais a partir das músicas de protesto cantadas pela população ao longo da história de luta e resistência popular.

- Paródias/ versões musicais

Encontradas no trabalho de Janice Albuquerque (1986) e Raissa Sales (2017), bem como na biblioteca do CEPOMA, como nos mostrou Isa, as letras das paródias musicais elaboradas pela população teimosina durante o processo de mobilização popular das décadas de 1980 e 1990 careciam de registros sonoros e audiovisuais. Sendo assim, propus aos estudantes que gravassem videoclipes dessas canções, no intuito de dar vida às letras registradas no papel.<sup>82</sup>

---

<sup>82</sup> Sobre a linguagem dos videoclipes, havia trabalhado o assunto anteriormente nas aulas de Arte, de modo que a escolha por esse conteúdo curricular naquela disciplina acabou sendo proposital para o trabalho em Intervenção Comunitária.

Por se tratarem, em sua maioria, de versões musicais, pude identificar a canção original de algumas dessas composições, disponibilizando aos estudantes as letras e melodias originais, a fim de realizarem o trabalho. Dessa forma, o documento conta com 19 letras musicais<sup>83</sup> versando principalmente sobre as condições precárias da Brasília, como a carência de transporte público, a falta de saneamento básico e pavimentação nas ruas, o excesso de lixo nas ruas e nas praias, a exploração do trabalho e o fechamento do acesso à praia do Buraco da Veia pelo Iate Clube.

Contudo, há também canções enaltecendo a luta popular e as belezas naturais da península estuarina, há jingles de campanhas eleitorais para o Conselho dos Moradores e o hino da Brasília Teimosa, esse sim, bem conhecido, já que ainda continua a ser rememorado pelas ruas da Brasília, visto que seus versos “Daqui não saio/ daqui ninguém me tira” são grafitados em diferentes paredes da comunidade e ensinados em muitos lugares.



**Figuras 89 e 90:** Cenas de videoclipes musicais produzidos pelos estudantes. Frames de vídeos. Fonte: elaboração dos estudantes, 2022.2.

Pois, as 4 turmas de primeiros anos finalizaram 10 vídeos musicais, tomando como base 6 canções de protesto entoadas pela comunidade: uma com base na cantiga popular *Peixe Vivo*; uma versão da canção *Bigorriho*, sucesso gravado por grandes vozes da música brasileira como Jorge Veiga, Jair Rodrigues e Ney Matogrosso; dois vídeos gravados usando a letra original de *Disputa de Poder*, um samba-enredo crítico à política brasileira, gravado por Simone em 1988; dois vídeos utilizando uma versão teimosina para a clássica canção *Último Pau de Arara*, grande sucesso gravado por artistas como Clara Nunes, Gilberto Gil e Trio Nodestino; dois vídeos baseados em paródia de *Severina Xique-Xique*, maior sucesso de Genival Lacerda; e dois vídeos com base em versão da canção *Triste Partida*, um hino dos retirantes nordestinos escrito pelo poeta Patativa do Assaré e eternizado musicalmente por Luiz Gonzaga.

<sup>83</sup> As letras das canções podem ser vistas no apêndice 10. Elas foram reproduzidas conforme escritas pelos próprios autores, o que explica os desvios de ordem gramatical.

Assim, as produções foram incorporadas ao acervo e sua exibição planejada para a exposição museal. Contudo, por se tratar de vídeos onde os estudantes, menores de idade, aparecem e por não haver autorização registrada deles e de seus pais, esses vídeos foram apenas mencionados na exposição virtual elaborado para essa exposição. Ou seja, não estão disponibilizados para visualização, ao contrário de outros trabalhos mencionados aqui.

- Relatos de experiência

De forma um pouco diferente da disciplina eletiva do semestre anterior, ao invés de diários de campo, solicitei aos estudantes que escrevessem relatos de experiência sobre as saídas pedagógicas. Na realidade, o pedido inicialmente foi para o registro da visita guiada pelo bairro. No entanto, como nem todos fizeram, solicitei também registros dos outros campos realizados, como as visitas à biblioteca, ao restaurante e á marisqueira. Talvez por ser uma disciplina obrigatória ou por apresentarem perfis de estudantes mais associados a escolas técnicas, portanto mais comprometidos com as tarefas, recebi diversos registros escritos sobre o campo, diferentemente do semestre anterior.

Porém, na dinâmica do cotidiano escolar, esses relatos acabaram sendo deixados de lado, não sendo considerados para a exposição, nem registrados como itens do acervo. A época em que eles foram escritos, importava mais sair a campo e realizar as entrevistas, não havendo tanta preocupação em produzir material escrito para a exposição. Ainda que os estudantes tivessem apresentado bons resumos, estando praticamente na parte final do terceiro semestre desse “projeto teimoso”, já havia compreendido que o processo era mais importante do que o resultado final. Dessa maneira, o exercício de sistematizar o campo já estava valendo por si, sem haver necessariamente um compromisso em utilizar o que eles haviam escrito.

Para além do exposto, tive de considerar também um outro aspecto enfrentado naquele período: a constatação da grande quantidade de relatos de experiência para avaliar, produzidos por 4 turmas de aproximadamente 40 estudantes cada. Aqui, a intervenção pedagógica alcançava o seu limite, visto que, além de estar coordenando o projeto sozinho, ainda havia de dar conta de outras disciplinas da escola. Assim, diante da grande demanda de trabalhos para ler, corrigir e catalogar, acabei deixando de lado os textos e direcionando os esforços em produtos mais visuais e menos trabalhosos para avaliação, como os videoclipes, os registros fotográficos e sonoros das entrevistas e a produção dos painéis ilustrados.

Mesmo assim, avaliando os trabalhos posteriormente, entendi ser válido destacar alguns escritos, uma vez que foram bem realizados. Afinal, não apenas ajudam a reconstituir o trajeto,

mas também apresentam o ponto de vista dos estudantes acerca do campo. Justamente, três estudantes do curso de gastronomia resumiram a visita guiada assim:

No dia 26 de agosto, as 8h:40 saímos em turma com o professor Vitor Rebello para uma aula de campo da matéria “intervenção comunitária”, que propôs conhecer o bairro de Brasília Teimosa, sua história, seus aspectos e locais. Nosso primeiro ponto foi o pátio da feira, onde observamos as construções e formações, para termos uma noção de espaço. Logo depois, fomos para a rua Brazópolis, onde se localiza a escola: Instituto Ivone Vanderlei, e logo à frente a praça de São Pedro, uma homenagem ao santo dos pescadores. Do outro lado, há uma colônia dos pescadores. Em seguida, fomos caminhar pela orla de Brasília, à frente tem uma homenagem aos falecidos que caíram do helicóptero no mar. Paramos no quiosque da palafita, onde discutimos sobre os quiosques e sobre as criações de moradia antigamente.

Continuamos a caminhar, indo em direção ao parque da rua espartate, onde na calçada têm nomes das ruas com os nomes dos peixes que representam as ruas. Mais adiante, paramos no porto do recife, o porto terra nova e dialogamos sobre os barcos e os pescadores. Ademais, voltamos para nosso colégio pela rua “A” (rua Delfim) onde vimos a creche, continuando a caminhada chegamos ao nosso colégio. Terminando nossa aula de campo. A.F., E. B., L. R.

Além de apresentarem resumos mais completos e escrita mais madura, se comparado aos trabalhos das turmas anteriores, os estudantes dos cursos técnicos complementaram o texto com breves impressões pessoais, expondo o seu ponto de vista sobre o trabalho:

A.F.: (...) foi uma ótima aula que serviu para **conhecer locais e suas histórias da Brasília**. (grifo meu).

E. B.: Pra mim, foi uma oportunidade para **demonstrar meus conhecimentos**. (grifo meu).

L. R.: Achei uma ótima chance de **conhecer o lugar além do colégio**. (grifo meu).

Como é possível perceber, os estudantes não apenas expuseram satisfação em conhecer melhor as histórias e a geografia do bairro, como também demonstraram contentamento em poder partilhar com o grupo os seus próprios saberes sobre a localidade. Ou seja, percebemos um endosso, por parte dos estudantes, aos objetivos do trabalho de campo, especialmente no tocante aos princípios de dialogicidade e horizontalidade dos conhecimentos.

De modo geral, os relatos focaram na descrição dos roteiros e das discussões, apresentando algumas vezes a opinião dos educandos sobre as saídas a campo. No entanto, alguns textos apresentaram algo a mais, como curiosas menções às casas de alguns deles as quais passamos em frente, rememorações de algumas interações e reflexões mais aprofundadas em cima das descrições.

Também vimos culturas, desenhos e frases de empoderamento. Nós vimos também pessoas descansando, correndo e com animais. **Vimos também a casa das nossas colegas V., F. e E.** Foi muito interessante! A. R.. M. J. A. (grifo meu).

(...) às 14 hrs fomos em direção à Praça Abelardo Baltar e de lá fomos para a rua Brazópolis, **a nossa colega A. cantou um pouco pra nós da música que antigamente os moradores da palafita cantava “daqui eu não saio, daqui ninguém me tira”** (...). N. B.; C. R. (grifo meu).

Nesse trabalho vimos e localizamos os problemas, necessidades e belezas do bairro da Brasília Teimosa, pudemos falar com as pessoas que vivem no bairro nos deixando assim **perceber o bairro de maneira mais realista.** M.E.V., M. K., M. J., R. F. (grifo meu).

Ao mesmo tempo, alguns estudantes revelaram satisfação em redescobrir o bairro onde foram criados, reconfigurando seus olhares sobre a comunidade. Uma conquista importante deste projeto, visto que, convém recordar, uma de minhas motivações iniciais foi a vontade de transformar a visão negativa dos educandos sobre o bairro, conduzindo-os a essa reflexão sem impor minha visão pessoal – e estrangeira – sobre o território.

Ou seja, por meio da metodologia desenvolvida ao longo deste trabalho – ressaltando e experienciando os aspectos culturais de maior expressividade da Brasília Teimosa – os discentes foram capazes de perceber por conta própria o patrimônio cultural do qual são herdeiros e, dessa maneira, valorizá-los. Tudo isso sem a concretização da almejada exposição museal, evidenciando que o processo sempre foi mais importante do que o resultado final em si:

Eu moro aqui na Brasília, mas não conhecia a metade das coisas que foram apresentadas e foi algo que me fez pensar mais sobre o meu bairro. **Descobrir que o lugar que eu moro é um lugar incrível e cheio de cultura.** M.V.B. (grifo meu).

(...) apesar de morar na Brasília Teimosa há muito tempo e conhecer a maioria dos lugares muito bem, achei essa aula bem interessante porque reparei em algumas coisas que nunca tinha notado antes, tipos algumas pinturas e lugares específicos. **Foi bem legal essa experiência de conhecer melhor o bairro que eu moro.** S.D. (grifo meu).

(...) **amei a experiência de conhecer e reconhecer o bairro em que vivo,** passei por lugares incríveis e que são históricos no bairro de Brasília Teimosa. **Vivi por 15 anos aqui e nunca tive essa ideia de conhecer realmente onde moro.** Foi inesquecível. L.R. (grifo meu).

Apesar de não ter desenvolvido, pelos motivos já expostos, nenhum desdobramento a partir dos relatos, é interessante perceber, *a posteriori*, o aprendizado dos estudantes. De certa maneira, esses escritos os ajudaram a sistematizar as habilidades e competências sociológicas pretendidas e me permitiram perceber que os objetivos propostos foram alcançados, de modo geral. Ou seja, eles evidenciam o êxito do trabalho, mesmo tendo sido trilhado por atalhos.

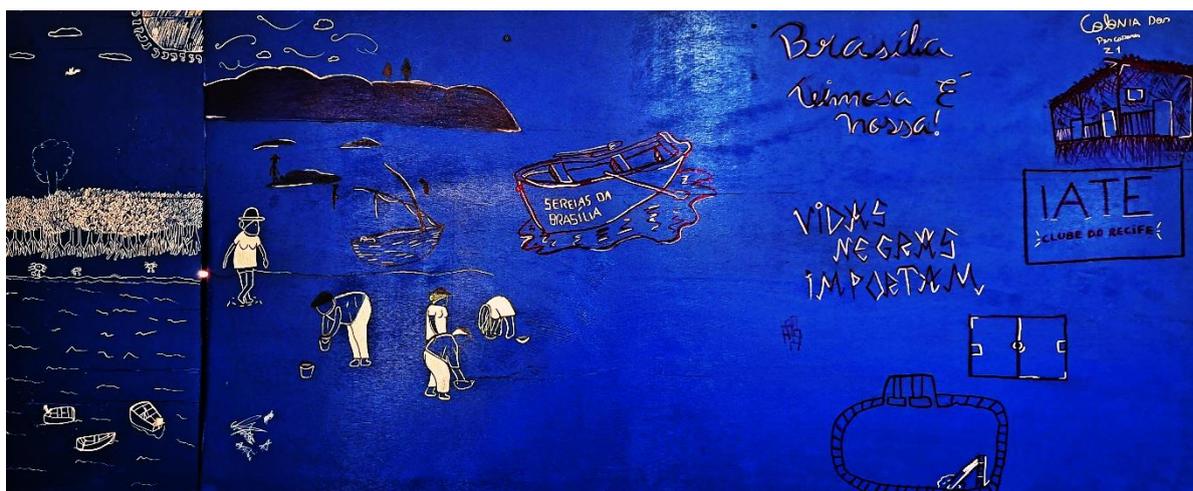
- Painéis ilustrados

Finalmente, a última atividade para a disciplina Intervenção Comunitária consistiu na realização de painéis ilustrados sobre a Brasília Teimosa, inspirados em pinturas e paisagens visualizadas no bairro. Assim, fazendo uso de linguagens verbais e não verbais, os estudantes das quatro turmas sintetizaram os conhecimentos aprendidos, ilustrando placas de madeiras dispostas nas janelas de suas salas, instaladas para reter a temperatura resfriada pelos aparelhos de ar-condicionado.

Com efeito, as placas de madeira já haviam sido presas às janelas no primeiro semestre do ano. Pouco a pouco, foram preenchidas pelos estudantes com desenhos, piches, palavras e frases aleatórias, sem haver necessariamente uma conexão entre os escritos. Então, aproveitando que, por ocasião da prova do ENEM, as referidas placas foram repintadas, solicitei à gestão escolar a autorização para desenhar nelas antes que novamente fossem tomadas por outros escritos.

Assim sendo, os discentes preencheram coletivamente as placas de madeira, formando 4 enormes painéis ilustrados sobre a Brasília Teimosa, com duas ou três placas cada. Despretensiosamente, acabamos resolvendo um “problema” de nossa comunidade escolar, que são os piches nas paredes dos estudantes. Munidos de marcadores para lousa e corretivos, eles desenharam e escreveram nos painéis imagens e textos referentes ao bairro, como a praia do Buraco da Veia, os animais marinhos, o mangue, as palafitas, o “banho de choque”, os pescadores, suas embarcações, a Colônia Z-1 e o Parque de esculturas do Brennand.





**Figuras 91 e 92:** Painéis ilustrados sobre a Brasília Teimosa. Fontes: elaboração dos estudantes, 2022.2.

Também há menção ao lema da comunidade (“daqui não saio, daqui ninguém me tira”) e outros grafites encontrados nas paredes do bairro, ao Iate Clube, ao CEPOMA e grupos culturais da comunidade, como o maracatu mirim Nação Erê e as Sereias Teimosas (grupo de dança composto por senhoras da comunidade), ao Bar dos Cornos, ao JCPM, aos arranha-céus do bairro do Pina e até à fábrica de vassouras ecológicas, que não chegamos a visitar por conta de alguns cancelamentos de aulas.

Assim, os painéis ilustrados foram as últimas contribuições dos estudantes dos primeiros anos de 2022 para o conjunto deste projeto. Com exceção de uma dessas obras, que teve piches escritos por cima posteriormente, todas as outras, no decurso de 2023, se mantiveram praticamente intactas nas paredes das salas de aulas, compondo o cenário escolar e mostrando para os novos alunos elementos de destaque da comunidade. Pois, esses painéis foram devidamente registrados, passando a fazer parte do nosso acervo e da exposição virtual.

### 3.5.2 Grupo executivo/ Projeto de ensino

Concomitantemente às atividades realizadas no contexto da disciplina Intervenção Comunitária, ao longo do 2º semestre de 2022, montei um pequeno grupo para elaborar e executar com mais efetividade a almejada exposição museal. Apesar de chamá-lo de Projeto de Ensino, não se tratava de uma ação formalizada na escola, pois a rede de ensino não prevê esse tipo de iniciativa na grade curricular das escolas integrais. Portanto, tratou-se novamente de uma ação pedagógica ocorrida entre as “brechas”, baseada principalmente na força de vontade

de seus integrantes. Isto é, além de mim, integraram o grupo 5 estudantes do 2º ano, participantes da disciplina eletiva “Saber-Museu”, do primeiro semestre do mesmo ano.

Assim, no segundo semestre, passamos a nos reunir uma vez por semana, após a jornada diurna de aulas, entre 17h e 18h. Ao contrário do que ocorre com outros projetos dentro da escola, optei por não retirar os estudantes de sala durante o período normal, por entender que os estaria prejudicando em alguma medida, ainda que eles preferissem faltar às aulas de Física para adiantar nossas reuniões. Por não se tratar de uma proposta oficializada, não irei relatar as atividades cronologicamente, restringindo-me ao que de fato aconteceu de mais relevante.

Nossos encontros serviram para debatermos o que poderíamos fazer com todo o material que vínhamos produzindo e colecionando sobre o patrimônio cultural local. Nesse sentido, a interlocução dos estudantes foi importante para desenvolver melhor a proposta museal, bem como executar as tarefas, ainda que tenhamos ficado a maior parte do tempo somente na elaboração conceitual. Por esse motivo, o projeto de exposição elaborado durante esse período é um trabalho realmente coletivo, pois contou com contribuições significativas de todos os participantes desse pequeno grupo.

Tal como no ano anterior, estivemos presente na Expo Pedagógica – evento promovido pela Gerência Regional Recife Sul – para apresentar nosso trabalho. Os integrantes desse projeto de ensino foram os representantes, possuindo participação ativa na demonstração dos resultados da disciplina eletiva “Saber-Museu” e exercitando novamente a troca com o público, como fizeram durante a culminância das eletivas. Sendo que, dessa vez, eles falaram para uma audiência externa à comunidade da Brasília Teimosa, o que proporcionou a percepção de estranhamento, por parte do público, daquilo que nos é familiar.

Ou seja, a interação com estudantes e professores de outras escolas nos possibilitou perceber que a relação do público com os itens expostos muda conforme os próprios visitantes, tal como ocorre em galerias, museus e áreas expositivas afora. Daí a relevância da mediação, pois o profissional, seguro do conteúdo exposto e consciente do perfil visitante, torna-se capaz de melhorar as experiências diversas do público. Ao mesmo tempo, os estudantes-mediadores puderam entender, na prática, que elementos comuns da realidade deles são estranhos a outras pessoas e necessitam ser explicados para um melhor entendimento.

Nesse sentido, tivemos a oportunidade de novamente refletir sobre os movimentos de familiarização do estranho (Damatta, 1978) e de estranhamento do familiar (Velho, 1981), trabalhados durante a disciplina “Saber-Museu”. O primeiro, porque os estudantes-monitores perceberam que tanto a “paisagem teimosina” (Sales, 2017), quanto os elementos socioculturais que a compõem – tão comuns no dia a dia deles – precisavam ser explicados para um público

de outras regiões da cidade. Portanto, houve necessidade de tornar o estranho aos olhos externos em algo familiar. Já o segundo, ocorreu pela percepção de que esses elementos comuns a eles e considerados estranhos por outras pessoas, podem ser observados com certo distanciamento.



**Figura 93:** Estudantes apresentam o projeto em evento da GRE Recife Sul. Fonte: Foto do autor, 2022.2.

Sendo assim, os educandos puderam constatar que elementos aparentemente banais mostrados em nosso trabalho, como o “banho de choque”, por exemplo, estavam sendo vistos com admiração por outras pessoas, por elas desconhecem tal prática de lazer, mesmo residindo em Recife. Esse último fator nos fez valorizar um pouco mais nosso trabalho, visto que, ao “furar a bolha”, percebemos a riqueza de nossas investigações e da própria comunidade.

Assim, para a mostra pedagógica da Gerência Regional de Educação Recife Sul, levamos algumas fotos, um banner<sup>84</sup>, uma cópia da nuvem de palavras e um *tablet*, com o qual mostrávamos o ABC da Brasília Teimosa. Ali foi possível exercitar um pouco a interatividade com o público, solicitando às pessoas que falassem termos relacionados à Brasília Teimosa, tal como fizéramos na disciplina, antes de mostrarmos o resultado de nosso trabalho.

Apesar de não dispormos de internet para realizar uma nuvem de palavras ao vivo, guardamos a ideia para nosso projeto museal. Quer dizer, planejávamos, futuramente, não apenas mostrar o documento gerado em sala de aula, como proporcionar a realização interativa do mesmo exercício a quem estivesse participando da exposição. Esse recurso, de certa maneira, se inspira na primeira sala do Paço do Frevo, onde os visitantes podem escrever com giz nas

<sup>84</sup> Cf. Apêndice 11.

paredes da instituição e manipular livros dispostos nas paredes, promovendo uma obra coletiva e interativa dentro do espaço museal.



**Figuras 94 e 95:** Estudantes interagem com objetos em sala do Paço do Frevo. Fontes: fotos do autor, 2021.2.

### 3.6 A Brasília é o meu lugar

Durante as primeiras reuniões do grupo executivo, pensamos na exposição desde seus elementos fundamentais, tendo em vista que possuíamos um acervo, mas não exatamente um conceito específico para a mostra. Isto é, os elementos que viriam a compor o projeto expográfico já estavam, de certa maneira, efetuados. Porém, quando começamos a nos reunir semanalmente, as ideias ainda estavam difusas, sem lastro com os recursos que dispúnhamos. Então, seguindo roteiro sugerido por um material pedagógico desenvolvido pelo IBRAM<sup>85</sup>, pensamos na narrativa que gostaríamos de apresentar.

Assim, refletindo sobre tudo o que havíamos realizado até então e nas contribuições que ainda viriam com a participação das turmas de primeiros anos, intitulamos a exposição como “A Brasília é o meu lugar”, pois a simplicidade do nome correspondia ao elemento que nos unia enquanto integrantes da comunidade escolar<sup>86</sup> e em relação aos nossos interlocutores da comunidade. A partir daí, passamos a pensar nos módulos da exposição, tendo em mente o auditório da escola como espaço para a realização da iniciativa. Justamente, dividindo o ambiente em 5 partes, decidimos criar um roteiro parecido às visitas guiadas pela Brasília Teimosa, realizadas tantas vezes ao longo deste projeto.

<sup>85</sup> Um dos cursos do programa “Saber-Museu”, produzido pelo IBRAM, chama-se “Para fazer uma exposição”, exatamente o que utilizamos como referência para esta etapa do projeto.

<sup>86</sup> Em certa medida, esse lema também representa a minha transformação pessoal, no sentido de parecer, pelo menos para o presente momento, ter encontrado um lugar onde desejo habitar por um bom tempo.

Dessa forma, iniciando a exposição pelo lado esquerdo do auditório, os visitantes conheceriam os módulos temáticos da “Colônia”, “Orla”, “Buraco da Veia”, “Bar dos Cornos” e “Becos da Memória”, sendo este último uma referência ao livro homônimo de Conceição Evaristo, que explora as experiências e as memórias das pessoas negras no Brasil, abordando temas como identidade, racismo, ancestralidade, empoderamento e resiliência. Com efeito, por meio de sua obra, Conceição Evaristo cria uma conexão entre o passado e o presente, resgatando a memória coletiva e celebrando a força da cultura negra.

Embora este trabalho não tenha como objetivo a discussão étnico-racial, existem conexões entre a obra da escritora mineira e nosso projeto.

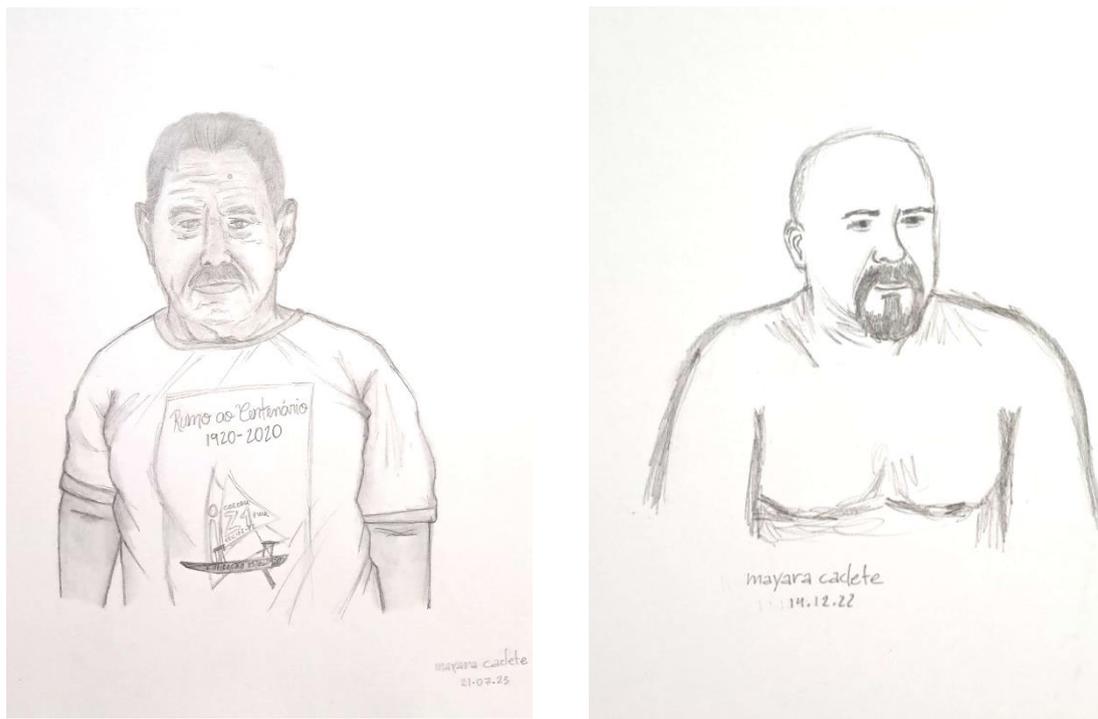
(...) nada que está narrado em *Becos da memória* é verdade, nada que está narrado em *Becos da memória* é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever *Becos* foi perseguir uma *escrevivência*. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha (2018:12).

Como escreve Evaristo, os poemas contidos em *Becos da memória* são fundamentados em suas vivências, misturadas às falas de quem veio antes dela. Em nosso caso, a narrativa que estávamos criando também se fundamentava em nossas experiências, associadas às de quem nos antecederam na comunidade. De fato, este projeto tem como alicerce as entrevistas com pessoas mais velhas e o conjunto de nossas experiências empíricas com a comunidade, promovendo, dessa forma, uma relação entre o passado e o presente.

Sendo assim, da forma como elaboramos a exposição, os visitantes caminhariam pelos módulos temáticos devidamente decorados e entrariam em contato com variados itens de nosso acervo. A proposta seria fazer com que o público se sentisse caminhando pela própria comunidade. Por conta disso, e pensando em preservar os próximos módulos da curiosidade do visitante, imaginamos a separação dos espaços feita por redes de pesca, linhas de pipa, fios emaranhados entre os postes e varais de roupas, com blusas que remeteriam à comunidade, como o uniforme do Mogi Mirim Futebol Clube Recife (uma escolinha de futebol do bairro) e fardas das escolas públicas e privadas da localidade. Isto é, a divisão dos espaços seria feita por elementos comuns do cotidiano do bairro, separando os módulos e permitindo a visualização parcial das outras partes da exposição, atizando a curiosidade, porém sem revelar o que haveria por detrás das frestas.

Quanto às paredes, estas seriam pintadas conforme o tema de cada módulo, produzindo a sensação de se estar adentrando a comunidade. Dessa maneira, na parte da “Colônia”, haveria

a pintura da estátua de São Pedro e da fachada da Colônia Z-1. Nesse corredor, estaria exposto um retrato de Seu Augusto desenhado por uma das integrantes do grupo executivo<sup>87</sup>. Em uma caixa de som, ou em algum aparelho com fone de ouvido, o áudio editado da roda de conversa realizada com o pescador estaria sendo reproduzida, para que os visitantes pudessem ouvir seu relato. Além disso, documentos relacionados à história de vida do entrevistado, à colônia de pescadores e imagens de arquivo dos primeiros momentos do Areal Novo comporiam o cenário.

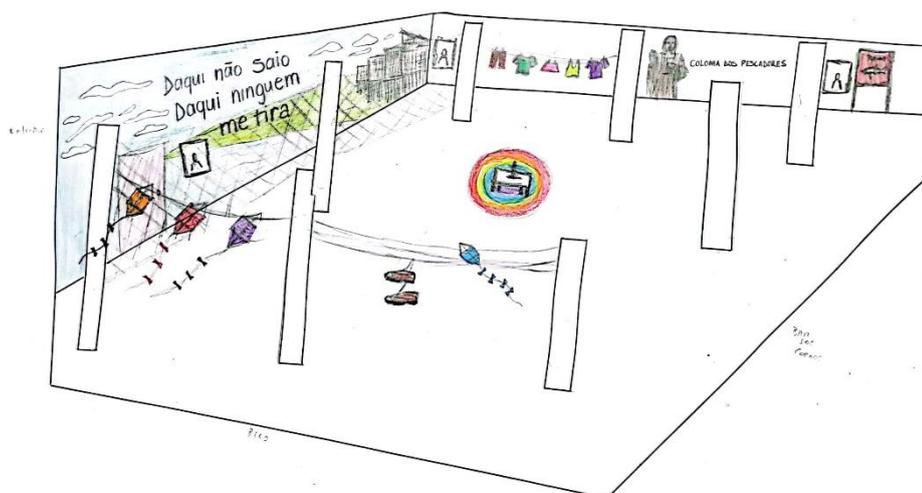
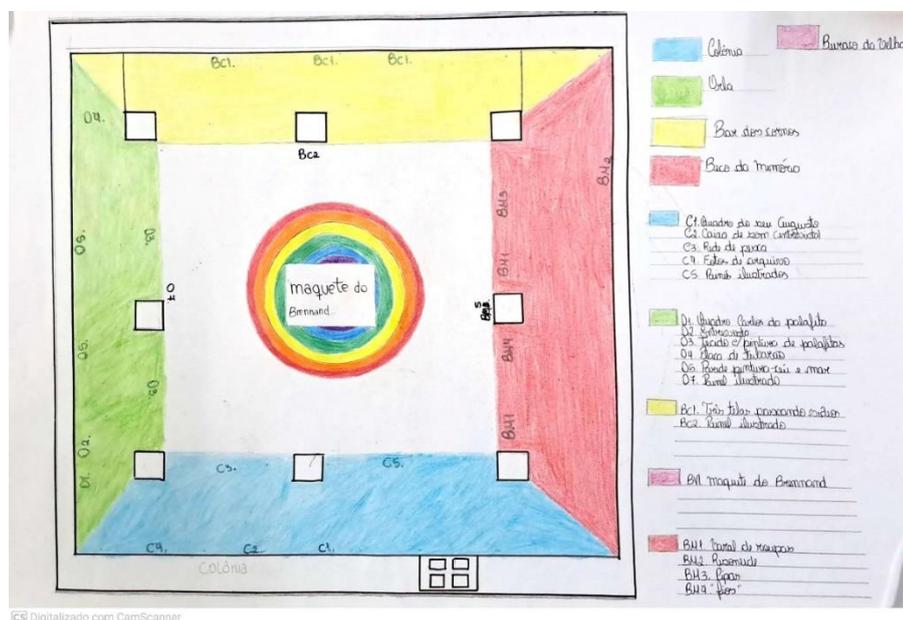


**Figuras 96 e 97:** Esboços de retratos de nossos interlocutores, elaborados por uma estudante: Seu Augusto, da Colônia Z-1; Carlos, do Quiosque da Palafita. Fontes: Mayara Cadete, 2022.2.

O segundo módulo seria dedicado à “Orla”, com uma decoração remetendo ao paredão, ao horizonte e ao mar. Nesta parte, apresentariamos a placa de aviso da existência de ataques de tubarões e as palafitas, pintadas em um tecido preso ao teto, com franjas em sua base, simulando as estroncas de madeiras que as alicerçam. Na parede, a exemplo do outro setor, um retrato de um de nossos interlocutores, Carlos, do Quiosque da Palafita, e um aparelho eletrônico tocando o áudio de nossa conversa. Também teríamos uma arcada original de tubarão, item emprestado do dono do restaurante Se Avexe – cuja primeira sede foi na Brasília Teimosa e hoje se encontra no Pina – e a montagem fotográfica com imagem da orla antes e

<sup>87</sup> Até o fechamento deste trabalho, conseguimos fazer rascunhos desse e de outros retratos, que em nossa imaginação, seriam pintados em tela. Eles se encontram registrados como itens do nosso acervo.

depois da reforma. Entre os módulos 1 e 2, estariam os painéis ilustrados, realizados pelos estudantes das turmas de primeiro ano de 2022.



**Figuras 98 e 99:** Esboços da exposição “A Brasília é o meu lugar”: planta geral da exposição; decoração dos espaços, com ênfase para as paredes ilustradas em acordo com os módulos. Fontes: elaboração dos estudantes, 2022.2.

Na terceira parte da exposição, na área central do auditório, teríamos o “Buraco da Veia”, com sua rotatória colorida pintada no chão do espaço. Acima, em uma mesa central, haveria uma maquete do Parque de Esculturas Francisco Brennand, feita de biscoit<sup>88</sup>. Presos em um varal ou colados na parte externa dos painéis, seriam exibidos os cartazes do ABC da Brasília Teimosa. Em outra mesa ou bancada, exporíamos livros sobre o bairro, como os já

<sup>88</sup> Esta maquete não chegou a ser produzida por falta de material.

mencionados *Histórias da Brasília Teimosa* (Silva, 2017) e *Brasília Teimosa: Projeto Escola ZI* (Grzybowski e Dourado, 1989); além do livro *Para ler o seu bairro* (Mello e Santos, 2018), obra que apresenta registros documentais e artísticos, realizados por estudantes de diversos bairros da cidade, incluindo o Pina.

Também haveria uma cópia do *Projeto Teimosinho*, disponível na biblioteca do CEPOMA; o livreto *#Educaestuários* (Martins, 2016), um livro de poemas e ilustrações sobre o estuário do Pina, feito por estudantes da EREM João Bezerra e organizado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; e o livro virtual *Deveras a arte na Brasília* (Lélis e Menezes, 2021), sobre o grupo cultural fundado no bairro, no contexto de grande mobilização popular dos anos de 1980. Finalizando esta sala, disponibilizaríamos um jogo de tabuleiro intitulado *Passeio em Brasília Teimosa*, material pedagógico criado por Monteiro (2012) e o game *Ecoestuário*, outro item pedagógico interativo, elaborado por Santos (2020).

À área do auditório onde há um palco, denominamos de “Bar dos Cornos”, onde os visitantes poderiam visualizar em telas (tablets), com fones de ouvido acoplados, os cliques musicais elaborados pelos estudantes do primeiro ano de 2022. Além disso, os demais vídeos trabalhados nesse projeto também estariam disponíveis, como as 10 reportagens sobre a Brasília Teimosa utilizados na eletiva “Saber-Museu”, o material correspondente ao Guia Gastronômico da Brasília Teimosa, usado tanto na eletiva quanto na disciplina Intervenção Comunitária, e os documentários realizados por estudantes da época da transição para EREM, isto é, na virada da década de 2000 para a de 2010, encontrados nos arquivos da escola.

Na última área do auditório, o canto direito do ponto de vista de quem entra, seria o módulo “Becos da Memória”, onde haveria um retrato da professora Risoneide, uma placa decorativa em formato de concha marinha feita por ela, por meio de sua técnica que mistura casca de sururu com gesso, e o áudio da roda de conversa realizada conosco, na primeira fase deste projeto. Haveria igualmente um retrato da *chef* Nathália Maria, do Bar do Cabo, com a entrevista sonora disponibilizada para escuta e o letreiro existente na entrada de seu restaurante. Esse item seria disponibilizado por empréstimo, da mesma forma que o estandarte da Nação Erê, um significativo símbolo do CEPOMA, uma das instituições do bairro por nós visitadas. Acompanhando esses itens, as paredes pintadas fariam alusão às fachadas da comunidade, com referências a fiteiros, salões de cabelereiro e até ao escudo do Santa Cruz F.C., como ocorre na Rua Artur Bernardes.

Finalizando a exposição, exibiríamos a nossa nuvem de palavras original, bem como uma nova, formada simultaneamente pela interação dos espectadores. Ou seja, na antessala do auditório, haveria um mediador com um computador, registrando 5 palavras sobre a Brasília

Teimosa ditas por cada visitante. Ao final, teríamos a nuvem de palavras em construção exibida em uma tela de projeção. Dessa maneira, o público poderia visualizar o que pensava sobre o bairro antes da exposição e comparar os resultados com suas próprias impressões após a visita. No livro de registro, poderiam, além de assinar sua presença, anotar suas opiniões e visualizar o último item da exposição: uma cópia do Diário Oficial de Pernambuco de 23 de janeiro de 1970, onde há o decreto de fundação da nossa escola, como um sinal de que a instituição também faz parte dessa história.

Pensada para durar no mínimo duas semanas, as visitas começariam pela comunidade escolar, prosseguindo com a recepção de estudantes das escolas da Brasília Teimosa e adjacências, membros das organizações sociais da comunidade, das instituições públicas, como a Casa da Mulher Júlia Santiago e os postos de saúde, dentre outros grupos. Para esses momentos, os estudantes do projeto fariam a mediação, orientando o público e explicando os objetivos da exposição.

Para a inauguração, pensamos em fazer um *vernissage*, convidando todos os colaboradores do projeto, os autores dos livros que nos serviram de referência, os profissionais da escola, membros da secretaria de educação, os estudantes que participaram da confecção da proposta, seus familiares, imprensa e representantes da comunidade. A ideia seria fazer um evento, com apresentações culturais, convidando os grupos existentes na Brasília Teimosa, como o Balé Deveras, que possui um espetáculo sobre a própria comunidade, as Sereias Teimosas e os grupos de maracatu mirim. No entanto, como a exposição não saiu do papel, não chegamos a entrar em contato com nenhuma das organizações citadas.

### **3.7 Balanço**

No final do segundo semestre de 2022, decidi encerrar a intervenção pedagógica para organizar e avaliar as ações realizadas, além de me dedicar à escrita do trabalho de conclusão de curso e à destinação do acervo produzido e coletado. Com um volume significativo de atividades a descrever, 2023 foi dedicado à sistematização do trabalho. No quadro 3, estão listadas as diferentes atividades desenvolvidas, acompanhadas de suas quantidades e dos respectivos períodos em que foram realizadas.

Como é possível verificar, realizamos seis visitas guiadas de reconhecimento do território da Brasília Teimosa. Das nove rodas de conversa, três aconteceram no espaço escolar (Seu Augusto, da Colônia Z-1, professora Risoneide Nunes e o “Grande Encontro”), duas em restaurantes (Bar do Cabo e Vieira Restaurante e Bar), uma em um quiosque da orla (Quiosque

da Palafita), outra em uma biblioteca comunitária (CEPOMA); outra à porta da residência da entrevistada (Dona Leu); além da ocorrida dentro do Museu do Homem do Nordeste, orientada pela mediação da instituição. Visitamos três museus (Paço do Frevo, Cais do Sertão e MUHNE), enquanto a proposta se manteve como disciplina eletiva. E participamos de três eventos pedagógicos (IX Mostra de Inovações Pedagógicas e VI e VII Expo Pedagógica), no intuito de apresentar os resultados parciais da intervenção. No total, conseguimos produzir 26 atividades fugindo ao modelo tradicional de aula.

<b>Atividade/Período</b>	<b>2021.2</b>	<b>2022.1</b>	<b>2022.2</b>	<b>Total</b>
Visita guiada	1	1	4	<b>6</b>
Roda de conversa	3	3 <sup>89</sup>	3	<b>9</b>
Museu	2	1	0	<b>3</b>
Restaurante/Quiosque	0	2	1	<b>3</b>
Biblioteca comunitária	0	0	1	<b>1</b>
Residência	0	0	1	<b>1</b>
Evento Pedagógico	2	0	1	<b>3</b>
<b>Total</b>	<b>8</b>	<b>7</b>	<b>11</b>	<b>26</b>

**Quadro 3:** Discriminação de atividades realizadas. Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Conforme descrito, este projeto baseou-se nos relatos dos moradores e trabalhadores locais. Desse modo, o quadro 4 apresenta a relação de interlocutores acionados ao longo dos três semestres. Com exceção de Seu Saulo, o porteiro da escola, meu primeiro informante da comunidade, todos os outros tiveram contato com os estudantes em ações pedagógicas do projeto.

<b>Interlocutores</b>	<b>Quantidade</b>
<i>Chef</i> de cozinha	2
Empresário/ dono de quiosque	1
Bibliotecária	1
Professora/Gestora	3
Ex-aluno	1
Pescador/Marisqueira	2
Mediadora	1
Porteiro	1
Líder comunitário	1
<b>Total</b>	<b>13</b>

**Quadro 4:** Relação de interlocutores. Fonte: dados da pesquisa, 2023.

<sup>89</sup> O momento de troca sobre a mediação em museus, ocorrido na visita ao MUHNE (2022.1), também está sendo considerada como roda de conversa.

Nathália Maria, do Bar do Cabo, e Danilo Vieira, do Vieira Restaurante e Bar foram os chefes visitados. Carlos, o dono do quiosque, foi quem conversou conosco sobre as palafitas e o processo de a requalificação da orla da Brasília. Isa, do CEPOMA, nos recebeu para falar sobre a instituição e a luta política da comunidade. A professora Risoneide Nunes foi uma grande parceira desta iniciativa, tendo participado de duas rodas de conversa, além de nos ter guiado pela primeira vez pelo bairro. As gestoras da escola participaram do “Grande Encontro”, sendo contabilizadas na mesma categoria que a professora.

Nesse mesmo evento, Stone, um ex-aluno da EREM João Bezerra e atualmente trabalhando no Instituto JCPM, foi o quarto e último convidado dessa atividade. Seu Augusto, da Colônia Z1, foi o representante dos pescadores entrevistado na escola. Já a marisqueira Dona Leu, foi entrevistada na porta de sua casa.

No que se refere aos museus, todos contaram com mediação. Contudo, um trabalho mais voltado para a reflexão sobre a própria mediação nesses espaços ocorreu somente na visita ao Museu do Homem do Nordeste. Por esse motivo, apenas uma mediadora acabou sendo contabilizada. Seu Saulo, o porteiro da escola, foi meu interlocutor pessoal, colaborando com o trabalho, principalmente em seu começo. E Wilson Lapa, presidente do Conselho de Moradores à época, com quem fui pela primeira vez à Via Moacir.

Por fim, o quadro 5 apresenta as produções elaboradas especificamente para o projeto, objetivando sistematizar o conjunto de itens produzidos, dado a diversidade de material desenvolvido.

<b>Etapa</b>	<b>Período</b>	<b>Disciplina/ Formato</b>	<b>Quantidade de estudantes</b>	<b>Tipo de produção</b>	<b>Quantidade</b>
1 <sup>a</sup>	2021.2	Memórias de Brasília Teimosa	30	Banner	1
				Slide	1
				Registro sonoro	2
2 <sup>a</sup>	2022.1	Saber-Museu	45	<i>Sketchbook</i>	2
				ABC da Brasília Teimosa	17 (cartazes)
				Diário de campo	5
				Resumo escrito	1
				Registro sonoro	2
				Nuvem de palavras	1
3 <sup>a</sup>	2022.2	Intervenção Comunitária	160 (aprox.)	Relato de experiência	60 (aprox.)
				Videoclipe	10
				Registro sonoro	3
				Painel	4

				Mapa interativo	4
				Banner	1
3 <sup>ab</sup>	2022.2	Grupo executivo	5 (repetido) <sup>90</sup>	Esboço	3
				Retrato	6
<b>Total</b>	-	-	<b>235</b>	-	<b>123</b>

**Quadro 5:** Produções materiais elaboradas pelos estudantes para o projeto. Fonte: dados da pesquisa, 2023.

Como é possível notar, possuímos textos escritos, ilustrações, registros sonoros e audiovisuais, banners e produções virtuais interativas. Além da diversidade de material, há também um número considerável de itens, chegando a ser contabilizadas 123 produções, nem todas integradas ao acervo do projeto. As mais numerosas são os relatos de experiência produzidos pelos estudantes dos cursos técnicos de gastronomia e alimentos (60) e o *ABC da Brasília Teimosa*, que consiste em uma obra coletiva com 17 cartazes diferentes. Cabe destacar também que cerca de 235 estudantes foram diretamente envolvidos com a intervenção pedagógica, ao longo dos três semestres. O alto número de educandos participantes é um demonstrativo da complexidade do trabalho, que envolveu boa parte da escola nesse período.

Em relação a registros fotográficos, cabe explicar que foram produzidas centenas de fotos durante as atividades. Contudo, não é possível calcular quantas foram tiradas, pois nem todo estudante compartilhou seus registros. Além disso, na dinâmica das aulas, foi difícil distinguir as imagens produzidas por eles das produzidas por mim, bem como eliminar, para fins de contabilidade, as imagens repetidas. Dessa forma, pode-se afirmar que as fotografias – não incluídas no catálogo – ultrapassam a casa das centenas, talvez até dos milhares. Enquanto esse minucioso levantamento não é concluído, vale destacar a intenção de organizar os registros feitos pelos estudantes para, no futuro, publicar um ensaio fotográfico sobre a intervenção pedagógica.

### 3.8 Desdobramentos possíveis

Quando o ano letivo de 2022 se encerrou, fechamos as atividades do projeto sem haver no horizonte a realização física da exposição. Primeiramente, teríamos de organizar e catalogar apropriadamente o acervo, algo que não conseguimos efetivamente fazer à época. Depois,

<sup>90</sup> O grupo executivo contou com 5 estudantes que já haviam participado da disciplina eletiva no semestre anterior, portanto, não entram na contabilidade geral.

teríamos de correr atrás de muitos recursos para efetivar o que imagináramos, tanto no que diz respeito à produção de novos materiais, como a maquete das esculturas de Brennan, quanto à própria decoração do espaço que, como descrito, seria composta por pinturas nas paredes, nas pilastras e no chão, dentre outros elementos.

De fato, para a concretização da exposição, ainda haveríamos de superar alguns obstáculos importantes, a começar pela questão financeira, visto que a falta de recursos dificulta a realização das ideias<sup>91</sup>. Outro ponto a ser resolvido seria os dias de reunião e de confecção dos materiais, pois a experiência de nos encontrarmos após a exaustiva jornada de trabalho/estudo não foi muito proveitosa, pois invariavelmente tínhamos pressa para terminar e vontade de ir para casa descansar. Cogitamos preparar a exposição nas férias, tendo em vista a dificuldade de se manter o auditório fechado, pois a escola conta com muitas atividades em todos os seus turnos e, ainda por cima, atende aos membros da comunidade do entorno, como grupos religiosos e culturais, aos finais de semana.

Por outro lado, me faltou articular melhor a proposta com membros da escola, buscando parcerias e colaboradores na instituição educacional e no Instituto JCPM, órgão que não parece carecer de recursos, está aberto a propostas inovadoras e possui estrutura física e pessoal para movimentar iniciativas como a nossa. Pois, a julgar por outros trabalhos pedagógicos acontecidos na ETE João Bezerra, acredito que o êxito poderia ter acontecido se tivesse apresentado melhor minha proposta. Com efeito, esses empecilhos acabaram por desestimular um pouco o trabalho que vinha sendo feito.

Justamente, durante o terceiro semestre deste projeto, ou seja, em 2022.2, dei início à outra proposta de intervenção, sem relação direta com a exposição museal. Percebendo uma demanda por parte dos estudantes, de maneira descompromissada, montei uma disciplina eletiva de ritmos populares e logo alcancei resultados positivos e reconhecimento pelos feitos, de modo que hoje sou mais lembrado na instituição pelo trabalho musical do que pelo projeto expográfico. Embora satisfeito com esse novo projeto, ainda que nos falte instrumentos e condições mais adequadas, de certa forma, sinto frustração ao comparar as intervenções.

Em uma ponta, há um investimento pessoal e coletivo de 1,5 ano na elaboração de uma exposição que não chegou a ser concretizada fisicamente. Por outro, em um período curto e sem grandes ambições, formei um grupo musical que tem funcionado bem, participando dos eventos da escola – acolhimento, festejos juninos e carnavalescos, dentre outros – e ganhando reconhecimento dentro e fora do espaço escolar. Inclusive, após um ano desse novo projeto, a

---

<sup>91</sup> Apesar dos recursos da escola terem aumentado quando da transformação em ETE, eles foram direcionados para melhoria da infraestrutura da instituição,

gestão escolar se mobilizou para investir em instrumentos musicais, a fim de melhorar nossas condições.

Refletindo retrospectivamente, percebo que boa parte das dificuldades enfrentadas para a elaboração da exposição estão relacionadas ao fato de que escola não é um museu. Logo, sua dinâmica imponderável não se correlaciona a um espaço museal, dificultando, de certa maneira, a efetivação da proposta tal como imaginada. O que não desmerece a ideia promissora de aproximar o campo museal da educação formal. Pelo contrário, este projeto mostra que ações expositivas nas escolas são meios promissores para se trabalhar o patrimônio cultural e que o processo educativo é mais importante do que o resultado final. Dessa maneira, o projeto se tratou mais de uma proposta de exposição escolar e menos de uma exposição museal, por conta das características distintas que esses dois tipos de instituições possuem.

Diante desse cenário, a elaboração de uma exposição virtual passou a ser a opção mais viável para a presente proposta, pois, com ela conseguimos apresentar os resultados de nossas investigações pela comunidade. Além de gratuito, a disponibilização virtual do material acabou aparecendo como uma solução para algumas questões, sobretudo de natureza estrutural, que à época de elaboração da exposição não sabíamos como resolver. Como por exemplo, disponibilizar os áudios das rodas de conversa sem que os sons se misturassem, permitir a leitura dos livros sem tocá-los, dinamizar a realização de uma nova nuvem de palavras e divulgar o projeto para além dos limites da Brasília Teimosa.

Sendo assim, este trabalho de conclusão de curso é acompanhado de uma exposição virtual interativa, organizada da maneira como concebemos “A Brasília é o meu lugar”. Entretanto, há algumas alterações necessárias, por conta da mudança de suporte, além de alguns pequenos reordenamentos. Produzido no site [prezi.com](https://prezi.com), a visualização tanto pode seguir o roteiro previamente definido, como pode ser percorrido a critério do espectador, exatamente como uma exposição museal permite fazer. Nesse material, o “visitante” pode não apenas visualizar e ouvir os itens expostos, como fazer o download de alguns deles, interagir na nuvem de palavras e escrever suas sugestões e recomendações em um formulário disponibilizado, como se fosse um livro de registro.

A exposição “A Brasília é o meu lugar” pode ser visualizada no endereço eletrônico <<https://prezi.com/view/5sGSuQt9sqimJ5Vytgol/>>, sendo recomendado o acesso por computador, visto que, em alguns *smartphones*, o documento é apresentado em uma formatação diferente da proposta.

Por ter sido concluído próximo ao fechamento desse texto, foi possível realizar uma avaliação apressada, por não ter havido tempo hábil para alcançar um público diverso. Mesmo

assim, além de mostrar a exposição aos colegas da sala dos professores, companheiros de mestrado e alguns amigos e parentes, levei o material para a sala de aula, por se tratar de um assunto de interesse da comunidade escolar. Apresentando-o a duas turmas de primeiro ano do curso de gastronomia, solicitei aos estudantes que vissem com calma o material e dessem sua opinião no “registro de visitantes”<sup>92</sup>, um formulário que tanto serve para coletar as avaliações sobre o trabalho, quanto para registrar a “frequência” de visitantes, tal como ocorre nas exposições museais presenciais.



**Figuras 100 e 101:** Lâminas da exposição virtual *A Brasília é meu lugar*: página de abertura; módulo Colônia. Fontes: elaboração própria, 2023.

Assim sendo, para análise deste trabalho, obtive 48 impressões, sendo 41 delas de meus estudantes (85%). Por uma questão de não haver computador no laboratório de informática da ETE João Bezerra para todos, muitos responderam em dupla ou em trio, de modo que a visualização e avaliação do material certamente passou de 50 pessoas. De modo geral, os dados colhidos revelam que 85% das impressões sobre a exposição o consideraram ótimo, 10% bom e 5% ruim ou péssimo. 77% dos registros indicam bastante aprendizado sobre a Brasília Teimosa com o material disponibilizado, enquanto 19% afirmam ter aprendido pouco e 4% quase nada.

Com relação aos comentários gerais, a maioria é elogiosa, ressaltando a qualidade da apresentação visual e as diversificadas informações sobre a comunidade. Alguns comentários ressaltam positivamente a participação dos estudantes no processo. Os próprios integrantes do grupo executivo afirmam no formulário terem gostado de participar, principalmente pelo aprofundamento na cultura do bairro onde moram/estudam, e do formato de apresentação final.

<sup>92</sup> O formulário pode ser visualizado no apêndice 12.

Algumas pessoas que não conhecem a Brasília Teimosa gostaram da exposição, pois além de informativa, ela mostra a rica relação que os moradores têm com o bairro. Há também uma sugestão de se expandir propostas dessa natureza para escolas de outros bairros, o que, de certa maneira, é uma possibilidade real, visto que toda região possui seu próprio patrimônio cultural.



**Figura 102:** Estudantes avaliam a exposição virtual na ETEJB. Fonte: foto do autor, 2023.

Contudo, há também impressões negativas, sugerindo que se melhore o áudio das entrevistas, que não chegaram a ser editadas, e que se evite falar em política, provavelmente em referência à menção ao presidente Lula, quando o assunto é a requalificação da orla teimosina. Alguns estudantes sugeriram que se mostrasse mais do calçadão, dos arrecifes da praia e do maracatu da escola, referindo-se ao meu outro projeto dentro da instituição.

As respostas foram muito variadas em relação ao que os “visitantes” mais se interessaram na exposição. Os dados revelam haver uma boa diversidade de itens expositivos, pois cada pessoa parece ter se agradado de algo diferente. Ou seja, há menções à participação ativa dos estudantes, à cultura da Brasília como um todo, à peça decorativa feita de casca de sururu, aos vídeos, ao “banho de choque”, aos desenhos, às entrevistas, às visões dos alunos sobre a comunidade e à gastronomia local. Pois, tendo sido a característica mais citada, é compreensível que a comensalidade tenha chamado a atenção dos estudantes, já que a maioria deles integra o curso técnico de gastronomia na instituição.

No que se refere às minhas impressões sobre as deles, acredito ter sido uma atividade enriquecedora, pois muitos reconheceram os lugares, as pessoas, as instituições locais e se manifestaram positivamente em vê-las destacadas no material. De fato, assistir aos vídeos, fotos e outros materiais em que aparecem seus vizinhos, parentes, conhecidos e mesmo professores, promoveu uma valorização do patrimônio cultural local. Ao mesmo tempo, estar presente

enquanto visualizavam o material me possibilitou perceber a necessidade de se realizar alguns ajustes, como inserir uma mediação virtual, talvez por meio de vídeos gravados pelos estudantes do grupo executivo, visto que algumas partes não foram bem compreendidas, sobretudo as imagens históricas e as entrevistas realizadas com os interlocutores.

Assim, se em determinado momento deste trabalho estive desapontado por não ter conseguido realizar a exposição na escola, as novas possibilidades apresentadas pelo formato online reativaram meu interesse pelo projeto. Dessa maneira, transferi-lo para o meio virtual demonstrou-se uma boa solução, pois resolveu diversas questões, incluindo algumas que ainda não haviam sido contabilizadas na equação desta intervenção.

Quer dizer, a busca por concretizar a exposição esteve tão em foco que outras inquietações igualmente importantes estavam sendo deixadas de lado, tais como: onde guardar o material dentro da escola? Como fazer para manter sua integridade<sup>93</sup>? O que será do acervo após minha saída da escola, visto que minha condição de substituto indica uma permanência provisória? Uma vez que não há mais limite espacial, por que não incluir outros itens à exposição, como mais imagens de arquivos, retratos dos trabalhos de campo e as entrevistas feitas com Dona Leu, Danilo Vieira e Isa, do CEPOMA?<sup>94</sup>

Destarte, com as modificações no material pensadas a partir da análise das primeiras impressões, a exposição virtual *A Brasília é meu lugar* passa a ser um produto pedagógico inédito sobre o patrimônio cultural da Brasília Teimosa. Para além disso, ele se apresenta não apenas como um retrato da intervenção pedagógica desenvolvida na escola, mas também como um instrumento de pesquisa, visto que reúne um compilado sobre a localidade bastante robusto, composto por fotos, vídeos, áudios, livros, desenhos e recursos digitais interativos.

Além da exposição e deste trabalho escrito, ainda há o registro do acervo em fichas catalográficas, que incluem itens deixados de fora. Sendo um documento administrativo, não foi pensado para ser exposto, restringindo-se somente às informações técnicas, contando com o número de registro de cada item, descrição e outras informações. No apêndice 13, é possível visualizar uma dessas fichas. Já o catálogo inteiro encontra-se no endereço < [https://drive.google.com/file/d/1z6U4zLx9Jru1XeRItMJfuVO16ao7jMCG/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/1z6U4zLx9Jru1XeRItMJfuVO16ao7jMCG/view?usp=drive_link) >.

---

<sup>93</sup> De todo o material catalogado, os itens que permanecem na escola são a montagem fotográfica da orla da Brasília Teimosa, os dois banners apresentados na Expo Pedagógica e a placa de aviso de risco de ataques de tubarão. A foto e os banners encontram-se na gestão escolar. Já a segunda, em um desarrumado almoxarifado, atrás de diversos objetos igualmente inadequados para o espaço.

<sup>94</sup> Como foram produzidos simultaneamente ao planejamento da exposição, as entrevistas e os retratos não foram incorporados ao projeto expográfico.

## CONCLUSÃO

O presente trabalho de conclusão de curso é o resultado de três semestres de investigação sobre o patrimônio cultural da Brasília Teimosa, um bairro de forte tradição pesqueira e resistência popular, localizado na Zona Sul do Recife, entre o mar e o mangue. Realizado na Escola Técnica Estadual João Bezerra, o projeto de intervenção pedagógica foi inspirado no recente e crescente movimento de museus comunitários, que desloca o foco dos objetos para as pessoas. Seu objetivo final foi o desenvolvimento de uma exposição museal sobre a comunidade. Para tanto, foram realizados três estágios de investigação e produção, totalizando 4 formatos diferentes.

Inicialmente, no 2º semestre de 2021, ainda durante a pandemia da covid-19, o projeto funcionou como uma disciplina eletiva intitulada “Memórias de Brasília Teimosa”, oferecida a cerca de 30 estudantes do 1º ano do ensino médio. Em um segundo momento, promovendo alguns ajustes, uma nova disciplina eletiva foi oferecida a aproximadamente 45 estudantes do 2º do ensino médio, durante o primeiro semestre de 2022. Chamada de “Saber-museu: saberes e fazeres museológicos na escola”, a intervenção deu continuidade às investigações sobre a comunidade, mirando no ensino de conhecimentos antropológicos e museológicos. Ao final, na chamada culminância das eletivas, apresentamos uma pequena exposição sobre o bairro e o processo de investigação desenvolvido.

Todavia, este é um projeto teimoso e como os resultados obtidos foram considerados aquém do almejado, uma terceira fase ganhou corpo, funcionando nas “brechas” do sistema de ensino, por meio de duas frentes. A primeira delas consistiu em adaptar uma disciplina da base técnica, nomeada Intervenção Comunitária, ao projeto de intervenção. Assim, durante o segundo semestre de 2022, a disciplina foi oferecida a 4 turmas, com cerca de 160 alunos no total, visando continuar a pesquisa e a produção de material para a exposição museal.

Quanto à segunda frente da terceira etapa do projeto, também no segundo semestre de 2022, ela consistiu na criação de um grupo executivo com 5 estudantes participantes da eletiva anterior, “Saber-Museu...”. Pois, nos reunimos para debater, planejar e criar a exposição “A Brasília é o meu lugar”, idealizando sua realização no auditório da instituição escolar. No entanto, devido à falta de recursos, tempo e articulação interna e externa, conseguimos apenas planejar o projeto expográfico, sem concretizá-lo materialmente. A análise desse fato possibilitou compreender que o espaço escolar não foi feito para uma exposição museal e, como tal, minha proposta, no fundo, sempre se tratou de uma exposição escolar, por mais que tentasse

reproduzir o ambiente museal dentro da escola. Embora sejam dois espaços educativos por excelência, possuem características bem distintas que acabam definindo suas dinâmicas de maneiras diversas.

Em 2023, no que podemos chamar de pós-produção da intervenção, montamos uma exposição virtual, aos moldes do que fora planejado para o espaço escolar. De caráter interativo, o material permite ao espectador percorrer os módulos inspirados nas regiões do bairro, como a área da Colônia, a orla, a praia do Buraco da Veia, os becos da Brasília e o icônico Bar os Cornos. Assim, é possível visualizar os itens produzidos para exposição, bem como ver vídeos sobre a comunidade trabalhados em sala de aula, ouvir as entrevistas realizadas com representantes de diferentes segmentos sociais do bairro e acessar livros sobre a Brasília Teimosa e adjacências.

Esse formato surgiu como um plano b, tendo em vista a não realização física da exposição museal. No entanto, a partir da sua criação e com base em avaliações realizadas, principalmente, por estudantes da ETE João Bezerra, esse material despontou como solução para várias dificuldades enfrentadas, sobretudo as relacionadas à carência de recursos e infraestrutura. Isto é, o modelo virtual possibilitou aumentar a quantidade de itens expostos, assim como refinar a narrativa expográfica, proporcionar maior interatividade entre público e acervo, possibilitar a consulta a qualquer hora ao material e manter a exposição por tempo indeterminado, se transformando em uma fonte de pesquisa sobre a comunidade. Mas, principalmente, a exposição virtual soluciona a questão do que fazer com todo o material após minha saída da instituição escolar, já que sua virtualização descarta a necessidade de guardar o material em um espaço da instituição.

Para além da exposição, foram produzidas fichas catalográficas, onde os itens do acervo colecionados foram registrados, tal como é feito em instituições museais. A importância deste documento para a organização da exposição é de reunir as informações de todo o acervo em um único documento, possibilitando saber mais facilmente o que há para se expor, como também ampliar a percepção do trabalho realizado, visto que nem todos os itens integrados ao nosso projeto foram selecionados para constar na exposição virtual. Esta, por sua vez, pode ficar melhor, com novas inserções no material exibido, tais como vídeos e textos que melhorem a mediação entre público e acervo.

No que se refere à metodologia empregada, a investigação sobre o patrimônio cultural da Brasília Teimosa se deu por meio de pesquisa bibliográfica anterior às aulas e pesquisa nos arquivos digitais da escola; execução de aulas tanto expositivas quanto dialógicas; realização de trabalhos de campo com o objetivo de identificar e registrar o território; promoção de rodas

de conversa com representantes da comunidade escola e nos seus locais de trabalho; visitas técnicas a museus; e produção de material feito pelos próprios estudantes. Embora exitosa, entendo que a proposta acabou deixando de lado, no decurso do processo, a discussão sobre patrimônio cultural. Conclusão que serve como aprendizado para o aprimoramento em trabalhos futuros.

Todo esse processo foi atravessado pela dialogicidade freireana (1987), no sentido de se promover um espaço horizontal de saberes, facilitado pelo diálogo entre professores, estudantes e representantes comunitários. Dessa maneira, desenvolvendo uma “comunidade aberta de aprendizado” (Hooks, 2013), o trabalho docente consistiu em instrumentalizar os estudantes com ferramentas sociológicas, no intuito de refletir sobre o conhecimento que eles mesmos já possuíam, uma vez que são os indivíduos nativos da região. Em linhas gerais, pode-se dizer que esta proposta de intervenção evidencia a possibilidade concreta de coexistir pesquisa antropológica e ensino na educação básica.

Por outro lado, embora deslocar o *locus* do aprendizado para fora da escola tenha se demonstrado uma metodologia promissora, esta ação aponta um limite do trabalho docente e provoca o seu rearranjo, visto que o campo passa a dialogar e a ensinar por si, da mesma maneira que os interlocutores do processo. Nesse sentido, é imprescindível, desde o momento do planejamento, estar aberto ao imponderável, como tantas vezes ocorreu ao longo deste trabalho e como tantas vezes ocorreu com Malinowski (2018), durante sua estadia entre os trobriandeses. Certamente, esta atitude permite encarar os insucessos como repertório para a discussão – sobre falta de tempo, falta de recursos, falta de flexibilidade curricular, busca por soluções – e oportunidades para melhorias, e não, como desperdício de esforços. Definitivamente, a experiência demonstra que o mais importante é o processo educativo, e não, o resultado final.

Aliás, em se tratando de campo e trabalho etnográfico, os registros fotográficos e sonoros e meu próprio diário de campo foram ferramentas importantes, tendo em vista a duração do projeto e a grande quantidade de entrevistas, de saídas a campo, produções materiais, discussões sobre a comunidade e imprevistos acontecidos. Consequentemente, procurei transmitir aos meus estudantes a relevância desses recursos, apontando a memória como falha e trapaceira. Ainda que essas ferramentas não tenham sido utilizadas por todos os estudantes, os registros feitos por eles foram fundamentais para a escrita deste trabalho e para a composição do nosso produto final, a exposição virtual interativa.

Contraditoriamente ao exposto, com o passar do tempo e minha paulatina adaptação ao bairro, especialmente a partir do momento em que me mudei para ele, diminuí a frequência de anotações, pois o mergulho etnográfico aprofundou-se de tal maneira que passei a confiar mais

em minha memória, já que o território, antes considerado labiríntico, passou a ser mais “legível”, por assim dizer. De fato, são poucos os locais da Brasília onde ainda não passei. Estar fazendo parte do seu dia a dia com um olhar domesticado, do ponto de vista antropológico, e dialogar com representantes comunitários sobre o bairro, têm me permitido reconhecer diversas características que os próprios moradores desconhecem ou ignoram.

Nesse sentido, não seria equivocado dizer que as investigações sobre o patrimônio cultural desvelaram apenas algumas camadas sobre a localidade, de modo que as características ressaltadas aqui trazem apenas apontamentos sobre temas complexos. Ou seja, ainda há muito a se ler, assistir, ouvir, enfim, descobrir sobre o bairro. Por mais que se tenha pesquisado bastante, diversas questões permaneceram em aberto, como a relação entre a Colônia de Pescadores Z-1 e a Associação de Pescadores Prof<sup>o</sup> Artez – afinal, por que duas organizações representando os pescadores no mesmo bairro? –; o trabalho das escolas populares com os filhos dos trabalhadores na atualidade; a desmobilização da luta popular nas últimas décadas e consequente diminuição do impacto do Conselho de Moradores na vida da comunidade; a especulação imobiliária subterfúgia avançando sobre a localidade; o papel dos grupos culturais dentro da comunidade, dentre tantas pontas soltas merecedoras de investigação.

A respeito da estilística textual, procurei fugir do modelo relatorial, visto que entendo a boa etnografia aquela que se aproxima ao gênero ensaio. Isto é, composta de traços pessoais, pontos de vista subjetivos e, como tal, única. Nesse sentido, a escrita obedeceu à cronologia dos fatos; mostrando-se repetitiva em alguns momentos, porém sempre buscando trazer algo novo nessas repetições. O mais importante é que ela, por meio da descrição fina do território, expressa minha própria imersão no campo e conduz o leitor pelo meu olhar.

Por fim, resta dizer que a presente intervenção pedagógica não ocorreu em direção única, pois, no processo de descoberta das características da comunidade, da mesma forma que a região se revelou mais interessante do que superficialmente aparenta, o mesmo aconteceu comigo. Quer dizer, este projeto não se trata apenas de uma proposta pedagógica, mas também de um relato de como seus resultados impactaram em diferentes esferas da minha própria vida.

Do meu ponto de vista, um bom trabalho de campo não deve apenas proporcionar uma profunda imersão em determinada cultura, mas também afetar reciprocamente o pesquisador. É difícil – e indesejado – construir um olhar objetivo sobre uma comunidade sem ser envolvido por ela e sem querer interferir no cotidiano das pessoas, sobretudo quando o trabalho diz respeito à educação. Nesse sentido, sou mais Paulo Freire e sua amorosidade e menos Malinowski e sua objetividade.

Conhecer profundamente a Brasília Teimosa, seus becos, sua gente e sua história também me afetou, de modo que o projeto não foi transformador apenas para meus estudantes. Em outras palavras, a luta exitosa para ressignificar o olhar dos discentes sobre a sua própria localidade acabou provocando o efeito contrário em mim, fazendo com que o território me proporcionasse olhar para dentro, ressignificando não apenas minha prática docente, como também, em certa medida, minha forma de enxergar o mundo. A isso se deve a minha insistência em continuar a proposta, pois, da Brasília incorporei a teimosia.

Assim sendo, respondendo à pergunta de uma estudante mencionada no início do primeiro capítulo, “você gosta mesmo da Brasília, não é, professor?”, afirmaria que sim, como nunca antes gostara de outro lugar.

## FONTES

ADICHIE Chimamanda. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBUQUERQUE, Janice Marie Smrekar. “*Só deixo de lutar quando eu morrer*”: povo, terra e saber na luta urbana. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 405, 1986.

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. 2018. "Gentrificação". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.flch.usp.br/conceito/gentrificacao>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BALL, S. J. Profissionalismo, Gerencialismo e Performatividade. *Cadernos de Pesquisas*, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 539–564, set/dez 2005.

BEZERRA, Lorena. *Intervenção Comunitária*. Recife: Secretaria Executiva de Educação Integral e Profissional/ Escola Técnica Estadual Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, s/d.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Método Paulo Freire. In: STRECK, Danilo R [et al.] (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 5 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, Subsecretaria de Edições Técnicas; 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ciências humanas e suas tecnologias (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3)*. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2020.

CARVALHO, Alba Valéria Gomes. CUNHA, Marcos Roberto da. QUIALA, Rosário Fernando. O ensino remoto a partir da pandemia, solução para o momento, ou veio para ficar? *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 06, Ed. 05, Vol. 10, pp. 77-96, Mai. 2021. Disponível em <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/partir-da-pandemia>>. Acesso em: 14 jun. 2023.

CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.:1967.

CAZELLI, Sibele. *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?*. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 260, 2005.

CEZAR, Mariana dos. Saberes em relações dialógicas: “não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes”. In: *Pesquisa e Debate em Educação*, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1247 - 1258, jul. - dez. 2020.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. *Cultura com aspas: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. In: NUNES, Edson Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1978.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado de Cultura, 2013.

DUTRA, Paulo Fernando de Vasconcelos. *Educação integral no estado de Pernambuco: uma realidade no ensino médio*. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 98, 2013.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória* [livro eletrônico]. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. ePUB.

FERREIRA, Joacy Gomes. *Museus e imaginação sociológica: perspectivas metodológicas para o ensino de sociologia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio) – Diretoria de Formação e Desenvolvimento Profissional, Fundação Joaquim Nabuco. Recife, p. 124, 2019.

FLORENCIO, Sônia R. Rampim; *et al.* *Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos*. Brasília: IPHAN, 2014.

FLORENCIO, Sônia Regina Rampim. Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. *Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial (org)*. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

FONSECA, Tatiana Cavalcanti; PASTICH, Elizabeth Amaral; SILVA, Héliida Karla Philippin da. *Zonas Especiais de Interesse Social e Meio Ambiente: O Caso de Brasília Teimosa*. Belo Horizonte: V Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. Nov. 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Luís Carlos. Controlar o processo, precarizar o magistério. In: *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GONÇALVES, José Reginaldo S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (org.). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GRUPO JCPM. *Relatório de Ações Sociais do Grupo JCPM e Shoppings Administrados*. Recife: JCPM, 2021.

GRZYBOWSKI, Lurdes; DOURADO, Ana Cristina Dubeux. *Brasília Teimosa: Projeto Escola Z1*. – 2ª ed. – Recife: Liber, 1989. 86 p:Il.

HEITOR, Gleice Kelly. Resistência e re-significação da luta pela cidade na experiência do Museu da Beira da Linha do Coque (PE). In: *NAVA*. v. 3: n. 2, fevereiro-julho: 2018 p. 115-134.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/ou como educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

\_\_\_\_\_. *Antropologia: para que serve*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). *Inventário Participativo: módulo 1 – Inventário Participativo: Patrimônio, cultura e museus: conceitos e práticas*. [s.l.]: [s.n.], 2020a.

\_\_\_\_\_. *Inventário Participativo: módulo 2 – Inventário Participativo: metodologias de identificação, registro e difusão do patrimônio cultural*. [s.l.]: [s.n.], 2020b.

\_\_\_\_\_. *Para fazer uma exposição. Módulo 2 – Pensando a Exposição*. [s.l.]: [s.n.], 2020c.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM), ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS IBERO-AMERICANOS. *Pontos de memória: metodologia e práticas em museologia social*. Brasília (DF): Phábrica, 2016.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois: princípios, ações e resultados da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial do Brasil (2003-2010)*. Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Brasília-DF, 2016.

\_\_\_\_\_. *Educação Patrimonial: orientações ao professor*. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN); TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). *Educação patrimonial: educação, memórias e identidades*. João Pessoa: IPHAN, 2013.

\_\_\_\_\_. *Educação patrimonial: diálogos entre escola, museu e cidade*. João Pessoa: IPHAN, 2014.

KUENZER, Acacia Zeneida. Trabalho e escola: a flexibilização do ensino médio no contexto do regime de acumulação flexível. In: *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n°. 139, p.331-354, abr.-jun., 2017.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público*. Londrina: Editora Planta, 2004.

LÉLIS, Carmen; MENEZES, Hugo. *Deveras, a arte teimosa na Brasília*. Recife: FUNDARPE, Secretaria de Cultura de Pernambuco, 2021.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. São Paulo: Ubu editora, 2018.

MARTINS, Maria Eduarda A. L.; et al. *#Educaestuários*. Recife: EDUFRPE, 2016.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos: seleções de textos de José Arthur Giannotti*. 3ªed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MELO, Patricia Bandeira de; MOURA, Tatiane Oliveira de Carvalho. Perspectiva etnográfica como proposta de metodologia de ensino de sociologia. In: *Revista Portuguesa de Educação*, 2017, 30(1), pp. 107-133.

MELLO, Vitor Rebello Ramos. *Memórias repentinas: a construção poética do Nordeste pelos repentistas da Feira de São Cristóvão (RJ)*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 211, 2012.

MELLO, Nadja Tenório Pernambucano de; SANTOS, Veronilda Barbosa dos (Orgs.). *Para ler o seu bairro*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2018.

MIZIARA, Rosana. Experienciar museus: um olhar sobre o Museu da Pessoa. In: *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*. São Paulo, SESC, n° 2, p.232-248, 2016.

MONTEIRO, Maria Carolina Maia. *Passeio em Brasília Teimosa: o jogo como ferramenta para construção de identidades*. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Design – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 100, 2012.

MORAES, Rayanne Mayara Gomes de. *Direito à moradia: um estudo acerca da possibilidade de regularização fundiária em Brasília Teimosa*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 56, 2017.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; FILHO, Vagner Silva Ramos. Afinal, o que é patrimônio? Conceitos e suas trajetórias. Aula 1, p. 1-16. In: NETTO, Raymundo; HOLANDA, Cristina (coords.). *Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Universidade Aberta do Nordeste, 2020.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, v. 39, nº 1, 1996.

PEREIRA, André de Queiroz. *Meu mundo na sala de aula: o uso da cartografia social para o ensino de sociologia*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio) – Fundação Joaquim Nabuco. Recife, p. 129, 2016.

PEREIRA, Edmilson; MELLO, Vitor R. Ramos. Construindo saberes, compartilhando memórias: o projeto de educação patrimonial do CAp-UFRJ. *Revista Perspectivas em Educação Básica*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 179-195, 2021.

PERNAMBUCO. *Decreto nº 1889 de 21 de janeiro de 1970. Cria o Ginásio Estadual João Bezerra e dá outras providências*. Diário Oficial do Estado de Pernambuco. CEPE Editora: Recife, 23 de jan. 1970, p. 661.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. *Currículo de Pernambuco Ensino Médio 2021*. Recife: 2021.

PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (Org.). *Cadernos do Patrimônio Cultural: educação patrimonial*. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

RECIFE. *Lei complementar nº2, de 23 de abril de 2021. Institui o Plano Diretor do Município do Recife, revogando a Lei Municipal nº 17.511, de 29 de dezembro de 2008*. Recife: Câmara Municipal do Recife, 2021. Lei Complementar nº2, de 23 de abril de 2021.

RIBEIRO, Maria das Graças; FRUCCHI, Graciela. Mediação – a linguagem humana dos museus. In: MASSARANI, Luísa (org.) *Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Casa Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2007.

RUSSI, Adriana; ABREU, Regina. “Museologia colaborativa”: diferentes processos nas relações entre antropólogos, coleções etnográficas e povos indígenas. In: *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 25, n. 53, p. 17-46, jan./abr. 2019.

SÁEZ, Oscar Calavia. *Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em Antropologia*. 1ª edição. Ilha de Santa Catarina/ Florianópolis: edição do autor, 2013.

SALES, Raissa Gomes de. *Paisagem Teimosa: a construção social da Brasília recifense e a (r)existência do seu amanhã*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 370, 2017.

SANTIAGO, Eliete; NETO, João Batista. Formação de professores e prática pedagógica na perspectiva freireana. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 127-141, jul./set. 2016.

SANTOS, Bruno Alison dos; FREIRE, Eleta de Carvalho. *Brasília Teimosa bairro educador: contribuições da educação não formal ao processo de escolarização de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p. 25, 2018.

SANTOS, Klyvia Leuthier dos. *CAPIBARIBEXp: uma experiência imersiva gamificada no desenvolvimento de um game educacional sobre água*. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional em Ensino das Ciências Ambientais) – Centro de Biociências, Universidade de Pernambuco. Recife, p. 70, 2020.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E ESPORTES DO ESTADO DE PERNAMBUCO. *Relatório anual de indicadores 2021 – lei de responsabilidade educacional*. Recife: [s/d.], 2021. Disponível em: < <https://portal.educacao.pe.gov.br/wp-content/uploads/2023/08/RAI-2021.pdf> >. Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA, Katharine Ninive Pinto; SILVA, Jamerson Antonio de Almeida da. Trabalho docente e educação integrada nas escolas técnicas estaduais de Pernambuco. In: *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, nº 65, p. 237-247, jul./set. 2017.

SILVA, Lourrane; SALES, Giovanna. *Estudo do Museu Cais do Sertão*. Recife, 2017. Disponível em <[https://issuu.com/gio193/docs/cais\\_do\\_sert\\_o](https://issuu.com/gio193/docs/cais_do_sert_o)>. Acesso em: 23 out. 2023.

SILVA, Oswaldo Pereira da. *Histórias da Brasília Teimosa*. Recife: Centro Educacional Profissionalizante do FLAU, 2017.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Educação Patrimonial e Políticas de Escolarização no Brasil. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 467-489, abr./jun. 2016.

SIMÕES, Ângela Cristina; GOMES, Darcilene Cláudio. Formas de contratação dos professores da rede estadual de ensino em Pernambuco (2000-2020). In: *Caderno de Resumos da XVIII Jornada de Iniciação Científica da Fundação Joaquim Nabuco*, Recife, FUNDAJ. p. 32-35, 2021.

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). \_\_\_\_\_. *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Emanuel Oliveira (Orgs.). *Educação patrimonial: práticas e diálogos interdisciplinares*. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2017.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro. Zahar, 1981.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/Dialogicidade. In: STRECK, Danilo R [et al.] (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, [2008].

## JORNAIS IMPRESSOS E SITES

ABC DA CANA. *Cargocollective.com/jonathasdeandrade*. Disponível em: < <https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/ABC-da-cana> >. Acesso em: 30 mar. 2024.

BARRETA In: *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. CDROM: Editora Objetiva Ltda, 2009.

BORA PRA LÁ COMIGO, 2015 Disponível em: < <https://www.borapralacomigo.com.br/2015/01/cais-do-sertao-recife.html> >. Acesso em: 17 dez. 2023.

DA LAMA AO CAOS. *Gov.br/fundaj*, 2021. FUNDAJ. Disponível em: < <https://www.gov.br/fundaj/pt-br/composicao/dimeca-1/museu-do-homem-do-nordeste-1/lista-dos-objetos/28-da-lama-ao-caos> >. Acesso em: 30 mar. 2024.

CATÁLOGO NACIONAL DE CURSOS TÉCNICOS (CNCT). Ministério da Educação. Disponível em: < <http://cnct.mec.gov.br/> >. Acesso em: 30 mar. 2024.

DIEZ países representados en seminario de pesca artesanal. *La Nación*, Santiago de Chile, año LXX, nº 22761 – 2ª edición, 13 de octubre de 1986.

EDUCAÇÃO INTEGRAL. Pernambuco: uma referência para a educação integral no ensino médio. *EducacaoIntegral.org.br*. Disponível em: < <https://educacaointegral.org.br/experiencias/pernambuco-referencia-para-educacao-integral-ensino-medio/> >. Acesso em: 31 out. 2023.

FIGUEIREDO, Flávio. ETE Cabanga – 112 anos de história. *Folha de Pernambuco*. Recife. 27 de dezembro de 2022. Opinião. Disponível em: < <https://www.folhape.com.br/noticias/ete-cabanga-112-anos-de-historia/251720/> >. Acesso em: 8 mai. 2023.

GASPAR, Lúcia. *Brasília Teimosa*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. 2011. Disponível em: < <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/brasilia-teimosa-bairro-recife/> >. Acesso em: 6 fev. 2025.

INSTITUTO BIÓICOS. *Bióicos.org*, 2023. Estuários: o que tenho a ver com isso. Disponível em: < <https://www.bioicos.org.br/post/estuarios-o-que-eu-tenho-a-ver-com-isso> >. Acesso em: 10 abr. 2023.

JORDÃO, Fred. *Museu Cais do Sertão*, [s/d]. Disponível: < <http://fredjordao.com.br/content/museu-cais-do-sertao-1/> >. Acesso em: 17 dez. 2023.

MAMULENGO. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo14369/mamulengo> >. Acesso em: 04 de abril de 2024.

MUSEOLOGIA SOCIAL. *Gov.br/museus*, 2019. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM) Disponível em: < <https://www.gov.br/museus/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programa-saber-museu/temas/museologia-social> >. Acesso em: 28 de ago. 2023.

LACERDA, Ângela. O rei dos shopping centers do Nordeste. *Estadão*, São Paulo, 05 abr. 2010. Disponível em: < <https://www.estadao.com.br/economia/o-rei-dos-shopping-centers-do-nordeste/> >. Acesso em: 21 jul. 2023

MUSEU DA PESSOA. MUSEUDAPESSOA.ORG, 2019, Coleção Recife-Memórias compartilhadas. Disponível em: < <https://museudapessoa.org/colecao-detalle/?id=330> >. Acesso em: 16 nov. 2023.

PROFESSOR chegou a lecionar 5 matérias ao mesmo tempo. *Folha de São Paulo*, 05 set. 2010. Cotidiano. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0509201003.htm> >. Acesso em: 12 nov. 2023.

PROJETO da Prefeitura do Recife prevê revitalização da orla; confira as mudanças propostas. Portal *Folha de Pernambuco*, Recife, 18 mai. 2023. Disponível em: < <https://www.folhape.com.br/noticias/projeto-da-prefeitura-do-recife-preve-revitalizacao-da-orla-confira/271318/> >. Acesso em: 11 out. 2023.

VASCONCELOS, Leonardo. Curtir o pôr do sol no Deck Pina Bar. *Jornal do Comércio*. 11 de junho de 2021. Recife. Disponível em: < <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/turismo-de-valor/2021/06/12132121-curtir-o-por-do-sol-no-deck-pina-bar.html> >. Acesso em: 03 dez. 2023.

## FILMES, VÍDEOS, CANÇÕES E REPORTAGENS AUDIOVISUAIS

“BANHO DE CHOQUE”: O DESCONHECIDO PATRIMÔNIO DE BRASÍLIA TEIMOSA. Marília Parente. Leia Já, 2019. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=Q8\\_qVmbzTRA](https://www.youtube.com/watch?v=Q8_qVmbzTRA) >. Acesso em: 28 mar. 2024.

BRASÍLIA TEIMOSA, A RESISTENTE. Mariana Fabrício. Diário de Pernambuco TV, 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rWo8xTjZSRE&t=4s> >. Acesso em: 27 mar. 2024.

BRASÍLIA TEIMOSA – PARTE 2 DE 3. RBC News/ Rede Brasil Oficial. 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qffNSGtV-ww&t=79s> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

CONHECENDO MUSEUS – Série 1 – Museu da Maré. Direção: João Carlos Landi Guimarães. Fundação José de Paiva Netto, 2010. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=TVHrrtM9UD0> >. Acesso em: 19 nov. 2023.

DOIS RIOS. Hugo Leonardo. UNINASSAU, 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GdpNyBpXUqo> >. Acesso em: 04 abr. 2024.

GUIA GASTRONÔMICO BRASÍLIA TEIMOSA – BAR DO CABO. . Prefeitura do Recife, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qSPDXmVyHqw> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

GUIA GASTRONÔMICO BRASÍLIA TEIMOSA – BAR DO SAMURAY. Prefeitura do Recife, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=vmNj3QHYHyo> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

GUIA GASTRONÔMICO BRASÍLIA TEIMOSA – BARRACA DA NI. Prefeitura do Recife, 2020. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=FWBDpwL3\\_TM](https://www.youtube.com/watch?v=FWBDpwL3_TM) >. Acesso em: 28 mar. 2024.

GUIA GASTRONÔMICO BRASÍLIA TEIMOSA – CALDINHO DO CHINA. Prefeitura do Recife, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7oEbq39Lmaw> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

GUIA GASTRONÔMICO BRASÍLIA TEIMOSA – IMPÉRIO DOS CAMARÕES. Prefeitura do Recife, 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3uludisFVpo> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

GUIA GASTRONÔMICO BRASÍLIA TEIMOSA – QUIOSQUE 9. Prefeitura do Recife, 2020. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=BxiczxUz1\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=BxiczxUz1_g) >. Acesso em: 28 mar. 2024.

GUIA GASTRONÔMICO BRASÍLIA TEIMOSA – VIEIRA BAR E RESTAURANTE. Prefeitura do Recife, 2020. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=IjiNQ2\\_9Ly8](https://www.youtube.com/watch?v=IjiNQ2_9Ly8) >. Acesso em: 28 mar. 2024.

HISTÓRIAS QUE INSPIRAM. Valéria Fagundes. Secretaria Executiva de Educação Integral e Profissional do Governo do Estado de Pernambuco, 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=G8KimEwZTc8> >. Acesso em: 19 nov. 2023.

LULA PELO BRASIL: BRASÍLIA TEIMOSA. Partido dos Trabalhadores, 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=b4iKcv9TGp4&t=1s> >. Acesso em: 19 nov. 2023.

MICHAEL JACKSON DO UBER FAZ SUCESSO EM BRASÍLIA TEIMOSA. Reportagem: Lorena Barros/ Diário de Pernambuco, 2017. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YdSW-lNcZw8&t=5s> >. Acesso em: 19 nov. 2023.

PAQUITO; GENTIL, Romeu. *Daqui não saio*. Vocalistas Tropicais. Rio de Janeiro: Star, 1949. LP.

PALAFITAS VOLTAM A FAZER PARTE DA PAISAGEM DO RECIFE. Felipe Vieira. JCTV/ Jornal do Comércio, 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Z0XGBE8F5aU&t=2s> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

PÉ NA RUA: MICROFONE ABERTO EM BRASÍLIA TEIMOSA. Andrea Ferraz. Ateliê Produções, 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ig4eWXye7ug> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

RECIFE 16:9. Laboratório de Imagem e Som da UFPE, 2014. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ouaAQn2Kn78&t=7s> >. Acesso em: 19 nov. 2023.

RECIFE, ALÉM DOS MUROS – ZONAS ESPECIAIS DE INTERESSES SOCIAIS (ZEIS). Tânia Passos. Diário de Pernambuco TV, 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=zWZoBx8riz8&t=1s> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

SEM DESTRUIÇÃO - #CARANGUEJORESISTE. Grupo AdoleScER da Comunidade Caranguejo/Tabaiaras/ Coquevídeo da Comunidade do Coque, 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=pcgUZqfuTpk> >. Acesso em: 28 mar. 2024.

VT PERIFERIA BRASÍLIA TEIMOSA. SBT, 2011. Disponível em: <  
<https://www.youtube.com/watch?v=jiSn8DMdRcQ&t=166s>>. Acesso em: 19 nov. 2023.

## APÊNDICE 1

		<b>EREM João Bezerra</b> Data: / / 2021	Série/ano 1
Professor: Vitor	Disciplina: Memórias de Brasília Teimosa		Turma: D
Estudante:	Questionário		

### CRONOGRAMA DE AULAS

Aula	Data	Bim.	Bloco	Título
1	20/8	3º	I. Primeiras conversas	Apresentação
2	27/8	3º	I. Primeiras conversas	Conhecendo museus
3	03/9	3º	I. Primeiras conversas	Grupos de trabalho
4	10/9		I. Primeiras conversas	Como se organiza uma exposição?
	17/9	3º	SIMULADO	SIMULADO
5	24/9	3º	II. Encontros e trabalhos de campo	1ª Entrevista: vida de pescador
6	01/10	4º	II. Encontros e trabalhos de campo	(Re)conhecendo Brasília Teimosa
7	08/10	4º	II. Encontros e trabalhos de campo	Museu ao vivo e a cores.
	15/10/	4º	FERIADO	FERIADO
8	22/10	4º	II. Encontros e trabalhos de campo	Avaliação do processo
9	29/10	4º	II. Encontros e trabalhos de campo	2ª Entrevista: Vida no mangue
10	05/11	4º	III. Organizando a exposição	Elaboração da exposição
11	12/11	4º	III. Organizando a exposição	Grande Encontro: EREM João Bezerra
12	19/11	4º	III. Organizando a exposição	Montagem da Exposição
13	26/11	4º	III. Organizando a exposição	Montagem da Exposição
14	02/12		IV. Culminância	Inauguração da exposição

Avaliação parcial

## APÊNDICE 2

		EREM João Bezerra Data: / / 2021
Professor: Vitor	Disciplina: Memórias de Brasília Teimosa	
Estudante:	Turma: D	
		Questionário

### MEMÓRIAS DE BRASÍLIA TEIMOSA: INVESTIGAÇÃO PRELIMINAR SOBRE OS ESTUDANTES DA TURMA 1D, DO EREM JOÃO BEZERRA.

#### Nota explicativa.

Prezado estudante da turma **1D do EREM João Bezerra**. Nossa disciplina eletiva consistirá na realização de uma exposição museológica sobre o bairro de Brasília Teimosa. Para tanto, vamos focar nas memórias de moradores antigos e eventuais representantes das instituições do bairro, como nossa própria escola. **Vocês são importantíssimos** neste processo, pois serão os agentes de investigação dessas memórias. Desta maneira, este questionário tem como objetivo conhecê-los um pouco melhor, para que possamos elaborar juntos estratégias de pesquisa mais eficientes. Nenhuma questão é obrigatória.



#### Questão 1: Onde você mora?

- (...) Brasília Teimosa  
 (...) Bode  
 ( ) Beira Rio  
 ( ) Pina  
 ( ) Outros. Qual lugar?

---

#### Questão 2: Há quanto tempo sua família mora nesta localidade? Vocês já moraram em outros bairros ou cidades? Onde?

---



---



---



---

#### Questão 3): Quais as profissões dos seus responsáveis?

---



---



---

#### Questão 4: Conhece alguém que possa nos contar como era a vida em Brasília Teimosa e seu entorno antigamente? Quem? Por quê?

---



---



---



---



---



---

#### Questão 5: Conhece algum(a) pescador(a), marisqueiro(a), catador de caranguejo(a), barraqueiro de praia ou alguém que trabalhe/ conviva diretamente com o meio ambiente do entorno da escola, como a praia e o mangue? Qual sua relação com ele(a)?

---



---



---



---



---

## APÊNDICE 3

 PERNAMBUCO	 EREM João Bezerra Data: 22/10/21	Série/ano 1º
Professor: Vitor	Disciplina: Memórias de Brasília Teimosa	Turma: 1D
Estudantes:	<b>Avaliação</b>	

### Avaliação parcial (em dupla)

**Questão 1:** Observem algumas definições de museu realizadas por vocês no princípio do 2º semestre:

- i) "Um museu é local onde tem coisas antigas".
- ii) "Eles (museus) servem para guardar informações, história, cartas, materiais de um lugar".
- iii) "O museu é um local onde é exibido acervos ou objetos que nos traz conhecimento sobre o passado que nós não sabia como cultura e como o lugar que nós moramos".

Com base em tudo o que foi feito, debatido e realizado em nosso projeto, até o presente momento, **reelaborem** uma definição de museu e outra sobre exposição museológica, mais adequadas com o que aprendemos.

*O museu é um local onde são guarda  
 os objetos que faz parte da história  
 na intenção de nós entender como era  
 na qual tempo, exposição faz parte  
 do museu e onde é mostrada aquela  
 história um fato que o museu organiza*

**Questão 2:** Realizem um resumo em 10 tópicos da visita guiada que fizemos por Brasília Teimosa. Que lugares visitamos? Que histórias ouvimos? Que conhecimentos compartilhamos? O que aprendemos? O que ensinamos?

---



---



---



---



---

## APÊNDICE 4

GERÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO RECIFE SUL

Secretaria de Educação e Esportes

PERNAMBUCO  
ESTADO DE PELO LADO

GRE RECIFE SUL



# VI EXPO PEDAGÓGICA

## EDIÇÃO 2021

### PROJETO EXPOGRÁFICO MEMÓRIAS DE BRASÍLIA TEIMOSA

#### EREM JOÃO BEZERRA - PROFº VITOR REBELLO RAMOS MELLO

Com os estudantes: Adrian Carlos Barros Caetano Ferreira, Alex Assis de Souza Silva Junior, Ana Beatriz Conceição do Nascimento e Luana Maria Apolônio Da Silva

#### Resumo

Este projeto consiste na elaboração, dentro do espaço escolar, de uma exposição de caráter museológico sobre o bairro de Brasília Teimosa, Recife, tomando como base as memórias dos habitantes e frequentadores antigos da comunidade. Esta proposta vem sendo desenvolvida através de uma disciplina eletiva no segundo semestre de 2021, com aproximadamente 30 estudantes do 1º ano do ensino médio da Escola de Referência em Ensino Médio João Bezerra.

#### Justificativa

Necessidade de se estabelecer "intimidade" entre os saberes curriculares e a experiência social dos indivíduos. Construção de uma educação estimulante, portanto, transgressora, visto que o entusiasmo, tradicionalmente, não costuma fazer parte do contexto educacional. Os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais. A interdisciplinaridade rompe com a separação epistemológica em áreas distintas do saber.






#### Objetivos

- Elaborar uma exposição museológica sobre o tema "Memórias de Brasília Teimosa".
- Construir e coletar acervo material para a exposição.
- Perceber a memória social como elo entre as gerações e os saberes/fazeres locais como patrimônio cultural da comunidade.
- Identificar as contradições sociais existentes dentro da própria comunidade e em relação aos bairros vizinhos.
- Estimular o pertencimento sobre o território, procurando compreender sua história singular de luta pelo estabelecimento das moradias.
- Desenvolver empatia em relação aos moradores locais e sua relação com o meio ambiente.

#### Metodologia

1. Museologia: Aprendizados da linguagem museológica e da produção de exposições.
2. Rodas de Conversa: Registro de depoimentos de representantes da comunidade para constituição do acervo.
3. Trabalhos de Campo: Saídas pedagógicas a locais de interesse e produção de registros imagéticos.

#### Resultados

Por meio de avaliação escrita e oral, percebeu-se que todos os objetivos foram atingidos, com exceção da realização da exposição, não acontecida devido à irregularidade do calendário, imposta pela pandemia da covid-19.

#### Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FLORÊNCIO, Sônia R. Rampim. Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S (org.). Cadernos do patrimônio cultural: educação patrimonial. Fortaleza: Secultfor: Iphan, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.








## APÊNDICE 5

				Av. Afonso Olindense, 1513 Várzea   Recife-PE CEP: 50.810-000 Fone: (81) 3183.8203	
<b>ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOÃO BEZERRA</b>			Data: / / 2022	Série/ano: 2º	
Professores: Vítor e Iane		Disciplina: Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola			Turma:
Aluno(a):				Ficha: 01	

**MARCO ZERO: APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA.**

**Resumo:**

Este projeto de educação patrimonial consiste em se trabalhar conhecimentos museológicos e antropológicos dentro e fora da escola, no formato de uma disciplina eletiva oferecida a 45 estudantes do 2º ano do E.M.

**Objetivos:**

- Elaborar uma exposição de caráter museológico sobre o bairro de Brasília Teimosa dentro da escola.
- Articular os saberes formais e não formais dentro e fora do ambiente escolar.
- Conhecer e compreender as características de diferentes instituições de preservação do patrimônio cultural.

**CRONOGRAMA DE AULAS**

Aula	Data	Bim	Bloco	Título
1	08/03	1º	I. Primeiras conversas: a fase teórico-intelectual.	Marco zero: apresentação a disciplina.
2	15/03	1º	I. Primeiras conversas: a fase teórico-intelectual.	Conhecimentos antropológicos na ordem do dia.
3	22/03	1º	I. Primeiras conversas: a fase teórico-intelectual.	Conhecimentos museológicos em exposição.
4	29/03	1º	II. Preparando o campo.	Brasília Teimosa, a resistente.
5	05/04	1º	II. Preparando o campo.	<b>Trabalho de campo (TC):</b> Ouvir, olhar e escrever: exercício etnográfico no Sítio Histórico de Olinda.
6	12/04	1º	II. Preparando o campo.	<i>Anthropological frevo-blues. Avaliação parcial.</i>
7	19/04	1º	III. Investigando o campo.	<b>TC:</b> A gastronomia de pescados de Brasília Teimosa.
8	26/04	2º	III. Investigando o campo.	Antropologia de gabinete: registrando o campo.
9	03/05	2º	III. Investigando o campo.	<b>TC:</b> No tempo das palafitas.
10	10/05	2º	III. Investigando o campo.	Vida no mangue.
11	17/05	2º	IV. Organizando a exposição.	<b>TC:</b> Conhecendo museus: visita ao Museu do Homem do Nordeste (MuHNE).
12	24/05	2º	IV. Organizando a exposição.	Inventário participativo: catalogando o acervo.
13	31/05	2º	IV. Organizando a exposição.	Saber-museu: como montar uma exposição.
14	07/06	2º	IV. Organizando a exposição.	O ofício de museólogo.
15	14/06	2º	IV. Organizando a exposição.	O ofício de museólogo II
16	21/06	2º	IV. Organizando a exposição.	O ofício de museólogo III
17	28/06	2º	V. Exposição/ culminância.	A "dádiva".

**Avaliação:**

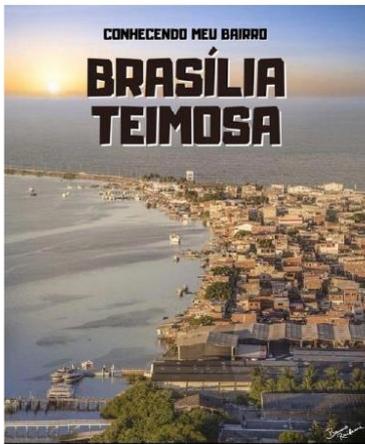
Avaliação diagnóstica; avaliação parcial; produção de *sketchbooks*, produção de um ABC, registros nos diários de campo, participação nas aulas; participação na preparação da exposição e na culminância.

## APÊNDICE 6

Secretaria de Educação e Esportes	 GOVERNO DO ESTADO <b>PERNAMBUCO</b> MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.	 <b>SEIP</b> SECRETARIA DE EDUCAÇÃO	 <b>GRE RECIFE SUL</b> GRUPO DE ESCOLAS RECIFE	Av. Afonso Olindense, 1513 Várzea   Recife-PE CEP: 50.810-000 Fone: (81) 3183.8203	 <b>ETE</b> ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOÃO BEZERRA
---	--	--	--	---	--

<b>ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOÃO BEZERRA</b>	Data: / / 2022	Série/ano: 2º
Professores: Vitor e Iane	Disciplina: Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola	Turma:
Aluno(a):		<b>Avaliação diagnóstica</b>

Conforme explicado, nossa disciplina eletiva consistirá na realização de uma exposição museológica sobre o bairro de Brasília Teimosa. **Vocês são importantíssimos** neste processo, pois serão os agentes de investigação dessas memórias. Desta maneira, este questionário tem como objetivo conhecê-los um pouco melhor, perceber quais suas impressões sobre o bairro e compreender o seu entendimento sobre museus.



**I. Brasília Teimosa**

**Questão 1:** Onde você mora?

(...) Brasília Teimosa  
 (...) Bode  
 ( ) Beira Rio  
 ( ) Pina  
 ( ) Outros. Qual lugar?

---

**Questão 2:** Liste as 5 primeiras palavras que vem à sua mente quando ouve falar em Brasília Teimosa e depois **numere-as** em grau de importância, sendo 1 a mais importante e 5 a menos importante.

---



---



---



---



---

**Questão 3:** O que você sabe sobre a história de Brasília Teimosa?

---



---



---



---



---



**II. Museus**

**Questão 4:** A Região Metropolitana do Recife conta com uma diversidade grande de instituições museológicas: Museu da Cidade do Recife, Museu do Estado, Museu da Abolição, Museu do Homem do Nordeste (MUHNE), Espaço Ciência, Paço do Frevo, Cais do Sertão, Instituto Ricardo Brennand, dentre tantos outros. **Conte-me:** você já visitou algum museu? Qual/quais?

---



---



---



---



---

**Questão 5:** Tendo visitado ou não um museu, é possível que você saiba o que é, de tanto ouvir falar. Desta maneira, **responda** sem consultar: o que é um museu?

---



---



---



---



---

## APÊNDICE 7

	 <p style="font-size: small;">GOVERNO DO ESTADO <b>PERNAMBUCO</b> MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.</p>			Av. Afonso Olindense, 1513 Várzea   Recife-PE CEP: 50.810-000 Fone: (81) 3183.8203	
<b>ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOÃO BEZERRA</b>			Data: / / 2022	Série/ano: 2º	
Professores: Vitor Rebello		Disciplina: Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola			Turma:
Aluno(a):					Ficha: 02

**CONHECIMENTOS ANTROPOLÓGICOS NA ORDEM DO DIA**

A antropologia é a ciência que busca entender como o ser humano pode levar vidas tão diferentes. Entre um inuíte da Groenlândia e um aborígene do deserto australiano há imensas diferenças e uma coisa em comum: ambos são humanos. Essa diversidade estonteante da experiência humana é o objeto principal da antropologia. Podemos dizer que ela se dedica ao estudo da diferença, usando como exemplos as várias formas que as sociedades escolheram para viver e organizar sua coletividade.

Inicialmente, a antropologia se dedicou a entender as sociedades à época chamadas “primitivas”, sociedades não ocidentais, hoje denominadas pelos cientistas de sociedades simples. Durante a segunda metade do século XIX, a expansão do sistema capitalista, na forma do **colonialismo** europeu, levou as sociedades ocidentais a entrar cada vez mais em contato com essas populações em todo o mundo.

**O “ponto de vista” nativo: revolucionando o fazer etnográfico**

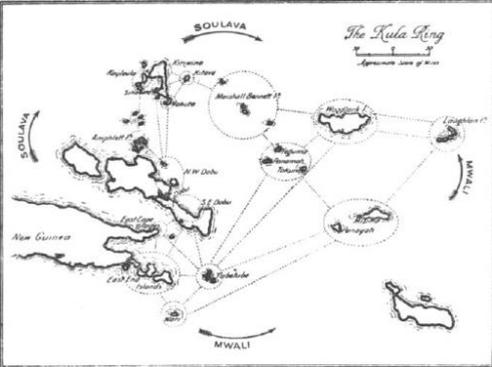
O polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942) foi o primeiro pesquisador a introduzir a **pesquisa de campo** prolongada como parte de investigação etnográfica com os então chamados “povos primitivos”, sociedades pouco conhecidas no ocidente – em seu caso, os habitantes do arquipélago de Trobriand, na Melanésia. Por essa inovação e pela relevância dos resultados que produziu, esta é a pesquisa de campo mais reverenciada da história da antropologia.

A grande inovação de Malinowski no trabalho de campo consistiu na prática do que hoje em dia é chamado de **observação participante**.

As pesquisas de campo anteriores dependiam quase inteiramente de inquéritos realizados com uns poucos informantes bilingües ou de questionários aplicados com auxílio de tradutores. A observação direta do comportamento era breve e superficial, por ser realizada durante visitas de curta duração.

Malinowski alterou essa prática de modo radical, passando a viver o tempo todo na aldeia, afastado do convívio de outros homens brancos e aprendendo a língua nativa. Desse modo, substituiu em grande parte os informantes pela **observação direta**, que só é possível por meio da convivência diária, da capacidade de entender o que está sendo dito e de participar das conversas e dos acontecimentos da vida da aldeia.





**O Kula**

O *Kula* trobriandês é uma forma de troca e tem caráter intertribal bastante amplo; é praticado por comunidades localizadas num extenso círculo de ilhas que formam um circuito fechado. Ao longo dessa rota, artigos de dois tipos – e somente desses dois – viajam constantemente em direções opostas.

No sentido horário, movimentam-se os longos colares feitos em conchas vermelhas, chamados *soulava*. No sentido oposto, movem-se os braceletes feitos de conchas brancas, chamados de *mwali*. Cada um desses artigos, viajando em seu próprio sentido no circuito fechado, encontra-se no caminho com os artigos da classe oposta e a troca é constantemente realizada.

Cada movimento dos artigos do *Kula*, cada detalhe das transações é fixado e regulado por uma série de regras e convenções tradicionais; alguns dos atos do *Kula* são acompanhados de elaboradas cerimônias públicas e rituais mágicos.

**Observação participante**

Em cada ilha e em cada aldeia, um número mais ou menos restrito de homens participa do *kula* – ou seja, recebe os artigos, conserva-os consigo durante algum tempo e, por fim, passa-os adiante. Cada um dos participantes do *Kula* recebe periodicamente (mas não com regularidade) um ou vários *mwali* (braceletes de concha) ou um *soulava* (colar de discos feitos de conchas vermelhas) que deve entregar a um de seus parceiros, do qual recebe em troca o artigo oposto. Assim, ninguém jamais conserva nenhum artigo consigo por muito tempo.

O fato de que uma transação seja consumada não significa o fim da relação estabelecida entre os parceiros: a regra é “uma vez no *Kula*, sempre no *Kula*”. A parceria entre dois indivíduos no *Kula* é permanente, para toda a vida. Os *mwali* e os *soulava* encontram-se sempre em movimento, vão passando de mão em mão, e não há casos em que esses artigos fiquem retidos com um só dono.

O *Kula* é, portanto, uma instituição enorme e extraordinariamente complexa não só em extensão geográfica, mas também na multiplicidade de seus objetivos. Ele vincula um grande número de tribos e abarca em enorme conjunto de atividades inter-relacionadas e interdependentes, formando um todo orgânico.

#### Anotações etnográficas para o trabalho de campo

O **caderno de campo** é o principal companheiro nas observações de um grupo cultural. Mas, ele não é um caderno comum de anotações, pois as anotações etnográficas não são como as que fazemos cotidianamente.



O propósito das anotações etnográficas é explicar tanto aquilo que parece óbvio quanto aquilo que chama a atenção por ser diferente. Por meio desse processo, os elementos de uma cultura são colocados em evidência e desnaturalizados, passando a ser vistos não como naturais, necessários, mas como apenas mais uma possibilidade dentre muitas. O caderno de campo deve ser escrito pelo pesquisador registrando tantos os fatos objetivos quanto suas percepções, ideias, emoções.

#### Dicas para registro etnográfico

- i. **Utilize** um caderno exclusivo, pois isso propicia que todas suas anotações sejam facilmente encontradas em um único lugar, facilitando sua organização.

- ii. Mesmo que você tenha um *smartphone* ou algo semelhante, papel, caneta e lápis ainda são a melhor opção para garantir a realização do trabalho. Já **imaginou** se o seu celular fica sem bateria?
- iii. **Lembre-se** sempre de registrar, no início de cada anotação, algumas informações que o ajudem a lembrar e localizar sua observação no tempo e no espaço, como local, data e horário.
- iv. As anotações **devem ser feitas**, dentro do possível, durante a observação ou imediatamente após. É fundamental não deixar passar muito tempo entre a observação e as anotações, para garantir sua percepção “fresca” na memória e suas anotações com o máximo de detalhes possíveis.
- v. **Complemente**, se quiser, suas anotações com desenhos, esquemas e croquis. **Fotografe** o que julgar interessante em momentos oportunos, sempre com a autorização dos sujeitos pesquisados.
- vi. Na medida em que você observar, procurando descrever o campo, também vai fazer análises automáticas sobre aquilo que estiver vendo, e muitas questões podem surgir em sua mente. É importante que essas questões também **sejam** anotadas. **Escreva** tudo o que lhe vier à cabeça, junto com a descrições.
- vii. **Preste** atenção especial aos objetos, ao espaço, às palavras utilizadas pelo grupo estudado para se comunicar (entre si e com os demais), e também à forma como as pessoas fazem as tarefas do cotidiano – vestir-se, comer, deslocar-se etc. Conversas informais ocorridas durante sua observação, quer envolvam você, quer não, podem ser fontes importantes para entender a lógica interna daquele grupo. **Faça** sua descrição da melhor forma possível – mesmo que ela ainda não seja o texto final de sua análise etnográfica.

#### Familiarizar o estranho, estranhar o familiar

Em geral, admite-se que, desde os tempos de Malinowski até os atuais, a antropologia em muito se alterou. Seu campo de estudo transpôs-se também para sociedades complexas e os pesquisadores passaram a estudar grupos pertencentes a sua própria sociedade. Contudo, muitos dos pressupostos antigos são mantidos contemporaneamente.

O estranhamento daquilo que é familiar ao pesquisador é uma das etapas mais difíceis dos estudos em **Antropologia Urbana**. O ato de se colocar no lugar do “outro”, desenvolver uma atitude de estranhamento de diversos fenômenos observados na cultura estudada se torna mais custoso quando tal cultura é familiar ao pesquisador. Além disso, a compreensão do espaço na cidade demanda um treino do olhar, uma vez que, enquanto seus habitantes, estamos continuamente sujeitos aos estímulos da metrópole. Portanto, o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações.

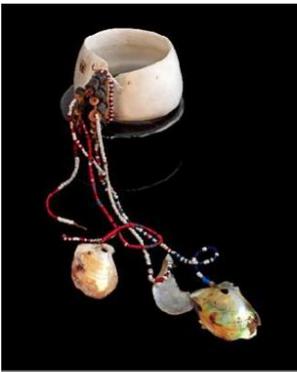
## APÊNDICE 8

				Av. Afonso Orlindense, 1513 Várzea I Recife PE CEP: 50.810-000 Fone: (81) 3183.8203	
<b>ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOÃO BEZERRA</b>				Data: / / 2022	Série/ano: 2º
Professores: Vitor Rebello		Disciplina: Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola			Turma:
Aluno(a):					Ficha: 03

**Kula Pedagógico: cronograma executivo**

O Kula Pedagógico consiste em uma atividade lúdica de produção coletiva de *sketchbooks* (cadernos de rascunho), em sistema de rodízio entre os estudantes. Inspirada no sistema de trocas simbólicas dos habitantes das Ilhas Trobriand, descrito pelo antropólogo Bronislaw Malinowski no início do século XX, nosso trabalho consiste em registrar anotações escritas e ilustradas sobre o andamento de nossas aulas. Ao final do rodízio, teremos dois cadernos bem diferentes uns dos outros, que farão parte da nossa exposição museológica.

Confira o rodízio e não deixe passar sua vez, caso contrário, todos os alicerces do nosso trabalho podem desandar de vez.

Sem.	Data	Caderno 1: Soulava (A e C; B e D)	Turma	Caderno 2: Mwali (D e B; C e A)	Turma
1	22/03	Antônio Kauã; Arthur Rosa; Gabrielle Dantas e Itauana Tainá.	2A	Yuri Henrique; Thayane Gabriele; Thais Kaylanny e Renata Rodrigues.	2D
2	29/03	João Victor Barros; Luiz Fernando; Rayssa da Silva e Vinicius Lira.	2A	Pedro Henrique Batista; Pedro Henrique Alves; Naira Feitosa e Michel Igor.	2D
3	05/04	Yan Pedro; Heverton Verissimo; Jessily Roberta e Júlia Gabrielle.	2A/2C	Larissa Ferreira; Brenda Mirella; Adrian Carlos e Mayara Laurinda.	2D/2B
4	12/04	Leticia Victoria; Lorena Gabriela; Luan Maia e Luiz Miguel.	2C	Marlon Ferreira; Kaylla Cruz; Júlia Karen e Guilherme Heitor.	2B
5	19/04	Maria Aparecida; Marlos Brehno; Matheus Gomes e Matheus Henrique.	2C	Felipe da Silva; Andrely Larissa; Ana Clara Gomes e Ana Aymée.	2B
6	26/04	Melissa Bruna; Ricardo De Lima e Sebastiao Davi e Wemerson Dimas.	2C	Alana Maria; Wemerson Dimas e Sebastiao Davi e Ricardo De Lima.	2B/2C
7	03/05	Alana Maria; Ana Aymée e Ana Clara Gomes.	2B	Melissa Bruna; Matheus Henrique e Matheus Gomes.	2C
8	10/05	Andrely Larissa; Felipe da Silva; Guilherme Heitor.	2B	Marlos Brehno; Maria Aparecida e Luiz Miguel.	2C
9	17/05	Júlia Karen; Kaylla Cruz e Marlon Ferreira.	2B	Luan Maia; Lorena Gabriela e Leticia Victoria.	2C
10	24/05	Mayara Laurinda; Adrian Carlos e Brenda Mirella.	2B/2D	Júlia Gabrielle; Jessily Roberta e Heverton Verissimo	2C
11	31/05	Larissa Ferreira; Michel Igor e Naira Feitosa.	2D	Yan Pedro; Vinicius Lira e Rayssa da Silva	2A
12	07/06	Pedro Henrique Alves, Pedro Henrique Batista e Renata Rodrigues.	2D	Luiz Fernando; João Victor Barros e Itauana Tainá.	2A
13	14/06	Thais Kaylanny, Thayane Gabriele e Yuri Henrique	2D	Gabrielle Dantas; Arthur Rosa e Antônio Kauã;	2A

## APÊNDICE 9

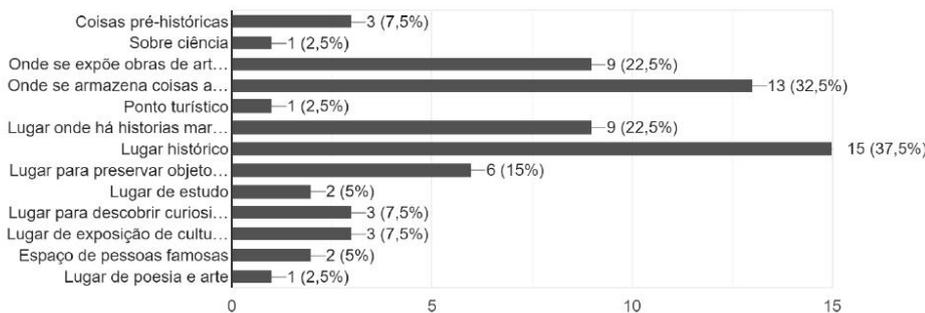
 Secretaria de Educação e Esportes	 <b>PERNAMBUCO</b> <small>GOVERNO DO ESTADO</small> <small>MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.</small>	Av. Afonso Olindense, 1513 Várzea   Recife-PE CEP: 50.810-000 Fone: (81) 3183.8203	 <b>ETE</b> <small>ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL</small> <b>JOÃO BEZERRA</b>
ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOÃO BEZERRA		Data: / / 2022	Série/ano: 2º
Professores: Vitor	Disciplina: Saber-Museu: saberes e fazeres museológicos na escola		Turma:
<b>CONSULTA</b>			

Prezado estudante,

Agora que nossa disciplina chegou ao fim, gostaria de contar com sua colaboração para verificar o que você aprendeu ao longo dos meses e o que achou do trabalho. Por favor, responda esta avaliação da melhor forma possível. Não se preocupe com nota, pois nada será contabilizado a partir deste documento. Literalmente, é para o meu TCC.

1. O gráfico a seguir representa as respostas escritas por vocês no início do ano a respeito dos museus. **Observe:**

Museu é...  
40 respostas



Resposta	Quantidade	Porcentagem
Coisas pré-históricas	3	7,5%
Sobre ciência	1	2,5%
Onde se expõe obras de art...	9	22,5%
Onde se armazena coisas a...	13	32,5%
Ponto turístico	1	2,5%
Lugar onde há historias mar...	9	22,5%
Lugar histórico	15	37,5%
Lugar para preservar objeto...	6	15%
Lugar de estudo	2	5%
Lugar para descobrir curiosi...	3	7,5%
Lugar de exposição de cultu...	3	7,5%
Espaço de pessoas famosas	2	5%
Lugar de poesia e arte	1	2,5%

Agora que fechamos a disciplina, como você **definiria** um museu?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2. No dia 24 de maio visitamos o Museu do Homem do Nordeste. **Assinale** a alternativa que corresponde ao tipo de museu que aquela instituição corresponde:

( ) Museu Histórico  
 ( ) Museu de Arte  
 ( ) Museu de Ciência  
 ( ) Museu Antropológico/ Etnográfico

( ) Museu Militar

3. **Correlacione** os termos aos seus respectivos significados:

a) Exposição  
 b) Acervo  
 c) Mediação  
 d) Museu  
 e) Pesquisa

( ) É uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. Sua forma e suas funções variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração.

( ) Esta prática constitui ao conjunto de atividades intelectuais e de trabalhos que têm como objeto a descoberta, a invenção e o progresso de conhecimentos novos ligados às coleções das quais ele se encarrega ou às suas atividades. Consiste na exploração de domínios previamente definidos, tendo em vista o avanço do conhecimento que possuímos e a ação que se pode exercer sobre esses domínios.

( ) Compreende o conjunto de bens culturais, de caráter material ou imaterial, móvel ou imóvel, que integram o campo documental de objetos/documentos que corresponde ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e comunicação de um museu.

( ) Este termo significa tanto o resultado da ação de expor, quanto o conjunto daquilo que é exposto e o lugar onde se expõe. Ela pode ser organizada em um lugar fechado, mas também a céu aberto (parque ou rua) ou in situ, isto é, sem deslocar os objetos (como no caso de sítios naturais, arqueológicos ou históricos). Como o resultado da ação de expor, ela apresenta-se atualmente como uma das principais funções do museu, fazendo parte da função mais geral de comunicação do museu, que compreende igualmente as políticas educativas e de publicação.

( ) O termo designa essencialmente toda uma gama de intervenções realizadas no contexto museal, com o fim de estabelecer certos pontos de contato entre aquilo que é exposto (ao olhar) e os significados que estes objetos e sítios podem portar (o conhecimento). Esta atividade busca, de certo modo, favorecer o compartilhamento de experiências vividas entre os visitantes na sociabilidade da visita, e o aparecimento de referências comuns.

4. Com base em tudo o que foi discutido, debatido e realizado em nosso projeto, **escreva** o que você aprendeu de novo sobre o bairro da Brasília Teimosa?

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

5. Por fim, **liste** 5 palavras que melhor represente Brasília Teimosa.

---



---



---



---



---

6. **Diga-me**, como você avalia a disciplina, de modo geral?

- ( ) Ótima  
 ( ) Boa  
 ( ) Regular  
 ( ) Ruim  
 ( ) Péssima

7. **Justifique** a resposta anterior.

---



---



---



---

8. **Escreva** aqui sugestões, críticas e outros comentários que julgar pertinente.

---



---



---



---



---



---



---

## APÊNDICE 10

### **1 – MAIS A TEIMOSA É DANADA**

Mais a teimosa é danada  
Ela não fica calada  
Mais o teimoso é danado  
Ele não fica calado (bis)

Antigamente nós vivia sem terreno  
Sem ter água, sem ter casa  
Sem lugar onde morar  
Mais foi então que o povo  
Viu a Brasília conquistando  
A maravilha que está nesse lugar.

Refrão

Antigamente a polícia derrubava  
Mais o povo levantava os barracos  
Outra vez  
Atualmente nossa luta continua  
O povo está na rua pra lutar sem  
Timidez.

Refrão

Música: “Caderneta do Banorte”.  
Letra: Ricardo.

## 2 – TEIMOSINHO

Quem luta pelo terreno – Chapa Um  
Para cada morador – Chapa Um  
Não se ilude com terreno – Chapa Um  
De quem é explorador – Chapa Um

O buraco é da véia - Chapa Um  
Povo unido e teimoso – Chapa Um  
Conquistaram essa praia – Chapa Um  
Não faltaram os meninos – Chapa Um

E a luta pela água - Chapa Um  
Foi durante 8 anos – Chapa Um  
O povo com teimosia – Chapa Um  
Fez eles estalarem os canos – Chapa Um

Mais de 20 reuniões - Chapa Um Povo  
fazendo o projeto – Chapa Um  
Mas tem uns certos leões - Chapa Um  
Dizendo que ele é incorreto – Chapa Um

Quando o povo tá unido – Chapa um  
Com sangue quente nas veias – Chapa um  
Quem ficar contra o projeto – Chapa um  
Termina levando peia – Chapa um

Todo povo tá unido – Chapa um  
Teimosinho vai ficar – Chapa um  
A Brasília melhorar – Chapa um  
Nós unidos continuar – Chapa um

Letra: Walter e Francisco.

### 3 – OU VAI OU RACHA

O povo da beira mar  
Já não está aguentando mais  
É rato, lixo e barata  
Bicho de pé e outros mais

Seu prefeito  
Uma casa nova  
Eu também quero (3x)  
Uma solução  
Eu também quero (3x)

Mais de 3 anos de promessas  
E também de badalação  
Crianças morrendo à mingua  
E não chega a solução  
Por isso estamos aqui  
Para saber se sai ou não

Seu prefeito (Refrão)

Teimosinho foi aprovado  
Mais não foi terminado não  
E as coisas pela metade  
Não aceitaremos não  
Por isso estamos aqui  
Cobrando uma solução

Música: Hino da Pitombeira.

< <https://www.youtube.com/watch?v=VTGCBqITAN8> >

Versão: Moacir Gomes.

#### 4 – BEIRA MAR

O lixo da beira-mar  
Tá uma coisa sem igual  
Quando sobe o cheiro ruim  
Faz o povo passar mal.

Eu me orgulho do meu povo  
E da Brasília  
Quando entra numa luta  
É pra ganhar e não vacila

É rato pra qui  
É lixo pra lá  
É barata, muriçoca  
É doença pra matar.

(Refrão)

Nós queremos ter vidas humanas  
E não vidas de animais  
Pois quem vê os ratos à noite  
Pensa que é um festival.

Mas o povo está lutando  
Com o mesmo ideal  
Para ter vidas humanas  
E não ter vidas de animais.

Refrão ...

Eu me orgulho do conselho  
De Brasília quando entra  
Numa luta é pra ganhar  
E não vacina.

Música e Letras: Francisco.

## 5 – EU MORO NA BEIRA DA PRAIA

Eu moro na beira da praia  
E levo as pancadas das ondas  
Do mar (bis)

E o meu pé já está cheio de bicho  
Por causa do lixo que outros vem jogar.

Eu moro na beira da praia  
E levo as pancadas das ondas  
Do mar (bis)

E essa doença quem me deu foi o lixo  
Que a Prefeitura não quer vir tirar.

Música: “Quem meu deu foi Lia”, de Lia de Itamaracá.

[https://www.youtube.com/watch?v=xLi\\_e2jk-jg](https://www.youtube.com/watch?v=xLi_e2jk-jg)>

Versão: Ricardo.

## 6 – TEIMOSA

Da teimosa nós vemos todo Recife  
O mesmo São José e a ponte nova  
E o cais de Pernambuco

Oh seu Iate  
Sai, sai, sai, aqui não ficarás  
A Brasília é nossa  
Tá dito em toda escritura  
O Iate já sabe  
Ganhamos os terrenos  
Também a sua parte.  
(Refrão)

Não venda o seu terreno  
Tem tubarão na área  
Querendo adquirir não se  
Iluda em dinheiro pense  
Duas vezes antes de agir

Refrão ...

Música e Letras: Walter Libânio.

## 7 – APELO

A luta começa aqui na Brasília  
Com tantas famílias vivendo a sofrer  
Meu Deus meu Deus.

Por causa das águas de um mar  
Tenebroso e o povo clamoso  
Só vive a sofrer  
Ai, ai, ai, ai,

E os nossos irmãos que ganhou suas  
Casas não pensa em mais nada  
Só quis ter o seu  
Meu Deus meu Deus

Deviam também vir participar  
Pra fazer seus irmãos sair da Beira  
mar  
Ai, ai, ai, ai

É lixo, barata e rato também.  
Até marginal que nunca faz bem  
Prefeitura não liga conselho se Irrita  
e a URB trambica

Ai, ai, ai, ai.

Música: “Triste Partida”.

< <https://www.youtube.com/watch?v=7-SRy46vE7w&t=180s>>

Versão: Francisco e Walter.

## **8 – MINHA BRASÍLIA**

Eu gosto de minha Brasília  
Com todas as maravilhas que ela  
Tem, a praia “Buraco da Veia”  
Os moradores e o Conselho também.

Eu quero ver minha “Brasília”  
Com as coisas do que ela tem  
As ruas bem urbanizadas  
Eu olho a rapaziada  
As mulheres e crianças também

Música e Letra: Lourenço.

Transcrita em folheto da Chapa 2 para as eleições de 1995 do Conselho de Moradores de Brasília Teimosa – CHAPA 2 TEIMOSINHO, 1995).

## 9 – EITA PASSAGENS

Vamos lutar minha gente  
Está na hora  
De acabar de uma vez  
Com a inflação já não aguento  
Com os preços das passagens  
Que é tão cara e ninguém mais tem  
Condição

Eu estou  
No meu país nesta inflação

(Refrão)

Se a passagem está aumentando  
Mensalmente o meu salário  
Subindo igual um balão  
Que sobe, sobe, e depois desaparece e já não sobra nem dinheiro pro feijão.

(Refrão)

Se o governo congelasse a passagem, farinha,  
Leite, açúcar e também feijão  
Talvez assim diminuísse a miséria  
Que o nosso povo atravessa com a inflação.

(Refrão)

Música e Letra de: Francisco.

**10 – O HINO DE BRASÍLIA TEIMOSA: DAQUI NÃO SAIO**

Daqui não saio  
Daqui ninguém me tira (bis)  
Aonde é que eu vou morar  
Se derrubam meu barraco é de lascar  
Inda mais com quatro filhos  
Onde é que eu vou morar

Música: “Daqui Não Saio”.

<<https://www.youtube.com/watch?v=YG5mpvgROgg>>

Versão: Francisco e Paulo.

**11 – VAMOS LUTAR**

Vamos lutar com união  
Brasília é nossa e ninguém  
Vai botar a mão (bis)

Cuidado com os tubarões  
Que querem por qualquer tostão  
Tirar a gente mais ninguém  
Vai sair não.

É fome é destruição  
Chega de exploração  
Brasília é nossa  
E ninguém vai botar as mãos.

Música e Letra: Francisco e Paulo.

## **12 – MINHA BRASÍLIA**

Eu gosto de minha Brasília  
Com todas as maravilhas que ela tem,  
A praia do “Buraco da Veia”  
Os moradores e o Conselho também.

Eu quero ver minha “Brasília”  
Com as coisas do que ela tem  
As ruas bem urbanizadas  
Eu olho a rapaziada  
As mulheres e crianças também

Música e Letra: Lourenço.

### 13 – CANÇÃO DO PESCADOR

Como pode o peixe vivo  
Viver fora de água fria

Como poderei viver  
Com tanta poluição  
E ficar sem coração

Como pode o povo vivo  
Viver nesta carestia

Como poderia viver Dia e  
noite, noite e dia  
Com a barriga vazia.

Como pode a pescadeira  
Ter saúde e alegria

Como pode a criançada  
Estudar sem comer nada

Como pode o operário  
Viver com este salário

Como pode o bóia-fria  
Só ganhar 30 por dia.

“Peixe Vivo”.

< <https://www.youtube.com/watch?v=a6rT0x4ZSj4> >

Versão: autoria desconhecida.

## 14 – A VIDA AQUI

A vida aqui só é ruim  
Mais chove no chão  
Mais se chover enche tudo  
Enche de buraco o chão  
Tomara que chova logo  
Que chova lá no sertão.

Refrão ...

Não deixo a minha Brasília  
Nem nunca vou deixar não  
Enquanto os meus filhinhos  
Tiver couro e osso  
E puder com uma chupeta  
Pendurada no pescoço  
Eu vou ficando por aqui  
Pegando siri de mão.

Música “Último Pau de Arara”.

< [https://www.youtube.com/watch?v=2Cau\\_bWVBzg](https://www.youtube.com/watch?v=2Cau_bWVBzg) >

Versão: Francisco.

## 15 – OLHO NO BURACO DA VÉIA

Quem não conhece  
DonaUrb do trambique  
Faz a gente ter chilique  
Sem a vida melhorar

O seu Iate quer o Buraco da véia  
Amancebou-se com a  
Urb pra iludir toda a  
Platéia.

Ele tá de olho é  
no Buraco da véia (Refrão)

Música: “Severina Chic-Chic”.

< <https://www.youtube.com/watch?v=vDcOIMQa5Nc> >

Versão: Ricardo e Walter.

**16 – XÔ, XÔ, XÔ, XÔ**

Xô, xô, xô, xô, casaca de couro  
Chapa Um está eleito  
E a “doze” \* está no couro (bis)

Em cima do palanque  
Tem um homem pendurado  
Parece que é Sr. Pires  
Que está desenganado  
Dizendo a todo mundo:  
Eu estou derrotado.

Refrão

Música: Casaca de Couro.

< <https://www.youtube.com/watch?v=-EN-aSLUx3Y>>

Versão: autoria desconhecida.

## 17 – VOLTA BOM FIM

Na Brasília tinha uma empresa  
Se chamava Sr. Do Bom Fim  
Que servia muito bem ao povo  
Tá se vendo que não era ruim  
Borborema faz bem a riqueza  
Porém nunca pensa em servir  
A pobreza

Mas um tal de E. M. T. U .  
Retirou a Bom Fim daqui  
Ela volta para aqui (bis)

Música: “Bigorriho”.

< <https://www.youtube.com/watch?v=1OIHtFzPPZw>>

Versão: Ricardo.

**18 – DISPUTA DE PODER**

"É ruim  
De segurar  
Assim não dá, é padecer  
Do jeito que está  
Vamos pagando pra sobreviver  
Se trocou não mudou nada  
Jogo de carta marcada  
É só perder  
A panelinha armada  
Tem muita brasa  
E ninguém bota pra ferver  
Isso aqui tá brincadeira  
Ou será que não está  
Brasileiro, brasileira  
Tá na hora de gritar  
Chega  
De levar tanta porrada  
Vamos ver se a papelada  
Dessa vez é pra valer  
Chega  
Tá virando sacanagem  
As promessas são bobagens  
Que só faz aborrecer  
Cansado  
Rasgo a fantasia  
Dessa anarquia  
Na disputa do poder

Piuí, piuí, puá, puá (poire-poire)  
Eu quero ver onde essa zorra vai parar"

Música: Disputa de poder.

< <https://www.youtube.com/watch?v=MkFIWhKFK-Y> >

Música de Almir Araújo, Marquinho Lessa, Hércules Corrêa e Balinha.

Encontrada em folheto da Chapa 2 para as eleições de 1995 do Conselho de Moradores de Brasília Teimosa – CHAPA 2 TEIMOSINHO, 1995).

**19 – BURACO DA VEIA**

A praia do Buraco da Veia  
É do povo de Brasília  
Ninguém vai botar as mãos nela  
Pois seu Iate pode ir dando o pira.

Se o Iate tá querendo brigar  
O povo vai se reunir  
Teremos nossas mãos unidas  
E vamos ver quem vai sair.

Tubarão tá querendo água salgada  
Pois pode se virar lá pra Candeias  
Não pense que a Teimosa  
É nada, nós temos sangue  
Quente nas veias.

Bem feito quem foi que  
Te mandou botar as mãos  
No Buraco da Veia.

Música e Letra: Ricardo.

(Marchinha cantada pelos moradores nas suas lutas. Transcrita em um folheto da Chapa 2 para as eleições de 1995 do Conselho de Moradores de Brasília Teimosa – CHAPA 2 TEIMOSINHO, 1995).

# APÊNDICE 11



## ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL JOÃO BEZERRA

### ELETIVA

## SABER-MUSEU: SABERES E FAZERES MUSEOLÓGICOS NA ESCOLA

### PARTICIPANTES:

- ANA AYMÉE DE CARVALHO LINHARES
- ANA CLARA GOMES BERNARDO
- FELIPE DA SILVA DUTRA
- JULIA KAREN SALES NASCIMENTO
- MAYARA LAURINDA VIDAL CADETE

### PROFESSORES:

- VITOR REBELLO RAMOS MELLO

### INTRODUÇÃO

FAZENDO USO DE CONHECIMENTOS DOS CAMPOS DA MUSEOLOGIA, DA ANTROPOLOGIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL, ESTA DISCIPLINA ELETIVA – OFERTADA A 45 ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO, NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2022 – DÁ CONTINUIDADE A UM PROCESSO INVESTIGATIVO SOBRE O BAIRRO DE BRASÍLIA TEIMOSA, INICIADO NA ESCOLA EM 2021. TOMANDO COMO BASE AS NOÇÕES DOS PRÓPRIOS EDUCANDOS A RESPEITO DO BAIRRO ONDE A ESCOLA ESTÁ SITUADA, NO CASO, BRASÍLIA TEIMOSA, PROCUROU-SE APROFUNDAR ESTES CONHECIMENTOS AO LONGO DAS AULAS ATRAVÉS DE PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, DOIS TRABALHOS DE CAMPO E UMA VISITA TÉCNICA A UM MUSEU. O PRINCIPAL INTUITO DESTE TRABALHO FOI DESENVOLVER UMA EXPOSIÇÃO DE CARÁTER MUSEOLÓGICO SOBRE O BAIRRO, BEM COMO REFLETIR SOBRE A RELEVÂNCIA DA MEMÓRIA E DA MUSEOLOGIA PARA A NOVAS GERAÇÕES E AS SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS COMO UM TODO.

### JUSTIFICATIVA:

1. VALORIZAÇÃO DA COMUNIDADE: RECONFIGURAÇÃO DO OLHAR A RESPEITO DO TERRITÓRIO COM BASE EM SEUS SABERES/FAZERES CONSIDERADOS TRADICIONAIS
2. SABERES DISCENTES: NECESSIDADE DE SE ESTABELECEER "INTIMIDADE" ENTRE OS SABERES CURRICULARES E A EXPERIÊNCIA SOCIAL DOS INDIVÍDUOS.
3. INTERDISCIPLINARIDADE: ROMPIMENTO DA SEPARAÇÃO EPISTEMOLÓGICA EM ÁREAS DISTINTAS DO SABER.
4. ENTUSIASMO: CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ESTIMULANTE, PORTANTO, TRANSGRESSORA, VISTO QUE O ENTUSIASMO, TRADICIONALMENTE, NÃO COSTUMA FAZER PARTE DO CONTEXTO EDUCACIONAL.
5. COLETIVIDADE: OS PROCESSOS EDUCATIVOS DEVEM PRIMAR PELA CONSTRUÇÃO COLETIVA E DEMOCRÁTICA DO CONHECIMENTO, POR MEIO DO DIÁLOGO PERMANENTE ENTRE OS AGENTES CULTURAIS E SOCIAIS.
6. COMPETÊNCIAS: ALINHAMENTO ÀS PROPOSTAS DA BNCC E DO CURRÍCULO DE PE PARA A ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS.

### OBJETIVO:

1. ELABORAR UMA EXPOSIÇÃO MUSEOLÓGICA SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL DE BRASÍLIA TEIMOSA.
2. CONSTRUIR E COLETAR ACERVO MATERIAL PARA A EXPOSIÇÃO.
3. PERCEBER A MEMÓRIA SOCIAL COMO ELO ENTRE AS GERAÇÕES E OS SABERES/FAZERES LOCAIS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DA COMUNIDADE.
4. IDENTIFICAR AS CONTRADIÇÕES SOCIAIS EXISTENTES DENTRO DA PRÓPRIA COMUNIDADE E EM RELAÇÃO AOS BAIRROS VIZINHOS.
5. ESTIMULAR O PERTENCIMENTO SOBRE O TERRITÓRIO, PROCURANDO COMPREENDER SUA HISTÓRIA SINGULAR DE LUTA PELO ESTABELECIMENTO DAS MORÁDIAS.
6. DESENVOLVER EMPATIA EM RELAÇÃO AOS MORADORES LOCAIS E SUA RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE.

### METODOLOGIA:

1. APRENDIZADOS DA MUSEOLOGIA, ANTROPOLOGIA E DO CAMPO DO PATRIMÔNIO CULTURAL.
2. REGISTRO SONOROS E IMAGÉTICOS DE DEPOIMENTOS DE REPRESENTANTES DA COMUNIDADE PARA CONSTRUÇÃO DE ACERVO.
3. TRABALHOS DE CAMPO: SAÍDAS PEDAGÓGICAS A LOCAIS DE INTERESSE E PRODUÇÃO DE ENTREVISTAS, REGISTROS IMAGÉTICOS E ESCRITOS.
4. VISITAS TÉCNICAS A INSTITUIÇÕES MUSEOLÓGICAS.
5. PRODUÇÃO COLETIVA DE MATERIAL PARA A EXPOSIÇÃO

### CONCLUSÃO:

AO SE PROPOR APROXIMAR A ESCOLA À REALIDADE SOCIAL DOS EDUCANDOS, PROCUROU-SE DESPERTAR SENTIMENTOS DE DESCOBERTA E PERTENCIMENTO A RESPEITO DO TERRITÓRIO, ALIANDO-OS A UMA LEITURA CRÍTICA DESTE CONTEXTO. ASSIM, TRAZENDO PARA A SALA DE AULA UM OLHAR APROFUNDADO SOBRE A COMUNIDADE DE BRASÍLIA TEIMOSA, BUSCOU-SE RESSIGNIFICAR A VISÃO DOS JOVENS SOBRE O PRÓPRIO TERRITÓRIO, PROCURANDO IDENTIFICAR COLETIVAMENTE O PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL. POIS, A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO LOCAL DOS PRÓPRIOS ESTUDANTES, "CAMINHOU-SE" JUNTO NA INVESTIGAÇÃO DOS ELEMENTOS SOCIAIS MAIS RELEVANTES DO BAIRRO, ORGANIZANDO OS RESULTADOS OBTIDOS NO FORMATO DE UMA EXPOSIÇÃO VISUAL, QUE CONTOU COM A CONSTRUÇÃO DE UM ABC SOBRE O BAIRRO, BEM COMO REGISTROS ESCRITOS, ILUSTRADOS E FOTOGRÁFICOS DE NOSSOS PERCURSOS.

### REFERÊNCIAS:

- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. BRASÍLIA, 2018.
- FREIRE, PAULO. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA. SÃO PAULO: PAZ & TERRA, 1998.
- HOOKS, BELL. ENSINANDO A TRANSGREDIR: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE. SÃO PAULO: WMF MARTINS FONTES, 2013.
- INGOLD, TIM. ANTROPOLOGIA: PARA QUE SERVE. PETRÓPOLIS, RJ: VOZES, 2019.
- SILVA, OSWALDO PEREIRA. HISTÓRIAS DA BRASÍLIA TEIMOSA. RECIFE: CENTRO EDUCACIONAL PROFISSIONALIZANTE DO FLAU, 2017.

### EVIDÊNCIAS:



## APÊNDICE 12

30/08/2023, 00:46

Livro de Registros Exposição "A Brasília é o meu lugar"

## Livro de Registros Exposição "A Brasília é o meu lugar"

Projeto do professor Vitor Rebello como parte do Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional da Fundação Joaquim Nabuco (Profsocio/Fundaj).

rebelovitor@gmail.com [Alternar conta](#)



\* Indica uma pergunta obrigatória

Enviar por e-mail \*

Registrar rebelovitor@gmail.com como o e-mail a ser incluído na minha resposta

Nome e sobrenome \*

Sua resposta

Idade \*

- entre 11 e 18 anos
- Entre 19 e 25 anos
- Entre 26 e 35 anos
- Entre 36 e 45 anos
- Acima de 46 anos



30/08/2023, 00:46

Livro de Registros Exposição "A Brasília é o meu lugar"

Cidade e estado \*

Sua resposta

Data da visualização \*

Data

dd/mm/aaaa

Como avalia a exposição? \*

- Ótima
- Boa
- Regular
- Péssima

A exposição lhe acrescentou algo a respeito da Brasília Teimosa? \*

- Sim, bastante.
- Sim, um pouco.
- Quase nada.
- Não, absolutamente nada.

Dentre os itens mostrados ao longo de toda a exposição, quais mais lhe chamaram a atenção? \*

Sua resposta



30/08/2023, 00:46

Livro de Registros Exposição "A Brasília é o meu lugar"

Após visualizar todo o material, trocaria os termos escritos por você no início da exposição? Quais? \*

Sua resposta

Escreva aqui sugestões e comentários \*

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este formulário foi criado em Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco. [Denunciar abuso](#)

Google Formulários



## APÊNDICE 13

## FICHA DE CATALOGAÇÃO

**Nome da instituição:** ETE João Bezerra

**Objeto:** Quadro                      N° 001

**Título ou assunto:** Montagem fotográfica da orla da Brasília Teimosa.

**Autor/ fabricante:** Josa Foto

**Procedência:** Recife                      **Modo de Aquisição/ proprietário:** ETE João Bezerra

**Descrição:**

Montagem fotográfica da orla da Brasília Teimosa. Na metade superior, uma fotografia na horizontal de diversas palafitas contornando a orla da Brasília Teimosa. Na metade inferior, uma fotografia na horizontal da Avenida Brasília Formosa, devidamente pavimentada e com postes de iluminação elétrica, ciclovia, sinalização de trânsito e pessoas caminhando pelo calçadão. Moldura de madeira preta com linha dourada no meio.

**Medidas:** 46cm largura e 26 cm de altura.

**Estado de Conservação:** Quadro em bom estado. Fotografia levemente descolorida com o tempo.

**Foto/imagem:**



## ANEXO 1

### > MODELOS DAS FICHAS

#### INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE A MANIFESTAÇÃO CULTURAL

- > Qual a atividade desempenhada em relação à manifestação cultural?
- > Com que idade e com quem a aprendeu?
- > Da sua atividade resultam que tipos de serviços ou produtos? Para quem e para que servem?
- > Como realiza a sua atividade? Quais as etapas necessárias?
- > A sua atividade foi sempre realizada da mesma maneira?
- > Houve mudanças ao longo do tempo? Se houve, quais foram?
- > Quando e por que ocorreram?
- > Em sua opinião, essas alterações foram positivas ou negativas? Por quê?
- > Realiza a sua atividade individualmente ou junto com outras pessoas?
- > Que tarefas são específicas de uns e de outros?
- > Qual a importância que esta atividade tem na sua vida, na da sua família e na da sua comunidade?
- > Além de você, outras pessoas da sua comunidade detêm os mesmos conhecimentos e/ou desempenham a mesma atividade? Quem?
- > Em sua opinião, a continuidade da sua atividade e dos saberes tradicionais com que ela é realizada depende do quê?
- > Que outras informações deseja acrescentar sobre a sua atividade?

**OBS:** As perguntas apresentadas aqui vão ajudar no preenchimento das fichas. Não é preciso segui-las como um questionário; deixem a conversa fluir! Ao longo da conversa, certamente vão surgir outros assuntos que vocês podem incluir na ficha.